

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

MICHELE LAFFAYETT DE CAMPOS

**QUEM DIVIDE, MULTIPLICA:
RESGATE DE TRADIÇÕES E NOVAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E
IDENTITÁRIAS NA CONSERVAÇÃO DAS SEMENTES DA PAIXÃO-PB**

Porto Alegre

2020

MICHELE LAFFAYETT DE CAMPOS

**QUEM DIVIDE, MULTIPLICA:
RESGATE DE TRADIÇÕES E NOVAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E
IDENTITÁRIAS NA CONSERVAÇÃO DAS SEMENTES DA PAIXÃO-PB**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Kessler Dal Soglio

Porto Alegre

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Campos, Michele Laffayett de
Quem divide, multiplica: resgate de tradições e
novas representações sociais e identitárias na
conservação das sementes da Paixão-PB / Michele
Laffayett de Campos. -- 2020.
208 f.
Orientador: Fábio Kessler Dal Soglio.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas,
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural,
Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Sementes crioulas. 2. Agroecologia. 3. Práticas
sociais. 4. Identidades rurais. I. Dal Soglio, Fábio
Kessler, orient. II. Título.

ATA DE AVALIAÇÃO DE TESE

Michele Laffayett de Campos, turma de 2015, nível de Doutorado, realizou em 06/01/2020, às 09h00min, no Estúdio do NEAD e na Sala Celso Furtado - PGDR/CISADE/UFRGS, Defesa de Tese perante a Banca Examinadora constituída pelos professores Fábio Kessler Dal Soglio (PGDR/Fitossanidade/UFRGS - Orientador), Cláudio José Bertazzo (Instituto de Geografia/UFG/RC), Ines Claudete Burg (Agronomia/UFFS) e Viviane Camejo Pereira (Ciências da natureza/UFPR), sob a presidência do primeiro, indicado pela Portaria Nº 71 de 13/12/2019 emitida pelo Coordenador Substituto do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural - PGDR/UFRGS.

A Defesa consistiu na avaliação da Tese intitulada: "**Quem divide, multiplica**": **Resgate de tradições e novas representações sociais e identitárias na conservação das Sementes da Paixão - PB**, na sua forma escrita e na defesa oral da mesma por parte da aluna, tendo sido considerada:

Aprovada

Reprovada

A Banca **recomenda** / **não recomenda** que seja feita revisão da tese.

Assinatura do Presidente da Banca

Assinaturas dos membros da Banca Examinadora:

1. Prof.^a Ines Claudete Burg (UFFS) Participação por webconferência
2. Prof. Cláudio José Bertazzo (UFG/RC) Bertazzo
3. Prof.^a Viviane Camejo Pereira (UFPR) Participação por webconferência

CONFERE COM O ORIGINAL
Porto Alegre, 24 / 01 / 2020
Ass. Ana Paula Pacheco da Silv.
Ana Paula Pacheco da Silv.
Matrícula SIAPE 1461568

Dedico este trabalho à Amália Sofia (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha família pela compreensão e apoio em todos esses anos de doutoramento. Em especial, ao meu filho Jorge que nasceu entremeio à tese e deu seus primeiros passos no semiárido paraibano. Agradeço ao Luciano, meu doce companheiro com quem divido a vida e os sonhos. Obrigada por construir comigo um lar, uma família.

Agradeço aos meus amigos queridos que acompanharam todo esse processo e torceram por mim. À Gabi Gaya, Danúbia, Ariane Vizinha, Luiza, Galera da Comuna. Agradeço à Pati e ao Felipe pela morada, vocês me deram um lar, um porto bem alegre.

Especial agradecimento ao PGDR pelo suporte acadêmico e exímio corpo profissional. Afirmo minha grande admiração pela instituição. Ao professor Lovois que com entusiasmo me acolheu no Plageder e me apontou os melhores caminhos do Rio Grande do Sul. À Danielle Finamor e Macarena pela competência e generosidade em informar e pela disposição em ajudar os estudantes com respeito e doçura em todos esses anos. À professora Tatiana Miranda que presidiu a banca de qualificação e contribuiu imensamente com o trabalho durante as discussões em sala de aula. À Viviane Camejo Pereira pela parceria em outros trabalhos e pelas importantes contribuições. Agradeço os professores do PGDR por estabelecerem intensos espaços de debate para a construção do conhecimento. Agradeço também aos meus colegas de PGDR (da casa e alunos especiais) pelas ricas trocas em sala de aula, em especial à Gabi, Lucas, Diana, Vini, Santiago, Natan, Andreia, Sarita, Sebastião, Cris, Túlio, Pardal e Bel. Não poderia esquecer de agradecer a galera do UVAIA que me ajudaram a “desanuviar” durante os mutirões no SAF da UFRGS e pelas incríveis trocas.

Agradeço a oportunidade de ter lecionado no PLAGEDER e aos queridos estudantes do polo de São Francisco de Paula, Quaraí, Marau.

Gratidão imensa a todos os guardiões de Sementes da Paixão que participaram da pesquisa e compartilharam comigo suas histórias, sabedorias e seus modos de ser e de viver da terra. Agradeço de coração cada agricultor e agricultora que conservam sementes crioulas no semiárido, no Brasil e deixam seu legado ético no mundo, inspirando pessoas e novas gerações de consumidores e agricultores.

Não poderia deixar de agradecer ao Prof. Claudio Bertazzo, sempre generoso, solícito e disposto a contribuir. Obrigada, principalmente, por ter ido à Porto Alegre e ter revisado cada palavra desta tese, propondo tantas reflexões construtivas.

Agradeço à Inês Claudete Burg por aceitar participar da banca e apontar as potencialidades do meu trabalho, algumas que eu mesmo não havia notado. Foi gratificante tê-la na defesa. Permanecerá em minha memória, sua forma delicada e entusiasmada de falar das sementes crioulas, dos guardiões e da Agroecologia. A Inês é uma das pessoas que mais me inspiram na Agroecologia e por quem nutro profunda admiração.

Em especial, agradeço ao meu orientador Fábio Kessler Dal Soglio pela acolhida, ensinamentos, principalmente pela flexibilidade e paciência. Tenho imenso orgulho de ter sido sua última orientada. O professor Fábio é um dos principais profissionais da Agroecologia no nosso país, com incontáveis trabalhos e contribuições e foi incrível doutorar sob suas orientações.

Meus agradecimentos à Capes pela bolsa de estudo que permitiu minha ida à congressos internacionais e a realizar o trabalho de campo.

RESUMO

Este estudo trata da conservação de sementes crioulas no âmbito da Agroecologia. Foi através de um olhar mais atento ao protagonismo e a agência social dos agricultores familiares que buscam outras formas de produção, que chegamos à experiência dos guardiões de Sementes da Paixão. Essa experiência de resgate e conservação de sementes crioulas acontece no semiárido paraibano. Nesta região, esses agricultores familiares estão a produzir alimentos a partir de sementes adaptadas às condições ecológicas do semiárido. Muitas dessas sementes foram resgatadas e fazem parte de um trabalho que começou nos anos de 1970 e que atualmente seguem algumas diretrizes e princípios da Agroecologia. A pesquisa foi desenvolvida com guardiões de Sementes da Paixão, na área de abrangência do Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema, localizado na mesorregião do Agreste paraibano. O objetivo deste estudo foi compreender como emerge e se materializa o resgate e a conservação das Sementes da Paixão, evidenciando as representações e práticas sociais envolvidas. Discutimos como se dá a construção política e identitária dos guardiões no âmbito da Agroecologia. Para tanto, escolhemos trabalhar com a metodologia qualitativa. A principal ferramenta de coleta de dados foi a *Snowball* para se chegar até os participantes da pesquisa. Durante o campo realizamos entrevistas com auxílio de questionário semiestruturado e fizemos uso de observação participante, anotações de conversas informais em cadernos de campo e fotografias. Na experiência das Sementes da Paixão, a identidade de guardião de sementes crioulas vem sendo construída através de processos de mediação social e, nesse processo algumas práticas sociais e tradições rurais estão sendo resgatadas, porém ressignificadas com base na Agroecologia. Nos debruçamos sobre essa construção identitária e constatamos que os guardiões se posicionam adotando discursos, identidades e práticas que muitas vezes são embasadas em pares de oposição que são socialmente construídas. O principal par de oposição em jogo no caso dos guardiões de Sementes da Paixão é o de tradição *versus* moderno. Notamos que nesse grupo há um esforço discursivo em separar as práticas agrícolas dos guardiões das práticas de outros grupos de agricultores, utilizando para isso adjetivos que qualificam seus trabalhos e seus esforços de conservação da agrobiodiversidade em base agroecológica. Como fruto desse esforço, está a idealização do termo identitário de

guardião de Semente da Paixão. No entanto identificamos que tais posicionamentos dos guardiões notabilizam a formação não de polos opostos, como muitos estudos enfatizam, mas de sentidos opostos na agricultura. Esses sentidos opostos se referem à evolução das práticas dos agricultores, ou seja, às visões e concepções diferentes de prioridades e de soluções de problemas na agricultura, não necessariamente, à manutenção do par de oposição tradição *versus* moderno. Se embasam nos pares de oposição para enfatizar e enaltecer suas práticas mais afeitas à sustentabilidade na agricultura. Nesse caso a tradição não diz respeito apenas às práticas que são transgeracionais, ou seja, passadas de geração em geração como se supõe. Mas ao resgate de tradição ou invenção de tradição, que poder ser entendida como um mecanismo de resgate de antigas formas de se fazer agricultura sem uso de insumos químicos e manejos altamente mecanizados. Essas visões podem ser analisadas como sendo socialmente referenciadas e fruto de oportunidades preexistentes pois, são irradiadas em sua maioria, das ONGs que trabalham com mediação social no âmbito da agroecologia. Com a identidade em voga, esse grupo de agricultores se posicionam no espaço social de conservação de sementes crioulas e, estabelecem parcerias, criam redes, fortalecem as relações sociais e avançam conquistando espaço, reconhecimento e políticas públicas. É notável o engajamento e protagonismo feminino na conservação de Sementes da Paixão. Assim como é possível diagnosticar o encaminhamento futuro das ações de conservação via juventude que cada vez mais se apropria desse espaço social em favor de suas legitimidades.

Palavras-chave: Sementes crioulas. Agroecologia. Práticas sociais. Identidades rurais.

ABSTRACT

This study deals with the conservation of Creole seeds in the context of Agroecology. It was through a closer look at the protagonism and social agency of family farmers who seek other forms of production, that we came to the experience of the guardians of Sementes da Paixão (Seeds of Passion). This experience of rescue and conservation of Creole seeds takes place in the semi-arid region of Paraíba. In this region, these family farmers are producing food from seeds adapted to the ecological conditions of the semiarid region. Many of these seeds were recovered and are part of a work that began in the 1970s and that currently follow some guidelines and principles of Agroecology. The research was carried out with guardians of Seeds of Passion, in the area covered by the Trade Union and Borborema Family Farming Organizations, located in the Agreste region of Paraíba. The objective of this study was to understand how the rescue and conservation of the Sementes da Paixão emerges and materializes, highlighting the representations and social practices involved. We discuss in this study how the political and identity construction of guardians takes place in the context of Agroecology. For that, we chose to work with the qualitative methodology. The main data collection tool was Snowball to reach research participants. During the field, we conducted interviews with the aid of a semi-structured questionnaire and made use of participant observation, notes of informal conversations in field notebooks and photographs. In the experience of Sementes da Paixão, the identity of guardian of creole seeds has been built through processes of social mediation and, in this process, some social practices and rural traditions are being rescued, but reframed based on Agroecology. We looked at this identity construction and found that guardians have agency power and position themselves by adopting discourses, identities and practices that are often based on opposition pairs that are socially constructed. The main pair of opposition at stake in the case of the Guardians of Seeds of Passion is that of tradition versus modern. We note that in this group there is a discursive effort to separate the agricultural practices of the guardians from the practices of other groups of farmers, using adjectives that qualify their work and their efforts to conserve agrobiodiversity on an agroecological basis. As a result of this effort, is the idealization of the identity term guardian of Sementes da Paixão. However, we identified that such positions of the guardians make the formation not not of opposite poles, as many studies emphasize, but of

opposite meanings in agriculture. These opposing meanings refer to the evolution of farmers' practices, that is, to the different visions and conceptions of priorities and solutions to problems in agriculture, not necessarily to the maintenance of the traditional versus modern opposition pair. They are based on the opposition pairs to emphasize and praise their practices more related to sustainability in agriculture. In this case, tradition is not just about practices that are transgenerational, that is, passed from generation to generation as is supposed. But to rescue tradition or invention of tradition, which can be understood as a mechanism to rescue old ways of farming without using chemical inputs and highly mechanized management. These views can be analyzed as being socially referenced and the result of pre-existing opportunities because they are mostly irradiated by NGOs that work with social mediation in the field of agroecology. With the identity in vogue, this group of farmers is positioned in the social space for the conservation of Creole seeds and establishing partnerships, creating networks, strengthening social relations and moving forward by conquering space, recognition and public policies. The female engagement and protagonism in the conservation of Seeds of Passion is remarkable. Just as it is possible to diagnose the future forwarding of conservation actions via youth, which increasingly appropriates this social space in favor of its legitimacy.

Keywords: Creole Seeds. Agroecology. Social practices. Rural identities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Barracão montado para a Festa Estadual das Sementes da Paixão	28
Figura 2 - Camisetas sendo confeccionadas durante o evento	29
Figura 3 - Barracão da Festa Estadual das Sementes da Paixão	29
Figura 4 - Barraca de Teste de Transgenia	30
Figura 5 - Divisão de sementes crioulas.....	31
Figura 6 - <i>Kit</i> de teste de transgenia.....	32
Figura 7 - Resultados das análises dos testes nas sementes crioulas.....	32
Figura 8 - Variedades de Milhos Crioulos.....	34
Quadro 1 - Quadro analítico da pesquisa.....	48
Figura 9 - Representação esquemática de uma cadeia de referências.....	61
Figura 10 - Esquema ilustrativo de <i>snowball</i> com os informantes - chave e suas indicações de contato.....	63
Figura 11 - Montada no bairro rural para a oficina de bancos de sementes.....	65
Figura 12 - Tenda com os participantes da oficina	66
Figura 13 - Mulheres durante a oficina	67
Figura 14 - Receptividade dos guardiões de Semente da Paixão	67
Figura 15 - Roda de guardiões de sementes crioulas	68
Figura 16 - Visita técnica de tecnologias sociais para a convivência com o semiárido	69
Quadro 2 - Atores sociais e número de entrevistados na etapa 1 e 2.....	71
Figura 17 - Passeata dos guardiões de Sementes da Paixão em Boqueirão-PB..	105
Figura 18 - Professor e estudantes da UEPB durante a Festa das Sementes da Paixão expondo faixa “sem feminismo não há Agroecologia”	107
Figura 19 - Cercado para a criação animal.....	114
Figura 20 - Plantio de palma para alimentação animal e produção de matéria orgânica	117
Figura 21 - Diversidade de Sementes Crioulas adaptadas ao semiárido	117
Figura 22 - Banco Municipal de Sementes da Paixão	125
Figura 23 - Mapa aéreo da localização do Banco Mãe de Sementes	127
Figura 24 - Fotografia frontal do Banco Mãe de Sementes	128
Figura 25 - Fotografia lateral do primeiro prédio do Banco Mãe.....	129
Figura 26 - Fotografia da parte Lateral do segundo prédio do Banco Mãe.....	129

Figura 27 - Estrutura interna e espaço didático do Banco Mãe	130
Figura 28 - Sementes Crioulas estocadas em Garrafas PET e Silos	130
Quadro 3 - Variedades Crioulas do catálogo de Sementes da Paixão.....	131
Figura 29 - Sementes da Paixão	132
Figura 30 - Sementes da Paixão embaladas para a comercialização	133
Figura 31 - Esquema ilustrativo de representações sociais sobre as Sementes da Paixão	154
Figura 32 - Esquema ilustrativo de representações sociais sobre mediação social face à semente crioula	156

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AS-PTA	Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa - Agricultura Familiar e Agroecologia
ASA-BR	Articulação Semiárido Brasil
ASA-PB	Articulação Semiárido Paraibano
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
BSC	Bancos de Sementes Comunitários
BSF	Bancos de Sementes Familiares
CS	Casas de Sementes
CCA	Construção do Conhecimento Agroecológico
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
ONG	Organização Não Governamental
PGDR	Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
POA	Perspectiva Orientada ao Ator
RV	Revolução Verde
STRs	Sindicatos de trabalhadores rurais

CONVENÇÕES

As palavras destacadas em itálico têm a intenção de ressaltar expressões e termos de língua não portuguesa.

Adotou-se como critério redigir o texto em duas pessoas gramaticais. Quando em primeira pessoa do singular, restringe-se às experiências vividas e acumuladas pela autora. Quando em primeira pessoa do plural, refere-se às experiências e reflexões vividas com agricultores, mediadores sociais e pessoas que contribuíram para a pesquisa, principalmente, os diálogos com o orientador.

O termo informante-chave será usado para fazer referência aos atores sociais que se dispuseram a participar da pesquisa e indicaram novos participantes. Os nomes dos informantes, mediadores sociais e guardiões de sementes crioulas não serão identificados neste trabalho. Por essa razão os guardiões serão denominados conforme sua localidade ou origem (por exemplo: Guardiã de Esperança).

PRÓLOGO

Ilustração sobre as Sementes da Paixão



Pisa ligeiro, pisa ligeiro
Quem não pode com a
formiga
Não assanha o
formigueiro
Pisa ligeiro, pisa ligeiro
Quem não pode com a
formiga
Não assanha o
formigueiro!

Fonte: Adaptado de AS-PTA (2017)

(Ode adaptado da canção Pisa Maneiro de Jacinto Silva, proferido pelos Guardiões de Sementes da Paixão -PB)

Guardiões de sementes crioulas durante a 7ª Festa Estadual das Sementes da Paixão em Boqueirão-PB



Fonte: Acervo da autora (2017)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	MOTIVAÇÕES E MUDANÇAS ESPERADAS	17
1.2	ENTRELAÇAMENTOS: ENTRE O TEMA DE PESQUISA E O CAMPO EMPÍRICO	22
1.3	O RESGATE DA SEMENTE TRADICIONAL E AS MODERNAS TÉCNICAS PARA OPERACIONALIZAR A SUA CONSERVAÇÃO.....	26
1.4	DELINEANDO O PROBLEMA, HIPÓTESES E OBJETIVOS DE PESQUISA	35
1.5	PERFIL DA TESE	46
2	CONTEXTO HISTÓRICO E ANTECEDENTES ÀS SEMENTES DA PAIXÃO	49
2.1	A ORIGEM DAS SEMENTES DA PAIXÃO.....	54
3	PERCURSO METODOLÓGICO.....	59
3.1	OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA	60
3.3	ETAPAS DE COLETA DE DADOS.....	62
3.3.1	Primeira Etapa.....	62
3.3.2	Segunda Etapa.....	70
3.3.3	Terceira Etapa: complementos e outros acessos	72
4	ARCABOUÇO TEÓRICO.....	73
4.1	O MUNDO EM DESCONTROLE.....	73
4.2	TRANSFORMAÇÕES SOCIOTÉCNICAS E A DICOTOMIA TRADICIONAL <i>VERSUS</i> MODERNO	79
4.3	TRADIÇÃO E MODERNIDADE: COEXISTÊNCIA E CORRELAÇÕES.....	82
4.4	PERSPECTIVA DA HIBRIDAÇÃO CULTURAL LATINO-AMERICANA	88
4.5	AGROECOLOGIA E CAMINHOS ALTERNATIVOS NA AGRICULTURA	95
5	O SEMIÁRIDO PARAIBANO: ENCANTOS E RESISTÊNCIAS	101
5.1	ENTRE COMBATE À SECA E A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO	111
5.2	POLÍTICAS TERRITORIAIS NA PARAÍBA E A AGROECOLOGIA.....	118
5.3	BANCOS DE SEMENTES COMUNITÁRIOS (BSC): AVANÇOS, LIMITES E POSSIBILIDADES FUTURAS	122
5.4	BANCO MÃE DE SEMENTES DA PAIXÃO	127
6	ESPAÇOS SOCIAIS DE MEDIAÇÃO SOCIOTÉCNICA.....	135
6.1	ARENA DE CONSERVAÇÃO DAS SEMENTES DA PAIXÃO	138

7	MEDIAÇÃO SOCIAL E PARCERIAS PARA A CONSERVAÇÃO DA AGROBIODIVERSIDADE	141
7.1	MEDIAÇÃO, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A IMUNIZAÇÃO CULTURAL... ..	148
7.2	AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ATORES QUE ATUAM NA CONSERVAÇÃO DAS SEMENTES DA PAIXÃO.....	153
7.3	TECNOLOGIAS SOCIAIS PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO... ..	158
7.4	O PROGRAMA SOCIAL P1+2: ÁGUA E ALIMENTOS PARA O SEMIÁRIDO... ..	161
7.5	INTERCÂMBIOS, TROCAS SOLIDÁRIAS E SISTEMATIZAÇÕES DE EXPERIÊNCIAS	162
7.6	TECNOLOGIAS SOCIAIS E A PRODUÇÃO DE NOVIDADES.....	163
8	GUARDIÕES DE SEMENTES DA PAIXÃO: UMA IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO?.....	173
8.1	IDENTIDADES E VIAS DE PERTENCIMENTO SOCIAL NA AGRICULTURA... ..	175
8.2	SEMENTES DA PAIXÃO: REFLEXÃO SOBRE RESGATE E INVENÇÃO DE TRADIÇÃO	181
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	188
	REFERENCIAS.....	196
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS	207
	APÊNDICE B -TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO.....	208

1 INTRODUÇÃO

Saiu o Semeador a semear
Semeou o dia todo
e a noite o apanhou ainda
com as mãos cheias de sementes.
Ele semeava tranquilo
sem pensar na colheita
porque muito tinha colhido
do que outros semearam [...]
Cora Coralina

A presente introdução discorre sobre a trajetória percorrida para a construção deste estudo e os anseios iniciais de pesquisa. Não partimos diretamente do tema de pesquisa, como de praxe nas teses, mas sim descrevendo os caminhos que foram percorridos para a sua escolha e seu desdobramento. Compõe a essa trajetória as motivações e as mudanças esperadas na escolha do tema e do referencial teórico e metodológico que balizam o estudo. No decorrer deste texto inicial, além de apresentar a trajetória e depois o tema de pesquisa, também apresentaremos alguns dos principais conceitos e termos que serão mobilizados na tese, a fim de fornecer ao leitor as noções fundamentais para a compreensão do corpo teórico e prático da pesquisa, assim como das categorias analíticas que serão mobilizadas.

Ainda nesta introdução, discorreremos sobre como a pesquisa de campo apontou para novas abordagens e apresentamos, brevemente, quais foram as referências adotadas e como estas permitiram ampliar o escopo de análise dos resultados. Ao final, expomos os objetivos de pesquisa e a estrutura organizativa da tese.

1.1 MOTIVAÇÕES E MUDANÇAS ESPERADAS

A motivação para a construção desta tese tem origem em outras trajetórias - acadêmica e profissional, já percorridas. Inicia-se com a formação como bióloga, se estende ao mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural pela UFSCar e ao período de atuação profissional, e então ao ingresso no doutorado do

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural - PGDR. Na infância, estive em contato com a agricultura e diversas dimensões do espaço rural, pois fui criada no âmago da agricultura familiar num sítio no interior de São Paulo. Costumava acompanhar e participar das atividades agrícolas da família. Por essa razão, facilmente observei que as primeiras mudanças técnicas na agricultura familiar, próximas a mim, começaram a partir das sementes. A semente foi o primeiro insumo a ser substituído na agricultura que minha família realizava. A partir da Revolução Verde houve o incentivo e a consolidação de indústrias de maquinários e insumos químicos para a agricultura. Agricultores que produziam em agroecossistemas biodiversos foram incitados a se especializarem, normalmente em apenas um tipo de cultivo. O uso de agrotóxicos e sementes comerciais se intensificaram dando sustentação às práticas monoculturais.

As sementes aos poucos foram sendo tratadas como uma mercadoria, tornando-se um dos braços mais rentáveis do agronegócio. Os autores Goodman, Sorj e Wilkinson (2008) usam os termos “apropriacionismo” e “substitucionismo” para se referir à apropriação dos elementos e de processos naturais pela indústria e a substituição de recursos naturais, como as sementes, por processos e insumos industriais. Ao acionar as lembranças de infância no sítio, durante a aproximação com a temática das sementes crioulas e dos diversos contextos estudados no mestrado, recordei o quanto as crianças da minha família costumavam a brincar com as sementes livremente e, nunca me esqueci do dia em que fui proibida, veementemente, de pegar nas sementes de milho no paiol (local onde meu pai guardava os estoques de sementes). Minha família produzia mandioca, milho, arroz, feijão, tomate, batata, abóbora, hortaliças, cana de açúcar, capim para silagem, banana, cítricos e outros. Com a especialização colocada em curso pela extensão rural, nossos vizinhos começaram a produzir apenas uma ou duas variedades, geralmente alternadas e não mais em consórcio ou a focar numa agricultura de forragem para a produção animal. Seguimos o mesmo rumo e começamos a produzir apenas milho e capim para a pecuária leiteira. Lembro que meu pai se tornou um agricultor apreensivo e restringiu o nosso contato com as sementes. Ele não sabia ao certo o que os insumos poderiam nos causar e decidiu por precaução nos afastar da dinâmica de produção. Um episódio marcante que motivou essa preocupação foi quando alguns gatos que ficavam no paiol, começaram sucessivamente, a morrer por intoxicação. Por essa razão, meus pais explicavam

diariamente que as sementes comerciais eram perigosas para mim e para minha irmã, pois continham fungicidas e as espigas colhidas também tinham agrotóxicos. Daí em diante, cresci considerando que as coisas da agricultura eram perigosas e nocivas. Esse período marca o encontro do meu afeto pelas sementes com as afetações ocasionadas pela então expansão das tecnologias agrícolas que estavam adentrando o espaço rural que eu vivia no final dos anos de 1980. No Brasil, a agricultura passou por transformações radicais nos seus padrões tecnológicos e nas relações sociais a partir da década de 1960. Os pacotes tecnológicos referem-se a um conjunto de técnicas e insumos que foram introduzidos no espaço rural. Estes pacotes consistem no uso de mecanização no preparo do solo, semeadura e colheita, utilização de sementes comerciais híbridas e transgênicas, uso de adubos e fertilizantes químicos e irrigação. Essas tecnologias, em grande medida, foram produzidas fora do domínio dos agricultores e difundidas no espaço rural via extensão rural e assistência técnica. Os agricultores foram e ainda são incitados a especializar seus sistemas de produção. De maneira geral, os pacotes tecnológicos foram criados para controlar os fatores naturais indesejados e superar os fatores que limitavam a produtividade na agricultura, a fim de fornecer as condições necessárias à produção em larga escala (GOODMAN; SORJ; WILKISON, 2008). Em consequência, as variedades crioulas (*landraces*) vem sendo paulatinamente substituídas por sementes comerciais (sementes híbridas e sementes geneticamente modificadas). Concebidas na origem para serem uma “chave mestra” para a agricultura moderna, as novas variedades não puderam, então, ser disseminadas, a não ser mediante a adoção de pacotes tecnológicos e o desprendimento de recursos e grandes investimentos em irrigação, drenagem, trabalho do solo e estratégias químicas.

As sementes geneticamente modificadas que estão atualmente disponíveis no mercado mundial, não conseguiram pôr fim, em absoluto, ao cenário de risco e vulnerabilidade que vivem milhares de agricultores (SHIVA; 2001, 2003). No começo dos anos 2000, minha família se mudou para a cidade devido às dificuldades e endividamentos na produção agrícola e pecuária. O que restou de maquinarias agrícolas adquiridas por financiamentos, foram locadas para agricultores maiores da região. Muitos agricultores familiares que não puderam ou não quiseram se integrar ao sistema convencional de agricultura acabaram sendo marginalizados dos processos produtivos e comerciais, entrando em um contexto de

vulnerabilidade social (PLOEG, 2009). Desde então não estive mais contato com a agricultura até ingressar na universidade. Durante a graduação em ciências biológicas, me aproximei da Agroecologia, o que inspirou a continuar os estudos nessa área. A Agroecologia me fez lembrar do forte laço afetivo que eu tenho com as sementes e com a agricultura familiar, mas sobretudo, foi por meio dela, que reconstruí e dei sentido às minhas lembranças sobre o rural. Lembranças que posteriormente, tornaram-se importantes norteadoras e permitiram correlacionar diversos assuntos de maneira crítica. Após o mestrado, fui lecionar Agroecologia e temas correlatos na região do Alto Rio Negro - Amazonas, fase que marca o contato com povos indígenas e com a temática da conservação da agrobiodiversidade e conhecimentos tradicionais associados. Essa aproximação com a temática da agrobiodiversidade gerou grande entusiasmo, a ponto de buscar um programa de doutorado que tivesse uma linha pesquisa que encaixasse algum tema relacionado às sementes crioulas.

As sementes crioulas, em inglês *landraces*, são conhecidas também como variedades locais e tradicionais, podem ser provenientes de outros locais, com ou sem origem conhecida, ou desenvolvidas localmente por agricultores, e que são cultivadas e selecionadas para determinada região de cultivo. Em alguns casos, podem também ser oriundas de institutos de pesquisa, mas, uma vez cultivadas em um local ao longo dos anos, essas variedades adquirem características peculiares e adaptação ao local onde foram segregadas, por seleção natural (BELIVAQUA et al., 2014).

A partir do ingresso no doutorado em Desenvolvimento Rural (PGDR), um “leque” se abriu. Como pesquisadora e educadora, sempre considerei imprescindível que as questões que nos afetam (alimentação, saúde, meio ambiente, educação, dentre outras) devessem se tornar temas de pesquisa. Trabalhei muitos anos com temas transversais (saúde, ética, educação ambiental e meio ambiente) e ingressei no doutorado com a premissa de pesquisar sobre um tema de relevância ambiental e social pungente nos dias de hoje. O anseio inicial era estudar a questão das sementes crioulas em uma abordagem macroanalítica, inserindo-a nos marcos referenciais da modernização da agricultura e da globalização, a partir do referencial teórico do Biopoder de Foucault (2008). O problema de pesquisa proposto era a questão da substituição das variedades crioulas por sementes comerciais e a acentuada diminuição da agrobiodiversidade (erosão genética) na agricultura

familiar. A agrobiodiversidade enfrenta uma série de ameaças dada a expansão das indústrias sementeiras, que se tornam mais poderosas, a cada dia, e impõem restrições à soberania das sementes (SHIVA; 2001; 2003). No entanto, durante a fase de disciplinas do doutorado, ao afinar os referenciais teórico-metodológicos que foram sendo construídos nas leituras, disciplinas e nos momentos de trocas de experiências entre docentes e discentes, foi se tornando crescente o interesse em investigar a conservação de sementes crioulas como estratégia para barrar a erosão genética e garantir o resgate e a salvaguarda de práticas tradicionais na agricultura. Especificamente, estudar alguma experiência em contramão ao sistema sociotécnico prevalecente, notadamente no âmbito da Agroecologia.

Diante do cenário degradante na agricultura, estudiosos reforçam as consequências da modernização da agricultura, expondo preocupações e propostas para a construção de sistemas agrícolas menos impactantes para o meio ambiente. A Agroecologia emerge neste contexto como possibilidade para o desenho de agroecossistemas ecologicamente viáveis e em outra lógica produtiva e social. O campo da Agroecologia trata das ameaças à agrobiodiversidade e discute oportunidades e estratégias para a sua conservação. Nesse meandro, a diversidade genética é um fator essencial não só para a sobrevivência da espécie humana, mas também para os processos ecológicos essenciais à Agroecologia e à manutenção da vida no planeta. As práticas orientadas pelos princípios científicos da Agroecologia estão a buscar com participação ativa dos próprios agricultores e suas comunidades, uma variedade de fins, que reflitam na perspectiva de valores da justiça social, democracia participativa e sustentabilidade. Fins nos quais se incluem a produtividade, a sustentabilidade dos agroecossistemas, a proteção da agrobiodiversidade, a segurança alimentar e a saúde de suas comunidades e o fortalecimento da cultura, das tradições e identidades rurais, que incentivem a agência social dos atores e o bem-estar coletivo (LACEY, 2015). A partir de outra perspectiva, deslocamos a lente de análise que estava focada na modernização da agricultura, nas estruturas de poder, nos dispositivos de exclusão social e impactos ambientais, realocando-a como pano de fundo da pesquisa, para contextualizar o cenário global e, passamos a desprender maior atenção aos processos mobilizados por agricultores familiares que não se submetem à ordem e ao regime sociotécnico prevalecente e conseguem criar alternativas e traçar caminhos outros.

Na conjuntura da expansão de pesquisas e de políticas de fomento para a adoção de variedades geneticamente modificadas, a conservação e o uso de sementes crioulas por diversos agricultores se constituem em heterogeneidade no espaço rural (PEREIRA, 2017). Têm ficado cada vez mais claro que o acesso à políticas públicas destinadas a disseminar os padrões sociotécnicos da Revolução Verde não garantem condições adequadas de produção e organização familiar. Pelo contrário, a dependência tecnológica eleva cada vez mais os custos de produção e o endividamento, que combinados com a degradação dos agroecossistemas, afetam não somente os produtos, mas senão todos os consumidores (PETERSEN; MUSSOI; DAL SOGLIO, 2013). Os agricultores familiares e outros atores sociais do espaço rural estão a identificar na Agroecologia a possibilidade de gestão do agroecossistema em bases que valorizam os recursos naturais locais e que possam garantir a autonomia e o protagonismo, ao mesmo tempo que possam promover a preservação ambiental e a saúde dos agricultores e consumidores.

1.2 ENTRELAÇAMENTOS: ENTRE O TEMA DE PESQUISA E O CAMPO EMPÍRICO

Embuídos do descrito até o momento, passamos ao tema de pesquisa. Elencamos como tema de pesquisa a conservação de sementes crioulas no âmbito da Agroecologia. Foi através de um olhar mais atento ao protagonismo e a agência social dos agricultores familiares que buscamos outras formas de produção, que chegamos à experiência dos guardiões de Sementes da Paixão. Essa experiência de conservação de sementes crioulas acontece no semiárido Paraibano e tem como base à Agroecologia.

A pesquisa foi desenvolvida no Estado da Paraíba -PB, região nordeste do Brasil. O local de estudo situa-se predominantemente, na área de abrangência do Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema, localizado na Mesorregião do Agreste Paraibano e, também percorremos a região do Cariri Ocidental. Foram percorridos os municípios de Campina Grande, Esperança, Lagoa Seca, Queimadas, Remígio, Solânea e Areia. E na região do Cariri Ocidental, o município de Boqueirão e alguns distritos. O município de Boqueirão sediou a 7ª Festa das Sementes da Paixão em 2017.

O Agreste Paraibano é uma região de transição entre a zona da mata e a tradicional região do sertão. O clima é semiárido, embora haja mais ocorrência de chuvas do que na mesorregião do Planalto da Borborema e no Sertão Paraibano. O Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema é formado por uma rede de sindicatos de trabalhadoras e trabalhadores rurais (STRs) que possui, aproximadamente 150 associações comunitárias que articulam mais de 5 mil famílias agricultoras e uma organização regional de agricultores agroecológicos, que vem apoiando redes locais de inovação agroecológica (MDA, 2010). A região do território da Borborema foi colonizada apenas na segunda metade do século XVIII, com influência dos sucessivos ciclos econômicos induzidos pelo modelo de desenvolvimento agroexportador no Agreste, promovendo períodos históricos de descampesinização, acompanhadas de variadas formas de resistência das populações locais (SILVEIRA *et al.*, 2010).

Os agricultores que conservam e preservam a agrobiodiversidade são conhecidos, em muitos locais, como guardiões e guardiãs de variedades crioulas. Na Lei de Sementes e Mudas – Lei Nº 10.711/2003, Art. 2º, XVI, as sementes crioulas são designadas também de sementes de variedade local ou tradicional. Trata-se de variedades selecionadas, manejadas e conservadas por agricultores familiares, quilombolas, indígenas e outros povos tradicionais, e estão permanentemente sendo adaptadas às formas de manejo dessas populações e aos seus locais de cultivo. No entanto, em cada região e em função das dinâmicas sociais, culturais e políticas que impulsionam seu uso e sua conservação, as sementes podem ganhar um nome - e um significado simbólico e afetivo (CUNHA, 2013). Muitas vezes esse significado pode estar conectado aos modos de vida dos agricultores e guardar relação com a construção política e identitária das comunidades rurais.

Na Paraíba, grupos de agricultores reconhecidos como guardiões, intitularam suas sementes crioulas de Sementes da Paixão. Um agricultor do sertão da Paraíba, conhecido como Seu Dodô, num encontro estadual sobre sementes crioulas em 1998, lançou em uma de suas falas, o termo Sementes da Paixão que passou a designar as sementes crioulas no estado e em outras regiões do nordeste. Esta designação nasceu na Paraíba em um contexto de mobilizações em prol do resgate de sementes crioulas e de tradições rurais que estavam caindo em desuso, tal qual a prática de armazenamento de sementes nas casas e/ ou nas propriedades

rurais dos agricultores. Antigamente, os agricultores tinham suas próprias sementes e não precisavam comprá-las em estabelecimentos de insumos agrícolas a cada plantio. Com a expansão da agricultura moderna, o número de estabelecimentos de comercialização de insumos agrícolas aumentou no Brasil, bem como, a assistência técnica, que comumente passaram a recomendar a substituição de sementes crioulas por sementes comerciais e a combinação destas com outros insumos, por exemplo os agrotóxicos e fertilizantes. Nessa conjuntura, os agricultores familiares foram, pouco a pouco, abandonando a tradição de armazenar suas sementes em detrimento da compra periódica de sementes comerciais para a produção.

O processo de modernização da agricultura, promovido por décadas no Brasil, deixou muitos agricultores endividados e sem trabalho, levando as pessoas a permanecer no campo em condições precárias ou a migrar para as cidades em busca de trabalho. Na Paraíba, os trabalhadores rurais que permaneceram na terra, criaram grupos organizados para lutar pelo direito de viver como agricultores e pela democratização do acesso à terra. Uma das principais estratégias utilizadas foi a ocupação de terras improdutivas, uma forma de pressionar o Estado pela reforma agrária, o que eles acreditavam - e ainda acreditam, que melhoraria suas condições de vida. Estas mobilizações, tornaram-se mais expressivas nos anos de 1990, e cingem de processos de resistência e de lutas por autonomia, autossuficiência e segurança alimentar. Novos ensejos tornaram-se demandas e reivindicações desses grupos de agricultores na Paraíba, dentre as quais, a questão do resgate das sementes locais, o desenvolvimento de estratégias para a convivência com o semiárido e adesão à agricultura sustentável. É nesse período que a Agroecologia emerge na Paraíba como enfoque para redesenhar os agroecossistemas da região e fortalecer os processos de resgate e multiplicação de sementes crioulas. Os guardiões vêm resgatando e conservando as sementes e construindo novos conhecimentos sobre estas. Esses agricultores são conhecidos na Paraíba e em outras regiões do nordeste como agricultores experimentadores.

A conservação de sementes crioulas com base na Agroecologia pode trazer diversos aportes e princípios norteadores para esse processo. Um dos princípios que orienta o trabalho dos guardiões é a busca pela autossuficiência, condição fundamental para uma maior dependência econômica e para assegurar qualidade ao que se está produzindo. Isso pode ocasionar a diminuição da

dependência em relação aos atuais pacotes tecnológicos das grandes empresas do setor sementeiro e agroquímico.

O processo de resgate e conservação de sementes crioulas é um trabalho que envolve descobertas sobre a história e ocupação local. Por essa razão esse processo está correlacionado às memórias coletivas, às manifestações afetivas e aos sentidos sociais que os agricultores expressam pela agrobiodiversidade. Na Paraíba, o processo de resgate de sementes crioulas começou em meados dos anos de 1970, com as comunidades Eclesiais de Base (CEBs), ligadas à Igreja Católica que iniciaram a organização dos primeiros bancos de sementes crioulas (ALMEIDA; CORDEIRO, 2002). Os bancos foram criados para uso comunitário com o objetivo de garantir o acesso às sementes, que constituía o elemento-chave para a superação da miséria e dependência que vivia grande parte das famílias agricultoras. Posteriormente, esses bancos foram reconhecidos como oportunidade para a abertura de novos espaços organizativos, tornando-se bandeira da luta sindical, agrária e partidária (ALMEIDA; CORDEIRO, 2002).

A comissão Pastoral da Terra apoiou os bancos de sementes comunitários e as primeiras experiências se iniciaram com doações de sementes que foram compradas pela igreja. Nos anos de 1980, os bancos de sementes crioulas receberam outro impulso e direcionamento: Organizações não-governamentais, organizações sociais, sindicatos de trabalhadores rurais (STRs) e associações, iniciaram o trabalho de articular as diversas experiências de bancos comunitários. Começou assim o empenho em reunir as famílias agricultoras que ainda mantinham sementes crioulas em seus agroecossistemas. Primeiramente, encontraram alguns agricultores que produziam para o autossustento e que continuavam a plantar as sementes crioulas que gostavam de consumir (alimento para a família e para a criação animal) e estavam adaptadas ao agroecossistema local. Esses agricultores possuíam um acervo genético diversificado com variedades de milho, abóbora, feijão, favas, dentre outras. A partir dos pequenos estoques familiares de sementes crioulas (Bancos de Sementes Familiares - BSF), se estreou um trabalho de pesquisa por parte de Organizações não - governamentais e instituições de ensino e pesquisa nas propriedades rurais dessas famílias para resgatar as diversas variedades. Inúmeras coletas foram realizadas, bem como campos experimentais de multiplicação e adaptação dessas variedades. Aos poucos tornou-se crescente os projetos para a construção de Bancos de Sementes Comunitários (BSC). A

experiência das Sementes da Paixão na Paraíba-PB é hoje em dia considerada uma das mais importantes e promissoras do Brasil. Atualmente existem mais 240 Bancos de Sementes Comunitários na Paraíba e envolvem a atuação de cerca de 8 mil agricultores familiares.

1.3 O RESGATE DA SEMENTE TRADICIONAL E AS MODERNAS TÉCNICAS PARA OPERACIONALIZAR A SUA CONSERVAÇÃO

Essa seção apresenta o primeiro contato com o campo empírico. Quebro o protocolo acadêmico de escrita e organização da tese propositalmente, pois não poderia aprofundar o tema e partir para a problemática, sem antes pormenorizar como cheguei ao campo empírico e a partir dessa imersão, como elaborei o problema de pesquisa. É importante pontuar, ainda nessas primeiras linhas, que esse relato foi redigido em sua maioria em primeira pessoa do singular. Portanto, são as minhas concepções e reflexões sobre a primeira ida ao campo empírico. Ao escrever dessa forma, demonstro meus sentimentos, a linha de raciocínio que norteou a problemática de pesquisa e compartilho de maneira mais integral essa experiência que foi decisiva.

O itinerário de pesquisa diz respeito às estradas, aos caminhos percorridos e é indicativo da distância de um lugar a outro, geralmente de onde partimos até onde chegamos. No itinerário desta pesquisa, muita coisa mudou durante o processo de investigação, coleta de dados e período de escrita. Houve mudança de percepção e novas buscas que culminaram em adoção de novas abordagens. Foi na imersão no campo empírico que novas proposições tomaram corpo. A contextualização e as constatações iniciais durante o itinerário de pesquisa permitiram o aflorar de reflexões que me auxiliaram na definição do problema de pesquisa e dos objetivos de estudo.

Quando cheguei à região do Polo da Borborema, fui recebida por alguns participantes da pesquisa, pessoas que se dispuseram a me apresentar Campina Grande e as rotas para os municípios circunvizinhos. Essas pessoas me levaram aos museus, feiras, espaços turísticos e me apresentaram a gastronomia local. Pude conhecer bibliotecas, exposições de cordel, acervos fotográficos da região e assim ir adentrando nos vieses da região. Em poucos minutos de conversa com alguns desses participantes, notei a presença marcante de categorias e pares de oposição

nas falas. Conversamos demasiado sobre agricultura, cultura, herança, resistência camponesa e os pares de oposição apareciam a cada frase. Os principais pares de oposição usados pelos atores sociais foram: subalterno *versus* hegemônico; tradicional *versus* moderno; agricultura familiar *versus* agronegócio; agroecologia *versus* agronegócio. O principal par de oposição observado nas falas foi o de tradição *versus* moderno. Enfaticamente os atores sociais frisavam o quanto a agricultura da região era resistente, tradicional, familiar e agroecológica, tudo isso em oposição a agricultura patronal, convencional e moderna de outras regiões.

Esses pares de oposição estavam de alguma forma engendrados no espaço social que aos poucos eu adentrava, presentes nos posicionamentos insurgentes e principalmente na questão política e identitária dos guardiões de sementes crioulas. Quanto mais eu me aproximava da realidade dos guardiões e dos mediadores sociais da Agroecologia, mais proeminente era o uso desses pares de oposição.

Ansiando por saber das sementes crioulas, me coloquei como uma ouvinte. Me propus a ouvir histórias de vida, escutar “causos” sobre tradições e crenças e nutrir o processo de pesquisa com as prosas ricas em detalhes. Estava aberta a ouvir os agricultores, guardiões, profissionais envolvidos com a conservação de sementes crioulas no âmbito da Agroecologia e outros atores sociais que fossem surgindo no decorrer da pesquisa. Em conversação com esses atores, a primeira indagação que surgiu foi sobre os pares de oposição convencionais que “saltavam” das falas. As conversas e as observações participantes instigaram o questionamento a cerca da existência ou não de uma correlação entre o discurso com pares de oposição e a construção identitária dos guardiões. Qual a relação do discurso pautado no par de oposição tradição *versus* moderno com a construção identitária dos guardiões de Sementes da Paixão? Quanto mais adentrava os mundos e modos de vida dos atores sociais da Paraíba, mais questões surgiam. Primeiramente, fez-se necessário entender quais as percepções dos guardiões das Sementes da Paixão sobre o tradicional e o moderno. O que esses atores sociais entendem como prática tradicional na agricultura? Existe correspondência entre as suas percepções e os termos que se constituiu o debate público sobre a temática da conservação de sementes crioulas? Fiquei com essas questões “ecoando” por dias, esbocei todas essas questões no caderno de campo e rumei a então famosa Festa Bianual das Sementes da Paixão.

A ode mencionada no preâmbulo desta tese foi entoada na oficina de gestão, organização e produção de bancos de sementes, durante a 7ª Festa Estadual das Sementes da Paixão em Boqueirão-PB, em 2017. Neste evento, agricultores e agricultoras chegavam a todo momento em caravanas de diversas regiões do Nordeste. Reuniram-se num grande barracão, para esta festa, que mais parecia ser um congresso científico sobre sementes crioulas.

O evento contou com cerimônia de abertura; palestras e oficinas ministradas pelos próprios guardiões e guardiãs; camisetas e bolsas personalizadas do evento; *Kits* com cadernos e canetas; visitas técnicas a diversas propriedades rurais e bancos de sementes com experiências em tecnologias sociais; trabalhos em grupos; sistematização de experiências; plenárias; depoimentos; teatro e exibição de vídeos; feira de troca ou intercâmbio de sementes e de experiências e; no último dia, uma grande passeata de encerramento. Foi surpreendente, pois não previa que seria um evento de tamanha proporção e organização.

Figura 1 - Barracão montado para a Festa Estadual das Sementes da Paixão



Fonte: Acervo da Autora (2017)

Figura 2 - Camisetas sendo confeccionadas durante o evento



Fonte: Acervo da Autora (2017).

No primeiro dia de evento, uma a uma, as pessoas foram se assentando nas cadeiras distribuídas num grande barracão. Fiquei estarelecida com o tamanho do evento e com sua estrutura organizativa.

Figura 3 - Barracão da Festa Estadual das Sementes da Paixão



Fonte: Acervo da Autora (2017).

Haviam monitores espalhados para todos os lados, pessoas com funções específicas, como por exemplo, dar informações sobre o cronograma do evento, fornecer *tickets* de alimentação, entregar garrafas de água, buscar os participantes

nos hotéis e conduzir os guardiões aos testes de transgenia de sementes disponibilizados pelo Grupo Interdisciplinar de Estudos em Agrobiodiversidade (INTERABIO) com parceria da EMBRAPA - Tabuleiros Costeiros, equipes técnicas de ONGs e pesquisadores de instituições de ensino e pesquisa.

Figura 4 - Barraca de Teste de Transgenia



Fonte: Acervo da autora (2017).

As agricultoras e agricultores, se reuniram para debater sobre suas próprias sementes, para comemorar e festejar suas conquistas e planejar as ações futuras com as instituições locais e representantes políticos. O evento foi restrito aos guardiões e poucas vagas foram abertas aos estudantes e pesquisadores da região. Consegui me inscrever para umas das vagas remanescentes mediante a apresentação de uma carta de intenção e solicitação de apoio a pesquisa de doutoramento.

Esse evento contou com a presença de importantes figuras políticas, como o governador do Estado da Paraíba que proferiu uma palestra de congratulações aos guardiões pelo importante papel social desempenhado. Devido à presença de políticos, o evento contou com meios de comunicação. Havia câmeras dispostas em lugares estratégicos que filmavam continuamente o evento e não era raro ver algum jornalista entrevistando os participantes.

Os representantes de organizações não-governamentais (ONGs) não conduziram o evento, como eu esperava que acontecesse, tudo estava sob o controle das agricultoras e dos agricultores-guardiões e suas lideranças

comunitárias e sindicais. Foram horas e horas de palestras sobre temas atuais e relevantes para a agricultura e o desenvolvimento rural. O cerne do evento foi a eminência de contaminação das sementes crioulas por sementes transgênicas, ainda muito utilizadas na região. Debater sobre esse assunto bastante científico em uma linguagem local me pareceu extraordinário.

Me aproximei de um senhor guardião, um dos mais importantes da Paraíba e perguntei sobre suas sementes, se estavam livres de transgênicos. Então muito solícito, me respondeu que suas sementes estavam respaldadas, pois ele nunca aceitava, durante as feiras de trocas, as sementes de pessoas que ele não conhecia. Esse senhor proferiu umas das falas mais paradoxais usadas neste estudo: quem divide, multiplica! aqui a gente multiplicar as boas. Eu já tenho as minhas sementes, tenho milho que está há uns 200 anos na minha família, a gente tem milho alho no Alto Sertão. A gente preza que outras pessoas tenham também, essas sementes boas. Mas tem que ter sabedoria e não dividir as sementes ruins. Por isso quando a gente encontra uma semente boa, corremos dividir entre a gente e multiplicar. Quanto mais semente boa plantada por aqui, mais fortes elas ficam (Guardião do Alto Sertão).

Figura 5- Divisão de sementes crioulas



Fonte: Acervo da Autora (2017).

Tem havido muitos casos de sementes crioulas contaminadas nos bancos de sementes comunitários. Isso coloca em xeque o trabalho de muitos agricultores e

instituições que atuam na conservação da agrobiodiversidade na região. Dessa forma, o desprendimento de esforços para sanar esse problema tem sido de caráter emergencial. Uma das ações colocadas em pauta é a mobilização dos atores em campanhas de conscientização e de criação de estratégias de contenção da contaminação.

Figura 6 - Kit de teste de transgenia



Fonte: A cervo da autora (2017).

Logo que saí dessa conversa com o guardião do Alto Sertão, vi uma cena que parecia um velório. Uma variedade de milho preto de uma guardiã importante, havia dado positivo para alguns genes de transgenia no teste.

Figura 7- Resultados das análises dos testes nas sementes crioulas



Fonte: Acervo da autora (2017).

A família conduziu essa senhora, como se um ente querido houvesse falecido. Uma perda inigualável, todos lamentavam. Fiquei nesse momento introspectiva assistindo aquele desmanche. Tentei me colocar no lugar daquela senhora e imaginar o que eu sentiria se soubesse que uma semente importante para mim e para a minha família tivesse que ser suprimida da nossa agricultura. Essa senhora teve que abandonar o cultivo dessa variedade contaminada ou estaria, automaticamente, fora dos projetos e políticas públicas para produção, armazenamento e aquisição de sementes crioulas pelo Estado da Paraíba. A sua Semente da Paixão, agora era a Semente da Ameaça. Uma ameaça para diversos Bancos de Sementes Comunitários e para todas as sementes de seus companheiros guardiões. Em rede, todos são corresponsáveis pelas sementes o que nos incita a pensar na questão da ética e dos papéis sociais que cada guardião desempenha em sua comunidade e na rede.

A contaminação por sementes transgênicas é uma realidade crescente no mundo e coloca em risco as agriculturas ecológicas e a agrobiodiversidade. Andrioli e Fuchs (2008) discorrem sobre a problemática dos transgênicos em: “Transgênicos as sementes do mal: a silenciosa contaminação de solos e alimentos”. Nessa obra, os autores apresentam diversas controvérsias no âmbito da disseminação de sementes transgênicas, notadamente casos sobre contaminações, o nível de confiança das pesquisas e eliminação de pequenos agricultores e a crescente resistência. A resistência é um ponto importante, principalmente quando se considera que as sementes transgênicas são desenvolvidas por multinacionais que pressionam os órgãos regulamentadores para sua liberação. Essas multinacionais financiam institutos de pesquisas, cientistas, políticos e até a própria imprensa. Por conseguinte, os agricultores familiares são incentivados pelos mesmos argumentos propagados na época da introdução dos agrotóxicos na agricultura e muitos deles tendem a ser eliminados do processo produtivo, em função dos custos elevados na produção (ANDRIOLI; FUCHS, 2008).

A Festa Estadual das Sementes da Paixão data o início da minha coleta de dados no campo empírico, notadamente é especial, por se tratar do meu primeiro contato com os (as) guardiões (ãs) de Sementes da Paixão, mas não somente. Foi ainda mais forte, ser tomada de sobressalto neste evento, conduzida a uma reflexão sobre a problemática da tradição e modernidade na agricultura, principalmente sobre

a questão do resgate de tradições rurais na contemporaneidade e a relação disso com os processos de resistência e agência social. Os diversos atores sociais estavam ali para debater a tradição das sementes locais, ora falando de resistência, luta e resgate de sementes, práticas sociais e conhecimentos ancestrais, ora falando de técnicas modernas de armazenamento em silos desenvolvidos pela Embrapa, de testes avançados de biotecnologia, criação de grandes bancos de sementes e das benesses das tecnologias sociais para a convivência com o semiárido. A partir desse momento, entrei em um processo de reflexão, buscando interrogar o par de oposição tradição *versus* moderno na agricultura e entender a sua relação com o contexto dos guardiões de Sementes da Paixão na Paraíba-PB.

Figura 8 - Variedades de Milhos Crioulos



Fonte: Acervo da Autora (2017).

A história desse povo, os caminhos que conduziram a conservação de sementes crioulas e os processos que culminaram no resgate de sementes locais e práticas sociais, passaram a ser imprescindíveis para o estudo. Além disso, buscamos entender o papel da Agroecologia nesse processo. A partir da relação dos guardiões com a Agroecologia, quais variedades e práticas sociais são consideradas desejáveis, prejudiciais e perigosas? Suas representações do rural agiriam na valorização das sementes crioulas? Como os guardiões de Sementes da Paixão percebem o debate sobre a Agroecologia e a conservação da agrobiodiversidade? Na busca por respostas, o caso dos guardiões de Sementes da Paixão, passou a

ser encarado como ímpar e instigante. Como pesquisadora, me descobri investigando um contexto difícil de estabelecer o que de fato era tradicional. A partir de então, contagiada por esse evento, constatei a existência de uma mescla entre tradição e modernidade, sem fronteiras proeminentes, ou seja, a tradição e modernidade coexistindo, porém, configuradas a partir de representações sociais e identidades socialmente referenciadas.

1.4 DELINEANDO O PROBLEMA, HIPÓTESES E OBJETIVOS DE PESQUISA

Ao reorganizar o projeto de pesquisa depois da primeira ida a campo, decidimos focar em dois processos proeminentes no caso da experiência das Sementes da Paixão. O primeiro, diz respeito ao processo de mediação social voltado à conservação da agrobiodiversidade na Paraíba e, o segundo ao processo de elaboração das representações sociais dos guardiões de Sementes da Paixão e a construção de suas identidades. Por convenção, a mediação social caracteriza-se como sendo um processo composto por inúmeros instrumentos de aplicação e formas de objetivação, que permitem a interligação de mundos diferenciados (MEDEIROS; MARQUES, 2011). Em uma análise ainda sucinta do campo empírico, alguns sinais corroboravam que o fundamento do par de oposição tradição *versus* moderno presente nos discursos dos atores sociais, poderia ter origem na mediação social posta em prática com os guardiões, em virtude da criação de uma diferenciação discursiva e identitária que separa os agricultores agroecológicos dos agricultores convencionais. Isso aos poucos foi ficando mais evidente à medida que fui adentrando às instituições, dialogando com os profissionais e com os próprios agricultores.

Para a construção do problema de pesquisa, tomamos como ponto de partida as três principais incongruências que foram notadas no primeiro contato com os atores sociais da experiência das Sementes da Paixão:

- a) a presença de uma fala marcante que demonstra repulsa pelo que eles entendem como moderno na agricultura;
- b) a alegação constante de que são agricultores puramente tradicionais e;
- c) a afirmação dos mediadores sociais e das instituições proponentes de Agroecologia de que a tradição de guardar sementes é passada de geração em geração de maneira ininterrupta.

Assim, pudemos questionar: por que os atores sociais não reconhecem ou aparentam não reconhecer que estão imersos em um cenário repleto de tecnologias? Isso seria intencional ou uma estratégia que se insere dentro de um debate atual?

O debate atual sobre a conservação de sementes crioulas no âmbito da Agroecologia está, em grande medida, alicerçado na concepção da tradição na agricultura. A própria Agroecologia é muitas vezes referida como uma ciência embasada na agricultura tradicional de povos originários. Na Agroecologia é comum a afirmativa de que na agricultura tradicional as práticas sociais e os saberes são passados de geração em geração. Isso se deve ao fato de que boa parte das práticas ecológicas serem semelhantes a formas mais antigas de manejo na agricultura, pautadas em saberes e soluções populares.

Olhando de forma holística ao contexto dos guardiões de Sementes da Paixão, constatamos o fator distanciamento entre atores sociais. No sentido de tomar distância daquilo que remete a agricultura moderna. Distanciar-se em alguns casos pode significar a ação de se unir com semelhantes e criar formas de repulsar o oposto, por vias ideológicas, identitárias, discursivas e outras. Seria este o caso dos discursos dispostos em jogo na arena das Sementes da Paixão? Existe um esforço em se afastar dos modelos convencionais de agricultura e se aproximar dos modelos mais endógenos, ecológicos e tradicionais? Quem inspira os guardiões? Quem causa repulsa aos guardiões? A inspiração está nos povos antigos da Paraíba, nos seus agricultores ancestrais? A repulsa vem do modelo patronal de agricultura que explorou demasiado a região, as pessoas e os recursos naturais?

Os indicativos apontavam que as respostas poderiam ser encontradas se analisássemos o contexto da mediação social posta em prática na região por profissionais da Agroecologia. Na literatura, a mediação social é muitas vezes entendida como sendo um processo de aproximação e de estabelecimento de pontes que colocam atores sociais em contato e consolidam caminhos para acessibilidade, visibilidade, tomada de palavra e desenvolvimento. Para Deponti e Almeida (2008), os mediadores sociais podem ser as próprias instituições: organizações não governamentais (ONGs), associações de agricultores, instituições de extensão rural e pesquisa tecnológica, empresas, universidades, igreja, Emater, Embrapa, sindicatos. Como também, podem ser: profissionais específicos, voluntários de ONGs, estagiários, líderes comunitários, líderes sindicais e outros. De

acordo com Medeiros e Marques (2011), nem sempre os agentes de desenvolvimento são conscientes do papel de mediador. A legitimação do papel de porta-voz exercido pelo ou pelos mediadores se dá muitas vezes pelo papel que estes possuem como comunicadores de uma linguagem científica e técnica, e das políticas públicas. Ao mesmo tempo, do saber popular e das necessidades do público-alvo destas políticas e programas sociais. Por essa razão, são importantes eixos de análise, o contexto histórico, a linguagem, os discursos embasados, o posicionamento dos atores sociais dentro de um debate, o enquadramento identitário e as formas de diferenciação de grupos.

Consideramos pertinente a investigação sobre a mediação social no caso dos guardiões das Sementes da Paixão, pois com essa noção podemos analisar os processos em que agentes da modernidade, tais como os mediadores ligados às ONGs e diversas instituições, promovem a reconstrução simbólica e material de territórios e de saberes tradicionais por meio de técnicas, dispositivos e concepções que inevitavelmente estão inseridas na modernidade. Em contratendência, muitas comunidades rurais, em vez de seguirem o fluxo da desterritorialização, lutam pela refundação de territórios tradicionais, de resgate de tradições e/ou ressignificações destas, e de produção de conhecimentos e autenticidades culturais, sociais e ambientais (LIFSCHITZ, 2006).

Na América Latina, percebe-se o surgimento de movimentos de proteção das sementes crioulas, e de grupos de agricultores guardiões, como resposta ao processo acelerado de perda de diversidade genética em função da apropriação por empresas dos processos de melhoramento genético de variedades e de produção e comercialização de sementes. À medida que se estabeleceram os sistemas formais de produção e comercialização de sementes, sob a proteção de “leis de sementes”, que protegem a propriedade intelectual das empresas de melhoramento genético e regulam a produção e comercialização de sementes, como parte da chamada modernização da agricultura, grande parte dos agricultores deixaram de usar as sementes tradicionais e passaram a adotar as sementes comerciais (MONTECINOS, 2014; VERNOOY, *et al.*, 2015). Isso representou mais do que a perda de autonomia e aumento no custo da semente. No caso das sementes geneticamente modificadas, é necessário comprá-las todos os anos e pagar o valor agregado da propriedade intelectual sobre os genes, ou *royalties* (SHIVA, 2001). Passou-se, também, a perder a diversidade genética das variedades localmente adaptadas, selecionadas pelos

agricultores ao longo do tempo, e a estabilidade da produção, pois, embora por vezes menos produtivas, as variedades crioulas são, em geral, adaptadas aos ambientes em que foram selecionadas e, portanto, mais resistentes às condições adversas do meio (GLIESMANN, 2008). Dessa forma, os esforços que muitas vezes são feitos para conservar as variedades crioulas são parte de um processo de resistência à industrialização das sementes trazida pela modernização da agricultura e suas consequências negativas sobre a agrobiodiversidade e a sustentabilidade da agricultura.

Ainda que os efeitos da expansão da modernização sobre o campo, provocada pela generalização da lógica do processo de trabalho e da produção capitalista, intensificados pelos mecanismos da globalização, não possam, de forma alguma, ser tratados com negligência, é precipitado concluir que tal processo resultaria na dissolução de modos de vida, práticas sociais e identidades, e na tendência à transformação uniformizadora das condições de vida no campo (CARNEIRO, 1998). A concepção uniformizadora da modernidade era mais consensual nas décadas de 1960 e 1970, quando a pujança do desenvolvimento capitalista apontava para uniformização, exclusiva e inexorável na agricultura. No entanto, os próprios limites do modelo produtivista no campo e da expansão industrial nas cidades, a partir dos anos 1980, principalmente nos países capitalistas avançados, têm gerado formas alternativas de reprodução social no campo (e nas cidades), sugerindo aos pesquisadores a relativização do tom generalizador das interpretações anteriores, reconsiderando a relação entre tradições culturais e o processo de modernização na agricultura (CARNEIRO, 1998).

Para Cordeiro (1998), faz-se necessário entender dois fatos relevantes: a rápida adaptação do agricultor familiar ao processo de modernização, com técnicas avançadas e; a contribuição da cultura do agricultor familiar na formulação de respostas à crise do modelo produtivista. Em vez de se pensar a cultura rural através do contraste com a cultura moderno-tecnológica, o que levaria a repetir o que já fora dito sobre o efeito generalizador do processo de modernizador do campo, alguns autores chamam a atenção para a necessidade de romper com a referência à cultura técnico-industrial para se avaliar as verdadeiras mudanças pelas quais a agricultura familiar passou ao longo do tempo (CARNEIRO, 1998).

Nessa linha de raciocínio, chama-se a atenção para a capacidade da cultura rural tradicional formular saídas para a crise da economia e dos

agroecossistemas provocadas pelas medidas modernizadoras (CARNEIRO, 1998). Indagar sobre a questão das mudanças sociotécnicas na agricultura, remete-nos a noção de identidade tradicional no espaço rural. Em grande parte, os estudos sobre as tradições no rural dão ênfase ao declínio das identidades relacionadas às práticas tradicionais que estão caindo em desuso. A questão da identidade é bastante discutida na teoria social. O argumento base da maioria das discussões é que as velhas identidades, que estabilizavam o mundo social, estão em decaimento, fazendo surgir novas identidades ou releituras de identidades preexistentes.

Stuart Hall (2006) nos lembra que um processo mais amplo de mudança social está em curso, deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas, abalando os quadros de referência e de identidades. Estudos baseados em pesquisas antropológicas sobre as mudanças sociais e identitárias, são instigantes por tratar da questão da permanência de elementos tradicionais na agricultura, que tanto persistiram como estão firmemente ancorados em largas camadas da população rural, até mesmo em pessoas ligadas com tecnologias modernas (PONGRATZ, 1990; CARNEIRO, 1998). Nesse sentido, é interessante o exercício de romper com o paradigma que igualiza a cultura rural ao tradicional e oposto à mudança. Pongratz (1990), propõe pensar a integração da *farming culture* à sociedade industrial moderna sem que isto resulte num processo simples de aculturação e desintegração. Em suma, a manutenção de tradições não seria incompatível com a modernização, como argumenta Carneiro (1998, p.55) pois: “deve ser encarada apenas como uma nova fase, com novos objetivos, que pode incluir o que anteriormente era tido como tradicional e atrasado”.

Poucos estudos discorrem sobre as identidades rurais que se moldaram e emergem no contexto da modernidade. Em vez de tratar do declínio das tradições e das identidades na agricultura, este estudo analisará um movimento distinto, qual seja, o de resgate de tradições na contemporaneidade. Especificamente, o resgate de variedades crioulas e a construção da identidade de guardião de sementes crioulas. Há cerca de 30 anos, começaram a se intensificar as iniciativas em nível comunitário para proteger as sementes no Brasil, notadamente no Estado da Paraíba-PB. Essas iniciativas fazem parte de um movimento mais amplo que aconteceu de forma simultânea na América Latina, para resgatar, restaurar, revitalizar, fortalecer e melhorar os sistemas locais de sementes (VERNOOY *et al.*, 2015). Os esforços assumiram várias formas estruturantes e que receberam

diversas denominações, tais como banco de germoplasma, abrigo de sementes, casas de sementes, centro de riqueza de sementes, paiol de sementes, reserva comunitária de sementes e bancos de sementes comunitários.

Os bancos de sementes comunitários (BSC) podem ser encontrados em todo o mundo. Mas, suas formas e funções são diversas, bem como suas origens e diferenciações. É difícil apontar a origem precisa de um germoplasma comunitário ou bancos de sementes (VERNOOY *et al.*, 2015). Na Paraíba, as práticas sociais de manejar e armazenar sementes crioulas em bancos recebeu um incremento institucional por parte de organizações não governamentais (ONGs) e governos, que ajudou a ressignificar essas práticas e as técnicas utilizadas. Os agricultores guardiões como são chamados os atores envolvidos com as estratégias de conservação da agrobiodiversidade, relatam que antigamente a maioria das famílias conservavam suas sementes crioulas, geralmente estocavam-nas em pequenos paióis ou até mesmo dentro de casa. No entanto, é obvio pensar que em outros períodos não havia estabelecimentos comerciais com esses fins e cada família agricultora tinha que reservar parte de suas colheitas caso quisesse plantar novamente. O modelo familiar de estocagem e gestão das sementes fundamentou a criação de outro modelo social de divisão de sementes entre grupos, embasado na coletividade e na gestão comunitária da agrobiodiversidade no espaço rural. Este modelo é um recorte projetado a partir da experiência ancestral de guardar sementes na agricultura tradicional. Porém, estamos em outro tempo e as razões para a criação desses bancos comunitários vão além da tradicionalidade desta prática social. Na Paraíba tornou-se uma questão de sobrevivência, em duras palavras, ou os agricultores se organizavam para guardar as sementes de forma eficaz a ponto de garantir disponibilidade e máxima germinação em tempos de chuva ou ninguém teria o que plantar e conseqüentemente, o que comer. Além disso, foi preciso fortalecer as ações coletivas, pois poucos tinham sementes sobrando e muitos careciam delas. Dividir e multiplicar foi a solução adotada.

As organizações não-governamentais (ONGs) têm desempenhado um papel fundamental na criação dos BSC. Agências governamentais em nível nacional ou estadual em vários países têm se interessado em estabelecer e apoiar bancos comunitários de sementes, como parte da estratégia de conservação *in situ* ou *on farm* (VERNOOY *et al.*, 2015). Geralmente, os bancos de sementes são estruturas que abrigam desde espécies que estavam esquecidas, ou sendo substituídas por

sementes comerciais, até espécies de importância para segurança alimentar e nutricional e de apelo sociocultural. Neste contexto, as múltiplas iniciativas de estruturação dos bancos de sementes tentam em essência, recuperar, manter e aumentar o controle sobre as sementes que os agricultores e as comunidades locais têm, e fortalecer ou estabelecer formas dinâmicas de cooperação entre agricultores e entre agricultores e outras partes interessadas envolvidas na conservação e uso sustentável da agrobiodiversidade (VERNOOY *et al.*, 2015).

As iniciativas incluem estabelecer e apoiar múltiplas atividades, como os bancos de sementes, grupos ou comitês locais de construção do conhecimento, equipes de criação participativa, comitês de agricultores comunitários, redes de resgate de sementes, redes de troca de sementes, cooperativas de sementes e redes de agricultores (VERNOOY *et al.*, 2015). Na Paraíba, os bancos comunitários são gerenciados localmente, cuja função principal é manter o fornecimento de sementes para uso local dos agricultores associados aos bancos. Além dessa função central de conservação, os bancos têm uma ampla gama de propósitos adicionais e variam significativamente em escopo, tamanho, modelos de governança e gestão, infraestrutura e aspectos técnicos.

Os esforços que muitas vezes são feitos para conservar as variedades crioulas são partes de um processo de resistência à industrialização das sementes trazidas pela modernização da agricultura e suas consequências negativas sobre a agrobiodiversidade e a sustentabilidade da agricultura, mas nem sempre esses são os objetivos principais dos agricultores quando decidem continuar a manejar as sementes crioulas. Os fatores que impulsionaram seu estabelecimento, evolução e sustentabilidade ao longo do tempo variam muito. Pereira (2017) aponta que diferentes objetivos mobilizam agricultores a manejar as sementes crioulas. Para alguns, a motivação surge pelos aspectos produtivos, como produtividade, relação custo-benefício ou mesmo a estabilidade da produção. Para outros agricultores, no entanto, são os aspectos ligados à nutrição, ou mesmo às qualidades organolépticas e adequação às práticas culinárias e regionais, que os motivam a conservar determinadas variedades. Há também, para muitos agricultores, aspectos simbólicos a serem considerados, como manter certas variedades que guardam importância ancestral, afetiva ou mesmo um caráter religioso. Assim sendo, poucos são os agricultores que se mobilizam apenas por temer a perda da diversidade genética, que muitas vezes é o que mais preocupa às instituições, e os mediadores sociais

que as representam, empenhados na construção de processos de resistência à modernização da agricultura, como se percebe em muitos dos projetos que tratam da conservação das sementes crioulas (PEREIRA, 2017).

Alguns aspectos justificam a criação dos bancos de sementes. Um estudo empírico averiguou que muitos bancos são estabelecidos depois de adversidades, como secas ou inundações e a perda de fornecimento local de sementes (VERNOOY *et al.*, 2015). Outros são criações mais técnicas, seguindo os esforços participativos de melhoramento de plantas que resultaram na disponibilidade de novas cultivares e novas habilidades para manter localmente sementes saudáveis e geneticamente puras. Podemos citar ainda, o estabelecimento de bancos devido aos problemas recorrentes que os agricultores sofrem com fontes não confiáveis de sementes de qualidade. Manter os bancos de sementes é um desafio constante. A manutenção dos BSC depende das capacidades de gestão, da modalidade e do tipo de governança, bem como do nível e duração do apoio externo ou mediação social. É importante mencionar que diversos bancos se esgotam rapidamente por falhas técnicas na estocagem ou por déficit da própria participação coletiva (VERNOOY *et al.*, 2015).

A maioria das informações sobre os bancos de sementes comunitários é empírica e encontra-se em relatórios e sistematizações de experiências ou resumos de organizações não- governamentais que medeiam os agricultores na conservação e uso sustentável de culturas e raças locais (VERNOOY, 2013). A literatura sobre a conservação de sementes crioulas ainda é incipiente e não dá conta de explicar aspectos sociais em profundidade. Em uma análise preliminar dos principais estudos sobre a temática, observamos que embora, com tantas ramificações possíveis, prevalece os estudos sobre o desempenho das sementes e seus aspectos técnico-produtivos. No caso dos bancos de sementes, o enfoque permanece nas técnicas eficazes de armazenamento, na produtividade das sementes e nas estratégias de melhoramento participativo com os agricultores. Dessa forma, poucos são os trabalhos que enfocam na construção social das estratégias de conservação, tão pouco, nas relações sociais que se erguem nesse processo e os diferentes posicionamentos dos atores sociais.

A guarda das sementes crioulas vai além da participação e gestão dos bancos comunitários. Essa guarda está relacionada a diversos processos sociais, dentre os quais a produção de sentidos e suas manifestações. As representações

sociais e a construção de identidades são importantes elementos de análises, no entanto, pouco estudados. Dentre tantos assuntos que estão relacionados à conservação de sementes crioulas, constatamos que a questão identitária dos guardiões é um aspecto ainda menos estudado. Embora, o termo guardião esteja presente, na maioria das vezes nos estudos, raros são os escritos que se dedicam a aprofundar o surgimento dessa identificação e a representatividade que esse termo ou título alcança.

A conservação de sementes crioulas nunca é uma atividade isolada, ela se dá no bojo de relações interpessoais. A adoção e internalização do termo guardião não ocorre se não dentro do escopo de diversas redes de relações sociais, nas quais grupos diversos de atores ajudam a erguer e dar sentido. O termo guardião de semente crioula é socialmente construído e referenciado. Sendo assim, diversos atores sociais, cotidianamente, ajudam a construir esse termo e suas representações. Muitos grupos sociais ampliam a abrangência do termo, alimentando sua disseminação, bem como outros grupos limitam e estabelecem enquadramentos sociais ou regras de engajamento e atuação. Percebe-se que no Brasil o termo guardião de semente crioula está relacionado a um conjunto de práticas sociais específicas e na maioria das vezes, embasadas na Agroecologia.

Para muitos dos agricultores, a função de guardar e zelar pelas sementes, assim como as raças de seus animais, é intrínseca à agricultura e responde aos seus interesses como agricultor e como participante de uma comunidade. Para outros, no entanto, ao se identificarem ou se autorreferenciarem como guardiões, diferenciam-se dos demais agricultores, e assumem um status especial na comunidade. Essa construção identitária, que muitas vezes é também política, evidencia uma série de práticas sociais que esses agricultores e mediadores sociais querem realçar e valorizar.

Segundo, Menezes (2014, p. 2), “[...] pensar em identidade, ou identidades, significa refletir sobre os laços intra e extragrupos, o processo de definição de pertencimento e diferença, a produção simbólica e material de fronteiras”. Ao se definir como agricultor guardião, a adição desse adjetivo vem como um ato de posicionamento e de conquista de espaço num meio em que muitas vezes prevalecem contradições e competições acirradas. Em diversas comunidades, essa identidade, que surge de uma identificação por parte de atores sociais mediadores, é, na verdade, uma construção social, pois alguns agricultores

assumem a responsabilidade de guardião em benefício de todos, tendo, inclusive, associação com aspectos místicos e religiosos, sendo transmitida de geração para geração (transgeracional) como forma de gestão do conhecimento comum e de consistência auto-histórica (OLANDA, 2015).

No âmbito da Agroecologia, ao se perceber as diferentes dimensões associadas à conservação das sementes crioulas¹, passa a ser fundamental reorganizar os elementos sociais, políticos e econômicos envolvidos, resgatando, ou mesmo construindo, a identidade de guardiões junto aos agricultores, ressignificando as práticas sociais de conservação de sementes crioulas. Por isso, é importante entender que a construção da identidade de guardião de semente crioula como sendo, em alguns casos, um resgate de uma tradição que se está perdendo, ou, em outros casos, como uma tradição a ser reinventada (HOBBSAWM; RANGER, 2012), pois os agricultores já perderam, ou nunca tiveram, o hábito de guardar e preservar as sementes crioulas. Há, assim, muitos agricultores que se tornam adeptos às práticas de conservação de variedades e raças crioulas apenas após se aproximarem a processos de mediação social que promovem a agricultura de base ecológica. Só então passam a se identificarem, ou serem reconhecidos, como guardiões, pois preservam uma tradição, no caso a gestão da diversidade genética de plantas e animais domesticados pelos agricultores (PAULINO; GOMES, 2015). Assim, existem diferentes motivações dos atores que atuam, direta ou indiretamente, sobre a conservação das variedades crioulas, e, portanto, das suas sementes. Essas motivações certamente se refletem sobre a capacidade de agência e em todas as interações que acontecem nos espaços em que se encontram as estratégias, individuais ou mesmo institucionais, a favor ou contra a conservação das sementes crioulas.

Entre os aspectos a serem investigados na experiência das Sementes da Paixão temos: o resgate de sementes crioulas e práticas sociais e a construção identitária dos Guardiões de Sementes da Paixão na Paraíba-PB. Buscamos identificar com esses aspectos algumas dimensões que informem sobre as decisões dos agricultores familiares por determinadas variedades e práticas sociais diante das imposições sociotécnicas na agricultura. Dessa forma, em relação aos agricultores, entre as questões para as quais serão buscadas respostas, podemos elencar as que

¹ As dimensões da conservação das sementes crioulas foram trabalhadas por Pereira (2017).

se referem às representações sociais sobre a temática das sementes crioulas e dos papéis emergentes que a elas se cingem. Nos interessa as manifestações de atitudes, as diferenciações, os valores e afetos em jogo. Esses elementos podem evidenciar em que concerne à adesão pelas sementes crioulas e a rejeição às sementes comerciais e às tecnologias modernas na agricultura, enquanto fator de aceitação e identidade social.

A partir dessas considerações, o problema de pesquisa se circunscreve na questão do resgate e conservação de sementes crioulas e na construção política e identitária dos (as) guardiões de Sementes da Paixão. Considerando isso, é interessante indagar, no âmbito da agricultura, que mudanças estão em curso e, no caso da conservação de sementes crioulas, como essas mudanças alteram ou produzem a identidade de guardiões de sementes crioulas na contemporaneidade? Em que consiste a tradição de conservar sementes crioulas no âmbito da Agroecologia e quais direções essa tradição está tomando?

Outras indagações complementam estas questões norteadoras:

- a) num mundo globalizado e dito moderno, sobretudo quando falamos de agricultura, em que os avanços tecnológicos alcançaram boa parte das terras agricultáveis do mundo, como a tradição de conservar sementes crioulas permanece ou se ergue como uma prática social?
- b) a tradição de conservar sementes crioulas provém das poucas alterações sociotécnicas, numa agricultura local, ou pode ser resultante de um processo de contraposição ou diferenciação intencional, diante de tantos impactos negativos de tais alterações?

A primeira hipótese deste estudo refere-se às transformações sociotécnicas na agricultura. Essas transformações são as responsáveis pelo processo emergente de resgate de tradições rurais na contemporaneidade, em resposta a crise e as consequências danosas da modernização na agricultura ou até mesmo em resposta à exclusão social proeminente na agricultura convencional. Dessa forma, os impactos negativos da modernização, ou partes dessa modernização, são as causas que motivam o retorno à tradição de guardar e utilizar sementes crioulas na contemporaneidade.

A segunda hipótese é de que as instituições ligadas à Agroecologia são promotoras da visibilidade desses atores sociais - guardiões na Paraíba-PB e mediadoras de categorias identitárias e proponentes da construção de

representações sociais sobre a identidade de guardião de sementes crioulas a partir da percepção de dessemelhanças (intra e extra grupos), enaltecendo a definição de pertencimento e diferenças na produção simbólica e material de fronteiras na agricultura. Na experiência das Sementes da Paixão, a identidade de guardiões de sementes crioulas vem sendo construída através de processos de mediação social e, nesses processos algumas práticas sociais e tradições rurais estão sendo resgatadas, porém ressignificadas com base na Agroecologia. Partindo desta premissa, o objetivo deste estudo é compreender como emerge, e se materializa, o resgate e a conservação das Sementes da Paixão - PB, evidenciando as representações e práticas sociais envolvidas. Para alcançar o objetivo proposto discutiremos como se dá a construção política e identitária dos guardiões e guardiãs de sementes crioulas no âmbito da Agroecologia.

Os objetivos específicos são:

- a) mapear a arena de conservação de Sementes da Paixão, identificando os mediadores sociais e os campos do conhecimento mobilizados e dispostos em jogo, analisando os interesses, posições sociais, as alianças e parcerias;
- b) descrever e analisar as práticas sociais envolvidas na conservação de sementes crioulas e de que forma estas práticas afetam a experiência e a percepções dos atores sociais quanto à tradição, modernidade e sustentabilidade na agricultura;
- c) compreender em qual contexto se difundiu o termo guardião de Sementes da Paixão e investigar se os agricultores se reconhecem ou não como guardiões de sementes crioulas;
- d) averiguar em que medida as práticas sociais embasadas na Agroecologia e a construção identitária dos guardiões contribuem para a reprodução social da agricultura familiar e para a agricultura ecológica.

1.5 PERFIL DA TESE

O trabalho está dividido em capítulos. Além deste primeiro capítulo de introdução, a tese conta com outros oito capítulos.

Capítulo 2, apresenta uma contextualização histórica sobre o espaço rural da região de estudo, notadamente, sobre a questão agrária e as lutas sociais que

foram travadas pelas ligas camponesas da Paraíba-PB e o legado deixado. Em seguida, tratamos da origem das Sementes da Paixão e o enraizamento nas organizações sociais.

Capítulo 3, por sua vez, apresenta o percurso metodológico e a perspectiva adotada para desenvolvimento da pesquisa, as principais ferramentas de coletas de dados, as etapas de pesquisa e a operacionalização.

Capítulo 4, tratamos do arcabouço teórico da pesquisa e abordamos o pano de fundo da pesquisa, ou seja, um panorama mundial sobre modernidade e processos de modernização da agricultura, enfatizando as transformações sociotécnicas responsáveis pela disseminação das sementes comerciais em detrimento das sementes crioulas. Nesse meandro, tratamos também da questão do moderno e tradicional no rural.

Capítulo 5 apresenta a mudança de perspectiva do combate a seca à convivência com o semiárido. Abordamos as principais políticas territoriais na Paraíba e a relação destas com a Agroecologia.

No Capítulo 6, abordamos a mediação sociotécnica, a arena de conservação das Sementes da Paixão e enfatizamos duas entidades importantes: ASA e AS-PTA. O Capítulo 7, trata a mediação social e as parcerias na conservação da agrobiodiversidade, além disso aborda as noções de representações sociais e a imunização cultural. Esse capítulo também apresenta as tecnologias sociais e principais programas sociais de convivência com o semiárido.

O Capítulo 8 aborda os bancos de sementes, avanços e limites. Trata também do Banco Mãe de Sementes e da Identidade e vias de pertencimento na agricultura. Por fim, discutimos as noções de resgate e invenção de tradições a partir do caso dos guardiões de Sementes da Paixão. Em seguida, considerações finais foram tecidas.

Quadro 1 - Quadro analítico da pesquisa

PROBLEMA DE PESQUISA	OBJETIVOS	HIPÓTESES	CONCEITOS MOBILIZADOS	CATEGORIAS ANALÍTICAS	FONTES DE DADOS
<p>No âmbito das transformações sociotécnicas na agricultura e, no caso da conservação das Sementes da Paixão -PB, como essas transformações alteram ou produzem o resgate de tradições e a identidade de guardiões de sementes crioulas?</p> <p>Em que consiste a tradição de conservar sementes crioulas no âmbito da Agroecologia e quais as direções essa tradição está tomando?</p>	<p>OBJETIVO GERAL</p> <p>1) Compreender como emerge e se materializa a conservação das Sementes da Paixão - PB, evidenciando as representações e práticas sociais envolvidas.</p> <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</p> <p>1) Mapear a Arena de conservação das Sementes da Paixão, identificando os atores e mediadores sociais e os campos do conhecimento mobilizados e dispostos em jogo.</p> <p>2) Descrever e analisar as práticas sociais envolvidas na conservação das Sementes da Paixão - PB e de que forma estas práticas afetam a experiência e a percepção dos atores sociais quanto à tradição, modernidade e sustentabilidade na agricultura;</p> <p>3) Compreender em qual contexto se difundiu o termo guardião de Semente da Paixão e investigar se os (as) agricultores (as) reconhecem ou não essa identidade;</p> <p>4) Averiguar em que medida as práticas sociais embasadas na Agroecologia e a construção identitária dos (as) guardiões contribuem para a reprodução social da agricultura familiar e também para a agricultura agroecológica.</p>	<p>A primeira hipótese desta tese é sobre as transformações sociotécnicas na agricultura. Essas transformações são as principais responsáveis pelo processo emergente de resgate de tradições rurais na contemporaneidade. Isso se dá em resposta às consequências danosas dos processos de modernização da agricultura. Os impactos negativos da modernização, ou partes dessa modernização, motivam diversos atores e instituições sociais ao retorno de certas tradições e práticas sociais, notadamente, o resgate de sementes crioulas. O resgate dessas sementes está associado ao surgimento de novas identidades rurais e representações sociais de cunho político e ideológico.</p> <p>A segunda hipótese é de que a Agroecologia é promotora da visibilidade dos guardiões de sementes crioulas. As instituições que realizam mediação social no âmbito da Agroecologia são as principais proponentes da construção e do reconhecimento da identidade de guardiões de sementes crioulas.</p>	<p>Guardiões de Sementes Crioulas</p> <p>Tradições rurais</p> <p>Agroecologia</p> <p>Identidade, Identificação e Diferenciação social</p> <p>Representação Social</p> <p>Invenções de Tradições</p> <p>Hibridismo Cultural</p> <p>Imunidade Cultural</p> <p>Agência Social</p>	<p>Origem</p> <p>Representações Sociais</p> <p>Bandeiras e Resistência</p> <p>Comunidade afetiva e Imunidade Cultural</p> <p>Novas identidades e vias de pertencimento</p> <p>Memória Coletiva X Lembranças Reconstruídas</p> <p>Práticas Sociais</p> <p>Alianças e parcerias</p> <p>Ética Transgeracional</p> <p>Liame vivo de gerações</p>	<p>Entrevistas</p> <p>Documentos oficiais de instituições (cartas, pautas, publicações, relatórios e etc).</p> <p>Acervo fotográfico</p> <p>Leis e Decretos</p> <p>Revisão Bibliográfica</p> <p>Publicações científicas</p> <p>Mídias e redes sociais</p> <p>Programa de Rádio - Borborema</p> <p>Participação em Eventos</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

2 CONTEXTO HISTÓRICO E ANTECEDENTES ÀS SEMENTES DA PAIXÃO

A região de estudo possui um forte histórico de lutas promovidas por organizações sociais em prol da reforma agrária e do fortalecimento da agricultura familiar, vale citar como exemplo histórico os movimentos das Ligas Camponesas na Paraíba-PB. O recorte temporal do movimento das Ligas Camponesas está inserido nos últimos anos da República Nova - que se inicia em 1945 e vai até a deflagração do Regime Civil Militar em 1964. A década de 1950 marca um período de transição tanto na sociedade brasileira quanto na Paraibana. É nesse contexto de mudanças que nasce e se consolida o Movimento das Ligas Camponesas no Nordeste.

As Ligas Camponesas foram organizações de camponeses formadas pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) e foi um dos movimentos mais importantes em prol da reforma agrária e da melhoria das condições de vida no campo. As ligas foram abafadas depois do fim do governo de Getúlio Vargas e só voltaram a agir em 1954, inicialmente no estado de Pernambuco, e posteriormente na Paraíba, no Rio de Janeiro e em Goiás. A partir daí, as Ligas Camponesas exerceram intensa atividade até a queda em 1964 (PESSOA, 2015). Em 1968, as Ligas Camponesas começaram a sofrer forte repressão da ditadura militar. O espaço de tempo, de 1945 a 1964, guarda algumas características que nos ajudam a compreender a realidade da agricultura familiar na Paraíba. Em 1945 o Regime Democrático em vigor vedava o direito a voto aos soldados, marinheiros e analfabetos. Não podemos deixar de frisar que nesse período cerca de 53,7% da população brasileira vivia no campo e cerca de 40% dos brasileiros não tinha escolaridade e ficavam de fora dos trâmites eleitorais (PESSOA, 2015). O analfabetismo era, portanto, uma realidade latente no espaço rural nordestino. Sem direito ao voto, pouca coisa mudava na região, permanecendo as relações servis de exploração de mão de obra na agricultura.

A partir da década de 1950, já se observava um crescente êxodo rural. Alguns aspectos desse período foram relatados pelos guardiões de Sementes da Paixão durante a Festa Estadual. A maioria relatou que começou a trabalhar muito cedo no roçado dos patrões. Essa realidade foi amplamente abordada por Pessoa (2015). Segundo o autor, a iniciação no trabalho se dava muito cedo, entre 8 e 10 anos de idade a criança já tinha uma rotina de trabalho pesada, dificultando a escolarização. Quase nenhum filho de agricultor estudava e quando estudava era em média até as primeiras séries do ensino básico. Pessoa (2015) explica a condição de servidão que os trabalhadores viviam, dependendo de morada

e da bodega. A bodega era uma espécie de mercearia ou venda, de propriedade do patrão ou do dono da terra. Os moradores, empregados, eram obrigados a comprar as mercadorias que não produziam, coisas elementares como querosene, fósforo, lampião, as vezes fumo e até cachaça. Muitas vezes, essa relação mercantil configurava uma servidão por dívida, pois eles sempre estavam devendo ao patrão, não podendo sair da propriedade enquanto permanecesse o endividamento. O autor levanta ainda um aspecto interessante em seu estudo, de que havia a proibição de plantar culturas permanentes nos lotes que os agricultores alugavam. Não se podia plantar árvores frutíferas e fazer pomar, horta e nem mesmo plantar a cana de açúcar, isso tudo para evitar que os moradores tivessem direitos de indenização em caso de saída da propriedade ou que começassem a vender o excedente e lucrassem com isso. Sem poder plantar a própria comida, a miséria assolava a região.

Nesse período, a força de trabalho no Brasil ainda era predominantemente advinda da agropecuária, aproximadamente 53,97%, ao passo que a indústria empregava cerca de 17,61% (NETTO, 2014). Mas esse panorama mudou rapidamente. Logo após a Segunda Guerra Mundial, a industrialização do Brasil avançou com celeridade. Já na segunda metade dos anos de 1950 a renda do setor industrial ultrapassava a renda da agricultura. Mais e mais pessoas partiram do campo para as cidades (PESSOA, 2015). Os anos de 1955 a 1960 marca o período desenvolvimentista no Brasil. É no governo de Juscelino Kubitschek que o desenvolvimento urbano é impulsionado e fomentado pela industrialização. A ênfase desenvolvimentista se concentrou no centro-sul do Brasil. Nesse período o Nordeste foi relegado a planos secundários, vivendo mais uma vez o descaso governamental.

Em 1958 a situação do nordeste ia de mal a pior, foi quando o governo recrutou pesquisadores e profissionais de diversas áreas para a elaboração de plano de desenvolvimento para a região. O motivo principal para a criação desse plano foi uma seca severa que impactou a economia, gerando desemprego e êxodo rural sem precedentes (PESSOA, 2015). Esse período marca a vinda de milhares de paraibanos e outros nordestinos para os grandes centros urbanos, como São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, guiados pela promessa de progresso e emprego, visto que essas metrópoles estavam em forte crescimento industrial. Muitos guardiões contaram sobre suas passagens por São Paulo e sobre o quanto sofreram e decepcionaram por lá. O plano de desenvolvimento do nordeste foi falho e foco de muitas denúncias. Houve muitos casos de corrupção no

Departamento Nacional de Obras contra a Seca (DNOCS). Esse departamento foi acusado de contribuir com a " indústria da seca", expressão usada para definir o favorecimento de coronéis e políticos no Nordeste (PESSOA, 2015). O economista Celso Furtado tornou-se o responsável pelo Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN) e promoveu algumas mudanças significativas. Furtado transformou o GTDN no Conselho de Desenvolvimento do Nordeste (CODENO). Em 1959, transformou o CODENO na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste conhecida como SUDENE.

Após o governo de JK, os problemas no campo se agravaram e ganham notoriedade pela intensiva exposição na mídia da precária condição de vida dos agricultores e trabalhadores rurais, mas sobretudo pela multiplicação de organizações sociais. Em nível nacional esse fenômeno também era crescente. Nesse período houve o crescimento das organizações populares em diversas regiões do país, fomentado pela participação de estudantes, sindicatos, associações, partidos políticos e outros. Essas organizações expressavam de forma marcante a política esquerdista (PESSOA, 2015). Até 1964, eclodem intensos conflitos no espaço rural brasileiro. A Liga Camponesa tornou-se uma espécie de unidade que abrangia diferentes categorias de trabalhadores rurais, tais como lavradores, agricultores, rurícolas, caboclos etc. Todos esses atores sociais almejavam a reforma agrária.

Pessoa (2015) destaca que relacionado ao movimento pela reforma agrária, emerge o termo camponês na Paraíba e em outros Estados, termo até então pouco utilizado no Brasil. O país não tem um histórico de identidade com o campesinato, diferentemente da Europa e alguns países da América Latina. Essa denominação chegou ao nordeste no período das Ligas Camponesas. O termo camponês foi se espalhando e não demorou muito para ter reconhecimento nacional. Andrade (1980) ressalta que o nome Liga Camponesa teve muita aceitação na Paraíba e o termo camponês passou a ser evocado como uma identidade relacionada às Ligas, ou seja, o camponês era o ator social filiado ao movimento das Ligas Camponesas. Nessa época Francisco Julião, um dos principais líderes das Ligas Camponesas no Nordeste passa a proferir a máxima da união e congregação de atores sociais, discorrendo sobre a fragilidade do sujeito que luta só e da potência dos sujeitos que lutam em grupo. Nesse meandro, Pessoa (2015) argumenta que esse tipo de discurso transformou os agricultores familiares e categoriais inteiras de trabalhadores rurais em atores politizados e com mais consciência sobre a subordinação e dominação que sofriam dos patrões.

Dessa forma, o termo camponês passa a indicar a manifestação dessa nova classe de sujeitos políticos, que mesclavam os valores rurais com os princípios da cultura comunista/socialista (PESSOA, 2015). Novaes (1997) discorre sobre as respostas que se deram ao viés socialista no espaço rural. Para a autora, os atores sociais do espaço rural da Paraíba já possuíam uma identidade comunitária e viam com “bons olhos” os movimentos populares. Aglomerar pessoas em prol de uma causa não foi difícil e, o movimento só cresceu.

A identidade de camponês foi construída a partir das relações sociais estabelecidas entre as diversas categoriais sociais que se uniram. Pessoa (2015) argumenta que a identidade de camponês não se deu por meio de treinamentos ou capacitações, como muitos políticos da época supunham. Essas pessoas acreditavam que os camponeses estavam sendo doutrinados por comunistas. No entanto, a identidade de camponês foi amplamente adotada em resposta a conflitos, fruto das condições impostas por políticos, latifundiários e outros (NOVAES; 1997). Ser camponês e se identificar como tal, tornou-se uma bandeira de luta. Uma identidade assumida para proteger os direitos de milhares de famílias agricultoras que dependiam do campo. Conforme assevera Novaes (1997), a identidade de camponês foi se construindo durante o encaminhamento de conflitos e nas campanhas dos quais os agricultores e trabalhadores rurais se propunham a participar e incorporavam linguagens e significados a luta agrária para justificar suas concepções e práticas. Não demorou para o termo camponês ser referenciado como antagônico ao de latifundiário. Daí decorre um par de oposição bastante significativo na Paraíba. Após a introdução do termo camponês no Brasil, seu uso se difundiu não apenas pelos adeptos a cultura esquerdista, mas também por outros segmentos da sociedade e seus setores conservadores, tais como a igreja e até os próprios latifundiários (PESSOA, 2015). Nessa conjuntura, impregnou-se de conotação política o termo camponês.

Novaes em seu trabalho etnográfico retrata a complexa trama das relações sociais e pessoais na Paraíba agrária na década de 1950 até os anos 1980 chamando a atenção para as alterações que os conflitos vão provocando nos diversos campos, redefinindo identidades e refazendo alianças. Se os contextos históricos e sociais se modificam, modificam-se também seus agentes, sem perder, no entanto, a sua singularidade, a qual se constrói através de sua participação na própria trama vivida (NOVAES, 1997).

Na Paraíba o objetivo principal da Liga Camponesa era assegurar a assistência técnica aos agricultores e trabalhadores rurais. Mas com o passar do tempo, a Liga começou a reivindicar direitos trabalhistas e pressionar para a reforma agrária. Alguns líderes do movimento das Ligas Camponesas fizeram intercâmbio, por meio do PCB, em Cuba e retornam desse país com novas propostas de cunho radical. A igreja Católica era uma entidade forte na Paraíba e reconhecia os riscos e a crise que poderia se instaurar no Nordeste e em outras regiões do país, se prontificando a assumir o papel de mediadora na tentativa de apaziguar os conflitos entre camponeses, latifundiários e partidos políticos. A igreja católica propôs aos agricultores a organização de sindicatos rurais e associações. O governo então aceitou os sindicatos com o interesse de trazer sob seu controle os movimentos sociais emergentes e conter conflitos. Até os anos de 1960 as Ligas Camponesas eram as forças exclusivas de atuação política no campo. Em 1963, entra em vigor o Estatuto do Trabalhador Rural (ETR). Embora tenha sido uma grande conquista, almejada a tempos, ela também trouxe prejuízos aos trabalhadores rurais do Nordeste com o aumento de expulsões sumárias das terras dos patrões (PESSOA, 2015).

Com o reconhecimento do sindicalismo e com as prerrogativas do ETR, ficou mais fácil o exercício da greve, gerando ainda mais descontentamento por parte dos donos de terra. Nesse mesmo ano se deu o ápice do sindicalismo rural com a criação da Confederação Nacional de Trabalhadores da Agricultura (CONTAG). A entidade passou a representar frente ao Estado e a sociedade os diversos segmentos no campo, bem como, centralizar os sindicatos rurais. Os sindicatos “engrossaram” as mobilizações no campo. No entanto, em decorrência do Golpe Militar de 1964, os movimentos e organizações sociais passaram a ser mais perseguidos e destituídos em alguns casos. Nesse contexto, se dissolvem as Ligas Camponesas no Nordeste, com sérios conflitos armados e mortes de inúmeras lideranças. Entretanto, permanecem os sindicatos rurais, mas com algumas restrições políticas.

O clima hostil toma a Paraíba e a intensificação de conflitos armados torna-se eminente. Um caso emblemático desse período é o assassinato do Senhor João Pedro Teixeira, principal liderança das Ligas Camponesas na Paraíba. Os anos seguintes foram difíceis na Paraíba, milhares de agricultores e trabalhadores rurais desempregados e sem perspectivas de permanecer no campo. Muitas famílias passaram a viver em condições extremas de pobreza e buscavam auxílio de entidades como a Igreja Católica. O

desprendimento de auxílio de entidades sociais e religiosas foram imprescindíveis para a criação de projetos de estoques de sementes crioulas.

2.1 A ORIGEM DAS SEMENTES DA PAIXÃO

Nos anos de 1970, as comunidades Eclesiais de Base (CEBs), ligadas à Igreja Católica, iniciaram a organização de bancos de sementes crioulas. Esses bancos foram criados para uso comunitário, a fim de minimizar a fome e a miséria. A iniciativa da igreja católica teve como objetivo garantir o acesso às sementes, que constituía o elemento-chave para a superação da miséria e dependência que vivia grande parte das famílias agricultoras. Com o desemprego em ascensão, milhares de famílias não tinham mais o que plantar. O problema principal que as famílias agricultoras viviam era a escassez de sementes de qualidade para plantar nos períodos de chuva. Segundo os agricultores entrevistados neste estudo, diversas vezes chovia, mas as famílias não tinham sementes para cultivar e, portanto, as condições favoráveis de plantio e com a falta de recursos financeiros, não conseguiam comprar sementes comerciais. As poucas famílias que compravam sementes, também não alcançavam o êxito esperado ou prometido por técnicos agrícolas. As sementes eram pouco adaptadas ao semiárido e precisavam de outros fatores para produzir bem, como irrigação e uso de agrotóxicos, encarecendo cada vez mais a produção agrícola, gerando endividamentos.

Os bancos de sementes, por se tratar de uma iniciativa coletiva e que estava ajudando as famílias a superar às adversidades, foram pouco a pouco, sendo reconhecidos como uma ação viável de desenvolvimento rural para a região do semiárido. A questão das sementes congregou diversos atores sociais no Nordeste: agricultores familiares, trabalhadores rurais, igreja católica, sindicatos rurais, instituições de pesquisa e universidades, ONGs, dentre outros. Estes bancos foram reconhecidos também como uma oportunidade para a abertura de novos espaços organizativos, tornando-se bandeira da luta sindical, agrária e partidária. Para alguns estudiosos, como Duque (2015), os atores sociais se uniram para reivindicar o elementar para a sobrevivência no semiárido, daí a ênfase tão grande na aquisição de sementes e na pressão para que o Estado as fornecesse aos agricultores. A comissão Pastoral da Terra apoiou a criação de mais bancos e as primeiras experiências se iniciaram com doações de sementes que foram compradas pela própria igreja católica.

Nos anos de 1980, os bancos de sementes crioulas receberam outro impulso e direcionamento com as organizações não- governamentais, organizações sociais, sindicatos dos trabalhadores rurais (STRs) e associações, que iniciaram o processo de articular as diversas experiências de bancos comunitários que já existiam, com o propósito de formar uma grande rede de atuação. É interessante frisar o quanto o ato de se unir, sempre foi primordial no espaço rural paraibano. Historicamente houve um esforço, por parte dos atores sociais, em aglutinar pessoas com os mesmos propósitos e interesses e articular as demandas para criar planos de ações coletivas. A ideia de rede aflorou com força na região do agreste. Embora, os bancos já fossem importantes, os atores pensavam que uma rede que os articulasse, seria ainda mais exitosa. Nesse sentido, a pretensão era fortalecer os bancos e encaminhar propostas para a ampliação destes a nível estadual. Essa ampliação demandava inicialmente, uma organização geral dos bancos, com o estabelecimento de algumas exigências para a participação dos agricultores e da gestão comunitária. Dessa forma, três frentes principais de trabalho foram criadas:

- a) gestão dos bancos;
- b) melhoria na qualidade física e genética das sementes;
- c) valorização e conservação da diversidade local.

Na década de 1990, logo após a redemocratização do país, temas como reforma agrária e desenvolvimento rural, adormecidos durante a ditadura (1964-1984), voltam à preocupação das organizações sociais e entidades de pesquisa (STEDILE, 2004). Na Paraíba, houve investimentos para a capacitação dos agricultores; apoio a organização de eventos de formação; intercâmbio de sementes e, principalmente, financiamento para a aquisição de sementes e de infraestrutura para armazenamento. Com isso, aumentou substancialmente, os interessados em ingressar nos bancos de sementes comunitários, resultando no aumento do número de bancos e de guardiões de sementes crioulas na região.

O momento mais emblemático desta década, foi em 1993, quando uma seca severa assolou a Paraíba e outros Estados e centenas de trabalhadores rurais de todo o nordeste, cansados com a situação assistencialista com que o governo conduzia as ações de combate à seca e de desenvolvimento da agricultura familiar, ocuparam a sede da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE, exigindo providências eficazes para amenizar a falta d'água e de sementes para o plantio (DUQUE, 2015). A partir daí, começou um processo de discussão envolvendo mais de 300 entidades, que

construíram um seminário intitulado:” Ações Permanentes para o Desenvolvimento do Semiárido Brasileiro”, realizado em maio de 1993. Esse seminário culminou na criação do Fórum Nordeste, que se propôs a elaborar um programa de ações permanentes, cobrando do governo medidas voltadas ao desenvolvimento sustentável do semiárido (DUQUE, 2015). Até esse momento, a maioria dos bancos de sementes eram supridos com a compra de sementes pelas instituições, essas sementes nem sempre eram de origem local. Segundo o guardião de Remígio (2017):” não havia sementes locais para compor os bancos. As pessoas quase não produziam mais com sementes crioulas e até os próprios agricultores acreditavam que elas já tinham desaparecido por aqui”.

Em meio àquilo que parecia ser uma erosão genética irreversível, porque boa parte das variedades crioulas já tinham desaparecido, gradualmente foram brotando durante os anos de 1990, em diferentes localidades da Paraíba, informações sobre agricultores que conseguiram se manter distantes das diretrizes sociotécnicas prevalecentes. Principalmente, os agricultores da região do Sertão e Cariri paraibano. Essa busca por sementes crioulas foi motivada por entidades ligadas à Agroecologia, que chegaram ao nordeste e passaram a criticar incessantemente, os bancos que eram supridos por sementes comerciais e não garantiam a segurança alimentar e nutricional das famílias, apenas “tampavam o sol com a peneira” expressão que os guardiões usaram para se referir às ações paliativas do governo. Segundo Londres (2014), os programas públicos se basearam no fornecimento de uma ou poucas variedades melhoradas de sementes aos agricultores familiares. Para a autora, geralmente, essas ações pouco contribuíram para a autonomia produtiva das comunidades. E na verdade, agravaram o problema da erosão genética através da substituição de variedades locais e da consequente perda de conhecimentos tradicionais a elas associados.

As instituições ligadas à Agroecologia foram as principais proponentes de iniciativas de resgate de sementes crioulas locais. Os princípios que regeram a experiência da Rede de Sementes fundamentaram-se no resgate, conservação, multiplicação e uso de sementes crioulas adaptadas ao semiárido. Os agricultores que ainda detinham variedades crioulas em suas propriedades, receberam a denominação de guardiões e guardiãs de sementes crioulas e suas variedades passaram a ser consideradas chave mestra para iniciativas de resgate e multiplicação de sementes para suprir os bancos comunitários. Esses guardiões foram contatados por diversas instituições e amostras de suas sementes serviram de base para a multiplicação de outras e para incentivar o surgimento de novos agricultores dispostos a serem guardiões. É importante citar que por mais que o termo

guardião de sementes crioulas tenha sido designado, inicialmente aos agricultores que mantinham variedades tradicionais herdadas pelos seus antepassados, permaneceu em aberto a abrangência do termo, podendo um agricultor tornar-se um guardião sem necessariamente possuir um histórico com tal função e identidade.

Na região do Polo da Borborema, os processos de mediação social destinados à conservação de sementes crioulas não são recentes, como visto anteriormente, datam os anos de 1960. No entanto, esses processos sofreram diversas transformações no decorrer das últimas décadas. Inicialmente, a mediação social nessa região visava à superação das condições de seca e escassez de sementes para os agricultores e mais recentemente, a ênfase tem sido a construção da identidade tradicional de guardiões de sementes crioulas e a legitimação de suas práticas sociais, notadamente a conservação da agrobiodiversidade com enfoque agroecológico.

A seca dos anos de 1990 levou os bancos de sementes a um colapso. Nesse período as sementes disponibilizadas por programas sociais do governo, foram sucessivamente plantadas e perdidas, e os estoques familiares e comunitários se esgotaram. Esse momento de crise nos estoques de sementes fomentou os processos de parcerias e mobilizações entre atores e instituições de mediação social. Nessa conjuntura, nascem novas instituições e redes como, por exemplo, a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) e a Articulação do Semiárido Paraibano (ASA - Paraíba), a fim de intervirem nos programas de sementes e fortalecer as reivindicações populares para que o governo deixasse de se basear em políticas emergenciais de entrega de sementes e passasse a investir em ações mais estruturantes, que tivessem como objetivo principal a convivência com o semiárido.

Em 1995, o governo em campanha contra a fome no Nordeste, incluiu uma política de bancos de sementes e passou a reconhecer essa estrutura de gestão. Os atores sociais incluíram como parte de suas reivindicações, e de forma mais intensa, a exigência de que as sementes fossem todas crioulas da região e que cessasse a entrega de sementes oriundas dos centros de pesquisa para os bancos. Esse é um marco no resgate da tradição das sementes crioulas na Paraíba e na legitimação dos guardiões de sementes crioulas em normativas institucionais. É nesse período que instituições vinculadas à Agroecologia passaram a integrar massivamente o movimento de conservação de sementes crioulas, agora com o apelo à sustentabilidade e a construção de agroecossistemas adaptados ao semiárido. Interligado a isso, outras temáticas e preocupações, como as relações sociais,

justiça e equidade, incluindo a questão de gênero e juventude. Uma das instituições mais importantes nesse sentido é a Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa-AS-PTA, atualmente conhecida como AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia.

Londres (2014), em seu estudo, destaca que o estado da Paraíba constitui uma exceção na implantação da política de sementes, pois rompeu com a distribuição de sementes através das estruturas oficiais por mediação de prefeituras e assistência técnica. As estratégias de distribuição e gestão das sementes envolveram um processo de mediação social participativo e bastante amplo. Estavam envolvidas cerca de 76 entidades, entre as quais estão as ONGs, sindicatos de trabalhadores rurais, associações de agricultores guardiões e outros. A conformação de espaços com mais participação social é uma característica importante e que ajudou a remodelar os processos de mediação social nessa região. Instituições como a AS-PTA e a ASA se incumbiram de redefinir socialmente os guardiões de Sementes da Paixão, focando em projetos que valorizaram esses atores sociais e seus conhecimentos sobre o bioma do semiárido.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo apresentamos a perspectiva metodológica adotada para desenvolvimento da pesquisa e as principais ferramentas de coletas de dados. A pesquisa possui uma abordagem qualitativa. Realizamos um estudo de caso da experiência das Sementes da Paixão na Paraíba-PB. Segundo Roese (1998), o estudo de caso é indicado como técnica de pesquisa quando o objetivo requer uma análise detalhada de um caso ou fenômeno social. Notadamente, trata-se de uma técnica utilizada para expor um caso especial ou diferencial, como por exemplo, quando o objetivo é detalhar uma experiência local que por alguma razão tornou-se reconhecida ou tenha ganhado visibilidade em uma escala maior. O caso dos guardiões de Sementes da Paixão possui essa peculiaridade. De uma experiência localmente situada, ganhou reconhecimento a nível nacional. Roese (1998) também pontua que para elencar um caso é importante considerar sua trama histórica e o pioneirismo de suas ações, bem como sua quebra de padrões. A experiência das Sementes da Paixão é pioneira ao conquistar uma legislação de sementes na Paraíba-PB e é um caso especial que conjugou conservação e Agroecologia, num processo de contratendência que se construiu fora do padrão e das regras prevalecentes da agricultura.

As ferramentas mobilizadas para a pesquisa foram a observação participante, entrevistas semiestruturadas com os guardiões, mediadores sociais e lideranças comunitárias, entrevistas com informantes-chave e uso de fotografia.

De acordo com Boni e Quaresma (2005), a entrevista semiestruturada é uma técnica para a coleta de dados subjetivos. O pesquisador segue um roteiro de questões previamente definidas, mas realiza a entrevista de uma maneira parecida com uma conversa informal favorecendo respostas e o surgimento de novas questões pertinentes ao objetivo da pesquisa. Outra ferramenta que utilizamos foi a entrevista com informantes-chave, comumente utilizada em pesquisas de campo na perspectiva etnográfica. Segundo Bisol (2012), é comum que os pesquisadores realizem entrevistas semiestruturadas ou abertas, de profundidade com pessoas com informações diferenciadas ou que podem fornecer sinalizadores para ir além na coleta de dados. Os entrevistados nesse caso são indivíduos bem informados, ou seja, pessoas com amplos contatos e envolvimento ativo na comunidade, ou pessoas que têm um conhecimento especial, informação detalhada e ampla sobre um sistema, serviço ou outro assunto de interesse específico. As entrevistas permitem obter informações mais aprofundadas, *insights* e explicações úteis sobre como os membros

de uma comunidade pensam a respeito de determinados eventos, assuntos, pessoas, modos de pensar ou de agir.

Os informantes-chave frequentemente se tornam uma via de acesso do pesquisador ao grupo pesquisado. Por essa razão os informantes-chave funcionam como pessoas que facilitam a aproximação dos pesquisadores com outros atores sociais de interesse. Por compartilharem vocabulário, conceitos e vivências, e por seu conhecimento profundo das normas que regem o funcionamento da comunidade investigada, os informantes-chave podem se tornar colaboradores especiais da pesquisa: poderão ajudar a formular, expandir ou clarificar as interpretações do pesquisador. Em se tratando de uma pesquisa que conjugue vários métodos, os informantes-chave podem ser escolhidos ao longo de observações na comunidade ou podem ser indicados por respondentes de entrevistas preliminares. Também é possível utilizar a técnica de *snow-ball*, em que um primeiro informante-chave indica o subsequente, e assim sucessivamente (BISOL, 2012).

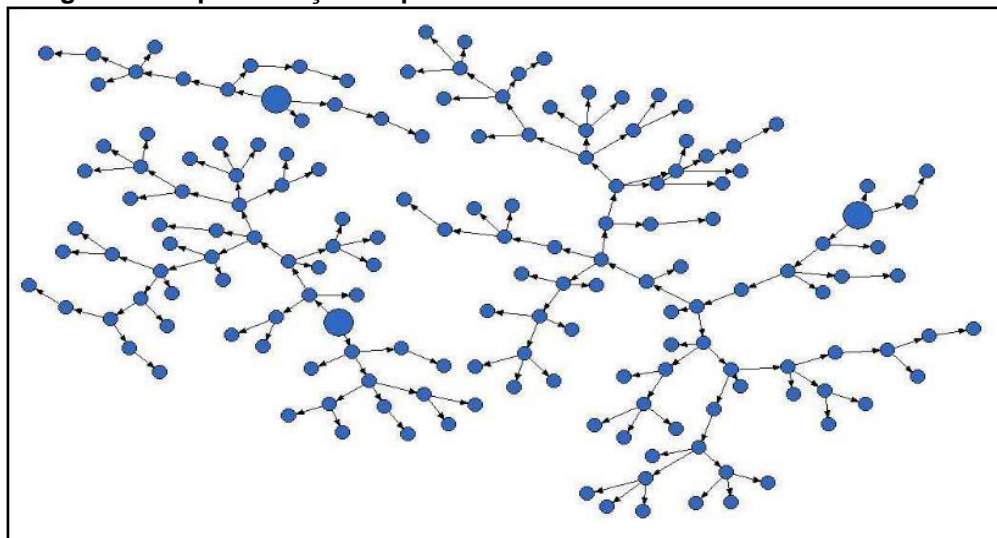
3.1 OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA

Nesta seção discorreremos sobre a coleta de dados e detalhamos informações sobre as etapas que configuraram as visitas e as entrevistas. A coleta de dados foi realizada em três etapas. A primeira etapa pode ser denominada de exploratória por se tratar da primeira ida à Paraíba-PB. Essa etapa foi importante por marcar a fase de programação e preparo para a ida a campo, bem como os primeiros contatos com os atores, no sentido "de passar a conhecê-los" pessoalmente. Isso inclui a chegada ao local de estudo e as apresentações, mas também a busca por novos contatos, a partir das indicações dos informantes. Para a identificação dos participantes da pesquisa e para o recrutamento dos atores sociais, utilizamos a técnica de *snowball* também chamada *snowball sampling* (BIERNACKI; WALDORF, 1981). Esta técnica é conhecida no Brasil como "amostragem em Bola de Neve" ou apenas "Bola de Neve". Trata-se de uma técnica que visa a formação de uma "cadeia de informantes" ou uma rede de indicações (ALBUQUERQUE, 2009). Em suma, os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto, denominado de "ponto de saturação". O ponto de saturação refere-se ao momento em que o número de entrevistados já forneceu todas as informações necessárias para alcançar o objetivo do estudo. Alguns autores indicam que "ponto de saturação" foi atingido quando os novos entrevistados

passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa (ALBUQUERQUE,2009). Para maior confiabilidade na obtenção de dados, Albuquerque (2009), sugere que na pesquisa em cadeias de referência é preciso coletar o máximo de informações sobre todos os membros da rede. Nesta tese as informações sobre os membros da rede dizem respeito aos participantes da arena de conservação das Sementes da Paixão.

Os primeiros participantes contatados na aplicação da pesquisa devem ter conhecimento da sua localidade, do processo estudado ou das pessoas que vivem na comunidade. Esses atores podem ser chamados de informantes-chave, pois indicam outras pessoas para que também participem da amostra (BALDIN; MUNHOZ, 2011). Preferencialmente, esses informantes devem exercer certa influência no espaço a ser estudado, conhecer muitos membros da localidade (BALDIN; MUNHOZ, 2011). A *snowball* prevê que o passo subsequente às indicações dos primeiros participantes no estudo seja solicitar, a esses indicados, informações acerca de outros membros da população de interesse para a pesquisa, só depois disso sair a campo para recrutá-los (BALDIN; MUNHOZ, 2011). Segundo Albuquerque (2009) uma vantagem da *snowball* é o acesso a redes sociais complexas, por exemplo uma população oculta. A autora ressalta que é mais fácil um membro da população conhecer outro membro do que os pesquisadores os identificarem. Isso constitui em fator de relevância para as pesquisas que pretendem se aproximar de situações sociais específicas (BALDIN; MUNHOZ, 2011).

Figura 9 - Representação esquemática de uma cadeia de referências



Fonte: Albuquerque (2009, p. 21)

Podemos notar na representação esquemática da figura acima, que a técnica de *snowball* permite formar uma cadeia ou rede de referências. Os círculos maiores representam os informantes iniciais, que aqui chamamos de informantes - chave e os círculos menores são os atores sociais indicados e que sucessivamente indicam outros atores.

3.3 ETAPAS DE COLETA DE DADOS

Nesta seção discorreremos de maneira detalhada a operacionalização da tese em cada etapa de pesquisa. A primeira etapa corresponde ao período de 2016 e 2017. A segunda etapa corresponde ao período de 2018 e a terceira etapa ao período de sistematização e análise dos resultados que corresponde aos anos de 2018-2019.

3.3.1 Primeira Etapa

A primeira etapa consistiu no processo em que contatamos e definimos os informantes-chave da pesquisa. Tomamos como referência Spink (2013) para a escolha dos informantes-chave. Segundo a autora, um indivíduo elencado como informante-chave é sempre uma entidade social e, conseqüentemente, um símbolo vivo do grupo que ele representa.

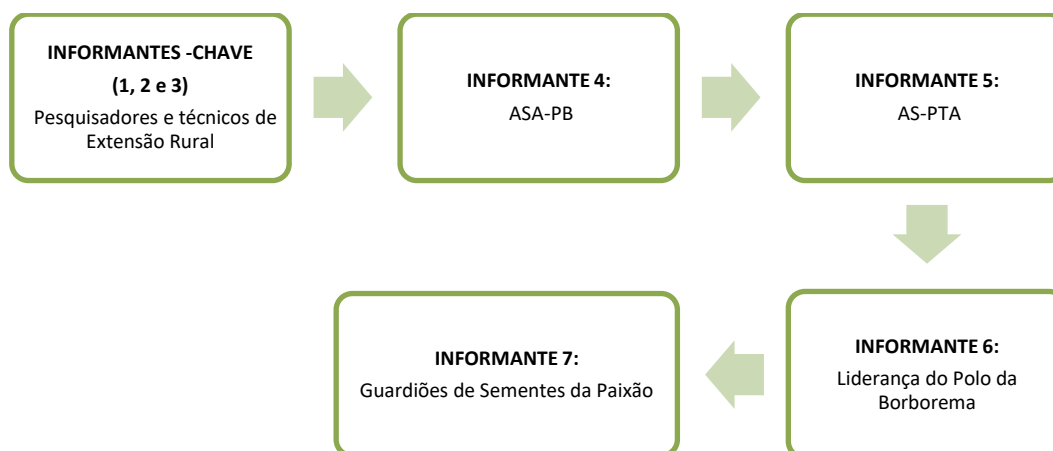
Primeiramente, fizemos contato com informante 1. É importante mencionar que o informante 1 é profissional de extensão rural que trabalha com Agroecologia no local de estudo e, foi fácil conseguir seu contato. Este informante aceitou fazer reuniões esporádicas via *skype* e através de um aplicativo de comunicação instantânea. Nessas reuniões trocamos informações diversas, por exemplo de como chegar ao local de estudo. Por ainda não conhecer a Paraíba-PB, foi preciso obter informações básicas de localização de aeroportos, rodoviárias e hotéis. Com o auxílio do informante 1, conseguimos traçar um planejamento de campo e definimos a rota de viagem, ou seja, delimitamos melhor o campo empírico e quais os possíveis municípios que se visitaria. Em seguida, o informante 1 passou o contato de outras duas pessoas (informante 2 e 3) que poderiam contribuir com a pesquisa.

O informante 2 é um profissional de extensão rural e que já havia trabalho em ONGs no âmbito da Agroecologia na Paraíba. E o informante 3 é um profissional que

trabalha numa universidade e está envolvido com pesquisas e projetos de extensão acadêmica no âmbito da conservação de sementes crioulas. Ambos os informantes-chave auxiliaram a listar e elencar as instituições que estão envolvidas com a conservação de sementes crioulas no âmbito da Agroecologia. Estes informantes colaboraram e passaram a participar de reuniões e de trocas de informações periódicas. É relevante mencionar que os informantes-chave não são importantes apenas como indicadores de contatos para a pesquisa, mas desempenharam também um papel balizador, explicativo e de contextualização. Neste caso, os três informantes foram facilitadores e ajudaram no repasse de informações sobre a história da região, informações sobre culinária e arte e indicaram locais como museus, bibliotecas e espaços públicos que hospedam boa parte da memória paraibana. Com todas essas informações foi possível traçar o roteiro de viagem. Esta etapa se iniciou em 2016 e em setembro de 2017 foi realizado o primeiro campo. Foram cerca de dois meses de trabalho de campo visitando municípios e realizando entrevistas.

Os informantes-chaves nos passaram o contato de uma profissional que trabalha na ASA-PB, esta por sua vez, indicou dois contatos de profissionais da AS-PTA e alguns guardiões de Sementes da Paixão. Através desses atores foi possível realizar o contato com algumas lideranças do Polo Sindical da Borborema.

Figura 10 - Esquema ilustrativo de *snowball* com os informantes-chave e suas indicações de contato



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Com os informantes-chaves obtivemos os contatos das instituições, nomes, telefones e contatos de emails de pessoas poderiam ser entrevistadas. De início se considerava que o contato com as instituições seria a parte mais fácil da coleta de dados, pois tínhamos em mente que por ser Agroecóloga e “beber” da mesma fonte que a maioria

destas instituições, iríamos encontrar as portas abertas. No entanto, essa foi a fase mais desafiadora em que muitas tentativas de contato foram inválidas. Foram cerca de seis meses, período anterior a ida à Paraíba-PB, correndo atrás das instituições e de seus mediadores sociais e, nenhuma manifestação ou respostas aos emails de fato, foram feitas. Diversos emails oficiais com informações sobre a proposta de tese e convites para a participação na pesquisa foram disparados sem êxito. Não obtivemos retorno e buscamos novamente o apoio dos informantes-chaves.

O informante 1 contactou uma mediadora da ASA-PB que estava organizando as inscrições para a Festa Estadual das Sementes da Paixão. Através dessa pessoa foi possível realizar a inscrição para participar da Festa Estadual das Sementes da Paixão e das oficinas. A mediadora social da ASA-PB será denominada de informante 4. Esta pessoa passou diversas informações sobre hospedagem, cronograma do evento e outros contatos de atores sociais que estavam organizando o evento, a citar alguns integrantes do Coletivo ASA Cariri Oriental- CASACO, uma entidade regional que tem sede o município de Boqueirão-PB. Além disso obtivemos o contato de telefone de um funcionário da AS-PTA. Foi através desse contato que se pode estabelecer o primeiro diálogo com a instituição. Desse diálogo avançamos e agendamos um encontro para uma reunião e apresentação das intenções de pesquisa.

O informante 2 se prontificou a acompanhar e fazer as apresentações formalmente. A primeira reunião foi na AS-PTA, localizada no município de Esperança – PB. Esta reunião foi conduzida pelo responsável de projetos de conservação de sementes crioulas. Este mediador social possui formação em Agronomia e há anos trabalha com a Agroecologia. Tratamos do projeto de pesquisa e das intenções, sobretudo, transparecendo o desejo de permanecer na instituição colaborando de forma voluntária com atividades do cotidiano institucional e em contrapartida, contribuir no que fosse possível. A intenção inicial era realizar uma vivência mais longa e para tanto, tocamos no assunto da possibilidade de permanecer por alguns meses na Paraíba-PB, durante a pesquisa. No entanto, a instituição não estabeleceu parceria com a justificativa de falta de interesse no assunto e pelo principal motivo de que alguns de seus mediadores estavam pleiteando, naquele momento, pesquisas nas linhas de pesquisa sobre transgenia e biotecnologia e os seus impactos em germoplasmas na Paraíba-PB. Vale citar que apenas este mediador da AS-PTA concedeu entrevista presencial, enquanto os outros apenas responderam parcialmente algumas questões direcionadas durante a Festa Estadual das Sementes da Paixão e, posteriormente

responderam algumas questões via aplicativo de mensagem instantânea. É importante enfatizar que esse primeiro contato com a instituição foi bastante superficial e rápido, a instituição tomou uma postura mais fechada. Nós considerávamos a possibilidade de se construir uma importante parceria e uma pesquisa participativa que pudesse fornecer um retorno local. Infelizmente isso não foi possível, talvez por receio da instituição de expor suas fragilidades ou até mesmo, por almejar uma autonomia local na produção de conhecimentos sobre as Sementes da Paixão. Nessa ocasião os informantes 2 e 3 ressaltaram o quanto haveria resistência na Paraíba-PB e que possivelmente não aceitariam a pesquisa nas instituições de mediação social voltadas à Agroecologia. Foram cerca de um mês recebendo “nãos”. Em Boqueirão, região do Cariri nordestino as coisas foram diferentes e fluíram. A Festa das Sementes da Paixão foi nesse município. A recepção foi por conta dos mediadores da ASA-PB, do Coletivo ASA do Cariri Oriental - CASACO e do Polo Sindical da Borborema. Esses atores aceitaram e se propuseram a contribuir para a construção da pesquisa. Uma mediadora da ASA-PB fez diversas apresentações, em especial com as lideranças do Polo da Borborema e guardiões de Sementes da Paixão. O primeiro contato com os guardiões foi em uma oficina de construção e gestão de Bancos de Sementes Crioulas. Essa oficina foi realizada num bairro rural distante da cidade de Boqueirão e, para se chegar ao local a equipe do evento forneceu um ônibus. Durante a viagem, sorridentes os guardiões se aproximaram de mim, me incluíram em conversas e pudemos participar juntos daquele dia de oficina e produção do conhecimento.

Figura 11 - montada no bairro rural para a oficina de bancos de sementes



Fonte: Acervo da autora.

Figura 12 - Tenda com os participantes da oficina



Fonte: Acervo da autora.

Vale ressaltar que essa primeira coleta de dados não foi feita diretamente com questões formuladas, ou seja, naquele formato de entrevista estilo *face to face* jornalístico. Primeiramente, foram densas conversas e trocas de vivências em momentos de descontração. Levamos em consideração a premissa de que as conversas mais abrangentes fluem melhor durante os cafés e refeições.

Começamos todo o processo de coleta de dados com os guardiões, falando sobre os caminhos que percorridos até chegar à Paraíba-PB. Foi possível notar que esse tipo de abertura ajudou a desconstruir a imagem de pesquisadora que imprimia um certo rigor e distanciamento e com isso criou-se uma espécie de zona de contato com os guardiões e também com os mediadores das instituições que estavam no evento, notadamente os mediadores da ASA-PB.

Durante essa pequena viagem até o bairro rural ricos diálogos ocorreram. Assuntos diversos sobre a vida no campo. Os guardiões fizeram muitas perguntas sobre São Paulo, insistentemente retomavam o assunto. Tantas perguntas sobre o Sudeste tinha uma razão. Alguns dos guardiões tentaram a vida em grandes capitais, notadamente em São Paulo. As guardiãs vieram entusiasmadas na roda para contar suas histórias de vida: a vida que tiveram em São Paulo.

Figura 13 - Mulheres durante a oficina



Fonte: Acervo da autora (2017).

Esta etapa junto aos guardiões foi a mais tranquila e prazerosa, imbuída de respeito e acolhida. Foram dias intensos e cansativos. De uma visita técnica a outra foi preciso dar pausas para anotações, gravações e registros fotográficos.

Figura 14 - Receptividade dos guardiões de Semente da Paixão



Fonte: Acervo da autora (2017).

Durante a oficina foi preciso adotar uma postura de aprendiz, no sentido de se despojar para compreender toda a sabedoria que eles estavam compartilhando entre si. Foi surpreendente acompanhar essa partilha e vivenciar a leveza dos momentos de construção do conhecimento. Entre os guardiões há uma espécie de consenso sobre dividir o conhecimento e as sementes, a maioria dos agricultores não tem receio de falar abertamente de suas práticas e manejos. Os guardiões enfatizaram o quanto é importante a

criação de práticas sociais acessíveis e que podem facilmente serem replicadas na Paraíba. Dessa forma, há menos desistências e mais agricultores experimentando e comprovando a eficiência da produção em agroecossistemas agroecológicos. Sendo assim, quanto mais pessoas replicarem as sementes e os conhecimentos, mais visibilidade ganham os guardiões e mais fortalecidos eles conseguem se manter.

Figura 15 - Roda de guardiões de sementes crioulas



Fonte: Acervo da autora (2017).

Foram compartilhadas riquíssimas informações sobre as Sementes da Paixão, semiárido, Caatinga e técnicas de conservação e armazenamento das sementes nos bancos comunitários. A pauta principal das rodas de discussões foi sobre as dificuldades na gestão dos bancos de sementes comunitários. Durante a oficina foi possível conhecer experiências de tecnologias sociais que estão inter-relacionadas às sementes crioulas, como as tecnologias de armazenamento de água da chuva em cisternas; biodigestores para a produção de gás de cozinha; tanques de água para hortaliças e outras.

Figura 16 - Visita técnica de tecnologias sociais para a convivência com o semiárido



Fonte. Acervo da autora (2017).

Durante a oficina, a expressiva participação das mulheres e da juventude se destacavam. As fotos a seguir facilitam a exemplificação desta constatação. É notável na Paraíba o papel crucial das mulheres na conservação de sementes crioulas e do fortalecimento da Agroecologia. A partir de então, optei por segui-las durante toda a oficina e nos dias subsequentes. Paciosas, as mulheres contaram sobre a vida no semiárido, sobre os modos de vida vinculados às sementes crioulas. Por meio delas foi possível traçar melhor o painel histórico da conservação de sementes crioulas na Paraíba-PB. As mulheres falaram mais abertamente sobre as dificuldades cotidianas, dentre elas a escassez de água, alimentos e recursos financeiros para a agricultura e gestão familiar. Relataram como era antigamente e como as coisas têm mudado na Paraíba-PB. Embora muito se fale sobre o papel das mulheres como eixo pulsante da agricultura familiar, é imprescindível citar que foi instigante e recompensador ver a representatividade delas na luta pelo direito à agrobiodiversidade, bem como o envolvimento que elas tem com a Agroecologia. Foi possível averiguar ainda, que as agricultoras estavam mais afeitas com o movimento de resgate de tradições no espaço rural. As mulheres contaram sobre as tradições de suas avós, seus pais e familiares, principalmente, sobre as tradições que envolvem a agricultura e as festividades das épocas de chuva e colheitas.

O evento da Festa das Sementes da Paixão continuou por alguns dias. Aproveitando o clima de festividade e receptividade. Muitos contatos foram trocados, aumentando substancialmente a nossa cadeia de referências. Com os contatos em mãos,

foi possível criar uma espécie de caderneta de contatos com os números de telefones e emails dos guardiões e, com isso estabelecer um vínculo para permanecer em diálogo. É interessante pontuar que a maioria desses agricultores possuem redes sociais e com isso foi possível segui-los via internet.

3.3.2 Segunda Etapa

A segunda etapa foi dividida em duas partes. Na primeira parte foram realizadas entrevistas presenciais durante a segunda ida a campo e a outra parte foi realizada a distância, via internet e aplicativo de mensagem instantânea. Nesta etapa de pesquisa além de guardiões, foram entrevistadas lideranças comunitárias do Polo da Borborema e mediadores sociais de algumas instituições. Nesta ida a campo foi possível conhecer algumas propriedades rurais e Bancos de Sementes Comunitários. Nesta etapa, pudemos conhecer também o Banco Mãe de Sementes de Lagoa Seca, a Universidade Estadual da Paraíba e, alguns municípios como Queimadas e Areia.

Ao retornar a São Paulo e durante a tarefa de organizar os dados coletados, surgiu a necessidade de continuar os diálogos. Para tanto, foram realizadas diversas entrevistas e conversas formais e informais via email, skype e outros aplicativos de comunicação. O *WhatsApp* foi a principal ferramenta utilizada e por vezes desempenhou a função de gravador através dos áudios que o aplicativo permite gravar e enviar. Os participantes das entrevistas recebiam as perguntas via email e respondiam através de áudios pelo aplicativo. O aplicativo facilitou o acesso e retorno imediato dos entrevistados, ampliando o escopo da conversa e até agregando outros assuntos que enriqueceram o conteúdo dos dados. É interessante mencionar que os guardiões criaram um grupo de *WhatsApp* para trocar informações entre eles, tais como organizar mutirões, reuniões e até trocas de sementes.

O quadro que segue demonstra o número total de entrevistados. Foram entrevistados 38 indivíduos no total, dentre as quais se incluem os guardiões de Sementes da Paixão (8 homens e 11 mulheres), profissionais de ONGs, Membros de associações de agricultores e lideranças sindicais.

Quadro 2 - Atores sociais e número de entrevistados na etapa 1 e 2

Instituição ou pessoas	Número de entrevistados
Informantes iniciais	3
AS-PTA	3
ASA-PB	3
CASACO	3
Guardiões de Sementes	8
Guardiãs de Sementes	11
Filhos/Filhas de Guardiões	4
Liderança Sindical do Polo da Borborema	2
Embrapa	1
Total: indivíduos	38

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Optamos por resguardar os nomes dos atores sociais que participaram da pesquisa. No entanto, consideramos ser fundamental uma apresentação, ainda que sucinta, do perfil geral desses atores. Foram entrevistadas diversas famílias guardiãs (homens, mulheres e jovens) de diferentes localidades. No que tange os guardiões, a maioria dos entrevistados se enquadra na faixa etária de 40 a 50 anos. São agricultores familiares e a maioria deles já participaram de algum tipo de capacitação em Agroecologia e áreas correlatas. Destes guardiões, quatro participam ou já participaram de experiências de melhoramento participativo com a AS-PTA. Foram entrevistados também 4 filhos/filhas de guardiões que participam da Comissão de Juventude do Polo da Borborema. Os informantes da AS-PTA são três profissionais, dois têm formação em agronomia e atuam na conservação de sementes crioulas no âmbito da Agroecologia. Já o terceiro profissional é estagiário da instituição e estudante de agropecuária na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). As informantes da ASA-PB e do CASACO são todas mulheres que atuam como mediadoras. Nem todas possuem graduação, algumas ainda estão estudando, no entanto elas trabalham há tempo com temáticas direcionadas à convivência com o semiárido e ajudam a articular a rede de sementes. Uma delas é estudante de agropecuária e participa da Comissão da Juventude do Polo da Borborema. As duas lideranças do Polo da Borborema são agricultores familiares assentados de reforma agrária e possuem um histórico de envolvimento político em prol do desenvolvimento da agricultura familiar no agreste. O profissional da EMBRAPA é agrônomo e pesquisador.

3.3.3 Terceira Etapa: complementos e outros acessos

Nesta etapa realizou-se a sistematização dos dados coletados nas entrevistas, a organização das fotografias das visitas, e a análise de documentos obtidos em biblioteca, universidades, museus, acervos e outros. Esta etapa estava programada para ter mais uma ida a campo. No entanto, em 2018 a questão política do país gerou uma crise na educação, com cortes ferrenhos nos recursos financeiros de fomento à pesquisa. Nessa conjuntura, não foi possível conseguir auxílio financeiro. A solução foi continuar os diálogos a distância, via internet, com o uso de ferramentas e aplicativos. É interessante mencionar que também foi feito uso de redes sociais. Dessa forma foi possível acompanhar as páginas das redes sociais da ASA-PB, da AS-PTA, do Polo Sindical da Borborema, das Margaridas da Borborema e da Comissão de Juventude. Todas essas páginas são atualizadas, na maioria das vezes, diariamente. Acompanhar esse movimento na internet foi conveniente, pois pudemos ficar a par dos eventos e das atividades que estavam em andamento.

Outra forma interessante de ficar a par das notícias do Polo da Borborema foi o acompanhamento de um programa de rádio que os agricultores familiares da região fazem. O programa a voz da agricultura familiar é transmitido numa rádio local da Paraíba, mas também ao vivo, via redes sociais. Deste participam convidados como agricultores, lideranças, representantes de comissões e outros. Os programas são direcionados e tratam de diversas questões locais que envolvem a agricultura familiar.

4 ARCABOUÇO TEÓRICO

Esse capítulo apresenta a base teórica que dá suporte para a elaboração da tese e fornece elementos conceituais e analíticos. Apresentamos o “pano de fundo” da tese através de um panorama mundial sobre modernidade, globalização e transformações na agricultura. A temática da conservação das sementes crioulas nos convoca ao exercício de correlacionar as discussões a outros temas que envolvem questões e problemáticas ambientais e sociais na agricultura. No Brasil e no mundo a questão dos organismos geneticamente modificados (OGMs) e dos insumos utilizados na produção agrícola de *commodities* se destaca pela polêmica nos mais diversos campos do conhecimento (MENASCHE, 2003). É possível notar um campo em disputa que, de um lado, engendra o desenvolvimento rural embasado nas tecnologias modernas e, de outro, tenta frear tal desenvolvimento propondo outras saídas, alternativas e caminhos. O moderno e o tradicional se chocam nos campos em disputa e dessa arena em tensão diversos contrastes aparecem. As dissonâncias e consonâncias desses espaços sociais em disputa nos chamam a atenção. Governantes, políticos, cientistas, ativistas, ambientalistas, ecologistas, juízes, agricultores, empresas e seus representantes e consumidores se posicionam contrária ou favoravelmente às aplicações de tecnologias modernas na agricultura (MENASCHE, 2003). A liberação de sementes transgênicas e a conservação de sementes crioulas são dois polos que atualmente se configuram como objetos de dispositivos legais e normativos de estudos e pesquisas, de lutas camponesas, de documentários, filmes e reportagens, de declarações, manifestos e de debates e embates, em que temos evidenciadas dimensões materiais e simbólicas (MENASCHE, 2003).

4.1 O MUNDO EM DESCONTROLE

A Europa do século XVII e XVIII foi o grande berçário do desenvolvimento da ciência, da tecnologia e do pensamento racional, notadamente sob influência do iluminismo, que engendrou a cultura industrial ocidental. O contexto do iluminismo se circunscreveu sob a oposição a diversos pensadores e da influência da religião e dos dogmas, desvencilhando-se destes e substituindo aos poucos essas influências pela abordagem mais racional da vida prática (GIDDENS, 1999). Os filósofos iluministas se apoiaram num preceito, aparentemente simples, porém poderoso. Quanto mais os seres humanos fossem capazes de compreender

o mundo por meio da racionalidade, mais seríamos capazes de moldar a história a nosso propósito. Daí vem a ideia de que “temos que nos libertar de hábitos e preceitos do passado para controlar o nosso futuro” (GIDDENS, 1999, p. 14). Para Giddens (1999), segundo essa concepção, com o maior desenvolvimento da ciência e da tecnologia, o mundo iria se tornar mais estável, ordenado e seguro. Porém, o mundo que encontramos atualmente, está longe. O mundo em vez de estar sob nosso comando, parece estar cada vez mais em descontrole. Assim, “algumas das influências que, supunha-se antes, iriam tornar a vida mais segura e previsível para nós, entre elas o progresso da ciência e da tecnologia, tiveram muitas vezes o efeito oposto” (GIDDENS, 1999, p. 14). Assim parece ser o caso da agricultura.

Os programas de desenvolvimento promovidos após a II Guerra Mundial tiveram um importante papel nas mudanças que ocorrem na agricultura, especialmente na forma como os alimentos são produzidos, comercializados e consumidos (GOODMAN, 2009; ESCOBAR, 2007; CAROLAN, 2011). Embora existam diferenças na forma como esses programas foram interpretados e implementados em diferentes lugares, a principal estratégia foi à modernização da agricultura, combinada com o incentivo para o crescimento urbano e a produção industrial (ELLIS; BIGGS, 2001). A preocupação inicial era ampliar a produção de alimentos e a solução proposta foi a modernização da agricultura através do desenvolvimento de sistemas de cultivo com uso intensivo de insumos e recursos, fazendo com que a indústria se tornasse um setor chave na produção de alimentos (GOODMAN; SORJ; WILKINSON, 2008). No entanto, é preciso colocar no debate se era esse mesmo esse o objetivo, ou criar um mercado para produtos com propriedade intelectual. Certamente alguns pensavam em ajudar a acabar com a fome, mas ao longo do processo, em vez de termos alimentos para todos, criamos dependências e oligopólios poderosos o suficiente para, de um lado inibir a concorrência, especialmente de agricultores autônomos, e de outro estimular a ciência para o desenvolvimento de mais inovações que alimentam o mercado por eles dominados.

No entendimento de Giddens (1999) a ciência e a tecnologia estão intimamente relacionadas às tentativas de fazer face aos riscos, no entanto, elas também contribuíram, sobretudo, para criá-los. Essa é uma evidência importante, pois, em tempos passados, não se enfrentavam tantos problemas associados às intervenções do ser humano, como por exemplo, os problemas ambientais como as mudanças climáticas e o uso demasiado de poluentes na indústria e agricultura. Para Giddens (1999), muitos dos novos riscos e incertezas nos alcançam, não importam os quão privilegiados ou carentes sejamos. Esses

riscos são sistêmicos, ou seja, permeiam diversas dimensões de nossa vida cotidiana, seja no trabalho, na alimentação diária que fazemos, no lazer e outros.

Na visão de Guivant (2001), o autor Ulrich Beck passou a ser um dos teóricos sociais mais destacados do presente. O argumento central desse autor é que a sociedade industrial, caracterizada pela produção e distribuição de bens, foi deslocada pela sociedade de risco, ou seja, a distribuição dos riscos não corresponde às diferenças sociais, econômicas e geográficas da típica primeira modernidade (GUIVANT, 2001). Segundo a perspectiva de Beck (1992), o desenvolvimento da ciência e da técnica não deram conta da previsão e controle dos riscos. A ciência contribuiu decisivamente para criar tais riscos, que Guivant (2001) considera serem de alta gravidade para a saúde humana e para o meio ambiente. Nem mesmo os cientistas foram capazes de prever os riscos e danos a longo prazo. Guivant (2001) pontua que os danos eram desconhecidos e que, quando descobertos, muitos já eram irreversíveis. Guivant (2001, p. 96) coloca da seguinte maneira: “o conceito de sociedade de risco se cruza diretamente com o de globalização”. Por conseguinte, os riscos são democráticos, afetando nações e classes sociais sem respeitar fronteiras.

Com a intensificação da globalização, mais transformações fazem com que a produção e a comercialização dos alimentos sejam governadas por interesses privados sob a gestão de corporações multinacionais apoiadas por acordos multilaterais entre Estados (PHILLIP'S, 2006). Tais alterações fizeram com que, no final do século XX, as sementes tenham se tornado um objeto de desenvolvimento econômico e foco de uma série de estudos e teorias que buscam explicar distintos fenômenos sociais, políticos, econômicos e ambientais, que vão desde a acumulação internacional do capital, regulamentações legais sobre a produção e a comercialização, êxodos e migrações, meios de subsistência comunitária, práticas agrícolas e questões ambientais e climáticas (GOODMAN; REDCLIFT, 1991).

Guivant (2001) discute o alcance da teoria da sociedade global de risco e apresenta alguns questionamentos contextualizados, colocando a sociologia ambiental como chave para interpretar a atual fase da modernidade. A autora destaca dois problemas teoria:

- a) o evolucionismo/linearidade/ eurocentrismo na conceitualização e descrição da dinâmica da globalização;

b) a imprecisão acerca de como pode ser implementada a sua proposta de subpolítica ou de novas formas de fazer política para lidar com os riscos de graves consequências.

O argumento principal de Guivant (2001, p. 97) é que a proposta teórica de Beck, embora apresente um agudo diagnóstico da alta, no plano das alternativas, “só vislumbra algumas que permanecem, sobretudo, num terreno profético e bem-intencionado na direção de uma desmonopolização do conhecimento científico”. A autora procura indicar os limites na conceitualização da dinâmica da globalização e de como a subpolítica compromete a compreensão de um dos mais interessantes conflitos globais entre leigos e peritos a respeito dos riscos: o conflito relativo às sementes transgênicas.

Para Giddens (1999), a globalização tem a ver com a tese de que vivemos num único mundo. Essa tese frágil, é questionada por ele, pois, exatamente de que maneira isso é realmente válido? Para o autor, a globalização não pode ser entendida como um mecanismo homogeneizador, que alcança todos os locais e todas as pessoas da mesma forma e na mesma intensidade. Giddens (1999) complementa, citando dois atores sociais que compõe a globalização: os céticos e os radicais. Os céticos acreditam que o mundo continua muito parecido com o que foi no passado e utilizam exemplos para se justificarem, tais como a presença de práticas tradicionais e até comércios locais e regionais que ainda perduram de forma similar ao passado. Os radicais, por sua vez, sustentam que a globalização é real e atinge a todos, sem exceção. Ambos, pautam nos aspectos econômicos da globalização e deixam de fora das discussões, a reflexão de que a globalização também é política e cultural. De certo, nem os céticos e nem os radicais entenderam a globalização. É possível, num planeta tão diverso e complexo como o nosso, dividir os atores e os fenômenos em categorias dicotômicas e em polos antagônicos? É possível assegurar que ainda existem práticas tradicionais intactas e puras? Ou que todas elas vão desaparecer em detrimento das práticas e tecnologias modernas? A resposta mais ponderada, seria que não. Não podemos separar um mundo complexo como o nosso em categorias e polos. É mais coerente tratar dessa complexidade a partir da noção de mesclas entre moderno e tradicional e seus pontos de intersecção.

No mundo globalizado em que as imagens e informações são transmitidas constantemente e instantaneamente, entramos em contato ou esbarramos com pessoas que pensam diferente de nós. Esse parece ser um ponto importante levantado por Giddens (1999). O autor discute outras duas categorias de atores que estão mais evidentes na

globalização: os fundamentalistas e os cosmopolitas. De maneira sucinta, as diferenças entre ambos residem na concepção e formas de socialização. Os cosmopolitas enaltecem as diferenças, são tolerantes e abraçam as diferenças culturais e étnicas, enquanto os fundamentalistas, condenam essas diferenças. Esses atores sociais, imersos na globalização se chocam constantemente e imprimem ao nosso tempo a imagem do mundo em descontrole, de um mundo banalizado e líquido como revela Zigmunt Bauman (2013).

É incoerente pensar que a globalização afeta unicamente os grandes sistemas da sociedade, tal como a ordem financeira mundial. Giddens (1999) ressalta que a globalização não diz respeito apenas ao que está afastado de nós, do “lado de fora”. É também um fenômeno que se dá “dentro de nós”, transformando aspectos íntimos e pessoais de nossas vidas. Dessa forma, é interessante pontuar que a globalização não é um processo singular, mas um conjunto complexo de processos. E estes podem operar de uma maneira contraditória ou antagônica. A maioria das pessoas acredita que a globalização suprime o poder ou a influência de comunidades locais e de nações, transferindo-os para uma arena global, no qual exercem funções e atuam segundo os ditames hegemônicos. Contudo, a globalização também possui efeito oposto, criando pressões constantes, resistência e lutas por autonomias locais (GIDDENS, 1999). Essa constatação de Giddens vem fortalecer as bases analíticas dessa tese. Com isso, podemos indagar e responder sobre as contradições existentes na modernidade.

O mundo de hoje, globalizado e tecnocrático, sofre de uma sequência acumulada de crises cada vez mais agudas e crônicas, que no fundo são a expressão de uma crise generalizada e estrutural (TOLEDO; BARREIRA BASSOLS, 2015). Estamos vivendo em um mundo em descontrole (GIDDENS, 1999). Esta expressão capta um sentimento que muitos de nós experimentamos atualmente, vivendo um período de mudanças tão aligeiradas, intensas e vertiginosas. Segundo Toledo e Barreira Bassol (2015), o principal problema da atualidade é a tendência de viver sob a tirania de um presente estendido, quase sempre mantido pela expectativa de um futuro que garanta progresso e desenvolvimento. Porém, “um futuro que nunca chega e que não permite vislumbrar outros futuros, os daqueles que procuram se soltar das rédeas dessa perversa modernidade com seus próprios projetos de vida” (TOLEDO; BARREIRA BASSOLS, 2015, p. 17).

Vivemos um tempo de amnésia (TOLEDO; BARREIRA BASSOLS, 2015), biológica e cultural, um tempo que nega o nosso passado histórico e o tradicional a ele relacionado, ou qualquer forma de expressão e organização social que não se enquadre no

desenvolvimentismo da era tecnológica. Perdemos a capacidade de recordar sobre a nossa relação com a natureza. Na obra "Memória Biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais", Víctor Toledo e Narciso Barreira Bassols (2015) argumentam que a modernidade que se expande por quase todos os cantos da terra, não tolera a tradição, e conseqüentemente, as formas modernas de uso dos recursos naturais e, geralmente, oprimem toda forma tradicional de manejo da natureza, incluindo os conhecimentos utilizados pelos agricultores. Trata-se de um conflito nodal entre as formas agroindustriais e as formas tradicionais de produção agrícola.

Muitos sinais comprovam o esquecimento humano, essa amnésia. O primeiro sinal é o fato de os indivíduos modernos ignorarem que existem outras formas de se relacionar com a natureza ou com o que não é humano. Assim como as diversas formas de organização social a partir de outros valores e sistemas (TOLEDO; BARREIRA BASSOLS, 2015). Outro sinal é a instauração ou a tentativa de instaurar um modelo social e produtivo dominante e homogeneizante no espaço rural. Hoje a sociedade moderna se restringe a imitar e reproduzir uma única forma de observar, conhecer e conviver com o mundo, isto é, com os demais seres vivos, sistemas simbólicos e ecológicos locais do nosso planeta. Esse modelo se alicerça na ideia de subjugar os modos de vida que ainda mantêm estreitas relações e alianças com a natureza (TOLEDO; BARREIRA BASSOLS, 2015).

Esta crise civilizatória contemporânea nos faz interpelar a respeito das diferenças entre o mundo em que vivemos e o de tempos passados. Comumente esses tempos espaciais são tratados a partir de binômios ou dicotomias que podem conferir qualidades, mas também nuances pejorativas. Estudiosos do desenvolvimento, comumente, insistem em dividir o espaço rural entre tradicional e moderno, arcaico e tecnológico, subdesenvolvido e desenvolvido. Isso é ainda mais proeminente, quando falamos especificamente em agricultura. O ritmo das mudanças nas relações sociais e de trabalho no campo transformam continuamente noções e categorias simbólicas. Estas são construídas a partir de representações sociais que perpassam pelo tradicional e moderno (CARNEIRO, 1998). Embora o desenvolvimento baseado na modernidade seja um processo expansivo e voraz, tal processo não resulta, a nosso ver, numa homogeneização que reduziria a tradição em detrimento do moderno. Embora muito usual quando o assunto é agricultura, as dicotomias não expressam a realidade de muitos espaços sociais. Veremos no decorrer da tese que se torna cada vez mais difícil delimitar fronteiras entre o tradicional e o moderno no espaço rural. Algumas questões derivam dessa constatação: o desenvolvimento intensivo e

extensivo do capitalismo no campo generaliza e enraíza formas de sociabilidade, instituições, padrões, identidades, valores que expressam a globalização do mundo? Vemos que é comum o uso de noções que geram antagonismos e reforçam oposições, como a agricultura tradicional e a agricultura moderna. No entanto, onde começam e onde terminam as fronteiras da tradição na agricultura? Estaríamos realmente vivendo algo diferente de antigamente? Podemos subjugar o moderno e seus efeitos globalizantes com eloquente desígnio hegemônico? Na agricultura a modernidade subjaz o tradicional? Essas são questões que nos fazem refletir, principalmente, quando colocamos em análise a questão das transformações na agricultura e o resgate e fortalecimento de tradições rurais.

De certo, o indício principal da diferença entre o passado e o presente, segundo Giddens (1999), são que as mudanças que nos afetam não estão confinadas a uma área específica do globo como antigamente, pois se estendem quase que por todas as partes. Essas mudanças ocorrem, em maior ou menor grau, em todas as sociedades, e para os agricultores e suas comunidades isso não é diferente. Foram e continuam sendo drásticas as transformações sociotécnicas no espaço rural. Contudo, seria errôneo ver essa tendência globalizante como algo singular e não ambíguo (HALL, 2013). Dessa forma, é importante considerar que o espaço rural não está passando por um processo único de transformação em toda a sua extensão. Se as medidas modernizadoras sobre a agricultura foram moldadas no padrão de produção (e de vida) urbano-industrial, seus efeitos sobre a população local e a maneira como esta reage a tais injunções não são, de modo algum, uniformes, assim como tais medidas não atingem com a mesma intensidade e proporções as diferentes categorias de agricultores (CARNEIRO, 1998). Nesse sentido, não se pode falar de modernidade e novas identidades em construção, de forma geral, pois estas se expressam de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos.

4.2 TRANSFORMAÇÕES SOCIOTÉCNICAS E A DICOTOMIA TRADICIONAL *VERSUS* MODERNO

A agricultura passou por transformações radicais nos seus padrões tecnológicos e nas relações sociais a partir da década de 1960. No Brasil, o objetivo central foi transformar a agricultura num “grande celeiro” a fim de consolidá-la como grande exportadora de matéria prima agrícola. Com a modernização ocorreu o que Graziano Neto (1985) denominou de “industrialização da agricultura”, tornando-a uma atividade empresarial e

inserida nos dispositivos de normalização do mercado. É nessa trama mercadológica que as sementes comerciais e os insumos químicos passaram a ser considerados insumos indispensáveis para se alcançar maior produtividade e reduzir o preço dos alimentos. Nesse contexto, as variedades crioulas passaram a ser paulatinamente substituídas por variedades comerciais, inicialmente variedades híbridas e, mais recentemente por variedades geneticamente modificadas. Muitos elementos discursivos perpassaram pelo processo modernizante na agricultura brasileira. Inicialmente, para mobilizar a modernização na agricultura, as instituições de pesquisa e extensão rural e seu corpo profissional se pautaram num discurso de teor argumentativo, calcado na substituição dos elementos ditos “arcaicos” da agricultura familiar por elementos tecnológicos, entendidos como mais eficientes e produtivos. O tradicional era entendido, neste contexto, como o oposto do moderno. A dicotomia tradicional *versus* moderno, alastrou-se pelos espaços sociais que trabalhavam e articulavam o desenvolvimento rural. Universidades, pesquisadores, agrônomos, instituições de assistência técnica e extensão rural, instituições de ensino técnico, entidades financiadoras, dentre outros, passaram a justificar suas escolhas por ferramentas e insumos tecnológicos na agricultura. Para justificar tal escolha, tornou-se consenso denegrir o tradicional em detrimento do moderno e, com isso emergiram tantos termos pejorativos para se referir aos modelos de agricultura que mantinham fortes relações com o campesinato e com formas mais ecológicas de manejo. Essa dicotomia que apresentamos, ainda perdura como discurso em muitas instituições no Brasil.

Entretanto, a partir dos anos de 1990, quando os impactos da agricultura convencional começaram a surgir mais intensamente, tornando-se públicos seus efeitos, a outra face reaparece e ganha escopo internacional. A agricultura tradicional passa a ser evocada e creditada como sendo mais sustentável e viável. Diversos temas se entrelaçaram e ganharam forças nos debates e estudos. Desses entrelaçamentos, vale citar: a relação das práticas tradicionais com a sustentabilidade, notadamente o conhecimento tradicional e a ecologia; o saber tradicional e a heterogeneidade; os modos de vida e produção na agricultura tradicional e conservação da agrobiodiversidade. Nos anos 2000 estoura no cenário internacional uma série de relatórios sobre as graves consequências da agricultura moderna, principalmente os dados sobre desmatamento, poluição (contaminação de águas por agrotóxicos e aumento de casos de câncer relacionados aos insumos contaminantes), erosão genética, aumento do êxodo rural etc. Isso traz à tona muitas preocupações e coloca

a Agroecologia em destaque. Esta ciência e seus princípios passam, então, a ser entendidos como possibilidade de reversão do quadro da crise socioambiental na agricultura mundial. Nessa conjuntura, impedir os avanços das transformações sociotécnicas se tornou uma bandeira de luta de diversos segmentos da agricultura familiar e de áreas dedicadas, por exemplo, à biologia da conservação e ecologia. Novamente, a dicotomia foi adotada como base discursiva, no entanto, “manchando” agora o moderno. Nesse sentido, o moderno foi relacionado à insustentabilidade, agronegócio, exploração de trabalhadores rurais, ou seja, aos impactos negativos. E o tradicional reaparece com uma nova roupagem e abrangendo diversas discussões atuais sobre os impactos ambientais. Os rearranjos produtivos focados no tradicional ganham investimentos, por exemplo de programas governamentais e de políticas públicas. De um lado, diversos trabalhos e ações foram sendo direcionados para a salvaguarda dos elementos tradicionais na agricultura e de outro, para o resgate de práticas tradicionais. Essas duas frentes de trabalho foram colocadas em pauta, mais enfaticamente pela Agroecologia. A questão do resgate de práticas tradicionais tomou grandes proporções no Brasil quando ONGs iniciaram de forma mais propositiva projetos de resgate de sementes crioulas e de práticas tradicionais de manejo e organização social.

Observa-se, assim, que a questão das sementes transita entre as noções de tradição e de modernidade. Norman Long (2001) situa, então, a discussão sobre tradição e modernidade no debate teórico sobre o desenvolvimento rural e as mudanças sociotécnicas. Para esse autor, perdurou por muito tempo nos estudos sobre a modernização da agricultura a concepção de que os agricultores seriam cooptados pelos dispositivos da modernidade. Nesse processo, dito homogeneizante, as práticas, os insumos e os conhecimentos tradicionais seriam completamente substituídos por conhecimentos técnicos e científicos. No entanto, o autor sinaliza que, na atual conjuntura que enfatiza a crise ambiental da agricultura moderna, as tradições reaparecem na modernidade como sinais de sentido contrário, em que se é possível testemunhar a persistência dos atores sociais em manter certas práticas e formas organizativas. Ao mesmo tempo, os atores sociais estão cotidianamente construindo novidades e dando respostas diferenciadas às imposições sociotécnicas. Esse processo tem recebido diversas denominações, tais como resistência, salvaguarda, revitalização, recuperação, insurgências e resgate de tradições (LIFSCHITZ, 2006).

4.3 TRADIÇÃO E MODERNIDADE: COEXISTÊNCIA E CORRELAÇÕES

A problemática sobre a conservação de sementes crioulas e o resgate dessa tradição, bem como a construção identitária de guardião(ã) de sementes crioulas, incita inicialmente ao aprofundamento de duas noções proeminentes: tradição e modernidade. Ambas as noções se chocam, derivam de distintos discursos e coexistem. Existem diversas concepções sobre o moderno e o tradicional, bem como sobre as identidades e conhecimentos associados ao tradicional. Segundo Giddens (1991), a modernidade refere-se ao estilo de vida, costume e organização social que emergiram na Europa, a partir do século XVII e que ulteriormente, tornaram-se mais ou menos mundiais em sua influência. Para o autor, estamos em um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante. Esta é a principal distinção entre as sociedades tradicionais e as modernas. Uma característica bastante citada por Giddens (1991) sobre a modernidade nos tempos de hoje, é que estamos vivendo um período em que não corremos atrás da modernidade propriamente dita, mas estamos buscando soluções para os exorbitantes impactos negativos já provocados por ela. Nesta tese pontuamos diversas vezes os impactos negativos da modernização da agricultura e da busca incessante por soluções pra tais impactos.

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações, o legado ancestral alcançado mediante esforços e persistência. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1991). Para exemplificar podemos usar o caso dos guardiões de sementes crioulas, em que muitos locais essa tradição é perpetuada pela prática de seleção, multiplicação e armazenamento de sementes. Tal prática implica a repetição contínua entre gerações. Os modos de vida e de produção originados pela modernidade nos desvencilharam dos tipos tradicionais de ordem social e causaram profundas mudanças, sem precedentes na história (GIDDENS, 1991). Isso é facilmente observado no mundo urbano, nas construções civis, nos sistemas automotivos, nos sistemas digitais, dentre outros. Mas também é facilmente observado na agricultura, na alimentação e no espaço rural como um todo. Nunca a agricultura foi tão tecnológica ou moderna, com aviões pulverizando lavouras, uso de

nanotecnologia e genes artificiais, sistemas de irrigação computadorizados, sistemas de monitoramento via satélite, uso de sementes transgênicas e tantas outras tecnologias. Giddens (1991, p. 6) cita, em particular, o ritmo e o alcance da mudança: "à medida em que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra", bem como a natureza das instituições modernas. Essas últimas ou são radicalmente novas, em comparação com as sociedades tradicionais, ou têm uma enganosa continuidade com as formas anteriores, mas são organizadas em torno de princípios bastante diferentes dos tradicionais. Mais importantes são as transformações do tempo e do espaço e o que o autor chama de "desalojamento do sistema social" ou a "extração" das relações sociais dos contextos locais de interação e sua reestruturação ao longo de escalas indefinidas de espaço-tempo (GIDDENS, 1991, p. 21).

Assim, para Giddens (1991), os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. As transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. O que o autor destaca é que nem o tradicional, nem o moderno formam um todo e seria um grande equívoco contrastar o tradicional e o moderno como sendo dois polos opostos ou em contraposição. Embora seja perceptível as transformações que a modernidade engendrou nas sociedades, isso não foi o bastante para "varrer" da face da terra as práticas tradicionais e povos que carregam essa identidade na atualidade. Não podemos seguir o senso comum de que a modernidade adentra e dissolve o tradicional. Giddens (1991) ressalta que há episódios bastante precisos de transição histórica, bem como, há episódios mais difíceis de serem identificados como tradicional ou moderno (GIDDENS, 1991). Para identificar os elementos que separam as instituições sociais modernas das ordens sociais tradicionais, Giddens (1991) utiliza a noção de descontinuidades. O autor enfatiza com essa noção, de que existem diversas combinações do moderno e do tradicional e que podem ser encontradas no cenário social concreto. Portanto, a tradição e a modernidade estão cerradamente entrelaçadas. Dessa forma, é preciso dar conta do dinamismo do escopo globalizante das instituições modernas e aprofundar, na tentativa de explicar, a natureza de suas descontinuidades em relação ao tradicional (GIDDENS, 1991).

Nesse entrelaçamento como conceituamos as identidades e as práticas sociais como sendo tradicionais ou modernas na agricultura? Para Hall (2006), as formulações

sobre identidade (tradicional e moderna) ainda são provisórias e bastante abertas à contestação. A opinião dentro da comunidade sociológica está dividida quanto a esses assuntos e as tendências são recentes e por vezes ambíguas. O próprio conceito de identidade, é complexo, pouco desenvolvido e compreendido na sociologia contemporânea. Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que serão apresentadas. Por essa razão, todos os conceitos aqui utilizados são possíveis de serem refutados. No entanto, é importante ressaltar, que esses conceitos serão tratados sob a ótica da conservação de sementes crioulas e da construção identitária de seus guardiões das Sementes da Paixão-PB.

Para David Harvey (1989) e Laclau (1990) a sociedade não é um todo unificado e delimitado, nem uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma. Ela está constantemente sendo deslocada por forças fora de si mesma. Sendo assim, as sociedades da modernidade são caracterizadas pela diferença, ou seja, elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições de atores. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta e em transformação.

Entretanto, argumenta Laclau (1990), desarticular as identidades tradicionais e estáveis do passado pode abrir a possibilidade de novas articulações, ou seja, a criação de novas identidades, a produção de novos atores e práticas sociais. Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o ator é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela torna-se politizada e socialmente referenciada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade para uma política de diferença (GIDDENS, 1991).

Nossa análise se distancia do entendimento genérico de sobreposição do tradicional pelo moderno e se aproxima da concepção de que esses processos são mais complexos e controversos do que aparentam. É possível a tradição ser uma ramificação ressignificada do moderno? A modernidade demanda certos resgates de tradições e identidades? Ser tradicional ou ter uma identidade relacionada ao tradicional no mundo moderno pode ser um posicionamento intencional, diferencial e político? Quais vantagens uma identidade conectada ao tradicional confere aos agricultores familiares? A noção de diferença pode

responder tais questionamentos. Segundo Silva (2000), a identidade depende da diferença, em que ambos são elementos do mesmo processo, definidos através de sistemas classificatórios. A posição dos atores sociais em um sistema de representação simbólica e social está relacionada com a divisão material e instrumental da sociedade, que para o autor, trata-se de uma relação dialógica entre simbólico e social. Portanto, na disputa pela identidade, há uma disputa ainda mais ampla, por outros recursos materiais e simbólicos (SILVA,2000). Essa disputa pode ser observada no caso dos guardiões de sementes crioulas, que de maneira geral, unem a essa identidade socialmente construída, a reivindicação pelo recurso sementes crioulas e pelos diversos símbolos relacionados a elas. Quando os agricultores assumem uma identidade, por vezes representada pela adição de adjetivos que os diferenciam de outros atores sociais, como por exemplo, agricultor agroecológico, agricultor orgânico, agricultor guardião, agricultor tradicional. Para Silva (2000) a identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica ou um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a diferença é concebida como uma entidade em oposição à identidade do outro. Assim, a diferença é aquilo que o outro é: “ele é latifundiário”, “ele é um agricultor veneneiro”. A identidade, a diferença são autoreferenciadas, como algo que remete a si própria. É fácil compreender, entretanto, que identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência (SILVA,2000).

Para Silva (2000, p. 75) “a forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação. Quando digo ‘sou brasileiro’ parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. ‘Sou brasileiro’ - ponto”. Entretanto, nós só fazemos esse tipo de afirmação porque existem outros seres humanos que não são brasileiros. No âmbito da agricultura é comum os atores sociais fazerem esse tipo de referência opositiva, que nada mais é que um sinal exemplificador da heterogeneidade no espaço rural. Silva (2000, p. 75) destaca que: “em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido”.

A afirmação “eu sou”, na verdade, é parte de uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade, de diferenças. Por trás da afirmação “sou agricultor orgânico” deve-se ler: “não sou agricultor convencional”, “não sou veneneiro”, “não uso agrotóxico”. Da mesma forma, afirmar “eu sou guardião de sementes crioulas” significa “não usar” diversos insumos agrícolas que colocam em risco a agrobiodiversidade. Significa sobretudo que “eu estou guardando” um recurso natural que outras pessoas não guardam,

desperdiçam e aniquilam. Por conseguinte, a expressão “sou agricultor tradicional” remete ao fazer parte de um grupo seletivo que mantém certas práticas sociais.

Admitamos: ficaria muito complicado pronunciar todas essas frases negativas cada vez que eu quisesse fazer uma declaração sobre minha identidade. A gramática nos permite a simplificação de simplesmente dizer “sou brasileiro”. Como ocorre em outros casos, a gramática ajuda, mas também esconde. Da mesma forma, as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade. Dizer que “ela é chinesa” significa dizer que “ela não é argentina”, “ela não é japonesa” etc., incluindo a afirmação de que “ela não é brasileira”, isto é, que ela não é o que eu sou. As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis (SILVA, 2000, p. 75).

Silva (2000) argumenta que, geralmente, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. No entanto, o autor explana que nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. Em outra linha de raciocínio, Silva (2000) desenvolve a noção de identidade e diferença como mutuamente determinadas. Ou seja, seria possível dizer que, contrariamente à primeira perspectiva, é a diferença que vem em primeiro lugar. Para isso seria preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como o próprio processo pelo qual tanto a identidade quanto a diferença, compreendida pelo autor como resultado, são produzidas (SILVA, 2000, p. 76). “Estaria a diferença, compreendida agora, como ato ou processo de diferenciação. É precisamente essa noção que está no centro da conceituação linguística de diferença” (SILVA, 2000, p. 76). Por assim dizer, além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Silva (2000, p.76) explica que ao “dizer que são o resultado de atos de criação significa dizer na verdade que não são “elementos” da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas”. Assim sendo, a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. São, portanto, criações derivadas das relações sociais e das negociações entre atores. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais a identidade e a diferença (SILVA, 2000, p. 76).

A identidade e diferença são o resultado de atos de criação linguística. Embora pareça uma obviedade tal constatação, é importante pontuar que comumente tendemos a torná-las como dadas, como “fatos da vida” e com frequência esquecemos que a identidade e a diferença têm que ser nomeadas. Sendo assim, é apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais. Por isso, quando falamos da identidade e da diferença como elementos que só têm sentido no interior de uma cadeia de diferenciação linguística (“ser isto” significa “não ser isto” e “não ser aquilo” e “não ser mais aquilo” e assim por diante). Em outras palavras, a língua não passa de um sistema de diferenças. Reencontramos, aqui, em contraste com a ideia de diferença como produto, a noção de diferença como a operação ou o processo básico de funcionamento da língua e, por extensão, de instituições culturais e sociais como a identidade, por exemplo (SILVA, 2000).

A identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Por isso as representações sociais são indispensáveis na análise de identidade e diferença. Dizer isso não significa, entretanto, dizer que elas são determinadas, de uma vez por todas, pelos sistemas discursivos e simbólicos que lhes dão definição. Ocorre que a linguagem, entendida aqui de forma mais geral como sistema de significação, é, ela própria, uma estrutura instável. É precisamente isso que teóricos pós-estruturalistas como Jacques Derrida vêm tentando dizer nos últimos anos. A linguagem vacila. Ou, nas palavras do linguista Edward Sapir (1921), todas as gramáticas vazam, em que os adjetivos, a semântica das palavras, expressam significados determinados socialmente. Um adjetivo pode transmitir algo positivo e bom, assim como um outro pode designar algo ruim, pejorativo. “Se quisermos retomar o exemplo da identidade e da diferença cultural, a declaração de identidade “sou brasileiro”, ou seja, a identidade brasileira, carrega, contém em si mesma, o traço do outro, da diferença – “não sou italiano”, “não sou chinês” etc” (SILVA, 2000, p. 77).

Portanto, nas palavras de Silva (2000, p. 77): “A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)”. É enfocando na identidade e na diferença que conseguimos nos aproximar das representações sociais que dão sentido às expressões como “eu sou um agricultor tradicional” e “eu não sou um agricultor moderno”. Daí decorre a percepção do tradicional e moderno em oposição, em que “ser tradicional” significa “não ser moderno”. Mas até que ponto podemos interpretar essa percepção como verdadeira e capaz de responder a problemática da conservação das Sementes da Paixão.

Novaes (1997) mostra em seu estudo etnográfico na Paraíba como acontece na

consciência e na vida concreta de seus informantes a apropriação de recursos simbólicos e ideológicos com os quais eles interpretam o seu lugar no mundo. A autora faz uma articulação entre três planos da realidade paraibana: o das relações sociais, o do simbólico e o histórico. Tratando assim, dos conflitos e enfrentamentos entre trabalhadores rurais e empresários latifundiários que são descritos e situados tanto no contexto mais global das transformações capitalistas no campo, quanto no nível das ações dos agentes locais. Além disso, seu foco de estudo voltou-se a construção das categorias com as quais os agentes sociais entram no conflito ou se posicionam no mundo. E, desse modo, percebem os conteúdos que estes mesmos agentes imprimem às categorias, assim como as ressemantizações que as categorias exógenas (camponês, latifúndio, Reforma Agrária, trabalhador rural, guardião de sementes crioulas) adquirem ao serem incorporadas no discurso e na prática local. Em sua investigação histórica, Novaes (1997), fórmula as questões que indagam a memória com o intuito de apreender continuidades e rupturas num processo de longa duração que se atualiza em conjunturas atuais.

O interessante no estudo de Novaes (1997) e expande a compreensão do atual cenário da Paraíba que estamos investigando, é que se certos acontecimentos do passado permanecem na memória seletiva dos trabalhadores rurais como um tempo de sujeição pessoal e de coerção social, é porque estes mesmos trabalhadores, no final dos anos 50 e 60, puderam experimentar uma outra forma de relação social, construída através de um processo complexo, envolvendo velhos e novos mediadores sociais. Dessa forma, através dos enfrentamentos que os trabalhadores rurais assumiram no campo das lutas políticas, onde ser camponês estava associado a dissipar o medo e enfrentar os conflitos, eles foram construindo e se apropriando de uma cidadania que passou a ser expressa nas gerações seguintes e que facilmente observamos no caso estudado.

4.4 PERSPECTIVA DA HIBRIDAÇÃO CULTURAL LATINO-AMERICANA

A noção de hibridação cultural desenvolvido por Néstor Garcia Canclini (1997), estudioso argentino, propõe, em sua obra “Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade”, uma reflexão sobre o fenômeno que ele denomina de “hibridação cultural” em países da América Latina. Neste estudo, Canclini (1997) enfoca na complexidade das relações que configuram as tradições que coexistem com a modernidade. Para o autor, a modernidade ainda não terminou de chegar aos países em desenvolvimento, como Brasil,

Argentina e México. Para tanto, Canclini (1997) busca compreender as contradições e os fracassos da modernização na América Latina. A principal indagação do autor é sobre quais são as estratégias para entrar e sair da modernidade. Ele coloca a questão deste modo, por considerar que na América Latina, as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar. Colocando desta forma, como fluxo de entrar e sair, Canclini (1997), apresenta uma nova perspectiva sobre o processo modernizante. Notadamente a principal contribuição do autor é sua reflexão sobre como a tradicional e o moderno se misturam. Nessa mistura, a identidade tradicional e moderna reage a tal fenômeno, coexistindo e dando luz à heterogeneidade. A prova maior que o tradicional perdura e coexiste com o moderno é o movimento de adjetivação da categoria agricultor. Nunca o “ser agricultor” recebeu tantas expressões adicionais e tantas qualidades. Vimos atualmente uma gama sem fim de expressões tais como agricultor familiar, agricultor orgânico, agricultor experimentador, agricultor agroecológico, esses e outros atores sociais estão justapostos numa categoria maior qual seja a de agricultor tradicional. Porém, essa justaposição não pode ser dada e aceita sem reflexão. Haja vista que muitas práticas sociais e organizativas desses agricultores estão imersas num cenário parcialmente moderno. Temos celulares à disposição, podemos consultar o relevo de uma propriedade via satélite, podemos sobrevoar nosso sítio com drones, podemos comprar sementes crioulas pela internet, podemos pegar um avião para realizar intercâmbio de conhecimento e de material genético. Mas então por que diversos atores sociais tentam negar o uso das tecnologias? Porque fere (ou assim parece ser) os agricultores o avanço tecnológico no espaço rural? As tecnologias não facilitaram a vida e a produção agrícola desses atores sociais?

Canclini (1997) indaga questões do nosso cotidiano, em que o tradicional e o moderno estão em contato, compondo uma paisagem social, artística, política etc. Ele traz para a discussão a promoção do artesanal, da restauração ou reaproveitamento do patrimônio histórico e cultural, na contemporaneidade. Para o autor, como devemos compreender o encontro do artesanato indígena com artefatos de arte moderna sobre o aparador da televisão? Como devemos interpretar uma cena cotidiana de um centro urbano, por exemplo, com barracas de venda de fones de ouvido e eletroeletrônicos ao lado da barraca de venda de ervas medicinais, cestos indígenas, produtos artesanais e sementes crioulas? É comum vermos agricultores em feiras fazendo uso de *GPS* no carro, usando aplicativos, fazendo postagem de fotografias dos produtos nas redes sociais, dentre outras tecnologias.

Para Canclini (1997), não podemos mais falar de tradicional e moderno separadamente. Não há tradicional “puro” e não há moderno “puro”, ambos são ramificações um do outro. É possível vê-los na “reestruturação” econômica e simbólica com que os migrantes do campo adaptam seus saberes para viver na cidade e seu artesanato para atrair o interesse dos consumidores urbanos; quando os operários reformulam sua cultura de trabalho frente às novas tecnologias de produção sem abandonar crenças antigas; e quando os movimentos populares inserem suas reivindicações na rádio ou televisão. Impossível fazer uma separação coerente do que de fato seja tradicional no espaço rural. Averiguar contextos, a partir da oposição de tradicional e moderno, não funciona. É necessário demolir essa concepção e averiguar sua hibridação ou mesclas interculturais. Pensar na hibridação requer dispensar a concepção da modernização latino-americana como força alheia e dominadora, que opera por substituição do tradicional e do típico. Deve-se ir além, a partir da noção de heterogeneidade multitemporal de cada região, ou nação (CANCLINI, 1997). Um olhar atento sobre os circuitos híbridos pode ajudar a entender por que existem culturas tradicionais e novas tecnologias, formas de produção artesanal e industrial. Canclini (1997) encontra na heterogeneidade uma das vias para compreender processos políticos e relações de poder e fala um pouco das razões pelas quais as camadas populares e as elites combinam democracia moderna com relações de poder bastante arcaicas. Em nossa sociedade é possível observar instituições liberais com hábitos autoritários, bem como movimentos sociais democráticos com regime paternalista e excludente, e as transações de uns com os outros. “Talvez se possa usar o texto como uma cidade, na qual se entra pelo caminho do culto, do popular ou do massivo. Dentro, tudo se mistura, cada capítulo remete aos outros, e então já não importa saber por qual acesso se entrou” (CANCLINI, 1997, p. 20).

Em relação a pesquisa sobre tradicional e moderno, Canclini explica da seguinte forma:

O antropólogo chega à cidade a pé, o sociólogo de carro e pela pista principal, o comunicólogo de avião. Cada um registra o que pode, constrói uma visão diferente e, portanto, parcial. Há uma quarta perspectiva, a do historiador, que não se adquire entrando, mas saindo da cidade, partindo de seu centro antigo em direção aos seus limites contemporâneos. Mas o centro da cidade atual já não está no passado (CANCLINI, 1997, p. 21).

Tanto os tradicionais quanto os modernizadores quiseram construir objetos puros. Os primeiros imaginaram culturas populares “autênticas”; procuraram preservá-las da industrialização, da massificação urbana e das influências estrangeiras. Os modernizadores

conceberam uma arte pela arte, um saber pelo saber, sem fronteiras territoriais, e confiaram à experimentação e à inovação autônomas e seus anseios de progresso. As ideologias modernizadoras, do liberalismo do século passado ao desenvolvimentismo, acentuaram essa “compartimentação” maniqueísta ao imaginar que a modernização acabaria com as formas de produção, as crenças e os bens tradicionais. No entanto, hoje existe uma visão mais ampla e complexa sobre a relação entre tradição e modernidade. Algo diferente aconteceu, que os estudiosos não supunham. Nunca houve tantos agricultores artesãos, tantos povos tradicionais acionando suas tradições (produtos e funções tradicionais). Isso é facilmente observado também no caso dos guardiões de sementes crioulas. Nunca estes atores sociais estiveram em tão evidência como hoje em dia. As tradições desenvolveram certas modernidades: atraem turistas, consumidores que encontram nos bens tradicionais signos de distinção ou diferenciação, referências personalizadas que os bens industriais não oferecem (CANCLINI, 1997). Buscamos nos bens tradicionais a autenticidade, algo que seja único, geralmente sem padrão preestabelecido, que nos despertem sentimentos por consumir algo especial, feito de forma minuciosa. O apelo ambiental está agregado nesses produtos, que em grande medida são menos impactantes e produzidos em pequenas escalas. No que tange os guardiões é importante citar o papel social que estes atores sociais desempenham ao salvar a agrobiodiversidade. Tal função está agregada às sementes crioulas e despertam o interesse dos consumidores que procuram produtos que são produzidos a partir da gestão responsável dos recursos naturais.

A modernização diminuiu o papel do culto e do popular tradicionais no conjunto do mercado simbólico, mas não os suprime. Uma primeira tarefa é levar em conta as discrepantes concepções da modernidade. Enquanto na arte, na arquitetura e na filosofia, as correntes pós-modernas são hegemônicas em muitos países, na economia e na política latino-americanas prevalecem os objetivos modernizadores. As últimas campanhas eleitorais e os discursos políticos que acompanham os planos de ajustes de reestruturação julgam prioritário que nossos países incorporem os avanços tecnológicos, modernizem a economia, superem as estruturas de poder e alianças informais, a corrupção e outros ranços pré-modernos (CANCLINI, 1997, p. 24). Fica evidente que a América Latina ainda está correndo atrás de superar questões que outros países já o fizeram a séculos.

Para que vamos nos preocupar com a pós-modernidade se, no nosso continente, os avanços modernos não chegaram de todo, nem a todos? Não tivemos uma industrialização sólida, nem uma tecnicização generalizada da produção agrícola

(CANCLINI, 1997). Dessa forma, a modernidade é vista como uma máscara. Guivant (2001) acrescenta que a sociedade industrial se apresenta para Beck (1992) como uma sociedade que não conseguiu ser plenamente moderna, mas tornou-se semimoderna, porque sempre teria combinado simultaneamente elementos de contramodernidade. Porém a contramodernidade não é definida como uma sombra da modernidade, sendo ambos processos autênticos. A ciência e a tecnologia, a educação, os meios de comunicação de massa e as práticas políticas teriam contribuído para o surgimento das tendências da contramodernidade (GUIVANT, 2001, p.99).

Façamos um paralelo com outra obra importante que discorre sobre a modernidade. A proposta principal do livro “Jamais Fomos Modernos” de Bruno Latour (1994) consiste na problematização do conceito de modernidade e a proposição de um novo olhar para a sociedade que chamamos de Moderna. Em sua obra, Latour (1994) narra diversos acontecimentos que podemos visualizar nas páginas dos jornais, ora sobre avanços inimagináveis no campo das ciências e das tecnologias, ora sobre as grandes catástrofes que derivam destes avanços. Diante deste cenário, o autor discorre a respeito da sobreposição de informações híbridas que trata, ao mesmo tempo, de economia, política, ciência, cultura, religião, entre outros. Latour põe em suspensão o conceito de modernidade e afirma que este se constitui de forma ambígua, pois tanto é um período em que a ordem é desejada, como também provoca a hibridização das coisas e dos sujeitos.

Na sociedade e na cultura mudou o que se entendia por modernidade. Abandonamos o evolucionismo que esperava a solução de problemas sociais pela simples secularização das práticas: é necessário passar, dizia-se nos 1960 e 1970, dos comportamentos prescritivos aos eletivos, da inércia de costumes rurais ou herdados a condutas próprias de sociedades urbanas, em que os objetivos e a organização coletiva seriam fixados de acordo com a racionalidade científica e tecnológica. Hoje recebemos a América Latina como uma articulação mais complexa de tradições e modernidades (diversas, desiguais), um continente heterogêneo, formado por países onde, em cada um, coexistem múltiplas lógicas de desenvolvimento (CANCLINI, 1997, p. 28). Herdamos recortes culturais de diferentes ancestrais, vindos dos mais diferentes países. Somos um caldo cultural que, assim como recebendo contribuições indígenas, tem sua fonte de cultura vinda principalmente da Europa e da África. E hoje, com o liquidificador da comunicação, vale tudo e nada consegue se manter puro, intocado.

Nessa linha, Canclini (1997), concebe a pós-modernidade não como uma etapa ou tendência que substituiria o mundo moderno, mas como uma maneira de problematizar os vínculos e equívocos que ele armou com as tradições que quis excluir ou superar para constituir-se. A confluência entre a perspectiva realista e a construtivista estaria no cerne da teoria da sociedade global de riscos. Da posição realista, Beck (1992) resgata o reconhecimento de que o conhecimento científico pode identificar e demonstrar que as consequências e os perigos da produção industrial desenvolvida “são”, agora, globais, exigindo políticas a serem formuladas por instituições transnacionais. Mas a perspectiva construtivista é chave para se poder responder a questões acerca de como, por exemplo, se produz a auto-evidência segundo a qual os riscos são reais, e sobre quais atores, instituições, estratégias e recursos são decisivos para sua fabricação (Beck, 1999: 24). Isto é, os riscos existem e não são meramente uma construção social, mas a sua transformação depende de como são percebidos socialmente (GUIVANT, 2001, p. 102).

Uma importante contribuição de Bruno Latour é a crítica que o autor faz ao esquema linear que configura o pensamento sobre a modernidade (LATOUR, 1994). Afinal, o que é modernidade então? Para Latour (1994), além da noção de etapa histórica, a modernidade se apresenta como um vetor, uma força. Implica um tipo de ilusão encarnada. Para o autor o “mundo moderno jamais existiu, no sentido que jamais funcionou de acordo com as regras de sua Constituição” (LATOUR, 1994 p. 44). Ao olhar o mundo na perspectiva de rede, notamos que as inovações ocidentais são importantes, mas não são encontradas em todo o globo, não foram desenvolvidas em todas as partes do nosso planeta. De certo, não houve uma ruptura radical com o tradicional, diversificou-se os arranjos e crenças antigas, bem como acelerações na circulação dos conhecimentos, numa espécie de extensão das sociedades (LATOUR, 1994).

Temos presente que neste tempo de disseminação pós-moderna e descentralização também crescem as formas mais concentradas de acumulação de poder e de centralização transnacional da cultura que a humanidade conheceu. O estudo das bases culturais heterogêneas e híbridas pode nos levar a entender um pouco mais sobre os caminhos oblíquos, cheios de transações, pelos quais essas forças atuam. Permite estudar os diversos sentidos da modernidade não apenas como simples divergência entre correntes, mas também como manifestação de conflitos não resolvidos (CANCLINI, 1997, p. 30). A hipótese mais reiterada na literatura sobre a modernidade latinoamericana pode ser resumida assim: tivemos um modernismo exuberante com uma modernização deficiente.

Fomos colonizados pelas nações europeias mais atrasadas, subestimados à Contra Reforma e a outros movimentos antimodernos, apenas com a independência pudemos iniciar a atualização de nossos países. Desde então, houve ondas de modernização. Uma modernização com expansão restrita do mercado, democratização para minorias, renovação das ideias, mas com baixa eficácia nos processos sociais (CANCLINI, 1997, p.67). Os desajustes entre modernismo e modernização são úteis às classes dominantes para preservar sua hegemonia, e às vezes para não ter que se preocupar em justificá-la, para ser simplesmente classes dominantes.

Canclini (1997) enfatiza que na América Latina houve uma modernidade sem modernização socioeconômica. Alguns historiadores consideram que os movimentos inovadores foram “transplantes”, “enxertos”, desvinculados da nossa realidade. Isso fica evidente quando tratamos a modernização da agricultura e os seus pacotes tecnológicos. Estes foram enxertados na agricultura familiar via assistência técnica, que por sua vez foi fruto do transplante educacional estadunidense. Por que nossos países realizam mal e tarde o modelo metropolitano de modernização? Somente pela dependência estrutural a que a deterioração dos termos do intercâmbio econômico nos condena, pelos interesses mesquinhos de classes dirigentes que resistem à modernização social e se vestem com o modernismo para dar elegância a seus privilégios? Em parte, o erro dessas interpretações surge de comparar nossa modernidade com a imagem otimizada de como esse processo aconteceu nos países centrais. É necessário rever, primeiro, se existem tantas diferenças entre a modernização europeia e a nossa. Depois, averiguaremos se a visão de uma modernidade latino-americana reprimida e postergada, realiza com dependência mecânica em relação às metrópoles, é tão verdadeira e tão pouco funcional como os estudos sobre nosso “atraso” costumam declarar (CANCLINI, 1997, p. 71).

Os países latino-americanos são, atualmente, resultado da sedimentação, justaposição e entrecruzamento de tradições indígenas, do hispanismo colonial católico e das ações políticas educativas e comunitárias modernas. Apesar das tentativas de dar à cultura de elite um perfil moderno, encarcerando o indígena e o colonial em setores populares, uma mestiçagem interclassista gerou formações híbridas (CANCLINI, 1997). A heterogeneidade multitemporal da modernidade é consequência de uma história na qual a modernização operou poucas vezes mediante a substituição do tradicional e do antigo.

4. 5 AGROECOLOGIA E CAMINHOS ALTERNATIVOS NA AGRICULTURA

Nas últimas décadas, temos visto uma proliferação de dinâmicas alternativas na agricultura e novas tendências alimentares que tem buscado repensar a produção, o consumo e o comércio de alimentos de forma mais inclusiva, economicamente justa e ambientalmente sustentável. Diante das consequências desastrosas da modernização da agricultura, a conservação da biodiversidade, a agrobiodiversidade e a Agroecologia manifestam-se como respostas ao cenário degradante nos âmbitos socioculturais e ambientais. Mais do que isso, são temas estreitamente conectados, quando falamos em estratégias e práticas de agriculturas e desenvolvimento rural sustentável.

Na década de 1980 e 1990, a conservação da biodiversidade desponta no cenário mundial, sendo rapidamente aceita pelos discursos sobre a preocupação com a situação ambiental do planeta. Passou a integrar as agendas de promoção da conservação ambiental em Fóruns internacionais, como a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, também conhecida como Eco-92. Dentro desse panorama o termo biodiversidade ficou vinculado à ideia de que os países do hemisfério sul são os maiores mantenedores da diversidade biológica, considerados como reservatórios de recursos genéticos de importância mundial (SANTOS, 2005).

Santos (2005) assevera que boa parte da biodiversidade do planeta existe em territórios dos povos e comunidades tradicionais. A diversidade de populações no mundo, que possuem conhecimentos sobre seus ecossistemas e sobre as características dos seres vivos que os integram, são fundamentais para a conservação da biodiversidade. Esses conhecimentos são indissociáveis à biodiversidade e imprescindíveis para construção de estratégias de conservação. O reconhecimento desses saberes vem suscitar novas interrogações sobre os locais onde a biodiversidade permanece abundantes e preservadas. Neste contexto, ressaltando a importância dos saberes e práticas dos diversos agricultores na conservação da biodiversidade, a agrobiodiversidade toma forma nas discussões que envolvem a diversidade biológica. O termo começa a ganhar maiores proporções durante a 5ª. Conferência das Partes da Convenção da Biodiversidade, realizada em Nairóbi no ano 2000. A agrobiodiversidade compreende os componentes da biodiversidade, possuindo relevância para a agricultura, para a alimentação e para segurança e soberania alimentar (SANTILLI, 2009).

A abrangência a que se refere o conceito de agrobiodiversidade engloba não somente as variedades de plantas cultivadas e de animais domesticados, mas também a diversidade de plantas e de animais semidomesticados e silvestres que são utilizados de forma direta e indireta na agricultura. Microrganismos usados na produção de alimentos e bebidas, os microrganismos decompositores e os que fixam nitrogênio no solo também integram a agrobiodiversidade. Dependemos da agrobiodiversidade para nossa alimentação, vestuário, moradia, saúde e bem-estar (SANTILLI; BUSTAMANTE; BARBIERI, 2015). O conceito de agrobiodiversidade, assim como de biodiversidade, agrega três níveis: diversidade entre espécies; diversidade dentro de espécies e diversidade de ecossistemas. Portanto, ela é resultado da interação de quatro níveis de complexidade: a) sistemas de cultivo; b) espécies, variedades e raças; c) diversidade humana; e d) diversidade cultural (MACHADO; SANTILLI; MAGALHÃES, 2008). Comumente, a agrobiodiversidade faz referência à grande variedade de espécies denominadas tradicionais, locais ou crioulas, utilizadas pelos agricultores familiares, quilombolas, indígenas e outros povos tradicionais (CUNHA, 2013; FAO, 1996; SANTILLI, 2009). De fato, as dimensões da agrobiodiversidade estão conectadas com as variedades locais/crioulas, mas não somente. Também se associam ao manejo do agroecossistema como um todo, incluindo as práticas, os saberes e os conhecimentos relacionados com o uso agrícola, medicinal, culinário e com festividades, cerimônias religiosas e outros.

Nesta perspectiva da agrobiodiversidade, podemos trazer a Agroecologia. Os primeiros trabalhos de Agroecologia demonstravam a inspiração para sustentabilidade na agricultura, obtida a partir da observação de povos indígenas e tradicionais que cultivavam, e muitos ainda cultivam, alta agrobiodiversidade que garantiam sua soberania alimentar. As múltiplas espécies e variedades manejadas e as conexões associadas aos agroecossistemas destes povos indígenas e tradicionais, revelavam que sementes, variedades, espécies, raças de animais, solo, água e ambiente estão em intensa inter-relação. Desta forma, os elementos locais fornecem as próprias bases para a sustentabilidade (ALTIERI, 2012; GLIESSMAN, 2008). Neste sentido, as sementes crioulas, variedades, e raças de animais, conservados e manejados por agricultores familiares e povos tradicionais são elementos-chave que a Agroecologia se inspira, apoia e promove. A partir daquelas, são produzidos sistemas agroflorestais, agrossilvipastoris e policultivos com ampla diversidade de espécies e variedades. Para muitos estes sistemas de cultivo são o ponto alto da Agroecologia.

No âmbito da Agroecologia, o debate sobre os guardiões da agrobiodiversidade e as estratégias de conservação e multiplicação de sementes crioulas convergem em processos e ações coletivas capazes de reforçar a sustentabilidade na agricultura. Estudos meramente focados nas consequências da modernização da agricultura nos modos de vida e produção dos agricultores, nos faz pensar que agricultores vivem situações de plena subordinação e são submetidos diariamente ao constrangimento. Entretanto, considerando as estratégias, organizações e práticas outras promovidas pelos agricultores, como as experiências dos guardiões da agrobiodiversidade e a eclosão de espaços de trocas de sementes e saberes, apontam que os atores rurais também respondem de formas distintas às intervenções externas e pressões do regime sociotécnico prevalente (LONG; PLOEG, 2011). Desta forma, uma abordagem teórica que possibilite o entendimento das dinâmicas internas dos guardiões de sementes crioulas é fundamental. Norman Long e colaboradores da Escola de Wageningen, na Holanda, articularam um conjunto de proposições para interpretar os processos de mudanças sociais com um olhar mais atento ao poder de agência dos atores. A Perspectiva Orientada ao Ator (POA), abordagem teórica elaborada neste contexto, é utilizada para analisar processos de mudança social e as respostas que os atores dão às situações estruturais que comumente estão presentes no espaço rural (LONG, 2001). Desta forma, o modelo de modernização, com uso de sementes melhoradas e transgênicas, agrotóxicos e, dentre outras tecnologias, foi bastante internalizado por muitos agricultores, mas também foi desconstruído e redesenhado por tantos outros (MARQUES, 2009).

Não é possível afirmar a ideia-chave de que a agricultura moderna se tornou hegemônica e atingiu a todos os agricultores no mundo de forma a alterar completamente seus modos de vida e de produção. Muito menos é possível alegar com veemência que a agricultura se homogeneizou. Alguns agricultores têm ativamente tomado distância daquilo que parece ser a diretriz dominante, como no caso de muitos dos guardiões de semente crioulas. Neste espectro, Marques (2009) nos apresenta a reflexão de que a modernização analisada “mais de perto” resultou também em diferenciações e diversidades. A existência de vasta diversidade de opiniões, anseios, modos de vida e de produção no espaço rural, demonstra que, em todo o mundo, agricultores e agricultoras são capazes de construir caminhos alternativos ao da agricultura convencional. Essas diversidades estão conectadas aos processos permanentes de desconstrução e construção de conhecimentos. Muitos agricultores resistem às investidas da modernização e criam formas de contornar desafios e

superar as limitações. Criam, portanto, rotas de saídas ou espaços de manobra para as situações de constrangimentos e imposições sociotécnicas. Segundo a POA, os atores sociais possuem aquilo que Giddens (1984) chama de poder de agência. Long (2007) acrescenta que a noção de agência atribui aos atores a capacidade de processar as experiências sociais e delinear formas de enfrentar os problemas cotidianos, mesmo em condições adversas e/ou extremas de coerção. Os agricultores são atores sociais dinâmicos e flexíveis que desempenham papéis ativos na construção de suas estratégias. São plenamente capazes de criar espaços de protagonismo e autonomia. Por assim dizer, criam espaços conforme seus interesses, de forma que possam se beneficiar e/ou se necessário impedir e/ou minimizar intervenções e pressões de grupos externos. Estas interações sociais acontecem no que Long (2007) denomina de arenas, definida como espaços onde acontece o encontro, as interações entre as diferentes práticas, valores, interesses, negociações e disputas.

O cenário emergente de valorização e conservação da agrobiodiversidade têm suscitado o aumento significativo de debates, associativismo, feiras de trocas de sementes crioulas e de produtos da sociobiodiversidade. As feiras livres e trocas de sementes crioulas, assim como as mobilizações e associações de agricultores e a produção para o autoconsumo, são estratégias que inovam e apoiam modelos de desenvolvimento rural sustentável, capazes de fortalecer os potenciais endógenos e a busca por autonomia e soberania alimentar (PLOEG, 2008). Para seguir produzindo, agricultores e outros atores estão criando espaços de autonomia, onde as regras e o aparato sociotécnico prevaiente podem ser ignorados (MARQUES; DAL SOGLIO; PLOEG, 2010). Nesses espaços, a autonomia não significa resistir ou apenas dizer não a uma tecnologia, o que já é contundente, mas sobretudo criar arenas em que a busca pela autonomia possa permear o direito à segurança e soberania alimentar e à agrobiodiversidade. Entre essas diferentes formas podemos encontrar lojas e produtos especializados, cooperativas de produção e de consumo, feiras livres, grupos organizados para fornecimento direto, entrega domiciliar de alimentos, hortas urbanas, entre outros (FEENSTRA, 1997; GOODMAN; GOODMAN, 2009; TREGGAR, 2011).

Para Niederle (2014), a construção dos espaços de trocas de sementes e conhecimentos, assim como as redes onde circulam produtos da sociobiodiversidade, se tornaram a expressão do que há de mais dinâmico em sistema alimentar voltado à sustentabilidade. Espaços onde, mais do que produtos, circulam alimentos, sementes,

artesanatos e conhecimentos que envolvem pessoas com diferentes repertórios culturais (NIEDERLE, 2015). Santilli, Bustamante e Barbieri (2015) apontam um interesse crescente pelo tema da agrobiodiversidade em diferentes níveis, evidenciado pelo aumento de feiras de troca de sementes e de produtos da sociobiodiversidade, de políticas públicas e de pesquisas relacionadas. Em diversos locais, a valorização das sementes crioulas tem impulsionado a transição agroecológica. Centenas de famílias se envolvem com a questão das sementes crioulas por diversas razões, a citar como exemplo, o interesse por biodiversificar seus agroecossistemas e se inserir em novos mercados. Iniciativas de resgate e mapeamento de sementes crioulas estão sendo incentivadas cada vez mais. A conservação e a ampliação do uso da diversidade de variedades locais dependem necessariamente da disponibilidade de sementes, e por isso, a função dos guardiões e as iniciativas de produção e trocas de sementes têm sido os componentes chaves das estratégias adotadas por programas e projetos de diversas instituições. As estratégias de produção comunitária de sementes, a distribuição entre os guardiões, a multiplicação das variedades e a estocagem em Bancos de Sementes Comunitários (BSC) são de suma importância para a conservação da agrobiodiversidade.

Mantendo suas sementes crioulas, associando-as a diversos outros temas de suas agendas políticas e de resistência, os guardiões seguem trocando experiências e conhecimentos. Estão se articulando em rede de guardiões de sementes crioulas e associados a outros atores, estes guardiões vão reforçando a ideia de que não é preciso abandonar suas agriculturas e as especificidades de seus modos de vida. Obviamente não se trata de escolhas ausentes de limitações e desafios, como por exemplo, a iminência de contaminação das sementes crioulas por transgênicos. Mas ressaltam elementos de sintonia em prol de agriculturas mais sustentáveis que permeiam a agrobiodiversidade e as dinâmicas socioculturais locais.

O debate a respeito dos temas correlatos à Agroecologia, como impactos ambientais, as mudanças climáticas e questões sobre segurança e soberania alimentar, estão em ascensão e pressionam cada vez mais o regime convencional da agricultura por mudanças. Nesta conjuntura, olhar para as novas representações e sentidos sociais produzidos pelos (as) guardiões (ãs) de sementes crioulas pode engendrar e potencializar profundas transformações rumo às agriculturas de base ecológicas. É neste cenário, que os guardiões emergem como atores centrais, na conservação e manutenção da agrobiodiversidade e na geração de novos saberes sobre os recursos naturais que

manejam. A recuperação e conservação do patrimônio genético e cultural das diversas populações rurais diz respeito à própria preservação da biodiversidade existente no planeta e a sua coevolução com sistemas agrícolas.

5 O SEMIÁRIDO PARAIBANO: ENCANTOS E RESISTÊNCIAS

O semiárido é exuberante e a Paraíba é pulsante. É no semiárido que o povo resiste, é no semiárido que a vida pulsa. Ouvi essa frase tantas e tantas vezes na Paraíba, que até hoje vibro fortemente ao compartilhá-la. Conheci um povo alegre, imbuído de suas canções, histórias de vida e poesias. Por isso, proponho-me a apresentar os encantos do semiárido antes de discorrer sobre as Sementes da Paixão. Faço isso com o intuito de lançar outro olhar sobre a região de estudo, seguindo a perspectiva que tende a analisar o contexto rural nordestino para além da questão da seca, enfocando na superação dos desafios a partir da noção de convivência com a semiaridez, proposta na Paraíba a partir dos anos de 1990. Essa proposta, em grande medida, vem sendo trabalhada por atores sociais ligados à Agroecologia e, trouxe inúmeras transformações sociotécnicas para o espaço rural paraibano. Para compreender essas e outras transformações me debrucei sobre a questão afetiva da conservação de sementes crioulas, partindo da premissa de que a resistência às transformações sociotécnicas prevalentes na agricultura moderna guarda íntima relação com as memórias afetivas, individuais e coletivas, que são acionadas ou reconstruídas pelos atores sociais para contar e reescrever suas histórias. Para tanto, busquei suporte em autores que trabalham a abordagem das memórias e identidades tradicionais, sobretudo como as memórias e identidades se moldam no tempo e assumem novos significados em contextos diversos. Vale mencionar que as entrevistas com os atores sociais foram sistematizadas e as principais respostas e representações sociais foram transcritas para o texto. Buscamos inspiração em Spink (2013) para construir o texto enriquecido com as falas dos entrevistados. Essas falas estão dispostas nos textos a seguir e podem ajudar o leitor a conceber melhor as bases discursivas e as principais linhas de pensamento desses atores.

A existência de políticas públicas no espaço rural está fortemente relacionada com a capacidade e o esforço de grupos de agricultores de constituírem em movimentos e assim, criar organizações para apresentar demandas, adquirir legitimidade e incidir sobre a agenda pública (SILIPRANDI; CINTRÃO, 2015). A agricultura familiar da Paraíba, exitosamente, sempre se constituiu em movimentos e organizações sociais como já descrevemos anteriormente. Homens e mulheres notáveis e imbuídos de resistência e resiliência tiveram suas vidas ceifadas no campo paraibano e outros tantos ainda resistem em meio a sérios entraves com o agronegócio.

A primeira constatação feita à campo foi de que a luta camponesa nunca é esquecida nessa região, mas sim lembrada e ressignificada cada vez que é recontada pelos agricultores. Nesse nordeste encantador, a história oral é pungente e ao adentrar no seu espaço rural foi possível de imediato notar que resistência, luta e agricultura andam juntas na Paraíba, se entrelaçam. Quase todas as conversas com os agricultores começaram com eles contando sobre algum fato histórico, sobre seus líderes e representantes políticos. Conversas que se deram repletas de sentimentos, orgulhos, pesares e promessas de continuar recontando as histórias de pessoas que lutaram e fizeram a diferença. Entremeio às falas, ênfases foram dadas e, os agricultores ressaltaram diversas vezes que ninguém deve se esquecer que a Paraíba foi palco das principais lutas camponesas do Brasil.

As conversas durante as entrevistas foram ricas em detalhes e, por alguma razão, todos os agricultores se esforçaram em traçar um painel comparativo de antigamente com os dias de hoje. Quantas mudanças foram enumeradas por eles, quantas transformações e melhorias ocorreram no espaço rural nas últimas décadas: mudanças sociais, ambientais e políticas. No entanto, ainda há uma lista interminável de mudanças que ainda são necessárias e fundamentais para o desenvolvimento rural. Foi interessante perceber o quanto os agricultores familiares da Paraíba são capazes de fazer balanços analíticos temporais, bem como, projeções futuras nas quais vislumbram a realização de demandas do presente. Tudo isso, emana de falas politizadas e com vozes que deixam escapar em suas entonações, a reivindicação de direitos.

As mulheres sempre participaram dos movimentos, junto a outros atores sociais. Mas atualmente, as organizações de mulheres se sobressaem e ganham legitimidade na Paraíba. As principais mudanças na agricultura familiar da região de estudo se devem às mulheres que não medem esforços para visibilizar novas relações com o Estado. As agricultoras do Polo da Borborema são proponentes de novas reflexões e ações a despeito das relações de poder na agricultura e se colocam como interlocutoras de novas políticas públicas para a agricultura familiar, notadamente, políticas que sejam mais abrangentes e consigam dar conta de diversas dimensões do rural. São elas que enfatizam, via organizações, a busca por direitos fundamentais no espaço rural, direito à educação do campo, moradia e alimentos orgânicos, direito à agrobiodiversidade e a melhores condições de trabalho. Mas, ao que parece, a principal bandeira de luta das organizações de mulheres

nesse espaço rural é a luta pela igualdade entre homens e mulheres e o fim da violência doméstica.

Para Siliprandi e Cintrão (2015), prevalece no espaço rural uma visão patriarcal de que o homem deve ser o principal interlocutor com o Estado. Via de regra as políticas públicas para a agricultura familiar sempre priorizaram a produção e o reconhecimento de que o chefe da família é seu porta voz e sujeito de direito. Dessa forma, as mulheres rurais eram excluídas das negociações, reuniões e tomadas de decisões e com isso assuntos relevantes para as próprias famílias ficavam relegados à planos inferiores de discussão e ação. Essa conjuntura revela o quanto as mulheres ainda não eram reconhecidas como produtoras rurais e detentoras de conhecimentos imprescindíveis a produção agrícola (SILIPRANDI; CINTRÃO, 2015). No entanto, na Paraíba, as coisas têm sido diferentes. As mulheres tensionam a direção das políticas públicas e se posicionam como legítimas interlocutoras com o Estado, por isso, não é raro nessa região ter mulheres em lideranças políticas, frentes de sindicatos e comunidades rurais. Esse contexto revela que o movimento de mulheres no Nordeste segue uma evolução que está acontecendo em nível global, tanto na forma de organização como no seu aparecimento público. Siliprandi e Cintrão (2015), enfatizam que houve nas últimas décadas uma multiplicação de movimentos e identidades sociais no espaço rural. Na Paraíba, isso também está ocorrendo, o movimento de mulheres está em ascensão e novas identidades estão sendo construídas, a exemplo a identidade de mulheres guardiãs da agrobiodiversidade.

Não menos importante, as mulheres colocam em cena a questão da juventude rural e da preocupação com o futuro de seus filhos, para que tenham condições favoráveis de permanecerem no campo. A sucessão hereditária é hoje uma grande preocupação do desenvolvimento rural. No Polo da Borborema as famílias agricultoras estão a fortalecer a participação da juventude rural nos espaços sociais e nos órgãos diretivos e em instâncias de negociação com o governo. A juventude é convocada a participar efetivamente das frentes de trabalho, sobretudo da conservação das sementes crioulas e das novas formas de comunicação e construção do conhecimento no rural.

A semente crioula e a água são recursos de interesses comuns. Atores sociais, sejam homens ou mulheres, idosos ou jovens, depositam nesses recursos a sobrevivência no semiárido. A conservação de semente e da água unem pessoas distintas em ações coletivas. Esses múltiplos atores se posicionam na arena de conservação de sementes crioulas conforme seus interesses. Dessa forma, tensionam os grupos que estão inseridos e

interferem nas respostas a problemas coletivos e individuais. Espaços como esse em que diferentes atores têm poder de fala e opinião, conflitos e relações de poder se afloram e ficam evidentes. Durante as reuniões, os agricultores familiares, jovens, lideranças e instituições sociais se fazem ouvir, todos falam, todos podem opinar. No entanto, nem todos concordam e nem todos aceitam as decisões majoritárias, e isso gera insistência e tensões. Temas e demandas entram em pauta nessas reuniões, algumas demandas são mais difíceis de serem tratadas e requerem introdução conceitual, apresentação geral e discussão. Depois de ampla compreensão dos participantes, as decisões são votadas e inicia-se os processos de organização grupais de execução. Ao acompanhar algumas dessas reuniões, notamos o quanto o espaço social de conservação das Sementes da Paixão é formado por pessoas com distintos interesses e graus de atuação.

Como já comentamos anteriormente, desde o período colonial a região do agreste é palco das lutas camponesas, sendo esta uma das mais efetivas formas de resistência no espaço rural. Os sistemas familiares no agreste e no Cariri, embora apresentem diferenças significativas entre si, tradicionalmente são compostos pela combinação de atividades agrícolas, pecuárias, extrativistas e artesanais (SILVEIRA *et al.*, 2007). Partindo da premissa da resistência no espaço rural, foi possível encarar a pesquisa com mais desprendimento para compreender as manifestações dos agricultores familiares da região. A luta e a resistência são “cartas de apresentação” de muitos atores sociais dessa região. Quase sempre as conversas trocadas com os agricultores se iniciaram com suas histórias em passeatas, caminhadas políticas, vigílias, acampamentos de reforma agrária e outras manifestações políticas e sociais. O interessante é que a maioria dos agricultores entrevistados são adeptos de caravanas e já percorreram diversos estados brasileiros em comícios. Isso é inusitado e uma realidade bastante diferente de outros locais. Em São Paulo, por exemplo, muitos agricultores em idade semelhante à da maioria dos guardiões, nasceram em seus bairros rurais e conhecem apenas a capital ou poucas cidades do interior paulista.

Não foi diferente na Festa Estadual das Sementes da Paixão. O final do evento foi marcado por uma grande passeata em que as famílias guardiãs saíram às ruas hasteando seus estandartes, marcando o posicionamento político reivindicatório.

Figura 17 - Passeata dos guardiões de Sementes da Paixão em Boqueirão-PB



Fonte: Acervo da Autora (2017)

Foi possível constatar o quanto os atores sociais gostam de falar da resistência de seu povo e da persistência em continuar no espaço rural. “A gente é um povo forte e cheio de querência, aqui ninguém se entrega” (Guardião de Solânea). Nos chama a atenção o envolvimento dos agricultores com a cultura de protesto e de reivindicação. A partir disso, foi possível notar que esses atores sociais são proativos e transparecem um senso de responsabilidade coletiva e se unem para realizar proposições e para a resolução de seus desafios, um costume que pode ter origem nos sindicatos rurais da Paraíba. É importante citar que os agricultores do agreste possuem conhecimento de causa, ou seja, é um povo com competência e sabedoria acumulada, são agricultores cientes das desigualdades sociais que foram relegados e, politizados que são, conseguem criar rotas de superação, caminhos em contramão e experiências exitosas. Sendo assim, são sujeitos habilitados para discutir, debater, abordar e argumentar sobre diversas temáticas que envolvem agricultura e desenvolvimento rural. A noção de agregar para conquistar é notável nos agricultores que citaram diversas vezes durante as entrevistas a importância que tem para eles a união de grupos e o trabalho em rede. Sobre as caravanas e passeatas o Guardião de Remígio conta a despeito: “Aqui a gente desde novo segue as caravanas, já fomos pra Brasília, já acampamos na esplanada, já se unimos com os irmãos de luta em muitos lugares. Oxi, ninguém se cala por aqui mais não, a gente tem nossa voz alta, visse”.

O engajamento político é expressivo entre as mulheres. As mulheres guardiãs do Polo da Borborema, enfatizaram a importância das reuniões, dos trabalhos coletivos e das assembleias que costumam acontecer periodicamente. No entanto, um evento em especial foi bastante enfatizado por elas: a Marcha das Margaridas. As mulheres guardiãs fizeram questão de citar que se organizam para ir a cada nova edição da Marcha das Margaridas. “É importante para todas nós. Indo na Marcha, conseguimos formar uma rede que não foi criada só pra gente ir à Marcha não, ela foi criada pra ouvir nossas irmãs, é pra ajudar toda mulher, a vizinha que apanha do companheiro e sofria sozinha, mulher desempregada, a filha que foi assediada. É para gente fazer coro, entoar nossa força e ser ouvida” (Guardiã de Lagoa Seca).

Desde o ano 2000, a cada quatro anos, camponesas de todos os estados marcham inspiradas pela história de Margarida Maria Alves, líder sindical assassinada em agosto de 1983 em Alagoa Grande, na Paraíba, por defender os direitos de trabalhadoras e trabalhadores rurais. Inúmeras mulheres relataram, durante as entrevistas, as mudanças ocorridas na região depois das sucessivas idas às Marcha. “A gente volta de lá com empatia, com sororidade nos atos” (Guardiã de Remígio).

A Marcha vem se construindo como a maior e mais efetiva ação de luta das mulheres do campo, da floresta e das águas, contra a exploração, a dominação e todas as formas de violência e em favor de igualdade, autonomia e liberdade. A Marcha das Margaridas é a maior manifestação de mulheres da América Latina e leva à capital federal propostas e demandas de grupos diversos de mulheres. É uma potência, graças a milhões de margaridas que se articulam e colocam em debate temas ímpares ao desenvolvimento social no campo. No âmbito da Agroecologia cresce o movimento de mulheres, juntas, essas mulheres se posicionam contra o patriarcado e formas de opressão no espaço rural e ocupam o espaço de direito na agricultura familiar. Para a Articulação Nacional de Agroecologia (2019), a frente das mulheres é diversa, são mulheres da agricultura, mulheres camponesas e indígenas academia, líderes militantes do feminismo mundial. Isso possibilita a troca entre teoria e práxis social tão necessária para a construção coletiva do conhecimento e de ações. O Brasil tem um movimento agroecológico forte que se destaca pela presença de mulheres que tornaram a Agroecologia não apenas uma luta contra o modelo depredador dos bens comuns do agronegócio, mas também contra o patriarcado no campo. Atualmente há uma expressão sendo usada na agroecologia que é “Sem Feminismo Não Há Agroecologia” (ANA, 2019).

Figura 18 - Professor e estudantes da UEPB durante a Festa das Sementes da Paixão expondo faixa “sem feminismo não há Agroecologia”



Fonte: Acervo da Autora (2017).

Foi possível notar que os atores sociais envolvidos com a conservação das Sementes da Paixão estão a par do debate sobre as mulheres e Agroecologia. As mulheres estão inseridas em espaços sociais diversos e incentivam projetos que objetivam empoderamento e igualdade de gênero, saúde coletiva, educação e desenvolvimento sustentável. Durante as entrevistas as mulheres guardiãs falaram sobre “ser o liame vivo” da agricultura e fizeram menção aos seus papéis na agricultura do semiárido, principalmente sobre seus papéis de guardiãs das histórias alimentares atreladas às sementes crioulas, histórias que perpassam o universo das dificuldades alimentares no semiárido, mas nem por isso menos afetiva. São histórias de sementes, comida e alimentação afetiva que facilmente foram resgatadas quando a Agroecologia se espalhou pelo Nordeste e trouxe à tona a questão da segurança e soberania alimentar e nutricional. O desejo primeiro dessas mulheres é a alimentação para seus familiares. As guardiãs contaram sobre a fartura trazida pela Agroecologia e pelos esforços dos guardiões que decidiram cultivar sem veneno. A maioria delas disseram que conheciam as sementes crioulas que plantam hoje. “Essas sementes não eram estranhas pro nosso povo, de criança nosso painho tinha, nossa mãeinha cozinhava com elas. Depois ficamos sem vê-las por aí e a Agroecologia lembrou a gente do quanto era bom o feijão macassar, o milho de pipoca e o Jabotão” (Guardiã do Cariri).

As guardiãs frisaram que o resgate de tradição não diz respeito apenas às sementes crioulas, relataram o quanto os agricultores familiares da região estão resgatando variedades de galinhas, codornas, cabras e muares. “A gente está voltando a criar galinha caipira, galinha de capoeira que esterçam o quintal da gente e em troca são alimentadas com fartura, sinal que estamos produzindo é bem” (Guardiã de Queimadas). Outra guardiã complementou dizendo que: “A semente foi o despertar da gente, agora queremos salvar outras coisas que estavam se perdendo, a renda, a culinária, as receitas centenárias, o artesanato de barro e a alegria que nosso povo sempre teve” (Guardiã do Alto Sertão).

Durante as conversas, a questão do papel da mulher na agroecologia foi levantada diversas vezes, um papel que elas mesmas reconhecem como sendo crucial. Uma das guardiãs definiu com uma expressão interessante esse papel, dizendo que as mulheres são o “liame vivo” da agricultura. A palavra liame significa: tudo o que prende, une ou liga; ligação; vínculo. Ou seja, tudo aquilo cujo propósito é ligar. A mulher é esse liame que une a memória afetiva, as heranças da agricultura tradicional com os elementos da contemporaneidade. Esse liame acontece quando elas ajudam a tecer suas histórias e compartilham lembranças, experiências, imaginário, conhecimentos. Foi possível perceber que muitas informações sobre as sementes resgatadas partiram das mulheres. “Se a gente fosse te contar toda história que tem nas sementes daqui, era vivência que não acaba mais, entende? Foi triste por demais os tempos que a gente não tinha o que plantar no roçado. Mas fia, ainda bem que coisa boa a gente se alembra’ (Guardiã do Cariri). Essa guardiã se refere como “coisa boa que a gente se “alembra” as sementes que foram resgatadas e que fazem parte da memória coletiva dos agricultores familiares da Paraíba. As memórias afetivas sobre agricultura, culinária, em especial sobre as sementes são individuais e coletivas, como já mencionamos anteriormente. Porém vale ressaltar que essas memórias foram acionadas e ajudaram a reconstruir a realidade dos guardiões de Sementes da Paixão. Dessa forma, podemos dizer que é nítido que as memórias afetivas dos atores sociais ajudam a contar e recontar histórias, conhecimentos e saberes e, ajudam sobretudo a reescrever e dar sentido social aos contextos.

Durante o simpósio brasileiro de etnoecologia e etnobiologia na Bahia, em 2016, uma fotógrafa e escritora, Lêda Marques, disse que nós só conhecemos verdadeiramente a essência de uma pessoa quando somos convidados a adentrar em sua casa, quando “proseamos” sobre comida e receitas. Essa autora publicou em 2012 a obra: “Lembranceiras, Imaginário e Realidade” que discorre sobre as cozinhas afetivas do povo

nordestino. A percepção de lêda me tocou profundamente, e carreguei comigo essa afeição por detalhes minuciosos do cotidiano que embelezam a vida dos agricultores. Fui para a Paraíba com a intenção de observar e registrar esses pequenos detalhes, começando pela paisagem e depois com os encantamentos do cotidiano dos guardiões de Sementes da Paixão. Destes encantamentos, ressalto alguns que ficaram registrados nos meus cadernos de campo: o esmero das mulheres com a casa e com os elementos que a compõe, as panelas sobrepostas nas paredes das cozinhas, as luzes “brincando” com a fumaça do fogão a lenha, a água fresca da moringa de barro, as flores de tecidos compondo os altares religiosos, os lenços de adorno nos cabelos, o guardanapo quarando no varal, as janelas emoldurando feições, as sementes crioulas na bacia de alumínio secando ao sol, a renda sobre a mesa, o queijo coalho e a rapadura pra servir às visitas.

As mulheres guardiãs de Sementes da Paixão tem bravura nos olhos, garra nas mãos e doçura no sorriso. Não poderia descrever de outra forma o semblante profundo dessas guerreiras, guardiãs de memórias e que certamente são o liame vivo da agricultura. “A gente não se cansa de se reunir e inventar projetos, hoje em dia temos ânimo, trabalhamos no roçado da gente e saímos de casa para tocar projeto, temos nosso papel demarcado agora. Meus queijos de cabra são reconhecidos e ganharam prêmio, até em programa de televisão famoso eu já participei” (Guardiã de Boqueirão). Com melhores condições de vida, as mulheres guardiãs têm alcançado protagonismo como nunca. “As meninas da gente agora estudam igual menino, aqui na comunidade têm bastante estudando curso técnico. Antigamente o povo só queria formar fio doutô e menina ficava sendo prendada. Fia da gente agora pega motocicleta e vai pra escola e volta cheia de ideia pra empreender” (Guardiã de Areia). As guardiãs pontuaram as mudanças e os avanços, mas também enfatizaram que o caminho ainda é longo e muitas outras mudanças precisam acontecer.

É importante citar que as guardiãs que colaboraram com esta pesquisa são guardiãs de diversas ervas medicinais, plantas ornamentais, variedades frutíferas, hortaliças e elementos artesanais e criativos e preservam essas variedades ao mesmo tempo que preservam os conhecimentos medicinais e as práticas aplicadas sobre elas. Muitas guardiãs anciãs são raízeiras, benzedeiras, curandeiras e parteiras. Essas mulheres preservam conhecimentos sobre simpatias e crenças religiosas e remédios caseiros, que no imaginário popular, sempre ajudaram a salvar a vida no semiárido. Atualmente, no Nordeste tem havido muitos encontros e esforços para reconhecer e proteger as tradições das raízeiras. Compõe

a esse conhecimento tradicional o conhecimento sobre as maneiras de se cultivar determinadas plantas, as propriedades medicinais das plantas que cultivam, as receitas culinárias, as receitas de remédios caseiros (como as garrafadas), o conhecimento sobre artesanatos ligados a essas plantas e à memória familiar. “A gente herdou isso, de pequena mãinha já escolheu. Aprendi a fazer raizada, chá, garrafada. Sei benze com conta de rosário, guardo água benta até guizo de serpente aqui têm” (Guardiã do Cariri). A religiosidade é bastante forte no Nordeste e há um sincretismo religioso que mescla elementos cristãos com elementos de outras religiões, notadamente afro. As sementes crioulas permeiam essa religiosidade, não é à toa que as primeiras iniciativas de resgate das variedades partiram da igreja católica, que usou o viés solidário para incentivar a formação de grupos. A igreja por sua vez teve um papel importante ao ceder seu espaço físico para reunir os agricultores e com isso criar os grupos de trabalho e ações. Depois as comunidades tomaram frente das ações e a igreja passou a ter um papel mais secundário. No entanto, ainda é comum as missas para o benzer as sementes crioulas.

Na Paraíba diversas mulheres agricultoras e artesãs escrevem suas histórias através de bordados, rendas e outros artesanatos manuais. Um exemplo são os estandartes usados nos encontros dos guardiões de sementes crioulas. Esses estandartes são feitos em tecido e customizados com contas, flores, bordados, sementes.

Outro ponto importante que foi levantado pelas guardiãs diz respeito a chegada da Agroecologia e o que mudou depois disso. “Com a chegada da Agroecologia, pouco a pouco a nossa gente foi se unindo para fazer a diferença, pra acontecer a mudança. Ninguém mais queria mexer com veneno e trabalhar de escravo pra patrão. Antes a gente ficava doente e faltava de tudo. Quando os sindicatos foram pro lado da Agroecologia, eles vieram falando que a gente podia plantar roçado sem veneno e que ia ter semente. A gente comemorou foi muito, a gente sonhava em ter roçado bom” (Guardiã de Lagoa Seca). A possibilidade, trazida pela Agroecologia, de se produzir alimentos sem veneno foi citada muitas vezes pelos guardiões de Sementes da Paixão.

As mulheres relataram alguns dos principais sonhos que elas tinham antes da chegada da Agroecologia na região e, enfatizaram quatro eixos: Terra, água, semente e autonomia. A maioria das falas se referem a questão de “viver da terra de maneira digna”, ou seja, sonhavam em ter roçado, em ter água para beber e plantar, em recursos financeiros para adquirir sementes e falaram sobre a possibilidade de tê-las todo ano para plantar. Pontuaram o sonho de ter uma agricultura sem patrão, principalmente em ter autonomia e

liberdade para escolher o que plantar e comer. Um elemento importante que foi enfatizado, diversas vezes, pelos guardiões foi sobre a relação existente entre agricultura embasada em sementes comerciais e agrotóxicos com a servidão e o patronato. Para os guardiões a agricultura convencional é sinônimo de agricultura de patrão e exploração de mão de obra. A história da exploração da agricultura familiar no agreste explica em grande parte a repulsa que os agricultores envolvidos com a Agroecologia têm com o agronegócio e consequentemente com as tecnologias modernas de produção agrícola.

As guardiãs e os guardiões enumeraram diversos avanços na agricultura familiar com a presença da Agroecologia na região. Os principais aspectos estão relacionados as melhores condições de vida e de reprodução social da agricultura familiar. Dentre os aspectos mais citados estão o trabalho digno, espaços que foram abertos para a comercialização, em especial as feiras agroecológicas e o acesso às políticas públicas de fomento e reconhecimento das sementes crioulas e de seus guardiões. Ficou evidente que a conservação de sementes crioulas abrange mais do que guardar e multiplicar sementes, ela está engendrada em outro modelo de agricultura e reprodução social. Por essa razão outros elementos estão em voga, indissociando os modos de vida, dos modos de produção. Daí a valorização acentuada nesse processo, da sustentabilidade, dos costumes, tradições, conhecimentos populares e saberes transgeracionais, sendo, pois, um movimento atual que integra assuntos da contemporaneidade na agricultura tradicional, tais como o papel da mulher e juventude, protagonismo social, liberdade e agência social.

5.1 ENTRE COMBATE À SECA E A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

A maioria dos diagnósticos e proposições sobre o semiárido brasileiro tem como referência imagens historicamente construídas sobre um espaço-problema, com terra das secas e miséria extrema (SILVA, 2003). Na década de 1980, surgem olhares críticos sobre as causas estruturais e consequências da miséria no Nordeste, trazendo à tona as propostas e ações para convivência com o semiárido. Silvia (2003) enfatiza que tanto o combate à seca quanto a convivência com o semiárido estão vinculados a visões de mundo que orientam e influenciam a formulação e execução de políticas públicas no semiárido.

As políticas de combate à seca ajudaram a construir no imaginário popular uma falsa ideia sobre a região nordeste: como um lugar apenas de terras secas, rachadas, sem vida, onde são encontradas carcaças de animais mortos, crianças subnutridas, uma

agricultura improdutiva e um ambiente povoado por pessoas tristes, miseráveis e sofridas. Os meios de comunicação e arte contribuíram para a disseminação desse pensamento, pois, passaram a priorizar, a partir do final do século XIX, apenas as notícias, fotografias, artes e fatos relacionados à seca e miséria (ASA, 2016). Para Silva (2003) essas imagens são fruto de julgamentos superficiais sobre a realidade do semiárido e resultado dos interesses políticos locais que explicavam a miséria, a fome como produtos de condições naturais adversas, do clima, da terra e da formação de sua gente. O autor cita algumas obras literárias que ajudaram desconstruíram a visão rasa sobre o semiárido. A Geografia da Fome de Josué de Castro denunciou que a seca foi feita vilã do drama nordestino, acobertando as formas dominantes da exploração e a concentração fundiária (SILVA, 2003).

Sem dúvida a seca é uma das causas das dificuldades no semiárido. Porém, não podemos nos embasar nesse fenômeno para explicar as diversas contradições sociais da região. A cultura da resistência permeia o espaço rural do semiárido e discorrer sobre esta região, exige antes de tudo, responsabilidade no descortinar dos mundos sociais que a compõe. Propomos apresentar um contraponto a esse imaginário popular relacionado à seca. Consideramos a necessidade de se ter cautela e uma visão crítica sobre essa região e seus povos, para então desconstruir o imaginário popular sobre a seca, pobreza e a fome e a relação destas com a agricultura e desenvolvimento rural.

O que na verdade é resultado do descaso político, da falta de infraestrutura hídrica e produtiva, virou apenas a falta de água. Em outras palavras, o que era ausência do Estado enquanto provedor de políticas públicas, passou a ser incapacidade de seu povo em inovar e criar alternativas de conviver com as condições de semiaridez da região (ASA, 2016). Segundo Duque (2015), a opção do Estado foi a favor de um modelo de desenvolvimento que privilegia os interesses do agronegócio, em detrimento da sustentabilidade e inclusão social. Diversos estudiosos apontam que os desafios para o desenvolvimento rural nesta região não se concentram, exclusivamente, nas suas características edafoclimáticas. As políticas públicas destinadas a essa região foram predominantemente baseadas nos princípios da Revolução Verde, com incentivo ao agronegócio e engendrada pelo assistencialismo. Para Duque (2015), o semiárido foi ocupado por grandes fazendas de gado, e a agricultura começou a se desenvolver à sombra dos latifúndios. Sendo assim, o problema principal do semiárido é de ordem sociopolítica. Durante muitos anos e, em alguns casos, ainda nos dias de hoje, as políticas oficiais destinadas à região semiárida brasileira foram aquelas denominadas de “combate à

seca”. Essas iniciativas foram marcadas por conflitos e contradições, notadamente pelo favorecimento de uns em detrimento de outros, acentuando disparidades sociais (ASA, 2016).

No que se refere ao clima da região, não é a escassez de chuvas o principal problema, mas sua extrema irregularidade (DUQUE, 2015). É comum, nessa região, secas cíclicas, que ocorrem aproximadamente de cinco em cinco anos. A preocupação com a preparação dos agricultores e das populações rurais para o enfrentamento das adversidades climáticas nunca foi prioridade das políticas públicas até os anos 2000. Estas sempre foram destinadas à resolução pontual da seca com abastecimento de água via caminhões-pipa ou armazenamento de água em condições insalubres.

Enfrentar a seca não significa apenas trazer água de mananciais para os agricultores, mas sim incentivá-los a produzir água em seus agroecossistemas. Como produzir água num bioma semiárido? Segundo o Instituto Nacional do Semiárido - INSA (2012), a preservação da caatinga e o manejo adequado da agricultura e pecuária podem trazer diversos benefícios, inclusive reestabelecer mananciais perdidos com a expansão da agricultura convencional e do desmatamento contínuo, bem como diminuir o uso deste recurso natural, mantendo a vegetação nativa e a umidade do solo. Para o INSA (2012), somam ao fenômeno da seca dois agravantes no Nordeste: a erosão do solo. No semiárido brasileiro a degradação do solo é um dos principais limitantes para a segurança e soberania alimentar. Na região, em geral, a perda da capacidade produtiva do solo quase sempre começa com o desmatamento e a substituição da vegetação nativa por monoculturas e pecuária. O descobrimento do solo favorece o processo de erosão e perda de água. O cultivo contínuo, com a retirada dos produtos, ano após ano, e sem reposição dos nutrientes leva a perda da fertilidade. Nas áreas irrigadas, o uso de água com teores elevados de sais ou mau manejo de irrigação e a ausência de drenagem geram a salinização dos solos.

A criação extensiva de cabras, ovelhas, gado e muares provocam a destruição dos estoques naturais de sementes da Caatinga. Como na Caatinga os frutos amadurecem ao fim da época das chuvas, durante o período de estiagem, se acumulam no solo, aguardando a oportunidade para reconstruir a vegetação adormecida (INSA, 2012). Porém, a criação extensiva com uma elevada carga de animais por área e combinada com as queimadas vem destruindo, ao longo dos anos, esse potencial de restauração das pastagens naturais, arbustivas e arbóreas da região. A surpreendente mobilidade labial desenvolvida pelas cabras, ovelhas e bois, faz com que elas colham todos os frutos

pendentes nos ramos das árvores e apanhem quase todos os frutos que se encontram no solo, em uma verdadeira operação de raspagem, na qual não escapam sequer as pequenas sementes das gramíneas, sobrando muito pouco para a recomposição da flora nativa (INSA, 2012). Dessa forma, a pecuária instaura um deserto no Nordeste, impedindo a reprodução natural da vegetação. A ecologia e paisagem local vem sendo destruída e substituída a década pela pecuária e agricultura de monocultura. Para complicar a situação, as sementes que escapam dos animais são destruídas pelas queimadas durante o preparo do solo para a implantação das pastagens cultivadas e lavouras.

Figura 19 - Cercado para a criação animal



Fonte: Acervo da Autora (2017)

Segundo dados estatísticos o estoque animal no semiárido é hoje três vezes superior a capacidade de suporte do ecossistema (INSA, 2012). Estima-se que na região exista um estoque de 28,2 milhões animais (cabras, ovelhas e bois) para 22,5 milhões de pessoas, ou seja, 1,25 animal por pessoa, para uma disponibilidade de 21,4 milhões de hectares. Nessas condições, dada a variabilidade climática, a demanda permanente de alimentos e a sazonalidade da produção de matéria orgânica, não é possível equilibrar a oferta de alimentos e estabilizar a produção da agricultura familiar (INSA, 2012).

Segundo, Santos *et al.*, (2015), o semiárido não pode ser tratado de maneira homogeneia. Embora as irregularidades pluviais estejam presente no bioma, Queiroz (1996) ressalta que existem cerca de 172 unidades geoambientais distribuídas em 20 unidades de paisagem, tendo assim, uma enorme diversidade edafoclimática. A biodiversidade na

agricultura é de suma importância, principalmente em regiões que ocorrem algum tipo de estresse ambiental (SANTOS, *et al.*, 2015). Além da erosão dos solos e da desertificação, o semiárido tem passado nas últimas décadas por uma redução drástica da agrobiodiversidade. Santos *et al.* (2015) pontua o processo acelerado de erosão genética e desaparecimento de cultivos adaptados ecogeograficamente a região do semiárido, em consequência das tecnologias agrícolas propagadas pelo Estado. Esse fato segundo os autores, se agravam em períodos de longas estiagens em que as políticas públicas regionais distribuem sementes de poucas variedades para os agricultores familiares.

Silva (2003), ressalta que a partir dos anos 1960, uma outra imagem do semiárido brasileiro começou a ser construída, com a implantação de polos agroindustriais que se especializaram em fruticultura irrigada para exportação. A irrigação ganhou força ao lado da solução hídrica e passou a se constituir, o que Silva (2003) de “sonho de redenção regional”. No entanto, a maior parte do semiárido permaneceu uma área estagnada e desvalorizada pelo Estado.

A ausência do Estado é um fator importante para se entender a chegada das organizações não- governamentais (ONGs) ao Nordeste. Na década de 1980, outro discurso sobre a realidade regional emergiu, e as alternativas sustentáveis de desenvolvimento do semiárido brasileiro tornaram se pauta. Silva (2003) enfatiza que um conjunto de organizações não-governamentais (ONGs) que atuam no semiárido e algumas instituições públicas de pesquisa e extensão rural, como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater), passaram a discutir e desenvolver propostas e a experimentar alternativas baseadas na ideia de conviver com a seca. Um marco histórico, foi quando a Embrapa divulgou um documento, em 1982, intitulado “convivência do homem com a seca”. Pouco a pouco as ONGs foram ampliando suas ações e projetos de convivência com a seca na região. Essas organizações vieram preencher as lacunas deixadas pelo descaso e abandono do Estado e contribuíram para mudar a perspectiva de combate à seca para a da convivência com a semiaridez. Tais organizações delimitaram como problema principal o modelo de desenvolvimento rural que sempre vigorou nessa região. A ação principal, foi propor o desenvolvimento rural que permitisse que as famílias pudessem conviver e não apenas lutar contra a seca. De fato, a seca não vai acabar, mas outras formas de gestão dos recursos naturais são possíveis. A Agroecologia foi adotada como base para o desenvolvimento rural sustentável, notadamente na região que abrange a Paraíba.

Nas últimas três décadas percebe-se a estruturação de formas de resistência advindas da agricultura familiar e instituições de mediação social, calcadas na Agroecologia e na proposição de que suas premissas são a base fundamental para a sobrevivência e manutenção da agrobiodiversidade. Para tanto, Santos *et al.*, (2015) ressaltam que o manejo da biodiversidade é o ponto de partida para redesenhar os agroecossistemas da região de maneira a alcançar maiores níveis de sustentabilidade e eficiência na gestão da água. E sinalizam a importância dos policultivos associados à criação animal de raças crioulas para a estruturação de arranjos produtivos que favoreçam a redução de riscos dos fatores climáticos.

Durante a entrevista, uma das questões que foram direcionadas aos guardiões foi sobre como era a realidade desses atores antes da chegada dos programas de gestão e armazenamento de água. As falas dos guardiões deixaram escapar as dificuldades, sobretudo da dependência da chuva para plantar e das longas distancias que tinham que percorrer para captar água potável em mananciais. Mapeamos as principais experiências de convivência com o semiárido que estão sendo desenvolvidas e vivenciadas por diversas famílias agricultoras na Paraíba. Em grande medida, as práticas que estão sendo adotadas são embasadas na Agroecologia e, carregam o ensejo do resgate de tradições e de novas formas de se conviver com a semiaridez. Nessa mescla de tradição e modernidade, ganhou grandes proporções e reconhecimento popular a experiência dos guardiões de Sementes da Paixão. A Agroecologia tem impulsionado a adesão de propostas importantes na região do Agreste e Cariri paraibano. Notadamente, a construção de agroecossistemas em consonância com as variedades de plantas e animais adaptados a semiaridez; práticas de maximização da matéria orgânica; criação de sistemas agroflorestais e quintais florestais com o manejo de árvores e arbustos de espécies frutíferas que fornecem alimento para as famílias e criação animal e que também podem contribuir com geração de renda extra. Em suma, a Agroecologia veio minimizar os desafios da agricultura no semiárido, contribuindo para mudanças de pensamento e de perspectivas sobre a seca.

Os guardiões enfatizaram que hoje em dia são donos de suas próprias águas e que não dependem mais de favor e de caminhão pipa. Com as cisternas próximas as residências, ficou mais fácil ter hortas nos quintais e produzir verduras. A principal mudança de pensamento sugerida pela Agroecologia é sobre a questão hídrica e adoção de sementes crioulas. Importante frisar que estamos falando do acesso e manejo da água, tirando o foco da seca. De maneira prática, por meio da Agroecologia os atores sociais enfatizam que é

possível produzir e conservar a água através do manejo ecológico dos agroecossistemas, bem como maximizar os recursos naturais por meio da agricultura responsável e localmente situada. Estas premissas são indissociáveis das variedades crioulas, ou seja, só é possível alcançar um agroecossistema dessa natureza, utilizando a agrobiodiversidade local.

Figura 20- Plantio de palma para alimentação animal e produção de matéria orgânica



Fonte: Acervo da Autora (2017)

A convivência com o Semiárido pressupõe a adoção da cultura do estoque. Estoque de água para diversos usos - consumo humano, produção de alimentos e para servir aos animais; estoque de alimento para família e para a criação animal e; o estoque de sementes para os próximos plantios.

Figura 21 - Diversidade de Sementes Crioulas adaptadas ao semiárido



Fonte: Acervo da Autora (2017)

Na Paraíba o número de pessoas que saíram do risco hídrico é bastante expressivo, são cerca de 350 mil pessoas. Mesmo com ciclos de estiagens severas, a população rural não é mais forçada a migrar de suas terras para sobreviver. A água ao alcance das pessoas, próximo as residências, é sem dúvida a principal mudança na região.

Em 2017, a ASA alcançou a meta de distribuição de 1 milhão de cisternas no Nordeste, um número significativo que mudou a vida da população rural do semiárido e engendrou a perspectiva de convivência com o semiárido. Alguns agricultores relataram que passaram a vida toda sem água suficiente para plantar e beber o ano todo. Somente a partir de 2003, essa realidade mudou. Agora os agricultores familiares conseguem ter água para permanecer na terra com dignidade, produzindo e comercializando seus agroalimentos. Com as cisternas a agricultura familiar da Paraíba conseguiu diversificar a produção agrícola. Segundo os guardiões, com as cisternas foi possível criar galinhas, cabras e porcos e produzir roçados diversos com milho, abóbora, feijão, hortaliças, plantas frutíferas, dentre outras variedades.

Visando aprofundar essa discussão, situamos as Sementes da Paixão no contexto da rede de sementes na Paraíba, e damos destaque à relevância que têm os esforços comunitários de conservação dos recursos hídricos e genéticos locais para o fortalecimento da agricultura familiar. A seguir, trataremos a origem dessa experiência e os processos engendrados para a sua criação e desenvolvimento. Depois de contextualizar a experiência, iremos discorrer sobre os atores sociais que compõe a arena de conservação das Sementes da Paixão, notadamente, quem são esses atores e como se articularam para formar a rede de Sementes da Paixão, bem como eles enfrentam os desafios e as pressões sociotécnicas. Em seguida, enfocaremos na questão da identidade social dos guardiões de Sementes da Paixão e como ela é concebida e percebida pelos atores sociais. Para entender essa percepção sobre a realidade social e identitária, nos apoiamos nas representações sociais desse grupo.

5.2 POLÍTICAS TERRITORIAIS NA PARAÍBA E A AGROECOLOGIA

No final da década de 1990 a agricultura familiar estava vivenciando um momento de crise na Paraíba. Este quadro favoreceu a entrada do apoio governamental para a conformação do território de identidade no espaço rural, em 2003 (DELGADO, 2010). Em 2008 o Programa Territórios Rurais de Identidade avançou com a criação do Programa

Territórios de Cidadania pelo governo federal. É importante frisar que o Polo da Borborema compõe um importante Território da Cidadania. Essa região é caracterizada pela existência de um notável protagonismo institucional da sociedade civil organizada desde as décadas de 1980. Segundo Delgado (2010), esse protagonismo influenciou decisivamente a condução dos debates e a capacidade de formulação de propostas estratégicas para o desenvolvimento territorial.

Algumas singularidades do protagonismo da sociedade civil local foram pontuadas por Delgado (2010). Para o autor, as experiências sociais e institucionais realizadas na região do Polo da Borborema, a partir da década de 1990, foram fundamentais para o desenvolvimento rural sustentável e democrático deste Território. A citar algumas razões para isso:

- a) a renovação do sindicalismo dos trabalhadores rurais;
- b) a perspectiva de atuação coletiva;
- c) formação de rede. Ainda segundo Delgado (2010), é interessante analisar a renovação do sindicalismo dos trabalhadores rurais, que começou a se consolidar na região nos anos 1990, notadamente em três municípios: Lagoa Seca, Remígio e Solânea.

Esse processo levou à criação do Polo Sindical da Borborema em 1998, que se consolidou progressivamente e engendrou na região a perspectiva política de atuar coletivamente, em rede. No que concerne a estratégia de atuar coletivamente, o Polo da Borborema enfocou na perspectiva de trabalho em rede, que prevê a atuação numa escala regional, capaz de articular atores sociais locais (agricultores, professores, governo, técnicos agrícolas). Para Delgado (2010), isso representou um acúmulo de aprendizado e de experiência para o movimento sindical e para as representações dos agricultores familiares participantes do Polo Sindical que os colocou numa posição diferenciada para participar e influenciar a dinâmica institucional.

Delgado (2010) trata de outro ponto que merece destaque. Para o autor a experiência do agreste paraibano representou a oportunidade de articulação do movimento sindical com organizações não-governamentais, especialmente a AS-PTA e ASA-PB. Essas duas ONGs são voltadas para a construção de propostas metodológicas, de formação e de intervenção na realidade local, tendo em vista a busca de modelos alternativos de desenvolvimento rural, baseados no reconhecimento da força e da diversidade produtiva e cultural da agricultura familiar, na valorização do conhecimento e da capacidade de inovação

desses agricultores, e na sustentabilidade ambiental, econômica, cultural e social da atividade agrícola e do desenvolvimento rural.

O Polo Sindical da Borborema tornou-se um grande espaço político, organizativo e unificador do conjunto das organizações da agricultura familiar em torno à construção de um projeto comum de desenvolvimento local e de promoção da Agroecologia” (SILVEIRA; VICTOR; ANACLETO, 2007, p. 13).

Na concepção do movimento sindical, até mesmo pelo histórico de reivindicações da região, não bastava atuar regionalmente, nem era suficiente esboçar um projeto de desenvolvimento rural sustentável para o semiárido estadual. O intuito maior das organizações sociais era participar e influenciar a criação de políticas públicas para a Paraíba. As organizações sociais da Borborema prezam pela presença do Estado. Diniz (2007) argumenta que na Borborema há uma “herança” de reivindicação da agricultura familiar quanto a atuação do Estado. Ou seja, a presença do Estado sempre foi aclamada e exigida pelas lideranças criando espaços sociais bastantes conflitantes. Essa tensão existiu na região do agreste paraibano – e provavelmente sempre existirá de forma latente em qualquer caso real que seja considerado. Segundo Diniz (2007) esse processo no agreste ficou conhecido como experimentalismo institucional e social - duas importantes vertentes de atuação foram desenvolvidas na região – a da “convivência com o semiárido” e a dos “territórios agroecológicos”.

Na concepção de Diniz (2007) a tentativa de construir um outro modelo de desenvolvimento pelo Polo Sindical da Borborema para a região do agreste paraibano teve início através da articulação de dois movimentos: o de renovação sindical e o movimento agroecológico. Nessa conjuntura, o autor argumenta que a renovação sindical, ocorrida ao longo da década de 1980, não ocorreu pela entrada de novos quadros nas bases sindicais, mas através do diálogo entre os dois segmentos que compunham a coordenação sindical na região: a CUT e a Igreja Católica (por meio das CEBs).

Nos anos de 1980, o movimento agroecológico passou a agregar forças no cenário institucional, intelectual e político da agricultura brasileira. Neste período, surge a Rede PTA (Projetos de Tecnologias Alternativas), que promoveu intenso debate sobre a agricultura alternativa, considerando os agricultores como agentes de transformação social a partir da valorização do conhecimento popular e tácito. A Rede PTA deu origem posteriormente a AS-PTA, que em 1993 se instalou na região do agreste paraibano, introduzindo, de forma mais sistemática e organizada, o debate agroecológico na região.

A relação de diálogo que se estabeleceu entre as lideranças dos sindicatos de trabalhadores rurais de diversos municípios estendeu-se também para o relacionamento entre os sindicatos e outras organizações não governamentais, como a AS-PTA, estimulando a busca de uma estratégia coletiva conjunta para se opor ao modelo tradicional de agricultura predominante na região. Com isso, a articulação dos movimentos de renovação sindical e de agroecologia permitiu a realização de diversos experimentos de inovação produtiva e tecnológica, criando uma rede de agricultores experimentadores e estabelecendo a região de atuação do Polo Sindical como um “território agroecológico” (DELGADO, 2010, p. 7).

É neste período que as bases sociais, cognitivas, políticas e identitárias são construídas e edificadas no Polo Sindical, com o intuito de os atores sociais assumissem o protagonismo e a legitimação de um projeto de desenvolvimento rural sustentável para a região, tendo a agricultura familiar e a Agroecologia como seus principais alicerces (DELGADO, 2010). É importante mencionar que não foi deixado de lado as clássicas bandeiras de luta (direitos previdenciários, reforma agrária, assistência médica, educação do campo). Mas, segundo Diniz (2007), os sindicatos passaram a priorizar a produção familiar, acompanhando e estimulando as experiências agroecológicas desenvolvidas pelos agricultores dos municípios integrantes do Polo.

A convivência com o semiárido tornou-se o eixo norteador do Polo, que passou a planejar um projeto de desenvolvimento rural, com base numa agricultura familiar agroecológica. Esse ideário foi ganhando expressão e força política. A premissa de Convivência com o Semiárido somada à perspectiva Agroecológica fomentou espaços sociais e a articulação de diversos atores e instituições. Nesse meandro a Articulação do Semiárido Paraibano (ASA-PB), Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA-Brasil), Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), se uniram para constituir uma Unidade Gestora do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC). Diniz (2007) ressalta que além dessa unidade gestora, essas instituições passaram a cuidar da gestão de programas governamentais como a compra antecipada e a compra de sementes locais.

Nesse contexto, ganhou significado a reflexão, iniciada em 1995, depois da grande seca de 1993, sobre os “bancos de sementes comunitários”, como uma temática de importância fundamental para a estratégia de convivência com o semiárido. Aqui começa também uma experiência de parceria com políticas públicas estaduais e federais, que se mantém até hoje, visando, primeiro, enfrentar a questão do abastecimento, do acesso às sementes, e estendendo-se, posteriormente, para a questão da natureza desse acesso, ou seja, “a diversidade, a adaptação, a procedência etc. do produto disponibilizado pelas políticas públicas” (DINIZ, 2007, P. 76).

Diniz (2007) revela que essa política de parcerias da ASA/PB com programas governamentais levou à constituição de uma “rede de bancos de sementes comunitários”. Essa rede passou a canalizar a reflexão “sobre o papel estratégico desempenhado pelas sementes tanto para garantir a produção da agricultura familiar, como para a construção de uma perspectiva política de desenvolvimento centrada na convivência com o semiárido” (DINIZ, 2007, p.78).

5.3 BANCOS DE SEMENTES COMUNITÁRIOS (BSC): AVANÇOS, LIMITES E POSSIBILIDADES FUTURAS

Na região do Polo da Borborema, as famílias agricultoras se organizam em bancos de sementes comunitários, trabalho que é coordenado pela Comissão de Sementes do Polo da Borborema, desde 1995, e reforçado pela Comissão de Juventude, desde 2015 (DIAS; PORFÍLIO; FREIRE, 2016). Essa estratégia visa preservar as sementes e garantir a autonomia dos agricultores no momento do plantio. Mencionamos diversas vezes que o principal problema dos agricultores familiares do semiárido era a escassez de sementes quando o recurso água estava disponível. Havia um descompasso na organização dos agricultores, que não conseguiam o planejamento necessário para o período do plantio. Nesse sentido, os bancos de sementes comunitários permitem perceber seu significado estratégico para a convivência com o semiárido e o quanto a conservação de sementes é um importante fator organizativo e de planejamento para as famílias. Os bancos são estoques de segurança para ultrapassar as adversidades as quais as famílias agricultoras estão sujeitas, possibilitando o uso até mesmo destes estoques na alimentação.

Em 2015, o projeto Sementes do Semiárido, implementado pela Articulação Semiárido Brasileiro (ASA-PB), pela ASPTA e pelo STR, em parceria com o Governo Federal, contribuiu para a construção de novos bancos em diversos bairros rurais e assentamentos de reforma agrária. Muitos bancos familiares existiam em pequenos quartos nas casas dos agricultores, o projeto Sementes do Semiárido permitiu a construção de casas planejadas para a estocagem. No assentamento Oziel Pereira, em Remígio, o banco comunitário possui cerca de 32 sócios e nele é armazenado sementes raras e adaptadas a semiaridez. Esse banco foi criado em um pequeno quarto na casa de um agricultor e com auxílio financeiro do projeto, ganhou uma casa própria no assentamento. Geralmente, os bancos comunitários interagem entre si através de uma comissão que é municipal. Essa

comissão discute as estratégias de plantio, colheita, trocas de sementes, eventos e gestão dos bancos. Por sua vez, a comissão está ligada a uma comissão ainda maior, do território da Borborema, do qual participam ASA, AS-PTA, STR e outros.

Os bancos possuem regras bem definidas, normalmente, o banco inicia com um estoque geral de sementes que são distribuídas entre os sócios conforme as quantias disponíveis. Segundo os guardiões, geralmente a regra diz para distribuir 10 quilos de semente a cada sócio no período de chuvas e após a colheita, os sócios precisam devolver a quantia emprestada com o acréscimo de 5 quilos e, assim, assegurar a formação de um estoque extra. Esse estoque extra serve para cobrir o débito de agricultores que não conseguiram pagar os 15 quilos ou permitir a entrada de novos sócios. Embora pareça ser uma pequena quantia pequena de sementes emprestadas, muitos agricultores não conseguem repor. Nesses casos, quando o associado não devolve a quantidade emprestada, o banco negocia com o associado dando prazos ou recebendo outras formas de pagamento, por exemplo, o associado pode vir a pagar o empréstimo no ano seguinte ou propor a troca por outro insumo, tais como galinhas, ferramentas e outros.

Para os gestores dos bancos, a reposição é o principal entrave, quase sempre há guardiões que não conseguem pagar os empréstimos, diminuindo os estoques. É importante frisar que a distribuição de 10 quilos de sementes não garante ao sócio a produtividade. Isso depende de outros fatores como, por exemplo, o manejo adequado do solo e da água, as técnicas de produção, a escolha ideal das variedades etc. Em razão disso, a improdutividade assola um número enorme de agricultores no semiárido. Por vezes acontece um ciclo de trabalho de semear 10 quilos e colher uma quantia semelhante, sem excedente para reposição aos bancos. Um caso interessante foi citado pelo guardião de Remígio: no primeiro ano do banco comunitário que ele participa, havia 13 sócios e somente 8 deles conseguiram pagar os empréstimos de sementes. Em termos estatísticos, apenas 61,5% dos sócios conseguiram repor as sementes emprestadas mais os juros de empréstimo.

Durante o Congresso Brasileiro de Agroecologia em Belém no Pará em 2013, o GT da agrobiodiversidade da ANA enfocou a questão do endividamento dos guardiões e dos problemas associados a lógica bancária que fundamenta os bancos de sementes. Já há atores debatendo sobre isso e propondo um olhar crítico, pois até que ponto é viável a estratégia bancária de conservação das sementes? A proposta de alguns movimentos sociais envolvidos com a Agroecologia é, primeiramente, de substituir a denominação

“banco” por “casa” de sementes. Mas de nada adianta trocar os nomes, sem trocar também as regras de filiação e funcionamento dos bancos. Por um lado, os bancos abrigam variedades da agrobiodiversidade paraibana de importância alimentar e produtiva. Por outro, os bancos só funcionam plenamente com apoio institucional e governamental. São muitos os dados sobre as reposições de sementes que são realizadas pelo governo federal, o que demonstra que as experiências de conservação de sementes crioulas são altamente dependentes dos auxílios externos e permanece sendo uma forma de assistencialismo aos agricultores.

No âmbito da Agroecologia se fala muito sobre a autonomia, no entanto, o banco comunitário de Semente da Paixão é uma experiência institucionalizada e funciona conforme as regras e acesso a Políticas Públicas. Na entrevista com um dos principais guardiões do Sertão da Paraíba, essa problemática veio à tona. O guardião revelou que optou por não fazer parte de nenhum banco comunitário porque viu muita discórdia e desavenças. Segundo ele, os bancos agem sem garantia e ficam sem estoque, tendo que “mendigar” ao governo a reposição de suas sementes. Para este guardião, esse tipo de situação é humilhante e não avança, só gera brigas internas e entraves. A solução apontada por ele é o incentivo aos bancos familiares, em que cada família guarda as suas sementes e conseguem trocar com seus vizinhos o excedente. Esse tipo de dinâmica familiar se dá de forma mais solidária e recíproca e minimiza a dependência institucional ao passo que garante de maneira mais efetiva a autonomia. “Produzindo e guardando suas próprias sementes, o agricultor não precisa mais comprar. Ele mesmo controla e renova seu estoque, a partir de plantas que já conhece ou que tem interesse em plantar” (Guardião do Alto Sertão).

Os bancos comunitários sugerem algumas etapas a serem cumpridas pelos sócios. A primeira etapa diz respeito a escolha das plantas que serão colhidas as sementes que vão para os bancos. Essas plantas são aquelas que produziram mais, que aparentam ser mais robustas. Após colhidas, essas sementes precisam passar pelo processo de secagem total. Não é possível estocar sementes com teor de umidade, porque podem proliferar fungos e comprometer todo o estoque. Nessa segunda etapa, as sementes são deixadas ao sol para secar. Alguns guardiões disseram que as sementes secas podem ser armazenadas por anos sem comprometer a germinação. Depois de secas, as sementes podem ser armazenadas. Na Paraíba, a maioria dos guardiões armazenam as sementes em garrafas PET. Nos anos 2000, a EMBRAPA e colaboradores incentivaram a adoção de tambores de

silagem. Porém, o material enferrujava e comprometia todas as sementes. Por essa razão, os guardiões começaram a armazenar as sementes em tambores de plástico.

Figura 22 - Banco Municipal de Sementes da Paixão



Fonte: Acervo da Autora (2017)

A armazenagem das sementes crioulas conta com muitas práticas intuitivas que deram bons resultados e foram passadas a diante como prática tradicional relacionada as sementes crioulas. Dentre elas, o uso de barro para vedar as tampas das garrafas; o uso de pimenta do reino moída ou casca de laranja para evitar que apareçam ácaros e uso de cinza de fogão a lenha entre as sementes. Depois de vedadas, as garrafas só devem ser abertas no momento do plantio para evitar contaminações e perdas. A experiência adquirida das tentativas e erros são trocadas entre os guardiões. Os guardiões contaram que no início eles plantavam todas as sementes de uma determinada variedade que tinham. As vezes todas elas germinavam, outras vezes se perdia tudo. Foi assim que se convencionou plantar em parcelas e nunca tudo de uma só vez. “A gente nunca planta tudo porque pode ter pouca chuva, então nascer nada e o banco se perde”, explica o guardião do Assentamento Oziel Pereira.

Para avançar, os bancos precisam se articular e trabalhar em rede. Em rede os bancos podem controlar os estoques, realizar trocas entre si, organizar mutirões de plantio e multiplicação de variedades, mutirões de manutenção e limpeza dos bancos e controle do fundo rotativo. Para a manutenção dos bancos é preciso ter tambores de diferentes

tamanhos, para quantidades maiores de sementes, garrafas plásticas para quantidades menores, estantes para armazenar os recipientes, peneiras para limpar e selecionar as sementes, bacias para secagem das sementes ao sol. Os mutirões ajudam a desconstruir a ideia rasa de que os sócios só precisam pagar os empréstimos de sementes. Muito além de um canal de empréstimos e pagamentos, os bancos são espaços sociais de convivência e de atuação. Os bancos são espaços de trocas de conhecimentos e de construção de novos conhecimentos que garantem o aperfeiçoamento no manejo das sementes e da gestão dos bancos.

A comissão, que se reúne para discutir questões relacionadas a formação, plantio, colheita e gestão desses bancos, também interage com uma comissão temática maior, do Território da Borborema. Há uma comissão de sementes que se reúne de dois em dois meses. Ela é composta pelo Polo Sindical, pela AS-PTA e por representantes dos bancos de sementes dos municípios. O objetivo dessa comissão é promover formação, experimentação e troca de saberes do conjunto da rede desses bancos. No âmbito estadual, os bancos de sementes do Polo da Borborema se articulam com a rede de sementes da ASA Paraíba. A rede de bancos de sementes comunitários tem um sentido de organização para os agricultores, possibilitando a melhoria da capacidade de gestão, a transição para uma agricultura agroecológica e o debate sobre os problemas e capacidades das comunidades, tornando-se um espaço privilegiado de solidariedade e de experimentação social: organização, gestão e inovações técnicas.

No território da Borborema existem mais de 83 bancos de sementes crioulas que envolvem milhares de famílias. Atualmente esses bancos conservam aproximadamente 16 espécies e 45 variedades diferentes. No Estado da Paraíba existem 240 bancos comunitários que são coordenados pela Rede de Sementes da Articulação do Semiárido da Paraíba (ASA/PB). Esses bancos envolvem cerca de 8 mil famílias, em 63 municípios. A representatividade desses bancos e seus participantes mobilizou a criação de uma lei específica na Paraíba. Em 2002, foi aprovado a lei n. 7.297, que criou o Programa Estadual de Bancos de Sementes Comunitários, exigindo do governo da Paraíba a aquisição de sementes de variedades locais para o fortalecimento da agricultura familiar da região e ampliação dos bancos em todo o estado.

Os bancos de sementes comunitários têm estimulado o resgate da diversidade de sementes locais. Esse resgate de material genérico está associado ao resgate e construção do conhecimento sobre este material, assim como da diversidade produzida nos roçados.

5.4 BANCO MÃE DE SEMENTES DA PAIXÃO

O Banco Mãe de Sementes é um banco comunitário que abriga o acervo de sementes crioulas da região. Esse banco teve seu início com um projeto apresentado pelo Fórum de Desenvolvimento Sustentável em 2004, para ser construído com recursos da Secretaria do Desenvolvimento Territorial do Ministério do Desenvolvimento Agrário e do Governo Estadual. O Banco foi entregue em junho de 2006, porém com a obra inacabada. Durante anos, o Polo da Borborema recebeu várias justificativas do Governo do Estado e promessas de que a obra seria reiniciada para a sua conclusão. Em 2011, o Polo da Borborema reivindicou a conclusão do Banco Mãe de Sementes e Centro de Atividades. Mas só em 2017 o Banco Mãe de Sementes foi concluído e entregue a população.

O Banco Mãe de Sementes da Paixão está localizado no Sítio Quicé, entre os municípios de Lagoa Seca e São Sebastião de Lagoa de Roça. O espaço recebeu cerca de R\$ 1,5 milhões de investimento, em parceria com o Governo Federal, para beneficiar mais de 5 mil agricultores de 14 municípios do Polo da Borborema.

Figura 23 - Mapa aéreo da localização do Banco Mãe de Sementes



Fonte: Elaborado pela autora com GoogleEarth (2018)

O Banco Mãe de Sementes serve para armazenar as sementes produzidas pelos agricultores, de maneira adequada, garantindo maior preservação. O local também é um espaço social onde ocorre reuniões sindicais, palestras e cursos para os agricultores do Polo da Borborema. Estruturalmente, esse banco é bastante diferente dos bancos

comunitários da região, a começar pelo seu tamanho e arquitetura. A função do banco mãe é a de abrigar o principal acervo da agrobiodiversidade do semiárido.

Figura 24 - Fotografia frontal do Banco Mãe de Sementes



Fonte: Acervo da Autora (2017)

O banco mãe de Sementes da Paixão é um dos maiores bancos de sementes crioulas do Brasil e conta com dois grandes barracões que são subdivididos por salas de armazenagem. Ainda há poucos móveis no local, nem todas as salas possuem estantes e prateleiras, muitas sementes ainda estão armazenadas em sacos. Além disso, não há equipamentos tecnológicos para melhoria da conservação das sementes como, por exemplo, as câmaras frias. Embora, os prédios sejam grandes em estrutura, prevalece o modelo de armazenamento simples, feito basicamente de estocagem de sementes em garrafas e galões previamente identificados.

Figura 25 - Fotografia lateral do primeiro prédio do Banco Mãe



Fonte: Acervo da Autora (2017)

Figura 26 - Fotografia da parte Lateral do segundo prédio do Banco Mãe



Fonte: Acervo da Autora (2017)

As salas de armazenagem foram projetadas para serem arejadas e claras. Algumas salas são de uso comunitário, reservadas para encontros e reuniões. Nesses espaços os atores sociais podem expor painéis de suas experiências e acervos fotográficos de vivências, cursos de formação e painéis científicos de estudos.

O Banco Mãe é notório e diferencial, planejado para armazenar e garantir a reposição de estoques de outros bancos. Como o nome diz, o banco mãe visa conservar exemplares da agrobiodiversidade do Semiárido e serve como um local de centralização da conservação de sementes crioulas, com capacidade para armazenar grandes quantias. As

quantias maiores de sementes são armazenadas em silos galvanizados. Essa tecnologia foi desenvolvida em parceria com a EMBRAPA para conservar as sementes crioulas de maneira mais eficaz e segura. Com os silos as sementes ficam mais tempo protegidas e viáveis de germinarem. No entanto, essas sementes ainda estão suscetíveis e seria mais adequado mantê-las em câmaras frias com temperaturas controladas.

Figura 27 - Estrutura interna e espaço didático do Banco Mãe



Fonte: Acervo da Autora (2017)

Figura 28 - Sementes Crioulas estocadas em Garrafas PET e Silos



Fonte: Acervo da Autora (2017)

Os guardiões de Sementes da Paixão cultivam, essencialmente, milho consorciado com jerimum, favas e feijões de diversas cores e formatos, um sistema de

produção familiar considerado tradicional. Em 2016 a Comissão do Polo da Borborema e a AS-PTA elaboraram um catálogo sobre as Sementes da Paixão que são conservadas na região.

Quadro 3 - Variedades Crioulas do catálogo de Sementes da Paixão

FAVA
Orelha de Vó
Cara Larga de Rama
Cara Larga de Moita
Orelha de Vó Vermelha
Branca
Vermelha Pintada/Lavanderia/Raio de Sol
Eucalipto
Fava Coquinho
Moita Roxa
Coquinho Vermelha
Fava Rocha Miúda
FEIJÃO
Macassar Sempre Verde
Preto
Mulatinho
Ovo de Rolinha
Carioca
Gugutuba Azul
Costela de Vaca
Corujinha
Gordo Redondo/Cavalo Branco
Macassar Dorminhoco
Macassar Cariri
Mulatinho de Cacho
Carrapato
Feijão Fava
Macassar Cariri Branco
Macassar Manteiguinha
Preto Berabinha
Macassar Fígado de Galinha
Mulatão/Gordo Mulato
Gordo Branco/Feijão de Sopa
Macassar Cariri Graúdo
Fogo na Serra
Gordo Preto ou Preto Graúdo
Mulatinho de Cacho
Guandu Preto Rajado
Guandu Laranja Rajado
Rosinha
JERIMUM
De Leite
Caboclo
MILHO
Jabatão
Pontinha
60 dias
Alho

Branco
Preto
Vermelho
Jabatão Amarelo e Vermelho
OUTROS
Coentro
Quiabo
Girassol
Gergelim Preto
Gergelim Branco
Sorgo Granulado
Sorgo Canaleiro
Sorgo Vermelho Redondo

Fonte: Adaptado do Catálogo de Sementes da Paixão- AS-PTA (2016)

Na região existe grande diversidade de feijões e favas, seguido de milho. Essas variedades são de suma importância para a segurança alimentar e nutricional das populações rurais do semiárido. A Paraíba tem a cultura alimentar fundamentada nos farináceos e no consumo de Cuscuz de farelo de milho. O incentivo para a multiplicação de variedades crioulas de milhos, notadamente o jabatão se dá em resposta aos avanços das sementes transgênicas de milho na região e o aumento do consumo de derivados dessas variedades. O resgate de variedades crioulas de plantas forrageiras e adubos verdes estão cada vez mais sendo incentivados na região para fins de alimentação animal, tais como sorgo e feijão guandú.

Figura 29 - Sementes da Paixão



Fonte: Acervo da autora (2017)

Figura 30 - Sementes da Paixão embaladas para a comercialização



Fonte: Acervo da autora (2018)

No rótulo das embalagens das Sementes da Paixão há o nome do guardião, data de colheita e sua localização - município pertencente. O sistema produtivo da agricultura familiar na Paraíba-PB garante a produção concomitante de três ou mais variedades de importância alimentar e comercial em pequenos espaços. No Nordeste as sementes são plantadas de acordo com o regime de chuvas e sua resposta às especificidades do clima. Segundo Dias; Porfílio e Freire (2016), há diversos arranjos produtivos na Paraíba. No caso do milho, há quem prefira as variedades que crescem rápido, ou as que produzem mais palha para a alimentação animal (forragem). Também é preciso considerar as escolhas de determinadas variedades que envolvem as necessidades da culinária tradicional e regional, em que as famílias escolhem produzir variedades que oferecem o melhor sabor ou a melhor pamonha. O milho jabatão é uma variedade robusta com altura média de 2 metros, produz 2 espigas por planta, cada uma com aproximadamente 20 cm. Sua semente é de cor amarelada e de formato achatado. O ciclo desse milho é de menos de 90 dias e a sua palha dura cerca de 5 meses. Os guardiões citaram os seguintes usos e qualidades desse milho: bom para fazer pamonha, fubá e farinha; serve para cuscuz, mungunzã; para cozinhar e assar; bom para silagem e alimentação animal; serve para forragem e cobertura do solo; possui palha boa para artesanato e para enrolar a pamonha; ótimo para estocagem.

Em 2018, o Polo da Borborema inaugurou uma unidade de produção regional, no município de Lagoa Seca na sede do Banco Mãe de Sementes, com o propósito de absorver a produção de milho crioulo das famílias e transformar em quatro produtos (xerém, fubá,

mugunzá, farinha/farelo) para oferecer uma alternativa às pessoas que buscam uma alimentação mais saudável e natural e ao mesmo tempo, valorizar a produção de milho agroecológico das famílias do território e assim incrementará a conservação dessa diversidade. O principal produto comercializado é o fubá agroecológico, que dá origem ao Cuscuz da Paixão. Esse alimento faz parte da cultura alimentar diária da região. As compras dos produtos podem ser feitas com os próprios guardiões e guardiãs que participam das feiras da ECOBorborema ou que vendem diretamente em suas propriedades rurais. A ECOBorborema, é uma associação de feirantes que organiza as 12 feiras do território de atuação do Polo (AS-PTA, 2018).

Esses produtos fazem parte da linha “Do Roçado”, marca criada para denominar os produtos da agricultura familiar da Borborema. Essa iniciativa visa o beneficiamento e padronização dos alimentos (AS-PTA, 2018).

6 ESPAÇOS SOCIAIS DE MEDIAÇÃO SOCIOTÉCNICA

Os espaços sociais são arenas em que diferentes atores participam para tratar de assuntos, interesses e objetivos. São espaços de debates, formação de opinião, construção de conhecimento e de mobilização social em torno de questões que podem agregar atores com interesses e anseios comuns e consensuais, como também de interesses distintos e conflitantes. Por essas características, Norman Long (2001) vai situar, por excelência esses espaços, como sendo travado por “batalhas do conhecimento”. Essas batalhas são travadas por diversos atores, sobretudo pelos mediadores e beneficiários de políticas públicas, pesquisadores, governantes e outros. Permeiam por esses espaços elementos subjetivos que transitam pelas dimensões dos significados e ambições. Nesse sentido, as relações sociais podem ser pautadas no diálogo, na participação social e envolvimento, como também nas disputas, embates e confrontos e relações de poder, inerentes aos processos de mediação e negociação entre os atores sociais.

Para Bracagioli Neto (2014), as arenas estão imersas num universo pluralístico em que é possível observar a convivência dinâmica de uma multiplicidade de atores sociais, seus costumes, opiniões, modos de vida e jogos de linguagem em permanente interatuação. Evidenciam-se práticas de negociações e estratégias heterogêneas com diversos interesses, num claro processo de mediação social, em que se fazem esforços para resolver discrepâncias nas interpretações e nas incompatibilidades entre os interesses dos atores (LONG, 2001). Nestes espaços interagem atores dotados de poderes relacionais, que segundo Deponti e Almeida (2008), são distribuídos de forma desigual. Dessa forma, é na arena que se dá a interface entre diferentes atores sociais, estando em jogo relações marcadas por assimetrias e diversas acepções de poder.

Há vários atores que se configuram em mediadores sociais no espaço rural, tais como os integrantes de organizações não- governamentais (ONGs), associações de agricultores, instituições de extensão rural e pesquisa tecnológica, empresas, universidades, escolas, igreja, Embrapa, sindicatos, líderes comunitários e outros (DEPONTI; ALMEIDA, 2010). Os processos de mediação e a construção social de projetos no espaço rural exigem a organização de momentos participativos, didáticos e interativos que permitam estabelecer ambientes dialógicos e construtores de intersubjetividades entre técnicos/mediadores e agricultores. Nesse processo, o uso de técnicas participativas que envolvem a

sistematização de experiências e as trocas de conhecimentos estão cada vez mais em evidência. A proposição de uma visão crítica diante das ações de intervenção, justifica-se porque um dos maiores desafios da mediação social é o estabelecimento de processos discursivos, em que saberes distintos podem ser sistematicamente (re)construídos e (re)significados (COELHO, 2005).

No processo histórico de constituição das ciências agrárias, alguns conceitos emergiram como fundamentos de um campo do conhecimento científico, no qual identidades profissionais e princípios teóricos orientam as ações da chamada "assistência técnica" e "extensão rural". Importante citar a contribuição de Paulo Freire (1983) que na obra "Extensão ou comunicação" destaca a extensão rural a partir do conceito de "invasão cultural", opondo os conceitos de "extensão" e de "comunicação" como ideias profundamente antagônicas. A ação educadora do agrônomo, agroecólogo e técnicos em geral, deve ser a de comunicar. A extensão apresenta sentidos de superioridade, de dominação com que o técnico enfrenta o agricultor, dessa forma, o conceito de "extensão" engloba ações que transformam o agricultor em "coisa", objeto de planos de desenvolvimento que o negam como ser de ação e transformação. Nessa concepção, a extensão se torna um processo de substituição e sobreposição de conhecimentos e mundos, por um mundo cultural alheio.

Para Coelho (2005), as práticas de mediação difusionistas e tecnicistas são pouco preocupadas com impactos ambientais de tecnologias insustentáveis ou descompromissadas com as consequências das mudanças sociais e políticas que elas podem provocar no espaço rural. Diante da diversidade de competências exigidas aos mediadores, uma pergunta crucial poderia ser feita: com quais objetivos esses profissionais trabalham? Outra questão importante para se pensar a prática de mediação no espaço rural seria indagar por que, em processos de mudanças social e técnica, alguns procedimentos de intervenção se instituíram, enquanto outros, não. Questões como essas ativam a análise crítica diante dos desafios da mediação social.

Diante das mudanças sociambientais atuais, a assistência técnica e a extensão rural vem sendo cada vez mais questionada. As posições de comando assumidas em alguns momentos por mediadores, marcada por desigualdades e desencontros, acentuam a prepotência cientificista (KNORR-CETINA, 1992). Consequentemente, muitos profissionais agem como se, a princípio, a ação do outro não tivesse razão ou sentidos, simplesmente,

não consideram os processos históricos e os conhecimentos que levam os agricultores a fazerem suas práticas de determinada forma e não de outro jeito.

A crise socioeconômica e ambiental do modelo convencional de desenvolvimento e de agricultura está determinando uma mudança em direção à transição agroecológica e ao desenvolvimento rural em bases sustentáveis, dada a demanda crescente da sociedade e entre o seguimento de agricultores familiares por alternativas apropriadas e compatíveis com a diversidade de ecossistemas e com os seus sistemas socioculturais (GLIESSMAN, 2013). A crescente abertura de espaços para a perspectiva agroecológica no Brasil revela a existência de sinais de mudanças frente aos efeitos negativos da modernização agrícola. Se esse processo ainda não foi capaz de reorientar as concepções e práticas no espaço rural, as sementes dessa mudança encontram-se amplamente disseminadas e germinam pela ação de agricultores, pesquisadores, extensionistas e educadores que, individual ou coletivamente, inovam na forma de entender e de participar da produção e da socialização de conhecimentos para o desenvolvimento rural (PETERSEN; DAL SOGLIO; CAPORAL, 2009).

Chegada ao Brasil, no final da década de 1980, os conceitos e princípios da Agroecologia veio situar a tecnologia no universo social, cultural, ambiental e econômico da agricultura. O enfoque agroecológico possibilitou a ampliação do escopo de abordagem dos problemas rurais, contribuindo para o questionamento do viés produtivista das ciências agrárias e para a mobilização do interesse e do engajamento de setores das ciências humanas e naturais na construção do novo paradigma (PETERSEN; DAL SOGLIO; CAPORAL, 2009). Uma das inovações da Agroecologia em relação às agriculturas convencionais advém do reconhecimento da existência de racionalidades ecológicas nos modos de vida e produção dos agricultores familiares e povos tradicionais. Essas racionalidades expressam estratégias de produção econômica e reprodução socioambiental, resultantes da capacidade das populações rurais de ajustar seus modos de vida aos ecossistemas em que vivem e produzem. O reconhecimento da importância dos saberes locais e da capacidade de agricultores e agricultoras familiares de gerar novidades trouxe para a Agroecologia implicações epistemológicas de amplo alcance, uma vez que seu desenvolvimento como abordagem científica nega o positivismo lógico que descarta todo e qualquer conhecimento que não seja validado pelo método científico convencional.

6.1 ARENA DE CONSERVAÇÃO DAS SEMENTES DA PAIXÃO

Nesta seção tratamos da identificação e delimitação da arena de conservação das Sementes da Paixão na Paraíba-PB. Revelamos a configuração desse espaço social e os principais atores que o integra. Além disso, enfocamos na mediação social, percorrendo sobre instituições proponentes e seus agentes de mediação. Nos embasamos na Perspectiva Orientada ao Ator (POA) e esta perspectiva teórica está afinada ao conceito de arena. Para Arce e Long (1994), o uso da POA nos estudos sobre desenvolvimento rural requer dispensar especial atenção às práticas cotidianas da vida social, o que envolve as estratégias dos atores, suas manobras, discursos, linguagens e as batalhas que ocorrem nas redes sociotécnicas em que participam. A POA visa, justamente, compreender os modos distintos com que os atores influenciam a formulação e a implementação de políticas e projetos de desenvolvimento, afetando seus resultados. Outra noção que vem complementar a arena é a noção de interface. Esta noção surge dos processos desenvolvidos nas arenas, e remete a ideia de encontro, contato e ponto de intersecção entre os atores, com diferentes interesses, compondo a heterogeneidade social existente ou associada aos processos que envolvem intervenções ou mediação social (GONZÁLEZ; PEREIRA; DAL SOGLIO, 2014).

Arce e Long (1994) ressaltam que o conhecimento dos atores se constrói a partir das contingências e batalhas cotidianas que constituem a vida social. E este não é determinado por políticas públicas ou fontes de poder e autoridade, mas sim como resultado principalmente de interações, negociações, interfaces e acomodações entre os diferentes atores e suas respectivas visões de mundo nos espaços sociais ou arenas que integram. A Perspectiva Orientada ao Ator fornece aportes para reconhecer e compreender a heterogeneidade existente na arena. A noção de arena como sendo espaços sociais de disputas e negociações de práticas e discursos, de acordo com Long (2007), permite analisar os processos de ordenamento, regulação, disputas, valores sociais, relações sociais, autoridade e poder. São, portanto, espaços ideologizados, em que os discursos se confrontam com as práticas continuamente.

Para Ploeg (2008) e Long (2001, 2007) os atores mobilizam distintas estratégias a partir da forma como constroem os conhecimentos e se apropriam deles e por mecanismos específicos de aprendizagem e interação. Dentro do tema do desenvolvimento rural a POA, além de articular os conceitos e noções já expressos, permite articular outras noções como

a de autonomia, representações sociais e resistência. Os agricultores se organizam tanto de forma individual quanto coletiva frente a intervenção do governo e de outras (LONG, 2001, 2007). Ao organizarem-se, os agricultores familiares desenvolvem mecanismos individuais que somadas a um coletivo, podem reduzir suas vulnerabilidades e aumentam suas capacidades de resiliência frente aos fatores externos à unidade produtiva. Estes mecanismos são desenvolvidos pela agência social e podem ser expressos através de estratégias de autonomia e resistência (PLOEG, 2008).

Os agricultores, a partir das suas experiências empíricas, dão sentido às questões sociotécnicas por meio da elaboração de soluções para seus próprios problemas (STUIVER; LEEUWIS; PLOEG, 2004). Nesse sentido, o conhecimento é abordado como uma construção que depende das experiências individuais e coletivas dos atores sociais, bem como das situações de interfaces entre os conhecimentos dos agricultores e os conhecimentos técnico-científicos dos mediadores sociais.

Participam da arena deste estudo uma rede ampla de atores sociais e instituições. Primeiramente citamos os guardiões e guardiãs de sementes crioulas. Esses atores são agricultores familiares reconhecidos como guardiões, tal reconhecimento na Paraíba é institucional e passa por validação. Existem muitos grupos de guardiões espalhados pelo Estado e cada um desses se organizam de uma maneira. Na região de estudo que engloba o agreste paraibano e pequena parcela do Cariri, os guardiões se uniram e formaram algumas associações de agricultores familiares. As associações são formadas como um mecanismo burocrático para a plena participação desses agricultores em programas e políticas públicas e, também garante a inserção na Rede de Sementes da Paixão. Mencionamos diversas vezes que essa região possui um histórico sindical muito expressivo em que a organização associativa é valorizada e majoritariamente adotada.

A Embrapa Tabuleiros Costeiros é uma importante instituição proponente da conservação de sementes crioulas no Nordeste e estabeleceu parceria com a Articulação do Semiárido Paraibano (ASA-PB) e Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA), atualmente intitulada de Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA). Juntas estas instituições promovem processos de mediação social voltados à convivência com o semiárido, no qual se incluem as frentes de trabalho voltadas à questão hídrica, conservação de sementes, desenvolvimento e sustentabilidade. Essas instituições em conjunto com os guardiões enfrentam diversos embates, notadamente com as frentes

políticas e partidos de oposição que privilegiam os latifundiários da região e incentivam a expansão do agronegócio.

O espaço social em questão é um campo de batalha. Nele estão dispostos de um lado os atores sociais que lutam pelo direito à agrobiodiversidade e acesso às políticas públicas e de outro os próprios latifundiários, empresários e órgãos de assistência técnica e extensão rural de bases tecnicistas que se incumbem de difundir sementes comerciais e insumos químicos. O embate maior da arena se dá pela eminência de contaminação das sementes crioulas pelas sementes transgênicas que se espalham cada vez mais na região. As ONGs ligadas Agroecologia correm contra o tempo para barrar a expansão das monoculturas e assegurar a conservação das Sementes da Paixão. Para tanto, investem na ampliação da rede para fins de agrupar os atores e somar esforços.

Os entrevistados revelaram em suas falas os principais embates na arena de conservação das Sementes da Paixão. Primeiramente apontaram a questão dos atrasos na execução de projetos, sobretudo por questões burocráticas e pela inadimplência de algumas instituições proponentes e parceiras, como por exemplos as prefeituras. Essa realidade atravança a rede e impede o desenvolvimento das ações e acesso aos recursos financeiros. Um aspecto importante mencionado se refere a dependência de agencias estatais que quase sempre estão defasadas de mediadores sociais. Sem os mediadores parte dos trâmites ficam engavetados a espera de mão de obra capacitada. Dessa forma, a dinâmica fica emperrada e vai se enfraquecendo. A necessidade principal, segundo os atores, é a mediação social que forme figuras jurídicas autônomas, tais como os próprios sindicatos e associações de agricultores, para reduzir o número de transações e agencias estatais envolvidas.

7 MEDIAÇÃO SOCIAL E PARCERIAS PARA A CONSERVAÇÃO DA AGROBIODIVERSIDADE

Muitas são as instituições e organizações, governamentais ou não-governamentais que apoiam projetos de mediação social com o objetivo de promover o desenvolvimento rural e a transição agroecológica. Em alguns desses projetos são desenvolvidas ações, intermediadas por mediadores sociais, voltadas à conservação da agrobiodiversidade. Esses mediadores, que podem ser técnicos contratados, com formação para extensão, pesquisa ou educação, ou mesmo pessoas da própria comunidade, são também atores sociais, e intermedeiam a relação entre os agricultores guardiões de sementes crioulas e outros atores sociais externos às organizações dos agricultores guardiões.

No Brasil, uma parte expressiva das ações voltadas à sustentabilidade na agricultura, como a Agroecologia, estão sob cuidados de organizações não governamentais (ONGs). Além disso, muitas dessas ONGs estão a mais tempo envolvidas com a agricultura familiar, pois originalmente não havia políticas públicas consistentes, exceto assistencialismo. Hoje, as instituições públicas que poderiam trabalhar para a agricultura familiar não possuem um corpo de mediadores suficiente e, por essa razão transferem para as ONGs a execução de diversas políticas públicas, incluindo em parte o serviço de extensão rural. Isso explica a opção pela análise do caso das Sementes da Paixão como sendo suficientemente representativo e, ao mesmo tempo, consolidado, para representar os esforços de mediação social para a conservação das sementes crioulas no Brasil.

Para a Agroecologia é importante que a construção de modelos sustentáveis de agricultura, o redesenho dos agroecossistemas, parta do contexto local, em suas múltiplas dimensões, valorizando o conhecimento e a participação dos atores. Por isso a importância do resgate de práticas tradicionais de manejo e de organização social. Diversas instituições que trabalham com a Agroecologia, especialmente as ONGs, destacam o papel da tradição na agricultura, em contraposição às tecnologias da modernização, pois o moderno, além de representar modelos não localmente adequados, tem sido também entendido como sinônimo de desenraizamento. De fato, muitas das técnicas modernas introduzidas na agricultura são nocivas, sendo realizadas mediante o uso de químicos e manejos que prejudicam a saúde e o ambiente, bem como, as interações sociais da industrialização da

agricultura são alicerçadas na competição e na falta de equidade. No entanto, nem tudo que é moderno é insustentável e nem tudo que é tradicional é sustentável. Existe uma confusão entre resgate dos aspectos positivos das tradições, selecionadas no tempo pelas comunidades para adaptação dos agroecossistemas locais (resistência pela continuidade da aplicação de conhecimentos locais mais adequados – inovação), e o lado negativo de negação do moderno pois representa aspectos políticos prejudiciais (resistência em aceitar mudanças – conservadorismo). Desse modo, é interessante analisar os processos em que agentes da modernidade, tais como os mediadores ligados às ONGs e diversas instituições, promovem a reconstrução simbólica e material de territórios e de saberes tradicionais através de técnicas, dispositivos e concepções que inevitavelmente estão inseridas na modernidade. Como contratendência, muitas comunidades rurais, em vez de seguirem o fluxo da desterritorialização, lutam pela refundação de territórios tradicionais, de resgate de tradições e/ou ressignificações destas, e de produção de conhecimentos e autenticidades culturais, sociais e ambientais (LIFSCHITZ, 2006).

Têm emergido, sobretudo, no âmbito da Agroecologia, inúmeras tentativas de tornar esses processos mais participativos e horizontais, levando em consideração os conhecimentos e práticas locais dos agricultores. Uma forma de operacionalizar os processos mais participativos é a valorização e a abordagem dos conhecimentos ponderados como tradicionais. As instituições passaram a dar mais incentivo à formação dos profissionais atuantes como mediadores, a fim de repensar o papel desempenhado por esses atores. Como já dito, o termo “mediador” nem sempre é aplicado. Muitos profissionais preferem se identificar pela sua categoria de trabalho ou ramo profissional, e se intitulam como extensionistas, assessores, pesquisadores, técnicos, educadores, animadores, intervencionistas etc. (MEDEIRO; MARQUES, 2011).

Embora, exista uma nova tendência de se repensar concisamente o papel do mediador e os processos de mediação social, isso não significa que os processos dessa natureza sejam desprovidos de intencionalidades, interesses e conflitos. É importante, enfatizar que todo processo de mediação social envolve atores com contextos específicos, experiências acumuladas e interesses diversos, que podem se chocar nos espaços sociais de interação e de desenvolvimento de projetos. Por essas razões, não podemos romantizar os processos voltados para abordagens participativas e horizontais, como sendo livres de intencionalidades e jogos de poder. Entretanto, tem havido uma recente discussão que visa ultrapassar a ideia de que todos os processos de mediação resultam em jogos de poder e

imposições. A mediação social pode ser uma importante ferramenta para incitar parcerias e promover interesses locais.

A conservação de sementes crioulas nunca é uma ação unitária apenas, salvo algumas exceções de agricultores que vivem em regiões mais inóspitas, que são mais isolados e cultivam apenas as suas variedades. Na maioria das vezes, são ações familiares e/ ou coletivas, podendo também ser uma prática social institucionalizada e que pode reunir uma diversidade de atores sociais. Existe uma série de objetivos distintos, significados e subjetividades para a conservação da agrobiodiversidade. Dessa forma, seria muito restrito buscar embasamento apenas na concepção de que se trata de um processo para fins de preservação das variedades, sobretudo, para assegurar sua existência e sua função na segurança e soberania alimentar.

Não se trata de menosprezar a importância fundamental dessas variedades para a alimentação e para os agroecossistemas, mas tentar ir além da concepção biológica e genética das plantas e animais, para então compreender sua relação com os modos de vida e as faces sociais. Na Paraíba a construção da categoria social de guardião e guardiã de sementes crioulas é parte dos incentivos e investimentos objetivados por diversas instituições que realizam mediação social, em sua maioria, para fins de conservação de sementes crioulas e estão vinculadas a projetos e programas sociais, políticas públicas, incentivos à agricultura sustentável e ecológica. É notável que as Sementes da Paixão integram um eixo discursivo que prevê práticas que são a favor da autonomia e soberania alimentar e nutricional dos agricultores, em uma agricultura livre de agrotóxicos e em contraposição aos padrões sociotécnicos da modernização da agricultura, sobretudo ao uso de sementes geneticamente modificadas. As ONGs estão preocupadas com a tríade: preservação do bioma do semiárido, conservação da agrobiodiversidade e resgate de conhecimentos locais. A valorização da agricultura familiar está relacionada aos avanços alcançados nas últimas décadas, em que hoje os agricultores são testemunhas de um sertão que foi explorado e vivia sob a égide do abandono governamental e que agora se sobressai como um local repleto de boas práticas na agricultura e detentores de pioneirismo que virou sucesso. Uma das principais investidas das Organizações não - governamentais, atualmente é a criação de projetos que visam conter os avanços dos transgênicos (que podem pôr em xeque todo o trabalho realizado na agricultura do Semiárido).

A rede de sementes e a juventude camponesa do Polo da Borborema se uniram para desenvolver a campanha “Não planto transgênicos para não Apagar minha História” frente a eminente ameaça de contaminação das Sementes da Paixão (AS-PTA, 2019).

Neste estudo estão sendo chamados de mediadores os atores sociais que intermedeiam a relação entre os agricultores guardiões de Sementes da Paixão e outros atores sociais externos às organizações dos agricultores guardiões. Mais precisamente, direcionada ao processo de mediação realizado por Organizações Não Governamentais (ONGs) e instituições de pesquisa, que realizam a ponte entre guardiões e guardiãs de sementes crioulas e programas sociais políticas públicas. No Brasil, a agricultura familiar é, em grande medida, dependente de políticas públicas, assistência técnica, programas sociais e crédito rural. Sendo assim, essa dependência engendra a necessidade de mediação social. Porém é importante situar, que uma parte expressiva das ações voltadas à sustentabilidade na agricultura, como a Agroecologia, estão sob cuidados de organizações não governamentais (ONGs) em que a questão das sementes crioulas acaba por estar imersa no contexto da mediação realizada, principalmente por essas organizações.

A noção de mediação social é importante para os estudos em Desenvolvimento Rural. Segundo Neves (2008), o desenvolvimento enquanto modalidade de intervenção, remete-nos a concepção de promoção social e política e também de outra ordem social. Quando a intervenção incide sobre setores e segmentos considerados em posição secundária e integrem a atividade agrícola, o termo desenvolvimento se faz acompanhado do adjetivo rural (NEVES, 2008). O termo desenvolvimento rural numa concepção crítica, alude à equidade e a padrões mais justos de redistribuição e de acesso a bens e recursos públicos. Nessa concepção, a intervenção é aclamada para que os segmentos possam se tornar beneficiários dos serviços e recursos. Para tanto, devem estar mobilizados para se constituírem enquanto grupo, comunidade, associação, coletivo, rede (NEVES, 2008). Nesse sentido, compreendemos a necessidade da mediação social enquanto agrupadora.

No atual contexto, no campo de ações correspondentes aos interesses propugnados pelos concorrentes projetos de desenvolvimento social, este termo reafirma ou abarca os significados atribuídos ao rural (muito além do agrícola), por isso pensando pela multiplicidade de domínios interconectados. E se contrapõe aos significados negativos relativamente atribuídos a processos convencionais de desenvolvimento agrícola estrito senso, mormente os orientados pelo aumento de produção e da produtividade como fins em si mesmos. O termo equivale então a mudanças intencionais no chamado meio rural, inclusive, para certos porta-vozes, por correções dos padrões de estruturação agrária (NEVES, 2008, p. 8).

Neves (2008), ressalta que diante do caráter concorrencial do campo de construções de padrões de desenvolvimento rural, muitas características de cada modelo se tornam explícitas pelas contraposições que as limitam. O investimento político para o rural depende da construção de atores específicos para o exercício de mediar essas contraposições. Ou seja, a mediação de universos de significados que se contrapõem. A mediação social guarda dependência com quadros institucionais. É o que ocorre com o campo da prestação de serviços em assistência técnica a agricultores familiares. O corpo do conhecimento produzido para a formação profissional tem se organizado a partir de valores, em grande parte, articulados a uma reordenação de princípios morais e políticos. No âmbito da assistência técnica, para que as práticas de profissionais alcancem institucionalização ampla, é imprescindível que elas se construam por meio das contraposições, e se balizem em ações militantes ou voluntaristas, capazes de produzir adesões, acordos e compromissos (NEVES, 2008).

Os agentes situados na posição de mediadores são importantes para a constituição de espaços contextuais de ação política, orientada pela busca de justiça social, pela luta para diminuição do grau ou alteração no padrão referencial de consolidação de desigualdades socioeconômicas. Os mediadores são, em grande parte, militantes políticos fundamentais no exercício de constituição, de consagração e de divulgação de novos ideais, metas e modos de organização, em geral agregados em torno de alianças estabelecidas por redes de instituições ou movimentos associativos (NEVES, 2008, p. 10)

Os espaços sociais de mediação institucional para a operacionalização de programas de intervenção que visam a mudança de posições sociais e reconhecimento de direitos. No caso dos guardiões das Sementes da Paixão, a mediação social em pauta assumiu o caráter de justiça social e de diminuição de desigualdades no Nordeste. Consideramos os espaços de exercício prático de intersecção entre mediadores e mediados (termos distintivos de posições qualificados por polarizações), espaços pelos quais eles são e vem a ser institucionalmente reconhecidos. Ressaltamos que a arena de conservação das Sementes da Paixão é um espaço institucionalizado, composto por diversos dispositivos legais e burocráticos, em que estes são imprescindíveis para a ampla participação em Políticas Públicas.

Para Neves (2008), a demonstração dos modos de construção dos significados, aqui entende-se também as representações sociais e as manifestações, como constitutivos dos fluxos dos processos sociais visa explicitar que a mediação, não podendo ser entendida de forma essencializada e coloca em jogo o confronto/encontro de pontos de vista para

constituição de um outro campo de produção de significados e referências comportamentais. A autora ressalta o caráter fundamental do reconhecimento de espaços sociais, cujos princípios agregadores de comportamentos expressem as transformações mutuamente desejadas, mesmo que diferentemente concebidas e operacionalizadas. Neves (2008) adota a perspectiva analítica processualista da mediação social para melhor compreender os engajamentos, mobilizações de segmentos selecionados para reordenação de modos de conduta e de visão de posição social.

Consideram os modos de constituição e de objetivação de um conjunto de princípios-guias para efeitos de interpretação, de modo a poder revelar os termos de comunicação intencionada e interessada. Por isso, de uma forma ou de outra, comunicação negociada entre agentes, mesmo que haja imposições. Nestes casos, a rejeição também caracteriza a comunicação, exatamente porque os agentes vinculados a universos de significações ao mesmo tempo diversas, contrapostas, complementares ou divergentes, podem facilitar a constituição de espaços de autonomia, até mesmo propiciados pela incompreensão ou desconsideração. Independentemente das condições mais ou menos desiguais que aí entram em jogo, os espaços de mediação e as respectivas ações de mediadores e mediados institucionalizam um patrimônio comum para esta comunicação. Constituem laços que permitem relativizar as especificidades de cada agente aí acede, tanto por contraposição como por identificação de interesses. São, por conseguinte, espaços de institucionalização do que pode ser partilhado e condenado, de criação de temas reciprocamente reconhecidos, passíveis de acenarem com a possibilidade de troca de experiências e apontarem para certas convergências de interesses (NEVES, 2008, p. 12).

As situações apontadas por Neves (2008) revelam os recursos instrumentais à construção de campos de mediação, através dos quais se cria o convencimento de que o modelo de desenvolvimento proposto para o universo rural deve ultrapassar o sentido de um consentimento *a priori* conquistado; deve sobrepor modelos de sustentabilidade aos padrões produtivos qualificados como tecnicistas, produtivistas e predadores. Sendo assim, assume destaque especial a construção de redes sociais e as operações de comunicação, tradução e re-semantização de categorias e termos criados para produção de compatibilidades, de interseção, de definição de trajetórias individuais e coletivas.

A mediação social é um termo transversal e de largo alcance. Neves (2008) faz um levantamento sobre o termo, especificamente sobre os sentidos a ele atribuído e de contextos de sua valorização. Segundo a autora, a condição humana é alcançada por mediações. A integração do homem a universos de significações específicas. As condições de mediação são elas mesmas socialmente determinadas, elas podem ser generalizadas. São contextuais, porque pressupõem ações humanas na construção de significados e respectivas práticas. Considerando que são contextuais, os riscos se dissipam, porque as

operações são da ordem da demonstração das especificidades ou das condições de possibilidade, e não da universalidade (NEVES, 2008, p. 22).

O uso do termo abriga realidades ou práticas diferentes, relança-se a exigência da definição do conjunto de fenômenos reunidos por essa designação. Reafirma-se a exigência de qualificação dos espaços de abrangência, que são contextuais, datados e situados, impregnados por representações sociais que os agentes (mediados e mediadores) são construtores e portadores. O termo mediação implica o reconhecimento dos significados coletivamente produzidos e intercomunicados, sua utilidade explicativa funda-se na abertura para a compreensão da construção da ordem social. Todavia, a valorização do consenso e do consentimento, que os atos de interconexão comunicativa evocam, não pode prescindir da valorização da importância da imagem de indeterminação, também produzida esses atos de construção de consciência coletiva, que rompem com qualquer explicação pela dependência imediata e espontânea. Não podemos ceder a tentação proclamar absolutizações ou de substituir categoriais genéricas reificantes e tantas outras da mesma natureza, apenas mais pulverizadas; é não pensar tais instituições como atores sociais, *estrito sensu*, condição que imediatamente pressupõe dotá-las de propriedades humanas (o Estado interveio, o grupo reivindica, a comunidade decidiu). Neves ressalta que é preciso fazer valer o cuidado metodológico, demonstrando que, de fato a vida social é um empreendimento humano qualificado, conforme operações de construção de interligações e transversalização. Todos eles são operações de construção de interligações entre indivíduos; de produção de recursos de integração e distinção, de consentimento e questionamentos da ordem que assim se apresenta e se transforma (NEVES, 2008).

Também é importante salientar que, ao se tomar como caso de estudo um projeto desenvolvido no Brasil, especificamente no nordeste brasileiro, não necessariamente estão sendo representadas todas as ações que buscam promover a conservação de sementes crioulas na América Latina. Pela grande diversidade de situações e de ações nessa região, certamente existem casos e contextos que não são representados pelo caso estudado. Mas ainda assim, pode-se pensar que, na relação entre agricultores familiares e mediadores sociais, muitas das considerações podem ser aplicadas em diferentes países, principalmente porque muitas das metas e dos métodos utilizados nos projetos institucionais são semelhantes, pois existe uma certa comunicação entre esses projetos, que são sistematizados e bem divulgados na América Latina como um todo, com seus avanços sendo apresentados e discutidos em diferentes eventos, congressos e publicações.

Na Agroecologia verificamos a tendência de valorização e incentivo às práticas tradicionais de manejo e de organização social. As ONGs e instituições que trabalham com a Agroecologia estão a evidenciar cada vez mais o papel da tradição na agricultura em contraposição ao moderno e tecnológico, em que o moderno é entendido como sinônimo de desenraizamento e relações mercantil com a natureza. Constatamos que diversos mediadores sociais envolvidos com a conservação das Sementes da Paixão, enfocados na Agroecologia, tendem a relacionar o moderno ao agronegócio e no caso das sementes, o moderno está relacionado aos processos de privatização e mercantilização das sementes e a perda de agrobiodiversidade e autonomia dos agricultores. Dessa forma, construiu-se, junto aos guardiões de Sementes da Paixão, a concepção de que as práticas modernas na agricultura, são nocivas e realizadas mediante o uso de químicos e substâncias poluentes e degradantes do meio ambiente, bem como, as relações são alicerçadas na concorrência e na disparidade social. No entanto, é preciso ter parcimônia quando tratamos desse binômio.

O exercício de mediação caracteriza-se como sendo um processo composto por inúmeros instrumentos de aplicação e formas de objetivação, que permitem a interligação de mundos diferenciados (MEDEIROS; MARQUES, 2011). Essa concepção remete a ideia de que existem lacunas ou fissuras sociais entre grupos e segmentos da sociedade e, evidencia o fator distanciamento entre atores sociais. Por essa razão, a mediação social é muitas vezes referida como sendo um processo de aproximação e de estabelecimento de pontes que colocam atores sociais em contato e consolidam caminhos para acessibilidade, visibilidade, tomada de palavra e desenvolvimento. No entanto, no caso das Sementes da Paixão, notamos que os "alicerces" para se construir as "pontes" de acesso à políticas públicas se deram a partir da noção de diferenciação, que não só reforça o antagonismo social na agricultura, como é responsável pela criação e difusão de pares de oposição pré estabelecidos que não constitui argumentos suficientes para a questão da modernidade e tradição no rural.

7.1 MEDIAÇÃO, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A IMUNIZAÇÃO CULTURAL

Martin Bauer (2009) se propôs a discutir algumas questões que deram origem à noção de representações sociais, a partir de outra noção proeminente, a da "imunização cultural". Segundo o autor, as representações sociais são a produção cultural de uma comunidade, que tem como um de seus objetivos resistir a conceitos, conhecimentos e

atividades que ameaçam destruir sua identidade. Nesse meandro, Bauer (2009) trás o conceito de resistência, como uma parte essencial e pragmática das representações sociais. “Sob esta luz, a resistência é um fator criativo, que introduz e mantém heterogeneidade no mundo simbólico de contextos intergrupais” (BAUER, 2009, p. 229). A mediação social para a conservação das Sementes da Paixão se apoia na noção de resistência. A resistência é um dos elementos mais evocados e introduzidos nos diálogos e momentos de trocas entre os atores sociais.

A resistência, para Bauer (2009), pressupõe uma segmentação social em diferentes subculturas, que mantêm sua autonomia resistindo às inovações simbólicas que elas não produziram. Nessa conjuntura, a resistência à modernidade e suas as tecnologias na agricultura guarda relação com o posicionamento de resistir em razão de conservar ou proteger. Esta resistência é, na verdade, uma forma de defesa, que toma a forma de representações sociais. As instituições que realizam mediação social no campo empírico deste estudo engendram a concepção de resistência no sentido que “essas representações podem ser consideradas como a ação de um “sistema imunológico” cultural” (BAUER, 2009, p. 229). No processo de defesa de uma tradição, cultura e prática social, novas ideias são assimiladas às já existentes, que neutralizam as ameaças. Portanto, a nova ideia, assim como o sistema que a hospeda, sofrem modificações nesse processo.

Para Bauer (2009), a resistência é um elemento constitutivo das representações sociais e, ressalta que a análise das representações pertence a uma retentiva que pesquisa a popularização da ciência desde os anos de 1960. Essa análise é considerada inovadora pelo reconhecimento evidente de que o conhecimento e as identidades se transformam quando circulam para além de seu próprio contexto de produção. Lançando um olhar atento a esse processo de circulação, Bauer (2009) apresentou o fator de resistência, como elemento de importância teórica e empírica. O foco do estudo de Bauer foi a recente retomada de noções populares sobre a ciência e tecnologia, notadamente, os efeitos da resistência cultural ao conhecimento científico engendrado por profissionais do segmento acadêmico e de mediação social.

Para externar um pouco mais sobre alguns pontos que culminaram em indagações e de certa forma, motivações para buscar respostas e respaldos teóricos da representação social retomo o relato sobre a Festa Estadual das Sementes da Paixão. Neste evento busquei um lugar que me desse uma boa perspectiva para fotografar aquele momento dos (as) guardiões (os) se sentando nas cadeiras do barracão, tomei noção do número de

peessoas reunidas, uma multidão de agricultores e agricultoras. Uma imagem que traduzia tão bem a fala cantada daquelas pessoas. A ode entoada pelos (as) guardiões (as) se repetia de tempos em tempos durante o evento e nas oficinas. Uma cantoria dançante, que em roda, eles giravam, batiam os pés e cantavam: “pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com a formiga, não assanha o formigueiro; pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com a formiga, não assanha o formigueiro”. Esse episódio despertou o anseio de focar nas autorreferências, nas manifestações e representações sociais daqueles atores. O universo das identidades, autorreferências e identificações é subjetivo e abstrato, como o trecho da música acima. A formiga, simboliza o trabalho, a persistência. Sozinha, aparenta ser frágil, pequena diante do mundo, mas com inigualável força, capaz de carregar até cem vezes o seu peso. Inseto social, a formiga possui uma interessante organização interna e estruturante do formigueiro. O formigueiro permanece vigiando, guardando e defendendo. Na menor das ameaças, as formigas defensoras são acionadas. A rapidez na reação das formigas é quase automática. É diante da ameaça, da tentativa de supressão do formigueiro, que podemos então, ver a sua dimensão e o poder do ajuntamento ou agrupamento.

Foi permeando o campo da subjetividade e da produção de sentidos sociais no espaço rural que percebemos a experiência das Sementes da Paixão como impregnada de subjetividades. Essa subjetividade perpassa por diversos aspectos, desde as intitulações que os atores sociais usam para definir e designar suas práticas, até mesmo seus posicionamentos políticos e ideológicos. As representações e sentidos e sociais assumem, portanto, um caráter analítico nesta pesquisa. É importante pontuar que a configuração de espaços sociais de convivência e trocas entre guardiões e mediadores sociais e a formação de redes e parcerias entre atores tem muito a revelar sobre o caso analisado. Um olhar atento a esse processo se fez necessário. Por isso não adotamos o modelo habitual de pesquisa sobre sementes crioulas que são embasados puramente nas questões biológicas e ambientais. Nos debruçamos sobre as práticas sociais e as nuances na construção identitária, bem como a importância destas para a reprodução da agricultura familiar em base agroecológica. Essas nuances comumente recebem pouca atenção nos estudos e são caras ao desenvolvimento rural.

É importante situar que estamos tratando de práticas sociais coletivas de conservação de sementes crioulas. Não nos referiremos em nossas análises a um (a) agricultor (a) individual, mas sim a uma rede de agricultores (as) guardiões (ãs) que participam de Bancos de Sementes Comunitários (BSCs). Entendemos que a mediação

social com enfoque Agroecológico desempenha importante papel na construção e fortalecimento da identidade de guardiões (as) de sementes crioulas e nas diferentes formas de conservação destas variedades. Inevitavelmente por ser um trabalho que se projeta desde os estudos de desenvolvimento rural, pretende-se aportar referências e reflexões críticas ao tema.

Quando definimos as representações sociais, nós muitas vezes nos referimos às suas consequências quanto à cognição e à ação; isto é, referimo-nos às suas funções simbólicas e pragmáticas e às transformações sociais decorrentes (CRANACH, 1992). A função simbólica se refere ao fato de que em representações sociais lidamos com imagens variáveis da realidade, através das quais as pessoas estabelecem um sentido de ordem, transformam o não - familiar em familiar através da ancoragem de novos conhecimentos em antigos esquemas e assim criam uma estabilidade temporária através da objetificação, bem como localizam a si próprios entre os demais através de um senso de identidade social. Esta conquista de ordem é problemática e periodicamente sofre ameaças e mudanças. A função pragmática das representações social refere-se ao fato de que nossas ações são motivadas, guiadas, planejadas e justificadas em prejuízo de nossas estruturas simbólicas (BAUER, 2009).

Nesse sentido, as representações sociais se constituem tanto em percepção, como em ação ou, para usar outros termos, tanto em estímulo como em resposta. Para fins de investigação, procuramos focar o elemento pragmático das representações sociais, e tomamos a capacidade de resistência e resgate de tradição como ponto de referência para nossa análise. Na concepção de Bauer (2009), esse modelo de análise contém potencial suficiente para a análise dos problemas atuais que envolvem a compreensão popular de noções científicas ou da modernidade tecnológica. Isso nos leva a perceber que o objeto de difusão se transforma nesse processo. Ou seja, a concepção sobre a difusão de sementes comerciais se transformou a partir do agrupamento de diversos atores sociais, que juntos deram respostas a esse fenômeno e inseriram novos símbolos e significados. A representação é tanto uma atividade, como um resultado, que conduz a múltiplas identidades de um mesmo objeto em contextos de pluralidade cultural.

Para Moscovici (1976), o grau de resistência às novidades em uma comunidade cultural é um fator distintivo capaz de produzir heterogeneidade. Assim, as representações sociais podem ser entendidas como sendo instrumentos para defender a integridade de um grupo social, contra ideias e ações ameaçadoras ou que visem transformações não

desejadas. Nessa conjuntura, podemos entender que as representações sociais, emergem onde existe perigo para a identidade coletiva ou quando uma situação põe em xeque as regras que um grupo social colocou (MOSCOVICI, 1976).

A teoria das Representações Sociais está, hoje em dia, no cerne do debate interdisciplinar sobre a relação das construções simbólicas com a realidade social. O mundo é permeado por sinais, onde instituições, atores e meios de comunicação exercem continuamente a mediação. Nesse mundo “recheado” de símbolos, a representação social desponta como uma ferramenta de investigação capaz de esclarece de que forma os atores sociais se apropriam dessa realidade, como dão sentido a ela e porque decidem pela transformação social (MOSCOVICI, 2013).

Para Moscovici (2013), a principal questão que a teoria das representações sociais pretende responder é: como explicar as imagens, símbolos e representações que circulam e dão forma aos saberes que uma sociedade ou um grupo social desenvolve, sobre aquilo que eles temem ou desejam? Como esses saberes são atravessados pelas relações de poder e dominação? Como esses saberes se desenvolvem no bojo das mediações sociais que se desabrocham em espaços sociais heterogêneos? Aproximando esses questionamentos ao objeto estudo, indagamos ainda, como as representações sociais se erguem para produzir efeitos contrários como no caso da conservação de sementes crioulas que, apesar de tudo, resistem? Para autores como Moscovici (2013) e Spink (2013), a teoria das representações sociais é ideal para compreender a realidade social enquanto rede de significados. A dimensão cognitiva, afetiva e social estão presentes na própria noção de representações sociais. Sendo assim, o fenômeno das representações sociais e a teoria que se ergue para explicá-lo, refere-se à construção de saberes sociais e, nesse meandro, envolve a cognição. Dessa forma, o caráter simbólico e imaginativo desses saberes traz à tona a dimensão afetiva, ou seja, o afeto por algo. Assim sendo, “quando sujeitos sociais empenham-se em entender e dar sentido ao mundo, eles também o fazem com emoção, com sentimento e com paixão” (GUARECHI; JOVCHELOVITCH, p. 19, 2013).

A construção da significação simbólica é um ato de conhecimento e um ato afetivo. Tanto a cognição como os afetos que estão presentes nas representações sociais encontram a sua base na realidade social. O modo da sua produção se encontra nas instituições, nas ruas, nos meios de comunicação, nos movimentos sociais, nos atos de resistência e em uma série infindável de espaços sociais (GUARECHI; JOVCHELOVITCH, p. 19-20, 2013). Por assim dizer, ele é produzido quando as pessoas se encontram para

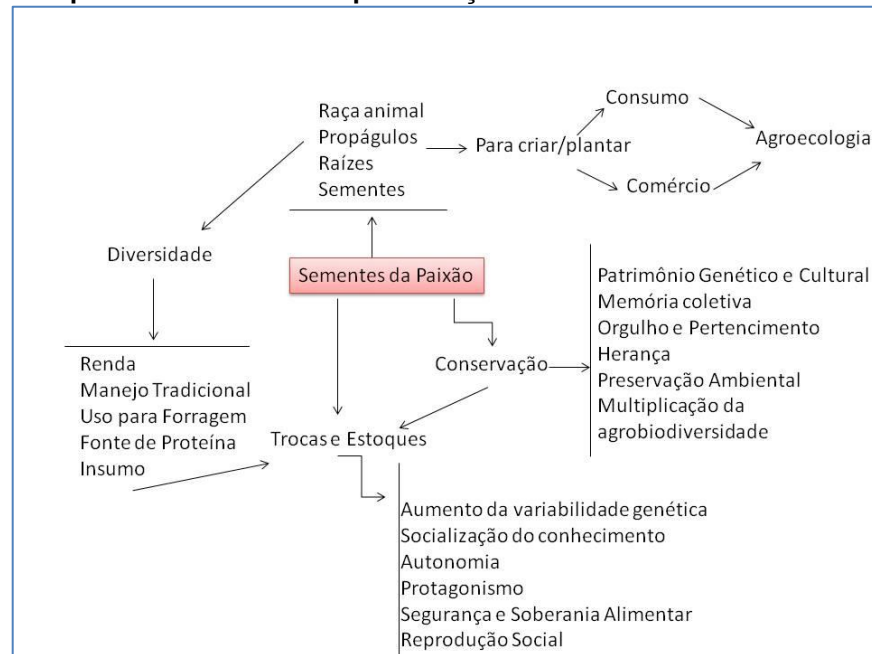
falar, argumentar, discutir o cotidiano. Segundo Moscovici (1999), a maneira concreta de identificar as representações sociais e trabalhar com elas numa pesquisa é através das conversações. É dentro das conversas que se elaboram saberes populares e o senso comum sobre determinados temas sociais. E para complementar o que identificamos com as conversas, o autor pontua, que devemos fazer um apanhado geral sobre as implicações ideológicas e políticas que permeiam os mundos sociais e assim podemos então compreender o todo ou mais amplamente possível, as representações sociais de um grupo alvo.

7.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ATORES QUE ATUAM NA CONSERVAÇÃO DAS SEMENTES DA PAIXÃO

Durante as conversações realizadas neste estudo, fizemos alguns questionamentos direcionados ao quesito profissional dos mediadores sociais, a fim de captar elementos que esclarecessem as visões que estes atores possuem a despeito de seus papéis, assim como das bases e posicionamentos de seus discursos. As respostas foram sistematizadas através de quadros de representações sociais. Fizemos o mesmo com os guardiões de sementes da paixão, mas com estes atores realizamos dois direcionamentos: um sobre suas concepções a despeito do papel dos mediadores e outro sobre a relação afetiva com as sementes crioulas e a identidade associada a elas.

O primeiro quadro de representações elaborado foi propriamente sobre as Sementes da Paixão. Como os atores sociais nomeiam e designam essas sementes? Existe um consenso entre os atores sobre as Sementes da Paixão? Durante as conversações e entrevistas fizemos perguntas direcionadas sobre o que os atores sociais entendiam como sendo as Sementes da Paixão e que expressões foram usadas durante as entrevistas. A partir das respostas elaboramos um quadro esquemático.

Figura 31 - Esquema ilustrativo de representações sociais sobre as Sementes da Paixão



Fonte: Elaborado pela Autora (2019)

Os mediadores sociais e os guardiões concebem as Sementes da Paixão como sendo variedades de sementes e raças animais crioulas. Para esses atores as Sementes da Paixão englobam os propágulos, as raízes e diversos animais de raças locais como cabras, galinhas e porcos. Essas variedades são para criar e plantar e podem ser utilizadas no consumo e na comercialização. Os guardiões não mencionaram a relação da produção e consumo com a Agroecologia. Já os mediadores enfatizaram que a produção e a comercialização das Sementes da Paixão devem levar em consideração os princípios e bases da Agroecologia.

Os guardiões consideram a conservação das Sementes da Paixão de suma importância pois essas variedades representam a luta e a conquista por direitos no espaço rural. Citam que essas variedades são de herança, mas não transgeracional como se supunha. Dessa forma, deixam bem claro que se trata de uma herança deixada pelo povo nordestino, uma herança da agricultura familiar da região e não de seus pais ou avós como comumente se fazem menção. Essa herança mencionada é carregada de afetos, por isso a noção de orgulho e pertencimento ao semiárido vem atrelada à noção de herança. Isso não quer dizer que não existam variedades que são passadas de geração em geração. No entanto, grosso modo, a maioria das variedades conservadas atualmente é fruto de um forte trabalho de resgate e multiplicação. Foi preciso resgatar as variedades mais resistentes e

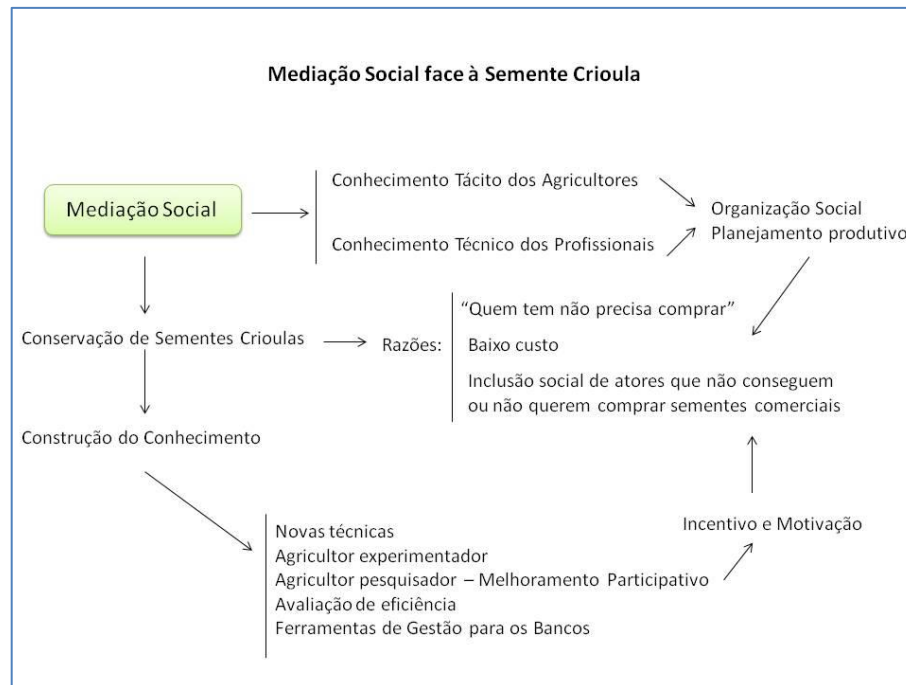
produtivas no semiárido e isso só se deu à medida que foram sendo feitos os melhoramentos participativos que envolveram profissionais e agricultores.

Os mediadores utilizam outras expressões mais abrangentes e de cunho científico para designar as sementes crioulas, tais como patrimônio genético, memória coletiva, conservação ambiental, conservação da agrobiodiversidade, numa linguagem coerente ao debate científico. Atualmente o debate que concerne a conservação da agrobiodiversidade como patrimônio biocultural está em alta na América Latina e no âmbito da Agroecologia.

Ao questionar a importância da conservação das Sementes da Paixão, os guardiões responderam de imediato a questão do estoque e o que essa estratégia garante às suas famílias. O estoque representa a garantia, a segurança e a reserva para esses atores e está relacionado à noção de acervo e de acessibilidade. Acervo porque está em estado de conservação, guardado e zelado, ao alcance dos guardiões, de fácil acesso. Os mediadores entendem que os estoques e as trocas ocorridas entre bancos e agricultores garantem o aumento da variabilidade genética, a socialização do conhecimento e o protagonismo. Para tanto, frisam que esses estoques garantem, sobretudo a segurança e soberania alimentar dos agricultores e a sua reprodução social. A segurança alimentar está também relacionada ao acesso de proteína no semiárido e o uso do excedente de produção na forragem animal. A noção de estoque como estratégia ganhou força na Paraíba nos anos de 1970, quando a maioria dos agricultores não tinham sementes de boa qualidade para plantar na época de chuva. Os atores sociais envolvidos com os primórdios das Sementes da Paixão realizaram um trabalho conciso em cima dessa noção e daí decorre a origem dos bancos de sementes como mecanismo de estocagem e garantia de acessibilidade. Considerada a principal estratégia, a estocagem aparece nas falas de ambos os atores, comumente enaltecidas e referenciadas como sendo a principal estratégia de superação da escassez de sementes.

Outra questão trabalhada com os participantes da pesquisa foi sobre a mediação social. Primeiramente tratamos desse assunto com os próprios profissionais de mediação a saber o que eles entendiam como mediação face à semente crioulas ou à Semente da Paixão. Os mediadores enfatizaram a sua importância e colocaram em evidência o papel do mediador, qual seja, na concepção deles, o de articular o conhecimento científico sobre as sementes crioulas com o conhecimento tácito dos guardiões. Além disso, esses atores sociais consideram que é função da mediação a organização social e o planejamento produtivo dos agricultores.

Figura 32 - Esquema ilustrativo de representações sociais sobre mediação social face à semente crioula



Fonte: Elaborado pela Autora (2019).

Os profissionais das ONGs, notadamente da AS-PTA passam uma série de indicações sobre as variedades crioulas aos agricultores e, incentivam, em grande medida, a adoção de variedades como milho, abóbora, feijão e favas. Os argumentos principais dos mediadores quanto ao uso e conservação de sementes crioulas em bancos de sementes recaem principalmente sobre a questão da autonomia. Para estes atores sociais quem possui sementes estocadas não precisam comprá-las em estabelecimentos comerciais, sendo essa uma medida de baixo custo, que permite a inclusão social de diversos atores, notadamente, daqueles que não possuem recursos financeiros para adquirir insumos agrícolas.

A mediação social no Polo da Borborema passou por muitas transformações, a principal delas refere-se à concepção dos atores sociais sobre a construção do conhecimento nos espaços sociais. Para Freire e Falcão (2013), isso tem a ver com o projeto coletivo que se funda no princípio da convivência com o semiárido, princípio este que tem se materializado em processos locais de experimentação agroecológica. Esses processos são articulados em redes de agricultoras e agricultores. A rede é conhecida popularmente como rede de agricultores experimentadores. Em Freire e Falcão (2013)

podemos notar que a ação desses atores do desenvolvimento rural se traduz no resgate e na atualização de estratégias típicas da agricultura familiar e dos povos e comunidades tradicionais da região nordeste. A mediação social na Paraíba conforme os mediadores enfoca no resgate de tradições e práticas sociais. No entanto, os processos são direcionados a certas novidades, como por exemplo, a perspectiva da Agroecologia e dos novos papéis associados aos agricultores, qual seja, de agricultor pesquisador, agricultor experimentador. Esses novos papéis se traduzem em incentivo e motivação, bem como na construção de novos conhecimentos que atualmente são sistematizados e compartilhados entre os agricultores. Assim, os agricultores têm conseguido avaliar a eficiência de seus agroecossistemas e gerar novas técnicas como as voltadas à gestão dos bancos de sementes.

A despeito desse assunto, quatro perguntas simples foram feitas aos agricultores e mediadores sociais: 1) O que é mediação social? 2) Para que serve? 3) Para quem é? 4) Quem são os mediadores sociais? As respostas foram muito diversificadas como podemos observar no quadro abaixo.

Os agricultores entrevistados não sabiam ao certo do que se tratava o termo ou noção de mediação social. Com muita estranheza, a maioria respondeu não saber do que se trata ou diretamente responderam que nunca ouviram falar em tal expressão. Alguns se arriscaram a falar que a mediação social seria um programa do governo e outros responderam em forma de pergunta se seria algo para o povo. Já os mediadores sociais pontuaram que a mediação social é a mesma coisa que extensão rural e assistência técnica. Dentre estes, a maioria citou que a mediação é uma espécie de ponte que liga governo aos sindicatos rurais (exemplo dado). De maneira unânime, responderam que não usavam essa expressão para designar seus trabalhos e os papéis desempenhados.

Quando perguntamos "quem são os mediadores" respostas diversificadas foram dadas. De sobressalto, alguns agricultores nomearam o sindicato rural como principal mediador. É possível notar que quando perguntamos sobre o processo de mediação um tipo de receio bloqueou os entrevistados e as respostas foram muito discrepantes. Talvez tenha sido um estranhamento por ser uma expressão não usual na Paraíba. No entanto, quando perguntamos quem são os mediadores, as respostas parecem ser mais pontuais e assertivas. Muitos agricultores puxaram no ímpeto de suas realidades a figura do mediador que conhecem, qual seja, as lideranças, as instituições e a figura do agrônomo. A mesma pergunta foi feita aos próprios mediadores e nesse momento comprovamos que a noção de

mediação e o papel de mediador não são noções usuais em diversos contextos. Os mediadores entrevistados são em suma técnicos, pesquisadores, profissionais de extensão rural, doutorandos e etc. Para estes atores sociais não há um consenso sobre o mediador. Alguns citaram os cargos profissionais que desempenham, como técnicos e agrônomos. Outros não se reconhecem como mediador e acham que instituições como ONGs, a própria FAO e o serviço público correspondem de maneira mais coerente a tal designação.

Constatamos que a concepção sobre a mediação social no caso da experiência das Sementes da Paixão não existe um consenso sobre a noção de mediação social, tão pouco os atores sociais se reconhecem como mediadores, bem como não se sentem seguros a ponto de se auto definirem assim.

7.3 TECNOLOGIAS SOCIAIS PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

” Toda relação do homem com a natureza é portadora e produtora de técnicas que se foram enriquecendo, diversificando e avolumando ao longo do tempo”
(SANTOS, 2000).

Vivemos em um mundo em que as tecnologias são atualmente comandadas pelo capital financeiro e pelas grandes corporações transnacionais. No entanto, o poder dos “agentes do mercado” não é absoluto, pois ele também engendra o seu contrário (BAVA, 2004). Podemos entender como contrário as práticas de resistência, os movimentos sociais e políticos que no âmbito das agriculturas ecológicas buscam cada vez mais reverter o quadro, pôr a economia a serviço da sociedade e construir alternativas de desenvolvimento e de organização social (BAVA, 2004). Estas práticas contrárias são em grande medida “fundadas na solidariedade, na inclusão social, na busca da equidade, no respeito aos direitos humanos, na preservação ecológica, na justiça social” (BAVA, 2004. p. 104).

Na agricultura e em outros campos sociais, o movimento social adquiriu escala global. Em suma, esses movimentos colocam em pauta que outros mundos são possíveis. Para tanto, lançam constantemente novas bases para a construção de paradigmas, bem como, criam técnicas e metodologias para realizar seus objetivos.

É em razão dessas características atuais que as experiências inovadoras de desenvolvimento de técnicas e metodologias participativas, orientadas para a inclusão social, são portadoras de um potencial transformador (BAVA, 2004).

A noção de convivência com o semiárido está relacionada a diversas práticas sustentáveis na agricultura. Através da noção de convivência é possível enfatizar uma série de práticas que se integram hoje na vida de dezenas de milhares de famílias agricultoras. São práticas de captação e manejo da água da chuva, de cultivo e multiplicação das sementes crioulas, de implantação e manutenção de quintais produtivos e agroecológicos, de aproveitamento da biodiversidade da Caatinga. Estas práticas fazem com que a vida no semiárido não só seja possível e digna, como mais sustentável (FREIRE; FALCÃO, 2013). Ao idealizar a convivência com o semiárido, os agricultores e atores sociais envolvidos com esta causa tiveram antes de mais nada que reclamar por uma política adequada ao semiárido, a destacar a questão crucial do poder de escolha dos atores sociais, que Freire e Falcão (2013) chamam de processo de “tomar seu destino em mãos” e com isso abalar as estruturas tradicionais de dominação política, hídrica e agrária no nordeste. Para tanto, foi preciso iniciar um processo de mudança de concepção sobre o bioma do semiárido e seus atores sociais.

A ASA deu passos decisivos para desenvolver uma abordagem própria que valorizasse e canalizasse os saberes de agricultores(as) para a construção de um projeto de convivência com o semiárido (FREIRE; FALCÃO, 2013). A noção principal trabalhada pela ASA foi a do desenvolvimento de tecnologias sociais em que o diferencial, neste caso, foi o incentivo para que os próprios agricultores desenvolvessem essas tecnologias. Segundo Bava (2004) o potencial transformador de experiências assim ganha ainda mais sentido social quando confrontamos essas realidades emergentes com o pensamento hegemônico que busca desterritorializar essas ações a medida que ignora quem são seus protagonistas, nega essa construção de novas relações sociais que se apropriam de novas técnicas e metodologias e as desenvolvem e reelaboram com o sentido preciso de negação do modelo de desenvolvimento prevalecente.

As tecnologias sociais para a convivência com o semiárido são uma iniciativa da ASA voltada principalmente a implantação de infraestruturas de captação e armazenamento de água das chuvas para produção de alimentos pelas famílias agricultoras no Semiárido. Além de proporcionar a instalação dos equipamentos, os programas sociais ativam as redes de aprendizagem baseadas no estímulo à inovação local e no intercâmbio entre agricultores(as) (FREIRE; FALCÃO, 2013). O primeiro programa de tecnologia social desenvolvido pela ASA, se deu no início dos anos 2000, para atender a necessidade básica de água potável a população que vive no campo. Com esse intuito, foi elaborado então o

Programa Um Milhão de Cisternas, conhecido como P1MC. O objetivo principal desse programa foi garantir o acesso à água de qualidade em que é importante ressaltar que qualidade da água está intimamente relacionada à armazenagem adequada. Por essa razão o P1MC enfatizou o desenvolvimento de uma tecnologia que fosse eficiente no quesito armazenamento de água da chuva. Muitos agricultores que ajudaram a construir esse programa social possui experiência em construção civil. O conhecimento desses atores foi acionado e a partir disso foi elaborado o projeto-piloto de cisterna com placas de cimento para serem construídas ao lado das casas dos agricultores. Uma iniciativa que mudou a vida de milhares de pessoas que todos os dias andavam dezenas de quilômetros para buscar água (FREIRE; FALCÃO, 2013). A ASA denomina os frutos desse programa como sendo um processo de descentralização e democratização da água.

Com o P1MC, muitas comunidades rurais vêm passando por transformações de cunho organizacional. Segundo os mediadores sociais, o programa deixou um legado importante a região, ficaram os ensinamentos de que, reunidos e organizados, é mais fácil conquistar direitos. A mediação social agregou diversos atores sociais, principalmente pelo estímulo à organização comunitária. Para Freire; Falcão (2013), o povo do Semiárido vem mudando a sua história ao construir conhecimentos e estratégias de superação e desenvolvimento rural. Para os agricultores e mediadores sociais entrevistados, a história dos agricultores tem sido escrita a partir do reconhecimento de suas capacidades de luta e defesa de seus direitos, sejam eles o acesso à água, a uma educação contextualizada e de qualidade, ao crédito, à preservação das sementes crioulas, ao direito de se comunicar, entre tantos outros.

A noção de replicabilidade de uma tecnologia social é, nesse contexto, também um conceito em disputa. Bava (2004) argumenta que esta noção sugere, no campo da elaboração de novos conhecimentos, que experiências inovadoras como a das tecnologias sociais no semiárido, inspiram novas iniciativas que criam novas formas de organização social e prefiguram e oferecem novos instrumentos para o desenho de uma nova sociedade. O autor sugere também que essas novas iniciativas abrem oportunidades para a emergência na cena pública de novos atores. Esses atores reelaboram as experiências-referência e a partir delas criam novas relações sociais ao se efetivarem em novos contextos e identidades específicas.

Um grande desafio para as tecnologias sociais é ultrapassar sua dimensão de experiências-piloto. Nesse sentido, são necessários esforços para a construção de

ambientes institucionais favoráveis, isto inclui as políticas públicas, novas leis, ou seja, um outro arcabouço institucional que envolvem não só o governo local, como as demais instâncias política (BAVA, 2004).

Novamente, a disputa de significados quanto aos conceitos em uso requer uma precisão: não se trata da defesa da terceirização das políticas públicas, que a Constituição atribui como responsabilidade ao Estado. Trata-se, isso sim, de enfrentar um arcabouço de leis, políticas de financiamento público e requerimentos de acesso que reafirmam privilégios e favorecem apenas as grandes empresas. Para abrir campo a fim de que as experiências-piloto ganhem escala, também é necessário o desenvolvimento de novas técnicas e metodologias (BAVA, 2004, p. 107).

O exemplo das tecnologias sociais para a convivência com o semiárido atesta a potencialidade da configuração de uma nova institucionalidade, construída para favorecer a inclusão social. Assim, Bava (2004) ressalta a importância da atuação do Estado na formulação de novas políticas públicas que abram essas oportunidades. O autor complementa que “é possível identificar também que os principais agentes de transformação social, que impulsionaram essas iniciativas e asseguraram seu sucesso, são os atores coletivos, os movimentos sociais, as associações e entidades” (BAVA, 2004, p. 107).

7.4 O PROGRAMA SOCIAL P1+2: ÁGUA E ALIMENTOS PARA O SEMIÁRIDO

Criado em 2007, o P1+2 foi formulado após intensas reflexões ocorridas no âmbito da ASA sobre a importância da experimentação camponesa e sobre a necessidade de mobilizar as famílias para deflagrar processos locais de inovação nas práticas de manejo, sobretudo as que aproveitam a água das chuvas para a produção de alimentos segundo métodos ecológicos (FREIRE; FALCÃO, 2013). O P1+2 é popularmente conhecido como “uma terra, duas águas”. Foi concebido para se somar ao Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), iniciativa que já vinha sendo colocada em prática há vários anos.

Se com as cisternas de 16 mil litros implantadas pelo P1MC as noções de direito e de cidadania despontaram e ganharam sentido efetivo para as comunidades rurais do semiárido, com o P1+2 elas desabrocharam, abrindo um novo horizonte de significados e oportunidades para as famílias e comunidades que participam de sua execução. É nesse programa social que as sementes crioulas ganham destaque. Com o direito pela “água de beber” garantido, foi a vez de lutar pelo direito a “água para comer”, ou seja, a água para produzir alimentos.

A disseminação dessas inovações técnicas, a melhoria da qualidade de vida e o aumento produtivo proporcionado pelas infraestruturas hídricas são frutos de uma mobilização popular que teve como principal instrumento as trocas de experiências e a valorização do saber popular. Em uma região onde terra, água e sementes sempre estiveram sob o controle das elites agrárias, isso é algo revolucionário.

7. 5 INTERCÂMBIOS, TROCAS SOLIDÁRIAS E SISTEMATIZAÇÕES DE EXPERIÊNCIAS

Os processos de construção do conhecimento, ativados pelo P1+2, ocorrem a partir da valorização de experiências concretas dos atores sociais, ou seja, aquilo que eles vêm criando e testando. O P1+2 promove intercâmbios de agricultor(a) a agricultor(a), entre comunidades, territórios, municípios e até estados. Esses intercâmbios são organizados com a finalidade de construção e disseminação do conhecimento local no semiárido. Dessa forma, vai se tecendo uma identidade camponesa regional, sertaneja, caatingueira, geraizera e fazendo circular o conhecimento produzido nos diversos lugares do semiárido (ASA, 2019). Além disso, esses momentos de partilha envolvem os(as) agricultores(as) e o corpo técnico de instituições como Ater e ONGs. O programa já apoiou a realização de 478 intercâmbios intermunicipais e 254 intercâmbios interestaduais, envolvendo mais de 12.100 pessoas. Os grupos agricultores vão a propriedades de outros agricultores, bem como recebem diversos agricultores intercambistas em suas propriedades. Nessas vivências são trocadas informações, materiais genéticos e as experiências são registradas e sistematizadas. Os agricultores entrevistados contam que já perderam a conta de quantos intercâmbios já participaram. Freire e Falcão (2013) argumentam que para qualificar e apoiar os momentos de troca de conhecimentos entre agricultores(as), costuma ser feita previamente a sistematização da experiência a ser visitada. Esse processo de sistematização é denominado localmente como “sistematizar para comunicar”. A atividade é realizada como um processo coletivo de descrição e análise crítica da trajetória de inovação da família ou grupo, traçando o percurso da organização das ideias, dos saberes e das práticas locais. Trata-se de uma estratégia essencial para a construção do conhecimento, pois cumpre importante papel no levantamento e na organização do saber construído e acumulado localmente. Ao mesmo tempo, possibilita a produção de instrumentos pedagógicos voltados à divulgação de iniciativas bem-sucedidas da agricultura familiar (FREIRE; FALCÃO, 2013).

Boletins informativos, poesias, cordéis, cartilhas, banners, maquetes, programas de rádio, vídeos, teatros, entre outros tantos veículos, são empregados para expressar os saberes sistematizados. Independentemente do formato, as sistematizações permitem vislumbrar como os conhecimentos foram gerados e contribuíram para a vida das famílias, valorizando a história de tantos agricultores e agricultoras.

7.6 TECNOLOGIAS SOCIAIS E A PRODUÇÃO DE NOVIDADES

No âmbito da Agroecologia a mediação sociotécnica acontece em interface com os processos de construção do conhecimento. Estes processos ocorrem mediante a relação sinérgica entre diferentes saberes, realocando a inovação local como dispositivo metodológico necessário para a criação de ambientes interativos e participativos. O avanço da Agroecologia como paradigma científico exige a substituição do modelo diretivo, vertical e unidirecional adotado pelo difusionismo tecnológico por um modelo construtivista, baseado no diálogo de saberes e no incentivo ao engajamento participativo (PETERSEN; CAPORAL; DAL SOGLIO, 2009). A construção do conhecimento agroecológico com os agricultores implica o reconhecimento e o fortalecimento das organizações da agricultura familiar que são chamadas a assumir funções na dinamização de redes sociotécnicas capazes de mobilizar agricultores(as) e comunidades em torno de processos de inovação agroecológica. Assim sendo, o conhecimento resulta de processos que envolvem a agência dos agricultores familiares e a premissa de que o conhecimento agroecológico não está acabado e pronto, mas em permanente (re) construção (PETERSEN; CAPORAL; DAL SOGLIO, 2009). Isso implica que esses processos devam acontecer mediante ações conjuntas e realizados com métodos participativos e com procedimentos e práticas que facilitem a emergência de novos conhecimentos. Dessa forma, os processos de CCA são “berçários” de atividades criativas e inovativas em que despontam conhecimento e novidades geradas pelos agricultores. Essas novidades se diferem das inovações tecnológicas que chegam aos agricultores por vias externas. São, portanto, fruto dos conhecimentos que eles possuem sobre seus agroecossistemas e recursos genéticos e naturais que dispõem e manejam.

A abordagem da produção de novidades (*novelty production approach*), foca no processo de inovação e produção de conhecimentos na agricultura como resultado do processo de busca de soluções e alternativas viáveis aos problemas diários com que os agricultores se defrontam e para os quais procuram (re)criar e (re)inventar novas e melhores

maneiras de superar problemas e limitações e otimizar os recursos que dispõem. Nessa abordagem a atividade inovativa não é compreendida somente como fruto da introdução de tecnologias ou de conhecimentos produzidos externamente, o que também pode acontecer, mas, sobretudo, como resultado de um processo contínuo e cotidiano de ajustes às condições que os agricultores dispõem e manejam (OLIVEIRA; GAZOLLA; SCHNEIDER, 2011).

Ploeg *et al.* (2004) utilizam o termo novidades ao invés de inovações. Para os autores as novidades diferem-se das inovações pela forma com que são produzidas e pelos resultados que geram. Enquanto as inovações são constituídas a partir de um modelo linear de produção de conhecimentos através de um fluxo unilateral de troca de informações entre pesquisadores, extensionistas e agricultores, as novidades rompem com a linearidade e são produzidas no contexto das atividades e com base no conhecimento e no poder de agência dos agricultores de utilizar e selecionar conhecimentos e tecnologias produzidos externamente, adaptando-as, (re)configurando-as e até (re) significando-as aos seus contextos específicos.

As novidades, podem ser consideradas como mudanças que tencionam os padrões vigentes e produzem rupturas. Estas, por sua vez são produtoras de mudanças em domínios diferentes daqueles em que e para as quais foram produzidas, o que leva à geração de novas práticas, novas instituições e novas demandas. Assim, os efeitos das novidades, além de não obedecerem à trajetória esperada, são mais amplos e não se limitam a um estágio do processo de produção, podendo se desenvolver em torno de novos processos (OLIVEIRA; GAZOLLA; SCHNEIDER, 2011).

A Perspectiva Orientada ao ator e a abordagem da produção de novidades comungam da noção de agência social, que defende o papel ativo que os agricultores podem assumir nos processos de construção do conhecimento por intermédio do conhecimento que acumularam e das decisões que tomam. Para Long (2007) e Ploeg (2008) ao longo do tempo, e baseados em sua experiência cotidiana, os agricultores buscam um conjunto diversificado de respostas para contornar a tentativa de homogeneização do desenvolvimento tecnológico na agricultura. Segundo os autores, os agricultores estabeleceram mecanismos de desviar e responder aos problemas decorrentes da integração do conhecimento científico ao processo de trabalho, das condições desiguais de absorção das tecnologias e das dificuldades de implantação de regras e procedimentos que visam à uniformização. Nessa perspectiva, além dos agricultores absorverem tecnologias

em diferentes ritmos, toda técnica ao ser utilizada diretamente nos processos de produção passa por um processo de tradução ou reconfiguração, por meio do qual os agricultores atribuem significado e sentido a partir de seus conhecimentos nos processos de trabalho e nas suas relações sociais de produção (PLOEG, 2008).

Na Paraíba os agricultores experimentadores estão a construir conhecimentos e tecnologias sociais. Um diferencial dessa experiência são os intercâmbios que os atores sociais fazem. Nesses intercâmbios são compartilhados e produzidos novos conhecimentos. Em geral os intercâmbios são divididos em quatro temas: criatórios, sementes, manejo agroflorestal e quintais produtivos. Segundo Freire e Falcão (2013), a inovação desse modelo de construção do conhecimento está em trazer para o centro do debate evidências dos avanços e desafios do fortalecimento de redes territoriais de agricultores(as)-experimentadores(as). Esse tipo de ação deixa em evidência a importância de cada agricultor e cada agricultora como força coletiva transformadora, capaz de influir sobre os projetos de desenvolvimento em disputa no território.

Freire e Falcão (2013) revelam que para receber seus visitantes, as famílias anfitriãs se prepararam com muito afinho. Os grupos são organizados com aproximadamente 30 pessoas, que podem ser de diversos estados. No caso da conservação de sementes crioulas, os intercambistas podem saber mais sobre as Sementes da Paixão, bem como conhecer os bancos de sementes comunitários. "Com o intercâmbio é possível explicar sobre a riqueza das nossas sementes e incentivar a formação de novos bancos. Eles vem aqui e conhecem nossos silos e aprendem como guardamos as sementes em garrafas pet e também levam consigo muitas sementes para começar "(Guardião de Lagoa da Roça).

Os guardiões gostam de falar que suas roças se transformaram em laboratório e do quanto estudantes e pesquisadores do país todo os procuram. Um ponto importante ressaltado por Freire e Falcão (2013), é que a comunicação entre iguais favorece a transmissão e a geração de conhecimentos, pois a prática e os testemunhos conferem força às palavras e às experiências. Nos intercâmbios, não faltam exemplos do que vem dando certo semiárido afora, a partir da experimentação de agricultores e agricultoras, independente do nome que a semente receba – *da fartura, da resistência, da vida, da paixão, da liberdade* ou *da gente*. A manutenção do cultivo das sementes adaptadas ao clima da região é a prova viva da importância delas para a agricultura familiar do semiárido (FREIRE; FALCÃO,2013).

Sobre a produção do conhecimento – As experiências em si, vistas de maneira isolada, não nos contam nada acerca de seu significado transformador. A busca de novos paradigmas, a busca da passagem da experiência-piloto para a adoção de novas políticas públicas, requer um trabalho de pesquisa que permita sistematizar, analisar, debater e difundir o que nos ensinam as experiências em seu conjunto. As tecnologias sociais – Mais do que a capacidade de implementar soluções para determinados problemas, podem ser vistas como métodos e técnicas que permitam impulsionar processos de empoderamento das representações coletivas da cidadania para habilitá-las a disputar, nos espaços públicos, as alternativas de desenvolvimento que se originam das experiências inovadoras e que se orientem pela defesa dos interesses das majorias e pela distribuição de renda (BAVA, 2004).

Os mediadores pontuaram, nas entrevistas, a importância das sementes crioulas na convivência com o Semiárido. As sementes nesse contexto são entendidas como sendo uma tecnologia social, inter-relacionada às outras tecnologias sociais como, por exemplo, a de captação e gestão da água. Essas tecnologias foram construídas a partir do acúmulo de conhecimentos gerados por abordagens metodológicas da ASA e das experiências concretas dos agricultores. Os agricultores que ajudam a criar e testar as tecnologias são conhecidos como agricultores (as) experimentadores.

Os guardiões ressaltaram a questão do acesso a políticas públicas e as estruturas físicas conquistadas a partir destas, como por exemplo os próprios bancos de sementes crioulas. Nas falas há sentimentos de orgulho que expressam as emoções envolvidas na conservação das Sementes da Paixão. Para os atores sociais entrevistados, a participação cada vez maior dos jovens e mulheres que ajudam a criar novos produtos e sentidos na agricultura familiar, é por si só uma novidade. O cuscuz da paixão é da gente. Quando a gente termina um produto, embalada e vende, outros companheiros visualizam que a Semente da Paixão é próspera. Dá para criar muita coisa nova ainda (Guardião de Esperança).

7.7 CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: DIÁLOGOS SOBRE OS ENCONTROS E DESENCONTROS NA MEDIAÇÃO SOCIAL

Atualmente, não se pode falar em convivência com o semiárido sem considerar o conhecimento prático de agricultoras e agricultores. Apesar de esse avanço das redes de

experimentadores(as) ser notório, ele ainda ocorre em um ambiente onde predomina um modelo técnico construído sob a égide de uma visão essencialmente difusionista. Contudo, tem havido a emergência para o fortalecimento do papel dos agricultores e do desafio de romper com essa lógica.

Para Lifschitz (2006), muitos agricultores estão construindo alianças e parcerias com agentes externos de diversas instituições, criando laços sociais de proximidade. Os agentes externos que integram estas instituições podem ser denominados de mediadores sociais. Há vários atores que se configuram em mediadores no espaço rural, tais como os integrantes de organizações não governamentais (ONGs), associações de agricultores, instituições de extensão rural e pesquisa tecnológica, empresas, universidades, escolas, igreja, sindicatos, líderes comunitários e outros (DEPONTI; ALMEIDA, 2010).

Para Coelho (2005), as práticas de mediação difusionistas e tecnicistas advindas da Revolução Verde (RV) estão pouco preocupadas com impactos ambientais de tecnologias insustentáveis, a citar as sementes comerciais - híbridas e transgênicas, ou descompromissadas com as consequências das mudanças sociais e políticas que elas podem provocar no espaço rural. No âmbito das mudanças socioambientais atuais, a assistência técnica e extensão rural (ATER) vem sendo cada vez mais questionada. As posições de comando assumidas em alguns momentos por mediadores, marcada por desigualdades e desencontros, acentuam a prepotência cientificista (KNORR-CETINA, 1992). Conseqüentemente, muitos profissionais agem como se, a princípio, a ação do outro não tivesse razão ou sentidos, simplesmente, não consideram os processos históricos e os conhecimentos que levam os agricultores a fazerem suas práticas de determinadas formas e não de outros jeitos.

Para pensar as práticas de mediação social talvez seja interessante indagar com quais objetivos os mediadores trabalham e por que em processos de mediação sociotécnica, alguns procedimentos e métodos de intervenção se instituíram, enquanto outros, não? Questões como essas ativam a análise crítica diante dos desafios da mediação. Os estudos de Olivier de Sardan tem permitido uma melhor compreensão dos processos de mediação social em projetos de desenvolvimento rural. Esses estudos tratam das relações dos mediadores com os chamados “grupos alvos”. Deixando de focar nos conflitos originados dessas relações e do desenvolvimento como objeto a ser alcançado, Sardan (1995) foca nas dinâmicas de interação entre diferentes atores sociais, dotados igualmente de diferentes saberes, interesses e estratégias. São nos espaços sociais ou arenas que acontecem os

encontros entre esses diferentes atores, bem como as interações, intervenções e a construção do conhecimento. São, portanto, espaços de debates, formação de opinião e de mobilização social em torno de questões que podem agregar atores com interesses e anseios comuns e consensuais, como também de interesses distintos e conflitantes (BRACAGIOLI, 2014).

Assim, é na arena que se dá a interface, ou seja, pontos de intersecção e encontros entre diferentes atores sociais, estando em jogo relações marcadas por assimetrias e diversas acepções de poder. Nos meandros das contratendências, ou rotas de saídas às imposições sociotécnicas, a construção do conhecimento é um elemento fundamental de compreensão e análise das singularidades e respostas diferenciadas que atores sociais dão aos processos de mediação. A forma como o conhecimento técnico dos mediadores é pensado, levado e chega até os agricultores e como estes recebem (ou não) e resignificam esse conhecimento foram de interesse nesta tese. O tema de pesquisa permite lançar o olhar sobre a interface e os pontos de confrontação nos processos de mediação sociotécnica e de construção do conhecimento. Mais precisamente, sobre os encontros e (des)encontros que permeiam as relações sociais entre agricultores e mediadores e os reflexos nas práticas de conservação da agrobiodiversidade com enfoque agroecológico. A noção de encontros e (des)encontros diz respeito aos fenômenos que revelam diferentes formas de encontros entre atores sociais e seus repertórios culturais, mundos e modos de vida e conhecimentos. Nos meandros desses encontros, aproximações e afastamentos cingem-se nos processos de construção negociada, continuada e circunstancial do conhecimento e das representações produzidas durante e após os processos de mediação sociotécnica. As representações se constituem em “mediações entre a presença e a ausência” no sentido de uma produção dialética em que oposições e conflitos são originados pelas contradições entre princípios teóricos e fenômenos empíricos (ALCÂNTARA, 2015).

A análise a partir da interface foca em pontos de confrontação, diferenças sociais e contatos entre mundos ou campos sociais diversos (LONG, 1999). A noção de interface utilizada por Norman Long contribui para analisar as lacunas entre os discursos dos atores sociais com aquilo que, de fato, acontece numa escala local. Para tanto, faz-se necessário focar nas interações e negociações que ocorrem entre os atores externos e locais. Assim, a interface diz respeito àquilo que Long chama de “descontinuidades” ou discrepâncias, no que se refere aos interesses, valores e conhecimentos distintos e jogos de poder destes diversos atores.

Os encontros e (des)encontros que permeiam as relações entre guardiões e mediadores agroecológicos afetam (positiva ou negativamente) esses atores e suas práticas sociais, bem como são expressões de diversidades de mundos, conhecimentos pluriversos e *cosmovisões* (maneira subjetiva de ver e entender o mundo). Não pretendo nesta tese focar apenas nas relações de poder e revelar as tramas de subalternidade que podem resultar dos processos de mediação, embora se reconheça que os jogos de interesses e poder sejam fatores analíticos de grande importância numa pesquisa que se propõe investigar processos de mediação social. Nosso foco, no entanto, é a agência humana.

A diversidade de modos de existência e resistência dos agricultores que atuam como guardiões de sementes crioulas exige uma abordagem para além da racionalidade das estruturas de poder e controle. O poder não é uma relação estática em que alguns o detêm e impõem sobre os outros, mas muito mais uma rede de relações abertas e dinâmicas, cujos limites de influência não estão previamente definidos, isto é, o poder é um misto de relações móveis e reversíveis em que nunca poderemos, em definitivo, estabelecer um limite a tais ações. Sempre há espaço para que o outro diga não, se recuse a aceitar a influência ou mesmo estipule uma estratégia reversível a uma tentativa de influenciá-lo (PELLIZZARO, 2013). E esta mobilidade e reversibilidade nas relações são possíveis em virtude do poder de agência dos atores sociais (GIDDENS, 2009).

Assim, é porque existem as relações de poder que é possível a resistência e a construção de diferentes estratégias de agência social. Neste estudo pretendo desvelar as relações sociais a partir da agência dos atores numa perspectiva que leva em consideração as *dissonâncias* e *consonâncias*, proeminentes na mediação sociotécnica, pautadas na Agroecologia e suas influências nas práticas de conservação da agrobiodiversidade e sementes crioulas. Para Arce e Long (2000) a construção do conhecimento é um processo social que ocorre nas situações de interface (pontos de intersecção) entre diferentes sistemas, campos ou domínios sociais. Dessa forma, adotando esse prisma de análise, pode-se dizer que o conhecimento se constrói a partir de um encontro de diferentes horizontes e mundos de vida (GUIVANT, 1997).

Segundo Castelli; Wilkinson (2002), o conhecimento tácito dos agricultores e o conhecimento científico dos mediadores são quase sempre complementares, em graus variados. Isto significa que os conhecimentos tácitos e científico coexistem no tempo. Castelli; Wilkinson (2002) argumentam que o desenvolvimento sustentável só pode ser alcançado pelo desenvolvimento de uma ciência baseada nas dimensões locais de

conhecimento e necessidades dos atores. Dessa forma, Sillitoe (1999) propõe que se considere os dois sistemas (conhecimento tácito dos agricultores e conhecimento científico dos mediadores) como um *continuum*. Assim, seria necessário delinear uma metodologia capaz de compreender as contradições que caracterizam a mediação social. Estas contradições podem ser vistas como polos extremos de um *continuum* que vai do conhecimento tácito ao conhecimento científico. Não se pode esperar, portanto, que um seja congruente com o outro (CASTELLI; WILKINSON, 2002). Trata-se mais de contrastes e paralelos. Segundo Sillitoe (1999) compreender esses contrastes e paralelos é um importante caminho para se pensar e promover uma mediação social de forma a atingir o “conhecimento *continuum*” entre os atores sociais.

No âmbito da Agroecologia a mediação sociotécnica acontece em interface com os processos de CCA. Estes processos ocorrem mediante a relação sinérgica entre diferentes saberes, realocando a inovação local como dispositivo metodológico necessário para a criação de ambientes interativos e participativos. O avanço da Agroecologia como paradigma científico exige a substituição do modelo diretivo, vertical e unidirecional adotado pelo difusionismo tecnológico por um modelo construtivista, baseado no diálogo de saberes e no incentivo ao engajamento participativo (PETERSEN; CAPORAL; DAL SOGLIO, 2009).

A conservação da agrobiodiversidade, e dentro dela a diversidade de variedades crioulas, estão sendo enfatizadas, nos processos de mediação sociotécnica, como um elemento capaz de solucionar problemas pontuais, como por exemplo, a disponibilidade de sementes para o plantio em períodos de chuva no Nordeste. Alguns indícios apontam que parece haver uma maior concentração de práticas de conservação de variedades crioulas relacionadas ao resgate, multiplicação, armazenamento e estocagem de sementes, como por exemplo os bancos de sementes, dando maior destaque às variedades como milho, feijão e abóbora. A conservação de plantas que teriam funções importantes no agroecossistema, como plantas que alavancariam bons níveis de produção, que desempenhariam funções de adubos verdes e de proteção do solo, que garantiriam a segurança, soberania alimentar e nutricional e possuem diversos usos, inclusive medicinais, muitas vezes são relegadas a planos secundários de conservação, como sendo resultado dos desencontros nos processos de mediação sociotécnica.

Esses desencontros podem ser sinais de divergências de percepções dos atores sociais do que seja agrobiodiversidade, sementes crioulas e Agroecologia. Os agricultores que exercem as funções de guardiões de sementes crioulas optam por diferentes

estratégias de conservação conforme seus interesses, repertórios culturais e modos de vida, que diversas vezes são distintos dos mediadores agroecológicos. A participação social em processos de construção do conhecimento e de construção de projetos de conservação de variedades crioulas oferecem a oportunidade dos guardiões de resgatar conhecimentos do passado, inferir e criar conhecimentos na atualidade, rearranjando-os e ressignificando-os em processos de produção de novidades. Essas novidades, embora sejam resultado dos conhecimentos construídos em conjunto (mediadores e guardiões), são conhecimentos que expressam as agências humanas, portanto não são homogêneos ou uma reprodução de diretrizes e princípios fechados da Agroecologia para a conservação da agrobiodiversidade e de sementes crioulas.

Pelo contrário, os encontros e desencontros entre os guardiões e mediadores podem gerar dissonâncias, consonâncias e diversidades que refletem nas práticas sociais. Nesse sentido, as novidades produzidas na conservação da agrobiodiversidade podem representar a heterogeneidade e a complementaridade de conhecimentos. Portanto, a conservação da agrobiodiversidade num enfoque agroecológico não representa uma ação pré-estabelecida ou de cumprimento de receitas e regras por parte dos agricultores, mas sim, um processo aberto e está em constante construção e intimamente relacionado às especificidades locais e às agências sociais dos atores envolvidos na CCA.

Os guardiões reconhecem a disputa em torno das sementes e nas entrevistas destacaram as dissonâncias proeminentes na conservação das sementes da paixão. Embora a lei de sementes na Paraíba esteja em vigor, o governo, a assistência técnica e as universidades ainda não reconhecem essas sementes como viáveis. A maioria das instituições negam as sementes, direta ou indiretamente ao incentivar a difusão das sementes transgênicas na região. Por essa razão surgiu o ensejo de se pesquisar a viabilidade das sementes junto às instituições tradicionais e de renome como a Embrapa. Os agricultores em conjunto com a AS-PTA e Embrapa realizaram um estudo sobre o vigor e produção das variedades da Paraíba e constataram que essas variedades são produtivas e adaptadas ao semiárido. Para realizar esse tipo de pesquisa, foi necessário repensar certos processos metodológicos e o próprio papel dos mediadores sociais. Os agricultores demandaram a necessidade de incorporar conhecimentos sobre temas específicos, sobre novas formas de experimentar, sobre como partilhar seus saberes nos intercâmbios e, principalmente, sobre como fazer com que essas práticas abrissem novos caminhos para a

elaboração de políticas públicas mais adaptadas à realidade da agricultura familiar e do semiárido (FREIRE; FALCÃO, 2013).

No desenvolvimento de uma pesquisa participativa surgiu do debate reflexivo a emergência de um novo papel para os técnicos e mediadores sociais, que vai na contracorrente da lógica difusionista do modelo clássico de extensão, no qual o conhecimento chega pronto, baseado em receitas e pacotes tecnológicos generalizantes. Para Freire; Falcão (2013) colocar seu conhecimento a serviço da convivência com o semiárido é um dos principais desafios do corpo técnico que faz parte das instituições de medição social na Paraíba-PB. Para trabalhar com agricultores(as)–experimentadores (as) do semiárido, é preciso se *despir* dos antigos métodos de assistência técnica e beber da fonte desse conhecimento popular, entendendo que não existe apenas uma única forma de pensar e de fazer acontecer. É o saber popular, somado ao conhecimento técnico, produzido por organizações, universidades, centros de pesquisa, entre outros, que tem gerado soluções inovadoras com impactos na vida das famílias do semiárido (FREIRE; FALCÃO, 2013).

8 GUARDIÕES DE SEMENTES DA PAIXÃO: UMA IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO?

De maneira resumida, a tradição refere-se à continuidade ou permanência de costumes, valores, pensamentos e práticas sociais (HALL, 2006). A produção do sujeito pós moderno, resultou em mudanças nos processos identitários. Os atores sociais não possuem mais uma identidade fixa, essencial ou permanente. Nesse sentido, os atores podem assumir identidades diferentes em distintos momentos e contextos (HALL, 2006). Dentre os processos responsáveis por essas transformações, destaca-se a globalização (MENEZES, 2014).

Stuart Hall (2006), problematiza as identidades enraizadas e preestabelecidas e a possibilidade da criação de novas identidades. Em um olhar mais atento sobre questões relacionadas à tradição e modernidade, é interessante pontuar, com base em Hall (2006), que as tradições, não são estáticas e imutáveis, mas que se moldam no tempo e conforme o contexto em que se situam. Assim sendo, elas não são passadas, integralmente e da mesma forma, de geração em geração. Rupturas e adições de novos elementos ocorrem constantemente no processo transgeracional do conhecimento e de práticas tradicionais. É possível constatar que isso vem acontecendo na agricultura. No que tange o caso dos guardiões de sementes da paixão, essas rupturas e adições podem estar presentes no decurso das práticas transgeracionais. Novaes (1997) coloca de forma assertiva uma possível explicação com respaldo histórico. A Igreja Católica, através das Comunidades Eclesiais de Base e da sua hierarquia, ocupou na Paraíba um lugar de destaque no cenário político, que a autora vai denominar de cenário da lei da necessidade. Ou seja, foi através da criação de entidades especializadas, que a Igreja Católica introduziu uma nova concepção de “direito”, que se funda sobre a necessidade: a de que a terra pertence àqueles que dela necessitam, a incluir os insumos necessários à sobrevivência no campo, dentre os quais, as sementes crioulas. No entanto, para definir este direito, era preciso uma série de procedimentos, concepções e práticas atualizadas no âmbito da pastoral. De modo que, para garantir a observância do direito fundado sobre a lei da necessidade, a hierarquia católica passa a prestar seu apoio, sobretudo os bispos, à causa dos trabalhadores rurais, ao mesmo tempo que articula uma rede. Assim, Novaes (1997), relaciona, ao longo da história do movimento dos trabalhadores rurais da Paraíba, os elementos que demarcam um acúmulo de valores que apontam para a construção do espaço público e de cidadania. Através destes valores, podemos ver se instituindo aquilo que costumamos denominar como

a modernidade. Mas, uma modernidade que, longe de se impor como uma força avassaladora desde fora, vai se afirmando através de sucessivas rearticulações com a tradição e com o local, fazendo concessões e deixando-se moldar pela experiência vivida daqueles que, muitas vezes a contragosto, vão se tornando seus agentes (Steil, 1999). Podemos ver, então, como uma certa racionalidade política, referendada pela burocracia do Estado e do Direito, vai penetrando nas brechas da tradição local, conformando uma cultura política (STEIL, 1999).

As identidades relacionadas à tradição não são fixas e ordenadas por práticas sociais estabelecidas, ou seja, novos papéis se assumem, bem como novas atribuições e práticas sociais podem ser inseridas no cotidiano da agricultura familiar. No recorte empírico, notamos que os guardiões de sementes da paixão se embasam na Agroecologia, isso significa que esses atores sociais têm assumido novos papéis e adotado novas práticas de manejo e uso dos recursos naturais, sobretudo na questão da conservação de sementes e gestão do conhecimento associado a elas. O ressurgimento ou resgate de tradições e de identidades relacionadas a elas, podem vir seguido de processos de ressignificação, pois mesmo mantendo ou resgatando uma tradição ou uma identidade, estas nunca serão idênticas às do passado. Ao mantê-las ou trazê-las para a atualidade, novos elementos se agregam, de tempos em tempos, dando outras funções e significados. De certo, como pontua Giddens (1991), existem tradições que perduram, num *continuum*, e existem tradições que já estão diminutas ou desapareceram, mas que podem ser recuperadas, como no caso das sementes crioulas na agricultura familiar. No que tange a contribuição da igreja católica para a construção da identidade de guardiões, é que neste movimento de invenção e absorção de um catolicismo militante e comprometido com as lutas dos trabalhadores rurais, a própria cultura católica se refaz, construindo novos significados para velhos signos e símbolos religiosos e redefinindo alianças políticas e identidades sociais (NOVAES, 1997; Steil, 1999). Então, aquilo que era uma categoria socialmente construída de camponês hoje assumi uma nova identidade, talvez uma identidade complementar, de guardiões de sementes da paixão.

Na recuperação de uma tradição, como a de cuidar e preservar sementes crioulas, elementos culturais e simbólicos são acionados, trazendo à tona práticas e identidades tradicionais do passado. Isso pode ser bastante subjetivo e circunstancial, e decorrer de situações específicas ou até inéditas. Dada essas características, não podemos analisar o resgate de uma tradição e a construção de uma identidade como um processo enquadrado

em formas lineares de desenvolvimento. Até mesmo em um movimento expressivo de resgate de uma determinada tradição, como ocorre na conservação de sementes crioulas, os desdobramentos e a materialização das práticas sociais podem ser distintos e heterogêneos. A heterogeneidade pode ser um elemento importante de análise de processos em que ocorrem na interseção entre o tradicional e a modernidade.

Na interpretação de Novaes (1997) sobre a construção de identidades. Haveria uma identidade camponesa? E aqui acrescentamos a indagação: Haveria uma identidade de Guardiã de Sementes da Paixão? Na perspectiva da autora, se existe, esta se apresenta sempre em processo, como um projeto inacabado, de modo que lhe parece mais conveniente o uso do plural: identidades. Estas, por sua vez, não se substancializam numa estrutura fixa, com fronteiras demarcadas, mas se refazem num movimento contínuo de rupturas e continuidades. Os enfrentamentos sociais e os conflitos agrários vão redefinindo estas identidades. E, neste processo, dá especial atenção à articulação entre as práticas políticas e as categorias sociais que emergem no plano do simbólico como formas de interpretação da experiência vivida. Podemos ver, assim, como dimensões econômicas, políticas e culturais vão sendo urdidas na construção das identidades dos agricultores familiares.

8.1 IDENTIDADES E VIAS DE PERTENCIMENTO SOCIAL NA AGRICULTURA

Segundo Woodward (2000) e Menezes (2014), os significados que são produzidos pelas representações sociais permitem a produção de sentidos sobre as nossas experiências, memórias, contextos e sobre aquilo que somos, constituindo identidades tanto individuais, quanto coletivas. O processo de identificação com a ênfase na representação e cultura, como sendo produtoras de significados, incita uma análise a partir da noção de poder. Nesse sentido, o poder está relacionado com inclusão e exclusão de indivíduos e grupos. Os atores sociais situados no sistema de representação, demarcam de forma valorativa as suas posições (WOODWARD, 2000). Importante ressaltar que Woodward (2000) faz críticas sobre as noções de identidade solidificada. Enfocada no processo de identificação como eixo de análise, Woodward (2000) revela que os atores sociais, estão inseridos em um conjunto de práticas sociais que podem reforçar ou enfraquecer os elos de pertencimento e a exclusão. Segundo Menezes (2014), o posicionamento dos atores sociais em um sistema classificatório não é um processo consensual. O campo do sistema

simbólico também é um campo de disputas, de discursos, de práticas sociais e ações coletivas (SILVA et al., 2012). Os fenômenos de diferenciação e de quadros de representação também estão marcados através de relações desiguais, mediadas socialmente e disputadas pelos indivíduos e grupos (MENEZES, 2014, p. 4).

No caso dos guardiões de sementes da paixão, como uma determinada tradição de conservar sementes crioulas, referida a um período de longa duração, cuja continuidade é garantida especialmente pelas famílias e que teve forte apoio da religião por anos, se atualiza nas diversas conjunturas políticas e que hoje assumi novas tratativas e desenvolvimento. Mas, como nos mostra Novaes (1997), quanto mais esta tradição permanece, mais se modifica. E, a contribuição mais importante dessa constatação, é de como esta tradição se modifica na medida que suas categorias e seus símbolos são colocados em risco na ação e, por outro, de que forma a própria ação é informada e conformada por esta mesma tradição. Colocando a questão nos termos de Novaes (1997), novas interpretações não anulam o sentido das precedentes, permanecendo sempre como um recurso simbólico cultural disponível para questionar mecanismos de dominação entre os subalternos.

Ao discutir o processo de identificação dos guardiões de sementes crioulas, no contexto das tradições e da modernidade, faz-se necessário explanar algumas concepções, dentre elas, a de muitos estudiosos que pautam no quesito sobreposição e relações de poder. Estes estudiosos afirmam que no contexto da globalização, existem processos de sobreposição, em que aspectos do moderno subtraem o tradicional, notadamente no caso das sementes, vigora a ideia da substituição generalizada das sementes crioulas por sementes comerciais. A cerca de três décadas os trabalhos de Foucault despertam interesse para os estudos sobre o desenvolvimento, modernidade e seus dilemas (RADOMSKY, 2015). É nessa conjuntura que as sementes como elemento fortemente relacionado aos trâmites do desenvolvimento rural passam a ser estudadas a partir do *Biopoder*. Por muitos anos, as discussões sobre as relações de poder na agricultura focavam quase tão somente nas relações entre atores “dominantes e dominados”. Sobretudo, quando os olhares se centravam nas questões agrárias e fundiárias, assim como do trabalho no campo, sob influência do pensamento estruturalista. Atualmente, novas interrogações tentam extrapolar os pensamentos que entendem o poder a partir de suas extremidades, compreendendo que, de um polo ao outro, complexas relações de poder se estabelecem. Assim, pode-se dizer que as relações de poder na agricultura, estão

condicionadas por diferentes fatores, como o acesso à terra e à água, ou a diferentes insumos e tecnologias. O acesso às sementes, ou mesmo à propriedade intelectual associada aos recursos genéticos, têm sido um importante fator associado ao poder, o que coloca a temática das variedades crioulas, usualmente referenciada apenas como “sementes crioulas”, no centro da discussão sobre as relações de poder e a agricultura. A semente é o recurso genético imprescindível à agricultura e os processos de privatização, patenteamento e mercantilização das sementes, geralmente realizado por grandes empresas, apoiados por sistemas legais por elas controlados, é expressão máxima do exercício de controle e das estruturas de poder na agricultura moderna. Ao controlar as sementes, torna-se possível controlar também outros fatores de produção. Nesse contexto, sérios conflitos envolvendo as sementes estão a acontecer, ganhando proporções, tal qual tem sido com a luta pela terra. A exemplificar, as dificuldades jurídicas para o uso e comercialização de sementes crioulas, os conflitos que envolvem diversas sanções punitivas aos agricultores que não seguem as normativas oficiais do mercado internacional de sementes, as pressões das grandes empresas em conjunto com instituições financeiras para uso de sementes comerciais em detrimento das sementes crioulas, a exclusão dos agricultores que não seguem tais prescrições e outras situações que envolvem até conflitos armados e verdadeiras guerras pelas sementes.

As questões que envolvem a temática das sementes crioulas, decorrem de um escopo diverso de discussões e de problematizações no âmbito científico/acadêmico e também no âmbito das organizações sociais e de políticas públicas para o espaço rural. Dentro do espectro da conservação de sementes crioulas existe um esforço em recuperar determinadas variedades de plantas e animais, bem como usos, manejos e práticas sociais. Isso, porque, muitas variedades e práticas tradicionais desapareceram, foram transformadas em outras ou foram reduzidas com o advento da modernização da agricultura. É notável que as sementes crioulas integram um eixo discursivo que prevê práticas que são a favor da autonomia e soberania dos agricultores, em uma agricultura livre de agrotóxicos e contra as sementes geneticamente modificadas. Esse eixo discursivo, em sua maioria, assume os ideais da Agroecologia, que fornece as bases científicas, metodológicas e técnicas para os sistemas de produção biodiversos e eficientes do ponto de vista energético e socialmente mais justos (GLIESSMAN, 2008; ALTIERI, 2012). Estes pilares são fortemente vinculados à noção de segurança e soberania alimentar e nutricional. É nesse meandro que reaparecem algumas práticas ditas antigas ou tradicionais que estão

ganhando novos delineamentos, como por exemplo, as estratégias e práticas sociais de uso e conservação de sementes crioulas e a reconstrução da identidade tradicional ou da construção de uma tradição inventada de guardiões de sementes crioulas (PAULINO; GOMES, 2015).

As representações sociais se constituem tanto em percepção, como em ação. Para fins de investigação, nós procuramos enfocar o elemento pragmático das representações sociais, e tomamos a capacidade de resistência e resgate de tradição como ponto de referência para nossa análise. Na concepção de Bauer (2009), esse modelo de análise contém potencial suficiente para a análise dos problemas atuais que envolvem a compreensão da conservação de sementes crioulas. Uma inovação evidente dessa concepção é que ela nos leva a perceber que o objeto de difusão se transforma nesse processo. A representação é tanto uma atividade, como um resultado, que conduz a múltiplas identidades de um mesmo objeto em contextos de pluralidade cultural. Isso contradiz uma noção de difusão que vê o objeto de difusão como constante e de resultante homogeneidade. Para Mascovici (1976), as representações sociais são instrumentos para defender a integridade da comunidade contra ideias ameaçadoras ou que visem transformações sociotécnicas. Nessa conjuntura, podemos entender que as representações sociais, emergem onde existe perigo para determinadas práticas sociais, bem como para uma identidade coletiva. A partir dessa noção podemos indagar se a defesa e recuperação das sementes crioulas e a criação da identidade popular de quem realiza tal feito se caracteriza como sendo fruto das representações sociais, reflexo dos impactos negativos da modernização da agricultura?

Existem diferentes motivações dos atores que atuam, direta ou indiretamente, sobre a conservação das variedades crioulas, e, portanto, das suas sementes. Essas motivações certamente se refletem sobre a capacidade de agência e em todas as interações que acontecem nos espaços em que se encontram as estratégias, individuais ou mesmo institucionais, a favor ou contra a conservação das sementes crioulas. Stuart Hall utiliza a questão da diáspora para lançar luz às complexidades de se construir e imaginar uma noção, um povo, uma comunidade e a identidade numa era de globalização crescente (p.28). Pensar em identidade, ou identidades, significa refletir sobre as vias de pertencimento e estratégias de diferenciação, a produção simbólica e material de fronteiras. Dessa forma, as ciências sociais apresentam a noção de identidade, assim como o processo de identificação, como um dos grandes focos de análise e debate (MENEZES, 2014, p. 2).

Ressalta-se que a discussão sobre a identidade é marcada por uma tensão entre perspectivas essencialistas e não essencialistas. Com isso, para Woodward (2012) a perspectiva essencialista se estabelece a partir da argumentação sobre um processo estático de identidade, trazendo à tona elementos cristalizados, originais, essenciais e autênticos, a serem compartilhados por todos os membros de um grupo identitário, a despeito de transformações dos termos de pertencimento. Em contraste, a perspectiva não essencialista analisa o processo de identificação como um evento dinâmico, sujeito a transformações constantes, destacando a identidade como uma construção social mutável (MENEZES, 2014). A representação social, através das práticas de significação e os sistemas simbólicos pelos quais os significados são produzidos, constantemente cria e recria posições sociais dos atores.

Segundo Woodward (2012), vemos que os significados produzidos pelas representações tornam possível a produção de sentidos sobre as nossas experiências e sobre aquilo que somos, estabelecendo identidades individuais e coletivas. A identificação, que ganha destaque com a ênfase na representação social e cultural como produtoras de significados, deve ser analisada também como uma relação de poder: o poder de incluir e excluir indivíduos e grupos de papéis sociais situados no sistema de representação, demarcando de forma valorativa as posições dos atores e seus espaços de atuação (WOODWARD, 2012). São estabelecidas, dessa forma, críticas a noções originárias de identidade, representando uma essência atemporal e solidificada. Assim, na análise dinâmica e relacional da identificação os diversos atores, individuais e coletivos, estão inseridos em um conjunto de práticas que podem reforçar ou enfraquecer determinados termos de pertencimento.

É importante mencionar que muitas identidades são referenciadas conforme uma atividade, uma prática social ou um trabalho realizado por um grupo, a citar como exemplo, os próprios agricultores que são identificados dessa forma devido à função de lavrar a terra e manejar os agroecossistemas. Para Silva (2012), a identidade e a diferença são construções sociais e culturais resultados de atos de criação linguística, sendo que as identidades necessitam ser nomeadas, argumentadas, instituídas por meio de atos de fala.

Destacando a dinâmica da produção de identidades, Hall (2011) aponta o abalo de quadros de referência que propiciavam ao indivíduo uma posição estável no mundo social. A “crise de identidade” apresenta-se através do deslocamento e fragmentação das identidades modernas, representando a descentralização das identidades no mundo social.

O rompimento entre a conformidade subjetiva e as necessidades subjetivas da cultura produziu o sujeito pós-moderno, “não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente [...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente” (HALL, 2011, p.13). Diversos processos são responsáveis por essas transformações, ganhando destaque o fenômeno da globalização. Dessa forma, Hall (2011) destaca a tensão entre o local e o global como um problematizador de identidades enraizadas e estabelecidas, assim como a possibilidade da criação de novas identidades.

Além de destacar a identidade como um dos grandes temas das ciências sociais, diversos autores teceram críticas a enquadramentos objetivos e subjetivos dos indivíduos em um sistema simbólico e material. Algumas críticas apontaram argumentos contrários a uma concepção essencialista de identidade, destacando o processo de identificação, ou mesmo indo de encontro à própria noção de identidade. Assim, seguindo a crítica sobre a essencialidade das identidades, Menezes (2014) cita a concepção de Paul Gilroy (2004). Para Menezes (2014), Gilroy vai de encontro às definições de identidade que buscam uma origem comum, distinguindo-se duas categorias: raízes e rotas. Esta última é mais apropriada para tratar a questão identitária. Com isso, Gilroy destaca o processo de identificação como algo relacional. O pensamento de Bauman (2005) opõe-se ao essencialismo, apresentando a construção da identidade como um processo permanente de busca. E ainda assim, esta busca não representa o encontro com algo sólido, mas com algo incerto e ainda não determinado, podendo até ser provisório. Relacionando a construção da identidade com um quebra-cabeça, Bauman aponta que, diferente de um quebra-cabeça comum, a construção da identidade representa a relação entre peças conflitantes e contrastantes. Da mesma forma, o resultado não é uma imagem pré-estabelecida e coesa, mas um produto desconhecido. Mais do que para os fins, a identificação orienta-se através dos meios (BAUMAN, 2005). A liquidez de que fala Bauman (2005) aponta para um processo sem fim, mergulhando o sujeito em um contexto de múltiplas dimensões indeterminadas. O pensamento do autor destaca as consequências da globalização para as identidades locais e nacionais, rompendo com concepções centralizadas e rígidas de identidade a partir de uma problematização sobre relações dinâmicas e complexas, comprimindo o espaço-tempo e recriando formas de pertencimento.

Appiah (2000), por sua vez, destaca os efeitos reais, sociais e psicológicos dos rótulos identitários. Tais rótulos moldam o modo como as pessoas formam suas concepções

de si e sobre os seus projetos de vida. Através do processo de identificação, os indivíduos moldam seus projetos para se adequar a uma determinada noção identitária, fazendo uso de conceitos postos à disposição. Ou seja, a relação entre identidade e sujeito não é uma via de mão única, demarcando o indivíduo como participante do processo de identificação (APPIAH, 2000). O autor destaca que o processo de enquadramento identitário não é um processo homogêneo. A construção das noções de identidade nos indivíduos pode se dar de forma descritiva (através de uma imposição) ou de forma adquirida (através de uma escolha, intencionalidade).

Nesse meandro é importante pontuar a importância do processo de reconhecimento. A identidade está intimamente relacionada ao reconhecimento social. Para Menezes (2014) o reconhecimento é estabelecido como uma reivindicação de justiça, centrada em uma noção ampla. Com isso, Fraser critica a noção de identidade, já que esta termina por reificar a cultura e valorizar a estrutura psíquica em detrimento de instituições e normas sociais. Como fala a autora, “o que exige reconhecimento não é a identidade específica de um grupo, mas as condições dos membros do grupo como parceiros integrais na interação social” (FRASER, 2007, p.106). Substitui-se, assim, o modelo de identidade pelo modelo alternativo de estatuto social.

Após Menezes (2014) ressalta que as diferentes perspectivas de análise defendem que os problemas identitários são muito mais complexos do que um enquadramento rígido baseado em um modelo originário de identidade. Relacionam-se elementos simbólicos com elementos materiais, assim como os sujeitos são vistos como elementos atuantes e transformadores de um processo de identificação dinâmico e relacional. A partir do exposto entendemos que a identidade de Guardiões de Sementes da Paixão está em andamento e sendo social e cotidianamente construída e dessa construção emanam muitos fios de uma trama complexa de caráter social, histórico e simbólico.

8.2 SEMENTES DA PAIXÃO: REFLEXÃO SOBRE RESGATE E INVENÇÃO DE TRADIÇÃO

Observando a experiência das Sementes da Paixão à luz das teorias usadas nesta tese, podemos explicar que o contexto analisado se assemelha ao que Hobsbawm (1984) pontua como o cenário motivador para o surgimento de uma restauração de tradição. A partir de um problema central, que no caso empírico, foi o desaparecimento de sementes crioulas e o agravante dos problemas sociais e ambientais decorrentes da adesão das

sementes comerciais e dos pacotes tecnológicos na agricultura, novos ensejos se configuraram a partir disso, em especial, os ensejos pela transformação social. A restauração de uma tradição possui esse apelo, de trazer um benefício e de descartar algo do presente, considerado nocivo ou não vantajoso (HOBBSAWM; ROGER,2012). Em suma, almeja-se resgatar algo do passado, quando algo do presente não supre as necessidades estruturais, afetivas, simbólicas e organizativas de um grupo social.

Hobsbawm e Ranger (2012) apresentam o conceito de invenção de tradições, e mostram como certas tradições atribuídas a uma ancestralidade foram criações recentes ou “inventadas”, cuja função política teria consistido em dar às mudanças sociais desejadas o aspecto de continuidade histórica, como podemos facilmente observar no caso dos guardiões de sementes crioulas. Dessa maneira, esses atores conseguem realçar suas práticas sociais e organizativas, enfatizando que muitas delas não foram extintas ou não são passíveis de serem extintas por pressões externas, mas possíveis de serem ressignificadas e recriadas. A noção de tradição inventada de Hobsbawm (1984) refere-se a um conjunto de práticas reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, de natureza ritual ou simbólica, e que visam inculcar determinados valores e normas de comportamento através de processos de repetição. Isso implica, numa continuidade em relação ao passado histórico. Essa busca em relação ao passado é necessária para expressar identidades, coesão social e para o estabelecimento de legitimidades.

Durante as entrevistas, muitos guardiões disseram que durante boa parte de suas vidas viveram em outro estado, notadamente em São Paulo, onde buscaram ganhar a vida, distanciando-se do campo. Dona Flor, relatou que foi para São Paulo ainda menina nos anos de 1960, para ser empregada doméstica. Mas a vida na cidade não foi tão próspera quanto ela imaginava. Com os olhos marejados, contou que passou muita necessidade, acabou engravidando e nos anos 1990 retornou à Paraíba com o propósito de integrar o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Atualmente, Dona Flor é assentada da Reforma Agrária e uma importante guardiã de Sementes da Paixão. Vários(as) desses(as) guardiões(ãs) inseriram-se em programas de reforma agrária e conquistaram seus pedaços de terra fazendo o caminho reverso da cidade para o campo. Dessa maneira, é possível interpelar que a conservação de sementes crioulas não era uma prática social contínua no tempo, mas que sofreu diversas rupturas no decorrer dos anos. Essa descontinuidade é um fator importante e que dá sustentação a discussão sobre construção de identidades rurais na contemporaneidade.

Constatamos que os avós e pais dos guardiões atuais realizavam a prática de estocagem e conservação de sementes crioulas e muitos de seus filhos e netos abdicaram dessa função ao tentarem outra vida, uns distantes do campo e outros no campo, porém com uso de sementes comerciais em detrimento das variedades crioulas. A tradição ancestral, então, foi resgatada na atualidade, como mecanismo social para a inclusão e desenvolvimento regional. Não obstante, se intitular como guardião e guardiã passou a ser uma conquista de espaço, bem como uma oportunidade, dada a característica socialmente referenciada dessa titulação e as oportunidades preexistente para essa categoria social na Paraíba.

Para Paulino e Gomes (2014), a invenção da tradição é resultado das transformações trazidas pela própria modernidade, como sendo uma demanda atual. Um exemplo são as evidências do colapso ou crise da agricultura moderna e a retomada de práticas ditas tradicionais ou afeitas à agricultura ecológica, sem uso de insumos químicos, com manejos embasados em conhecimentos mais endógenos e com a valorização do agricultor familiar. A demanda da tradição na modernidade deriva do entendimento de que as formas mais antigas de organização e de produção eram mais sustentáveis que as atuais. Nessa concepção, muito difundida pela Agroecologia, as práticas sociais tradicionais estão mais próximas de um modelo de agroecossistema ecológico. Hobsbawm (1984) argumenta que, muitas vezes, as “tradições” que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes. O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, inclui as tradições realmente inventadas, construídas, formais e institucionalizadas. As tradições inventadas são reações a situações novas que assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história. Podemos dizer que algumas tradições inventadas são, na realidade, novidades, ou seja, inovações socialmente referenciadas e que trazem vantagens às comunidades e aos guardiões de Sementes da Paixão. Uma pergunta nesse sentido foi feita aos guardiões, perguntamos se eles poderiam citar alguma vantagem de serem guardiões de Sementes da Paixão.

Os guardiões falaram sobre as vantagens associadas às conquistas alcançadas, tais como a inserção em feiras de comercialização, participação em oficinas de formação e capacitação e trocas de sementes que são elementos que agregam conhecimentos e

valores. A inserção em espaços de comercialização de produtos da agrobiodiversidade têm sido de extrema importância para a agricultura da região. São espaços diferenciados que comercializam produtos locais, orgânicos e agroecológicos. Outras vantagens foram citadas a partir dos aspectos ligados à identidade, como por exemplo, o reconhecimento do papel dos guardiões em serem mantenedores da agrobiodiversidade local. A autonomia apareceu em muitas respostas, pois a principal função dos bancos de sementes crioulas é gerar autonomia dos agricultores em relação ao mercado global de sementes. Os atores sociais percebem a autonomia como ferramenta para o desenvolvimento rural na Paraíba e meio para minimizar as injustiças e desigualdades no campo. Os processos criativos relacionados a criação de produtos a partir das sementes crioulas também foram citados como sendo vantagem. Esses produtos têm ganhado mercado e reconhecimento. Os principais produtos são o cuscuz e fubá da Paixão. A questão do empoderamento e da mudança de pensamento em relação “a tomar para si” o que é de direito também foi uma das principais respostas dos guardiões. A frase “se apoderar do que é nosso” apareceu diversas vezes nas entrevistas. Notadamente, os guardiões argumentaram que o que era deles estava se perdendo e por isso correram atrás e salvaram suas heranças, suas sementes. No tocante da noção de herança, apareceu com força nas falas dos guardiões a questão da juventude rural e do papel dos jovens na guarda futura das sementes crioulas. Desde 2010, o Polo da Borborema vem fomentando um trabalho com a juventude camponesa em seu território. Esses jovens participam de diversos grupos de trabalho voltados à juventude camponesa e abordam temas como reforma agrária, educação emancipadora e políticas públicas. Em 2016, aconteceu em Campina Grande um encontro regional de juventude rural que contou com a participação de mais de 300 jovens, que juntos escreveram uma carta política com exigências e posicionamentos. Dentre os principais apontamentos da carta política, vale citar o descontentamento da juventude com o desenvolvimento rural em voga na região, a violência rural e o tráfico de drogas. A juventude reivindica uma educação de qualidade, espaços sociais e comunitários para estudo, lazer e capacitação e acesso a políticas públicas específicas para a juventude e sucessão rural.

A juventude do Polo da Borborema, está ligada à Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), ao Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural, Reforma Agrária e Agricultura Familiar (CONDRAF).

A juventude rural do semiárido está envolvida com projetos de comunicação audiovisual. É importante ressaltar que esses jovens, muitas vezes, não estão diretamente atuando no resgate e conservação de sementes crioulas, mas estão a tomar espaços sociais que ajudam a divulgar e propagar os guardiões e as experiências agroecológicas. Esses jovens fazem vídeos, campanhas e produzem conteúdos nas redes sociais. Durante as entrevistas os guardiões relataram que as benesses das Sementes da Paixão são direcionadas a seus filhos e netos. Não foi incomum ouvir sobre as histórias sobre as novas aquisições que os guardiões fizeram nos últimos anos. Inúmeros guardiões relataram que economizam para comprar celulares, computadores e tablets. "Com a renda das sementes, a gente conseguiu dar um celular de câmera pra fia" (Guardiã de Areia). Esse parece ser um interessante contraste, em que a semente crioula, como sendo o principal elemento tradicional da agricultura no semiárido, gera renda e permite novas aquisições tecnológicas. Esse contexto comprova o quanto a tradição e a modernidade coexistem e são interconectadas no espaço rural estudado.

É preciso fazer uma ressalva, com base em Hobsbawm (1984), de que a restauração da tradição pode revelar, na verdade, a dimensão de declínio dela. No caso dos guardiões das Sementes da Paixão, as sementes e as práticas atreladas a elas estavam desaparecendo ou sendo substituída por outras técnicas e insumos. No entanto, as inovações tecnológicas para a agricultura que chegavam a essa região não foram vantajosas, mas sim excludentes e de difícil aquisição. A parcela da população que ficou de fora do processo de modernização da agricultura, ou que foi prejudicada pelo avanço da agricultura convencional no Nordeste é significativa e esse aspecto incitou os movimentos sociais e reforçou as lutas por terras e em defesa do meio ambiente. Somada ao interesse dos atores sociais por transformações na agricultura, a Agroecologia tem sido adotada como base para a agricultura familiar na Paraíba. Nesse sentido, a Agroecologia veio fortalecer o ensejo pelas sementes crioulas, seu resgate e os novos desdobramento para sua conservação, em bases ecológicas. No entanto, os guardiões não descartam todo tipo de tecnologia, pontuam por sua vez uma aversão as tecnologias agrícolas para o agronegócio e, argumentam a necessidade de adquirir tecnologias sociais, de comunicação e de monitoramento ambiental. Já existem projetos para a compra de *drones* para monitorar os plantios e campos de multiplicação e produzir documentários e relatórios imagéticos.

Segundo Hobsbawm (1984), é difícil entender as inúmeras razões que resultam na ruptura de uma tradição. O autor expõe que não é necessário recuperar nem inventar

tradições quando os velhos usos ainda se conservam. A tradição inventada tenta preservar um passado vivo, porém, não necessariamente os aspectos da vida antiga. Nesse sentido, a tradição adquire novidades, elementos novos, significados distintos, podendo ter novos usos e se inserir em outros contextos, inclusive no mundo moderno. Nesse sentido é possível analisar que a conservação das Sementes da Paixão adquiriu diversas inovações nos últimos anos, como por exemplo, os silos de armazenamento e estruturas modernas como a Banco Mãe de Sementes da Paixão, dentre outras.

Ainda assim, pode ser que muitas vezes se inventem tradições não porque os velhos costumes não estejam mais disponíveis e nem sejam viáveis, mas porque eles deliberadamente não são usados, nem adaptados. Assim, ao colocar-se conscientemente contra a tradição e a favor das inovações radicais, a ideologia liberal da transformação social, no século XX, deixou de fornecer os vínculos sociais e hierárquicos aceitos nas sociedades precedentes, gerando vácuos que puderam ser preenchidos com tradições inventadas (HOBBSAWM, 1984). Dessa maneira, podemos refletir que o resgate e a conservação de sementes crioulas vêm preencher uma espécie de vácuo deixado pela modernização da agricultura, que deixou à margem muitos agricultores, sobretudo aqueles que não puderam adquirir certas tecnologias, e também aqueles que consideravam inviável, por diversas razões, a adoção destas. A tradição resgatada e a construção da identidade de guardiões de sementes crioulas podem estar atreladas a várias dimensões analíticas, a citar algumas:

- a) a questão da acessibilidade, em que as sementes crioulas foram uma solução de baixo custo, adotada na Paraíba, sendo mais acessível e abrangente que as sementes comerciais;
- b) a questão ecológica, em que essas sementes apresentam mais adaptabilidade e resistência, sendo consideradas um elo importante para a convivência com o semiárido;
- c) a questão das relações sociais, pois a construção identitária do guardião e guardiã de sementes crioulas está atrelada a função que estes atores realizam e a prática social de trocas e de relações de solidariedade;
- d) a questão da valorização do(a) agricultor(a) guardião(ã) e de suas experiências através do reconhecimento popular e institucional;
- e) a conquista de espaços em mercados locais e a agregação de valor aos produtos derivados das sementes crioulas e produzidos em sistemas agroecológicos;
- f) o acesso a políticas públicas voltadas à agricultura sustentável e agroecológica.

É interessante conjecturar que na elaboração de novas tradições inventadas, muitas vezes se utilizam elementos antigos para fins originais e inovadores (HOBBSAWM, 1984). Resgatam-se elementos do passado e os ressignificam, dando novos usos, sentidos e apelos. Às vezes, as novas tradições podem ser prontamente enxertadas nas velhas e, outras vezes, podem ser inventadas com base nos repertórios supridos de ritual, simbolismo e princípios morais oficiais. Pode-se observar, no caso das sementes da paixão, uma nítida diferença entre as práticas antigas e as inventadas. As primeiras eram práticas sociais e altamente coesivas, enquanto as últimas tendem a ser bastante específica quanto a estrutura física e organizacional e houve um aprimoramento dos utensílios e ferramentas desenvolvidos por pesquisas científicas que melhoraram a eficácia da conservação e das próprias sementes. Outra diferença é a questão identitária, pois antigamente os agricultores familiares que manejavam a agrobiodiversidade no semiárido não usavam a designação de guardiões.

Segundo Hobsbawm (1984) e Hobsbawm e Roger (2012) é possível observar que, apesar de todas as invenções, as novas tradições não preencheram mais do que uma pequena parte do espaço cedido pela decadência secular das velhas tradições e antigos costumes; aliás, isso já poderia ser esperado em sociedades nas quais o passado torna-se cada vez menos importante como modelo ou precedente para a maioria das formas de comportamento humano. Mesmo as tradições inventadas dos séculos XIX e XX ocupavam ou ocupam um espaço muito menor nas vidas particulares da maioria das pessoas e nas vidas autônomas de pequenos grupos subculturais do que as velhas tradições ocupam na vida das sociedades agrárias, por exemplo. Dessa forma, podemos dizer que a resistência permeia a tradição inventada e, se torna uma bandeira de luta e de posicionamento. Manter viva uma prática social significa se contrapor, criar rotas de saídas às imposições e padrões sociotécnicos. A construção política e identitária dos guardiões de sementes crioulas revela o poder de agência e as interdependências dos atores sociais. Esse é o ponto principal colocado pelos guardiões(ãs). Em muitos debates a conservação da agrobiodiversidade é tema destaque, no entanto, são poucos os que evidenciam o papel crucial dos atores que realmente conservam-nas. Na Agroecologia o destaque recaiu no guardião como sendo o eixo principal da conversão. Foi a partir da valorização desses atores e de suas práticas sociais que novas proposições foram se somando e hoje a conservação de sementes crioulas na Paraíba é um “grande guarda-chuva” que reúne diversos atores sociais e frentes temáticas em projetos sociais.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessas considerações, longe de serem finais, propomos uma síntese do que foi alcançado com esta pesquisa, pontuamos alguns avanços e sinalizamos aspectos que são possíveis de serem trabalhados futuramente. Nos propusemos com esse estudo, compreender como emerge e se materializa o resgate e a conservação das Sementes da Paixão - PB, evidenciando as representações e práticas sociais envolvidas. Para alcançar o objetivo proposto enfocamos no processo de construção política e identitária dos guardiões de Sementes da Paixão. Foi preciso investigar a historicidade e os motivos que levaram os agricultores a resgatar sementes crioulas e a construir uma identidade a partir dessa prática social. Constatamos que o contexto de resgate e conservação das Sementes da Paixão emerge na Paraíba da questão agrária e social e também da problemática de escassez e má distribuição de recursos naturais, como a água e as sementes de boa qualidade para os agricultores. Por assim dizer, o caso dos guardiões de Sementes da Paixão é enraizado nas disputas por terra e recursos naturais e na criação de estratégias de superação para as dependências, endividamentos, exclusão social e êxodo rural. O histórico social da população rural da Paraíba demonstra o quanto seu povo sofreu com os padrões que, antigamente e ainda hoje, dominam o agronegócio na região. Dado esse contexto, o espaço rural paraibano é marcado por diferenciadas formas de resistência e superação. Para a região, não bastou ter acesso à terra e conquistar assentamentos de reforma agrária, foi preciso lutar pela tríade - terra, água e sementes. No que tange as transformações sociotécnicas na agricultura paraibana, foi o patronato que inseriu boa parte das tecnologias agrícolas, que, no entanto, são inacessíveis para a maioria do povo. A concentração de renda está intimamente relacionada a expansão do agronegócio e da agricultura convencional no Nordeste. Assim sendo, para os agricultores e trabalhadores rurais que dependem de patrão, sobram os sérios impactos da produção agrícola baseada em agrotóxicos, sementes transgênicas e trabalho insalubre e servil. Por essa e outras razões, o agronegócio é visto ou percebido pelos atores sociais que conservam as sementes crioulas, como algo que está sob o poder dos grandes fazendeiros, coronéis e latifundiários que exploram o povo e os recursos naturais de bem comum. Diante disso, o resgate da tradição de conservar sementes crioulas não provém das poucas alterações sociotécnicas, na agricultura local, mas sim é resultante de um

processo de contraposição ou diferenciação intencional, diante de tantos impactos negativos de tais alterações.

A aversão às tecnologias modernas na agricultura compõe, notadamente o discurso de entidades sociais, ONGs ligadas ao movimento social, instituições de assistência social e diversas entidades governamentais que trabalham com a temática de direitos humanos, meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Essas entidades ajudaram a construir o ideário de busca por autonomia, desenvolvimento rural sustentável e protagonismo social no espaço rural, inculcando temáticas e representações sociais imprescindíveis, como a gestão dos recursos naturais e a equidade social. Nesse meandro, a oposição ao moderno e tecnológico é uma forma discursiva de se posicionar a despeito dos problemas sociais e ambientais causados pela adoção de pacotes tecnológicos na agricultura. No caso dos guardiões de Sementes da Paixão, a oposição ao moderno vem fundada no discurso que visa resgatar o tradicional, numa agricultura de inspiração ancestral envolta por uma rede solidária de agricultores familiares. Esses são aspectos que estão em voga no âmbito da Agroecologia.

Por muito tempo as organizações sociais e instituições reivindicaram do governo sementes comerciais como solução pontual para mitigar a fome e a desesperança. No entanto, essas sementes de nada ajudaram, não produziam bem sem irrigação, sem agrotóxicos e outros insumos e recursos financeiros que encareciam a produção e aumentavam a exclusão social. A Agroecologia trouxe para o nordeste a premissa do redesenho dos agroecossistemas da região a partir das especificidades edafoclimáticas do semiárido. Em vez de artificializar o meio físico para superar a semiaridez, emergiram propostas de se utilizar os recursos ecológicos adaptados às condições áridas. A semente crioula foi escolhida como a frente principal para se alcançar a boa convivência com a semiaridez. Diversos atores sociais passaram a formar uma rede de atuação tendo a semente crioula como ponto em comum. Essa rede prevê a divisão de sementes crioulas e a multiplicação destas e de boas práticas na agricultura nordestina.

A conservação de sementes crioulas passou a integrar o debate das organizações sociais e ONGs, trazendo à tona a iminência do desaparecimento do patrimônio genético e cultural dos povos do nordeste. Dessa forma, uma bandeira de luta e resistência se ergueu a partir das sementes crioulas. Quanto a construção das representações sociais, convencionou-se por parte das entidades sociais, tratar da temática das sementes crioulas a partir do apontamento massivo dos males causados pela agricultura convencional. As

instituições proponentes da conservação da agrobiodiversidade na região de estudo se esforçam em inculcar nos atores sociais o empoderamento e para tanto, colocam em destaque que as Sementes da Paixão são dos próprios agricultores, pertencem a eles. No trabalho de reforçar esse empoderamento, calhou de afirmar o papel crucial dos agricultores no resgate das variedades e nos trabalhos de multiplicação e armazenamento adequado das sementes. A construção da identidade de guardião de sementes crioulas foi decisiva na Paraíba, pois impulsionou a união desses atores e imbuiu os processos afetivos e vias de pertencimento e sentidos sociais. Esse processo colocou em contato diversos atores sociais que comungam de um mesmo ideal, agricultores familiares, trabalhadores rurais, profissionais de Agroecologia e outros, que se uniram na Paraíba em resposta a crise no espaço rural e até mesmo em resposta à exclusão social proeminente na agricultura convencional. A partir do objetivo alcançado, podemos afirmar a hipótese, de que os impactos negativos da modernização da agricultura, ou partes dessa modernização, são em grande medida, as causas que os motivam ao retorno de algumas tradições rurais, principalmente a de guardar e utilizar sementes crioulas na agricultura familiar.

Quanto aos objetivos específicos, nos propusemos a mapear a arena de conservação de Sementes da Paixão, identificando os mediadores sociais e os campos do conhecimento mobilizados e dispostos em jogo, analisando os interesses, posições sociais, as alianças e parcerias. A arena em destaque é formada por famílias de agricultores guardiões; sindicatos rurais como o Sindicato do Polo da Borborema; organizações sociais como o MST, associações de agricultores agroecológicos, organizações não governamentais como a ASA, AS-PTA, CASACO; representantes governamentais e setores públicos como o MDS, MDA; universidades e centros de pesquisa como a UEPB, EMBRAPA; órgãos de assistência técnica; ativistas ambientais; setor bancário; ministério público; comerciantes; fazendeiros; políticos; animadores e atores sociais integrados ao agronegócio. Se trata de uma arena com grandes disputas, jogos de interesse e poder. Para driblar o poderio local. O centro de poder na arena se concentra nos grandes fazendeiros, latifundiários e representantes políticos que ainda se embasam no coronelismo e juntos exaurem os recursos naturais da região e expandem as monoculturas com formas excludentes de trabalho rural. Esses atores são àqueles que engendram na Paraíba a indústria da seca: patrões e donos majoritários das terras, águas e tecnologias agrícolas. Outros atores estão associados e contribuem para esse sistema, tais como os

representantes de empresas locais e comércios de agropecuária, profissionais de assistência técnica voltados ao agronegócio e políticos (prefeitos e vereadores) que fazem vista grossa aos sérios impactos ambientais e sociais desse sistema e se beneficiam com isso. Em contrapartida, os agricultores familiares e outros atores sociais criaram estratégias de fortalecimento e de conquista de território. Os atores sociais envolvidos com as sementes crioulas se uniram e estabeleceram diversas parcerias e alianças. A parceria mais exitosa é formada pelos guardiões de Sementes da Paixão, Polo Sindical da Borborema, ASA e AS-PTA. Juntos esses atores sociais conseguiram expandir a criação de bancos de sementes e angariar novos participantes, tocar projetos inovadores como a criação de produtos da sociobiodiversidade (Cuscuz da Paixão e Fubá da Paixão); conquistar espaços institucionais e legitimar as Sementes da Paixão e seus guardiões. Essa parceria tem fortalecido a agricultura familiar na região e criado caminhos para a sua reprodução social.

Ficou evidente que as instituições sociais ligadas à Agroecologia são as principais promotoras da visibilidade dos atores sociais envolvidos com a conservação de sementes crioulas. Na Paraíba a mediação social no âmbito da Agroecologia é a principal proponente da categoria identitária dos guardiões de Sementes da Paixão. São os mediadores sociais que colocam em jogo a construção de representações sociais sobre identidade e tradição na agricultura, a partir de dessemelhanças (intra e extra grupos), enaltecendo com isso a definição de raiz, pertencimento, direito à agrobiodiversidade etc. Como fruto desse processo emergem as diferenciações e a produção simbólica e material de fronteiras na agricultura (tradicional *versus* moderno; Agroecologia *versus* agronegócio).

A mediação social na região de estudo é posta em prática via alianças entre diversos atores sociais e instituições simpáticas à Agroecologia. É notável que as sementes crioulas integram um eixo discursivo que prevê práticas que são a favor da autonomia e soberania alimentar e nutricional dos agricultores, em uma agricultura livre de agrotóxicos e em contraposição aos padrões sociotécnicos da modernização da agricultura, sobretudo ao uso de sementes geneticamente modificadas. As práticas e tradições na Paraíba vem sendo resgatadas e ressignificadas com base na Agroecologia. A partir da Agroecologia tem havido diversas ações para o melhoramento participativo das variedades adaptadas ao semiárido, a destacar as ações de intercâmbio; os agricultores experimentadores; os campos de multiplicação e avaliação participativa; bem como novas técnicas estão sendo criadas como o uso de silos. As principais práticas em desenvolvimento são as que visam a produção de biomassa e cobertura dos solos; a conservação de água em reservatório de uso agrícola; a

conservação da biodiversidade da Caatinga; agroecossistemas integrados (produção agrícola e animal); estímulo a adoção de sistema agroflorestal; estímulo ao beneficiamento de poupas, sementes e outros agroalimentos.

O segundo objetivo específico desse estudo foi descrever e analisar as práticas sociais envolvidas na conservação de sementes crioulas e de que forma estas práticas afetam a experiência e a percepções dos atores sociais quanto à tradição, modernidade e sustentabilidade na agricultura. A construção política e identitária de guardiões de sementes crioulas estão imbricadas em contraposições na agricultura, geralmente relacionadas ao ideário de tradição e/ou resgate de tradição. Ao se posicionar como agricultor tradicional, uma série de dimensões são incitadas e permitem maior grau de legitimidade. Essas dimensões podem ser sociais, culturais, ambientais e políticas e, envolvem as funções e papéis desempenhados pelos agricultores. Atualmente, os agricultores que se utilizam das chamadas “boas práticas” na agricultura, como por exemplo, as práticas ecológicas e sustentáveis, tendem a alcançar maior confiabilidade nas relações que envolvem produtores e consumidores, e até mesmo nos processos de comercialização. Esses agricultores possuem maiores chances de alcançar nichos específicos de mercado como àqueles que valorizam os produtos artesanais, locais e com selos de identidade territorial, bem como outros selos, tais como os selos orgânicos e agroecológicos. É importante mencionar que muitas vezes há uma tendência institucional em incentivar a tradicionalidade. Isso têm implicações políticas que podem ser favoráveis ou não aos agricultores. Os posicionamentos dos guardiões de Sementes da Paixão e atores sociais envolvidos com a conservação de sementes crioulas pode explicar a relação de proximidade e distanciamento ou diferenciações entre as noções de práticas tradicionais e tecnologias modernas na contemporaneidade. O estabelecimento de binômios e os posicionamentos notabilizam a formação não de polos opostos, como muitos estudos enfatizam, mas de sentidos opostos na agricultura. Esses sentidos opostos se referem à evolução das práticas dos agricultores, ou seja, às visões e concepções diferentes de prioridades e de soluções de problemas na agricultura, não necessariamente, à manutenção do par de oposição tradição *versus* moderno. Essas visões podem ser analisadas como sendo socialmente referenciadas e fruto de oportunidades preexistentes. Dessa maneira, a heterogeneidade e as especificidades contextuais não podem ser deixadas de lado, e sim, cada vez mais acionadas para se compreender os posicionamentos, as identidades e os elementos discursivos dos atores sociais. As oportunidades preexistentes, incitam a formação de parcerias, redes de apoio e

alianças, quanto mais consensual forem as configurações nos espaços sociais, mais fortalecimento e resultados se consegue com os posicionamentos.

Através da POA, foi possível argumentar que os mediadores externos estabelecem, com os atores sociais envolvidos em uma causa ou prática tradicional, como no caso das práticas sociais de resgate e conservação de sementes crioulas, uma relação de mútua dependência ou interdependência. Por um lado, os atores externos, precisam das tradições comunitárias para viabilizar seus projetos sociais e ambientais e para gerar novos recursos vinculados ao patrimônio material e imaterial. Por outro lado, os atores internos, que representam os saberes, práticas, crenças e a tradição, fazem alianças com atores de instituições externas para projetar seus valores, tanto no sentido simbólico quanto no material. Então os mediadores sociais, entre os quais incluem-se pesquisadores das universidades, integrantes das organizações não governamentais, das empresas de assistência técnica e extensão rural e dentre outras, podem contribuir para o reconhecimento e legitimação de saberes tradicionais ou para problematizar os direitos sobre suas manifestações culturais coletivas. Enfatizamos nessa pesquisa as diferentes motivações e interesses dos atores que atuam, direta ou indiretamente com a conservação das sementes crioulas e o reflexo destas sobre a capacidade de agência dos atores sociais.

Podemos concluir que a identidade de guardião de Sementes da Paixão faz parte de um mecanismo de agência social e de posições que são socialmente referenciadas, que é principalmente resultado da interdependência e da construção de parcerias e alianças entre os atores sociais mediados e os atores mediadores. É fundamental compreender que o processo de construção política e identitária dos guardiões de Sementes da Paixão é complexo e exige um olhar mais atento ao reconhecimento e representatividade não apenas como elemento constitutivo da identidade específica de um grupo, mas como catalisador de condições para que os membros do grupo estabeleçam parcerias e interações sociais, entendidas nesse estudo como interdependências. Contudo, foi possível compreender em qual contexto se difundiu o termo guardião de Semente da Paixão e mapeamos as principais representações sociais. Averiguamos que as práticas sociais embasadas na Agroecologia e a construção identitária dos guardiões contribuem para a reprodução social da agricultura familiar e para a agricultura ecológica na Paraíba. As sementes crioulas trouxeram muitas benesses aos agricultores familiares da Paraíba a citar o aumento expressivo dos canais de comercialização, criação de mais associações de agricultores e notadamente da marca "Produtos do Roçado".

Por último, procuramos apresentar descobertas novas, não esperadas, e que são interessantes de aprofundar. Não foi possível desenvolver a pesquisa como planejado, houve problemas e dificuldades. A principal dificuldade foi quanto ao acesso as instituições de mediação social. Não possível estabelecer uma relação fértil com os mediadores sociais, o pouco que conseguimos extrair desses atores foi por meio de entrevistas pontuais, previamente agendadas e curtas. A intenção inicial era seguir esses atores, no entanto, apenas poucas entrevistas, diversas questões permaneceram em aberto e não pudemos avançar. A maior parte dos dados trabalhados nessa pesquisa foram obtidos com auxílio de informantes chave e dos próprios guardiões de Sementes da Paixão. Constatamos que a pesquisa sobre mediação social é bastante trabalhosa e exige insistência, justamente pela falta de participação e interesse dos mediadores. A mediação social é mal entendida por todos no campo empírico, e é mal executada, com a presença marcante de “respingos” de competição por autoridade. Essa competição visa demarcar quem é o melhor ou quem começou a mudança. Isso tem suas consequências, mas, ao mesmo tempo, os agricultores conseguem fugir, ou estão procurando uma forma melhor de lidar com isso. Nos chama atenção o fato de que alguns agricultores querem inclusive fugir da tutela dos mediadores, que procuram garantir liderança, o que por vezes se traduz em garantia de emprego. Esse parece ser um ponto importante. Muitos dos mediadores sociais contatados são profissionais da área de atuação da Agroecologia, sendo assim, estamos trabalhando com questões em comum. A minha chegada ao campo fez transparecer como as diferentes organizações estavam de portas fechadas, argumentando não ter interesse no estudo e alegando que seus mediadores estão pleiteando doutoramento também.

Enquanto os mediadores sociais fechavam as portas, os guardiões abriam espaços. Hoje, considero que fui privilegiada e pude ter contato com os guardiões sem interferência dos mediadores. Extraí conteúdos que dificilmente conseguiria na presença desses profissionais. A formação dos mediadores e os métodos aplicados, pode ser melhorada. Pouco tem sido feito para isso, ainda é preciso desconstruir a ideia rasa de que os mediadores sociais no âmbito da Agroecologia são desprovidos de jogos de poder e intencionalidades.

No Polo da Borborema o que se destaca atualmente é a participação de mulheres e jovens no desenvolvimento rural. A tradição, resgatada ou inventada, de conservar sementes crioulas está sendo abordada pelos jovens que tratam da temática com novos discursos e uso de ferramentas atuais. Com o movimento jovem em ascensão, é possível

prever a continuidade da participação deles na conservação das Sementes da Paixão nos próximos anos.

Um próximo passo, poderia ser um estudo que levasse em consideração os aspectos históricos sobre as diferenças existentes entre a tradição e a tradição inventada na contemporaneidade. Pode-se dizer que as tradições inventadas, ou resgatadas, como a gestão das sementes crioulas por agricultores guardiões, são sintomas importantes e, portanto, indicadores de problemas que de outra forma poderiam não ser detectados nem localizados no tempo. Elas são indícios das descontinuidades pontuada por Giddens e podem realçar o entrelaçamento entre o tradicional e o moderno, no caso a busca de coexistência entre sistemas de gestão da agrobiodiversidade, resgatando a tradição do controle das sementes pelos agricultores, dentro de uma realidade de modernização da agricultura dominada pelos sistemas formais de propriedade intelectual sobre as sementes.

Pode-se considerar que os processos de promoção ou resgate da identidade dos guardiões de sementes crioulas, são, ao mesmo tempo, a busca das raízes de uma agricultura que já foi mais sustentável, e o desenvolvimento de novos sistemas de gestão das sementes, uma proposta que pode se considerar ainda mais moderna, para promover a sustentabilidade da agricultura atual. Para tanto, é preciso que atores e instituições envolvidos nos projetos de conservação das sementes crioulas analisem constantemente os seus processos e métodos, assim como os resultados que estão sendo obtidos, cientes dos diferentes aspectos envolvidos na mediação social, no resgate ou invenção de tradições e na construção de identidades na modernidade.

REFERENCIAS

ACHUTTI, L. E. R. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Tomo Editorial, 2004.

ALBUQUERQUE, E. M. **Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências na área da Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/24111/1/ENSP_Disserta%20a7%20a3o_Albuquerque_Elizabeth_Maciel.pdf. Acesso em: 12 jul. 2018.

ALMEIDA DINIZ, K. *et al.* **Estratégias de reprodução social da agricultura familiar: um estudo entre unidades familiares no município de Remígio-PB**. 2012. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/1852/1/PDF%20-%20Katiana%20Diniz%20de%20Almeida.pdf> Acesso em: 13 jun. 2017.

ALMEIDA, P.; CORDEIRO, A. **Semente da paixão: estratégia comunitária de conservação de variedades locais no semi-árido**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2002. Disponível em: <http://aspta.redelivre.org.br/files/2016/09/Semente-da-Paix%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 19 set. 2015

ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ALCÂNTARA, P. A. F. Entre o visível e o não visível: os potenciais etnográficos dos retratos de família numa comunidade rural de Minas Gerais. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 4, n. 1, p. 111-126, 2015.

ANDRADE, Manuel Correia de. Ligas Camponesas e sindicatos rurais no Nordeste: 1957-1964. **Temas de Ciências Humanas**, v. 8, p. 115-131, 1980.

ANDRIOLI, A. I; FUCHS, R. **Transgênicos: as sementes do mal: A silenciosa contaminação de solos e alimentos**. Expressão Popular, 2008.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante: coleção pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

APPIAH, K. A. Stereotypes and the Shaping of Identity. **Calif. L. Rev.**, v. 88, p. 41, 2000.

ARCE, A; LONG, N. E. Re-positioning knowledge in the study of rural development. *In*: EUR. CONGR. RURAL SOCIOLOGY, 15., 1993, Wageningen. **Agricultural restructuring and rural change in Europe**. Wageningen: Sociologische Studies 37. 1994. p. 75-86.

ARCE, A; LONG, N. **Anthropology, development, and modernities: exploring discourses, counter-tendencies, and violence**. London: Psychology Press, 2000.

ENCONTRO NACIONAL DA ARTICULAÇÃO SEMIÁRIDO BRASILEIRO, 9., 2016, Mossoró. **Carta Aberta**. Mossoró: ASA, 2016. Disponível em: <https://www.asabrasil.org.br/enconasa/ix-enconasa> . Acesso em: 20 jan. 2017.

AGRICULTURA FAMILIAR E AGROECOLOGIA - AS-PTA. **Sementes da Paixão**: catálogo das sementes crioulas da Borborema. Esperança: AS-PTA, 2016. Disponível em: <http://aspta.org.br/2017/03/sementes-da-paixao-catalogo-das-sementes-crioulas-da-borborema/>. Acesso em: 22 jan. 2019.

BALDIN, N; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: X **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE)**. Curitiba: 2011. Anais. p. 329-341. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf Acesso em: 10 jun. 2017.

BAUER, M. **A popularização da ciência como imunização cultural**: a função de resistência das representações sociais. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. (Textos em representações sociais) v. 7, p. 229-257, 1994.

BAUMAN, Z. **1925 - Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAVA, S. C. Tecnologia social e desenvolvimento local. In: FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL (org.) Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: FBB, 2004. p.103-116

BECK, Ulrich; LASH, Scott; WYNNE, Brian. **Risk society**: Towards a new modernity. Cidade: Sage, 1992. Disponível em: https://dial.uclouvain.be/pr/boreal/object/boreal%3A146243/datastream/PDF_01/view#page=98 Acesso em: 24 jul. 2017.

BEVILAQUA, G. A. P. *et al.* Agricultores guardiões de sementes e ampliação da agrobiodiversidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, DF., v. 31, n. 1, p. 99-118, jan/abr. 2014. Disponível em: https://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/994218/1/Art.007.2013AGRICULTORES_GUARDIOESDESEMENTES.pdf. Acesso em: 7 out. 2017.

BIERNACKI, P.; WALDORF, Dan. Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological methods & research**, v. 10, n. 2, p. 141-163, 1981. Disponível em: http://ftp.columbia.edu/itc/hs/pubhealth/p8462/misc/biernacki_lect4.pdf Acesso em: 3 ago. 2019.

BISOL, C, A. Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. **Estudos de Psicologia**, v. 29, p. 719-726, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3953/395335581008.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2017.

- BONI, P. C.; MORESCHI, B. M. Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. **Revista Digital de Cinema Documentário**, n. 3, p. 137-157, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4002373.pdf> Acesso em: 21 ago. 2016.
- BONI, V; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/download/18027/16976> Acesso em: 25 maio 2017.
- BRACAGIOLI NETO, A. **Arenas públicas, participação e mediação social**. 2014. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/116707/0009555%2049.pdf?sequence=1> Acesso em: 23 fev. 2018.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.711 de 5 de agosto de 2003**. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Sementes e Mudanças e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.711.htm Acesso em: 21 out. 2020.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário, Secretaria de Desenvolvimento Territorial. **Territórios da Cidadania**: relatório de execução 2008: ações executadas no Território da Cidadania Borborema (PB). Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.territoriosdacidadania.gov.br/>. Acesso em: 10 mar. 2011.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos sociedade e agricultura**, v.6, n.2, p. 53-75, 1998. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/135/131>. Acesso em: 18 nov. 2018.
- CASTELLI, P. G; WILKINSON, J. Conhecimento tradicional, inovação e direitos de proteção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 19, n. 1, p. 89-112, 2002.
- COELHO, F. M. G. **A arte das orientações técnicas no campo**: concepções e métodos. Viçosa: Ed. UFV, 2005.
- COLLIER, John et al. Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa. 1973.
- CUNHA, F. L. **Sementes da paixão e as políticas públicas de distribuição de sementes na Paraíba**, 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências). Programa de Pós-Graduação em Práticas em Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, 2013. Disponível em: <http://aspta.org.br/files/2013/10/Dissertacao-Mestrado-FlaviaLondres-vf.pdf> Acesso em: 03 jan. 2016.
- CRANACH, M. von. The multi-level organization of knowledge and action—an integration of complexity. **Social representations and the social bases of knowledge**, p. 10-22, 1992.
- DAGNINO, E. **Sociedade civil e espaços públicos no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DELGADO, G. C. A questão agrária e o agronegócio no Brasil. *In*: CARTER, M; YAMAGAMI, C. (org.). **Combatendo a desigualdade: o MST e a reforma agrária no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

DELGADO, N; LEITE, S. O Pronat e o PTC: possibilidades, limites e desafios das políticas territoriais para o desenvolvimento rural. *In*: NETO, C. G; A. Mielitz; DE MELO, L. M; MAIA, C. M. (org.). **Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. p. 239-259.

DEPONTI, C. M; ALMEIDA. J. Sobre o processo de mediação social nos projetos de desenvolvimento: uma reflexão teórica. *In*: CONGRESSO DA SOBER, 46., 2008, Rio Branco. **Anais [...]** Brasília: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), 2008. Disponível em: <https://ageconsearch.umn.edu/record/109205/> Acesso em: 12 jan. 2016.

DIAS, M. **As ONGs e a construção de alternativas para o desenvolvimento rural: Um estudo a partir da Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA) 2004**. (Tese de doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) **Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Seropédica**, 2004. Disponível em: <http://institucional.ufrj.br/portalcpsda/files/2018/09/2004.tese.marcelominadias.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2018.

DINIZ, P.C.O. **Da experimentação social ao “experimentalismo institucional”**: trajetórias de relações entre Estado e sociedade civil: experiências no Semi-Árido. 2007. (Tese de doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2007. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/2060>. Acesso em: 6 Jj. 2018.

DUQUE, G. Água para o desenvolvimento rural: a ASA e os programas P1MC e P1+2: desafios da participação civil - governo. *In*: GRISA, C.; SCHNEIDER, S. **Políticas Públicas de Desenvolvimento Rural no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 201-2016, 2015.

ELLIS, F. **Rural livelihoods and diversity in developing countries**. Oxford: University Press, 2000.

FRASER, Nancy. Identity, exclusion, and critique: a response to four critics. **European Journal of Political Theory**, v. 6, n. 3, p. 305-338, 2007.

FEENSTRA, G. Local food systems and sustainable communities. **American Journal of Alternative Agriculture**, Cambridge, v. 12, n. 1, p. 28-36, Mar. 1997.

FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE, A. G; FALCÃO, F. C de O. Agricultoras e Agricultores Experimentadores: protagonistas da convivência com o semiárido. **Revista Agriculturas**, v. 10, n. 3, p. 35-42, 2013.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIDDENS, A. **Politics of climate change**. Cambridge: Polity, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Arvind_Singh56/post/Is_science_about_climate_change_affected_by_politics/attachment/5ad0d60c4cde260d15d89e91/AS%3A614986955120646%401523635724532/download/The_politics_of_climate_change_Anthony_Giddens.pdf Acesso em: 2 fev. 2016.

GIDDENS, A. Risk and responsibility. **The modern law review**, v. 62, n. 1, p. 1-10, 1999. Disponível em: https://courses.washington.edu/sales09/Handouts/Giddens_Risk_Responsibility.pdf Acesso 30 jul. 2017.

GIDDENS, A. **The constitution of society**: Outline of the theory of structuration. Califórnia: Press, 1984.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

GLIESSMAN, Steve. Agroecology: Growing the roots of resistance. **Agroecology and Sustainable Food Systems**, v. 37, n. 1, p. 19-31, 2013.

GONZÁLEZ, S. R; PEREIRA, V. C; DAL SOLGIO, F. K. A perspectiva orientada ao ator em estudos sobre desenvolvimento rural. **Perspectivas Rurales Nueva Época**, n. 25, p. 101-121, 2015.

GOODMAN, D; SORJ, B; WILKINSON, j. Da lavoura às biotecnologias: agricultura e indústria no sistema internacional. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. (Biblioteca Virtual de Ciências Humanas). Disponível: <http://books.scielo.org/id/zyp2j/pdf/goodman-9788599662298.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2016.

GOODMAN, D; REDCLIFT, M. R. (Ed.). **Environment and development in Latin America: the politics of sustainability**. New York: Manchester University Press, 1991.

GOODMAN, D.; GOODMAN, M. Alternative Food Networks. *In*: KITCHIN, R.; THRIFT. N. **International Encyclopedia of Human Geography**. Amsterdam: Elsevier, 2009.

GRAZIANO NETO, F. **Questão agrária e ecologia**: crítica da agricultura moderna. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**, 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GUIVANT, J. S. A teoria da sociedade de risco de Ulrich Beck: entre o diagnóstico e a profecia. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 2001. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/188>. Acesso em: 17 abr. 2018.

- GUIVANT, J. S. Heterogeneidade de conhecimentos no desenvolvimento rural sustentável. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 14, n. 3, p. 411-446, 1997. Disponível em: <https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/8979>. Acesso em: 17 abr. 2018
- GURAN, M. Identidade Agudá espelhada no tempo: fotografia como instrumento de pesquisa social-um relato de experiência. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 9, n. 2, p. 557-565, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3940/394035003016.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2016.
- GURAN, M. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. **Cadernos de antropologia e imagem**, v. 10, n. 1, p. 155-165, 2000. Disponível em: <http://ppcis.com.br/wp-content/uploads/2018/09/Cadernos-de-Antropologia-e-Imagem-10.-Campo-da-imagem.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2016.
- HALL, S. As culturas nacionais como comunidades imaginadas. *In*: HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- HARVEY, D. **The condition of postmodernity**. Oxford: Blackwell, 1989.
- HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **The invention of tradition**. Cambridge University Press, 2012. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/a201/343d12edaf80be9926db46894e1b35f729d2.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.
- HOBSBAWM, E. Introdução: a invenção das tradições. *In*: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.
- INSTITUTO NACIONAL DO SEMIÁRIDO. **Cartaz da 7 Festa das Sementes da Paixão**. Paraíba, 2019. Disponível em: <https://portal.insa.gov.br/noticias/1019-asa-pb-realiza-a-7-festa-estadual-das-sementes-da-paixao>. Acesso em 20 set. 2019.
- INSTITUTO NACIONAL DO SEMIÁRIDO. **Desertificação no semiárido**. 2012. Disponível em: <https://portal.insa.gov.br/noticias/1010-tecnologias-de-convivencia-revolucionam-vida-de-familias-no-semiarido>. Acesso em: 20 set. 2019.
- KNORR-CETINA, K. D. The couch, the cathedral, and the laboratory: On the relationship between experiment and laboratory in science. *In*: PICKERING, A. (ed.). **Science as practice and culture**. Chicago: Press. 1992, p. 113 - 138. Disponível em: http://kops.uni-konstanz.de/bitstream/handle/123456789/11739/Knorr_1992_Couch_Cathedral.pdf?sequence=1. Acesso em: 13 jun. 2017.
- LACEY, H. Sistemas alimentar e agrícola para o futuro: ciência, emancipação e florescimento humano. **Ciência & Tecnologia Social**, v. 2, n. 1, 8 dez. 2015. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/cts/article/download/7747/6382>. Acesso em: 14 Nov. 2019.
- LACLAU, E. **New reflections on the revolution our time**. London: Verso, 1990.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.

LEITE, S. P. *et al.* Desenvolvimento territorial: articulação de políticas públicas e atores sociais. **Articulação de políticas públicas e atores sociais**. Brasília: IICA, v. 8, 2008. Disponível em:

https://bibliotecadigital.seplan.planejamento.gov.br/bitstream/handle/iditem/375/Desenvolvimento%20Territorial_articula%C3%A7%C3%A3o%20de%20pol%C3%ADticas%20p%C3%BAblicas%20e%20atores%20sociais.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 02 ago. 2018.

LIFSCHITZ, J. A. Neocomunidades: reconstruções de territórios e saberes. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 38, jul-dez, p.67-85, 2006. Disponível em: www.pontaojongo.uff.br < Acesso em: 14 Ago. 2015.

LONDRES, F. **As sementes da paixão e as políticas de distribuição de sementes na Paraíba**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.agroecologia.org.br/files/importedmedia/as-sementes-da-paixao-e-as-politicas-de-distribuicao-das-sementes-na-paraiba.pdf>. Acesso 15 de Jan. 2019.

LONDRES, F. Sementes da diversidade: a identidade e o futuro da agricultura familiar. **Revista Agriculturas: experiência em agroecologia**, Rio de Janeiro, v.11. 2014. Disponível em: <http://aspta.org.br/files/2014/05/Editora-Convidada.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2017.

LONG, N. E.; VAN DER PLOEG, Jan Douve. Heterogeneidade, ator e estrutura: para a reconstrução do conceito de estrutura. In: Schneider, S; Gazolla, M. (org.). **Os atores do desenvolvimento rural, perspectivas teóricas e práticas sociais**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2011. p. 21-48.

LONG, N. **Development sociology: actor perspectives**. London: Routledge, 2001.

LONG, N. **Sociología del desarrollo: una perspectiva centrada en el actor**. México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, El Colegio de San Luis, 2007. Disponível em: www.worldcat.org< Acesso em: 5 Fev. 2015.

MACHADO, A. T.; SANTILLI, J.; MAGALHÃES, R. **A agrobiodiversidade com enfoque agroecológico: implicações conceituais e jurídicas**. Brasília, DF: EMBRAPA Informação tecnológica, 2008. (Textos para discussão, v. 34). Disponível em: http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/mostrar_bib.php?COD_ARQUIVO=1806. Acesso em: 11 set. 2015.

MARQUES, F. C. **Velhos conhecimentos, novos desenvolvimentos: transições no regime sociotécnico da agricultura: a produção de novidades entre agricultores produtores de plantas medicinais no sul do Brasil**. 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/18316>. Acesso em: 12 jun. 2015.

MEDEIROS, M.; MARQUES, F. C. Interfaces e transformações de práticas e conhecimentos na agricultura: um ensaio bibliográfico sobre a emergência das novidades. **IDeAS-**

Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 66-90, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es>. Acesso em: 12 abr. 2018.

MENASCHE, R. **Os grãos da discórdia e o risco à mesa**: um estudo antropológico das representações sociais sobre cultivos e alimentos transgênicos no Rio Grande do Sul. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3647>. Acesso em: 18 abr. 2018.

MENEZES, V. M. Identidade e processos de identificação: um apanhado teórico. **Revista Intratextos**, v. 6, n. 1, p. 68-81, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br> Acesso em: 20 set. 2017.

MOSCOVICI, S. **Textos em representações sociais**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MOSCOVICI, S. **Social influence and social change**. Cambridge: Academic Press, 1976.

NEVES, D. P. Mediação social e mediadores políticos: desenvolvimento social e mediadores políticos. In: NEVES, D. P. (org.). **Desenvolvimento social e mediadores políticos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 21- 44.

NIEDERLE, P. A. A agrobiodiversidade como recurso estratégico nos novos mercados agroalimentares. In: SANTILI, J.; BUSTAMANTE, P.; BARBIERI, G. (ed.). **Agrobiodiversidade**. Brasília, DF: Embrapa Coleção Transição Agroecológica, 2015. v. 2, p. 51-80, 2015.

NIEDERLE, P. A; FIALHO, M. V; CONTERATO, M. A. A pesquisa sobre agricultura familiar no Brasil-aprendizagens, esquecimentos e novidades. **Revista de economia e sociologia rural**, v. 52, p. 9-24, 2014.

NOVAES, R. R. **De corpo e alma**: catolicismo, classes sociais e conflitos no campo. Rio de Janeiro: Graphic, 1997.

NOVAES, S. C. O uso da imagem na antropologia. In: SAMAIN, E. (org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, p. 113-119, 1998.

OLANDA, R. B. **Famílias guardiãs de semente crioulas**: a tradição contribuindo para a agrobiodiversidade. 2015. Tese (Doutorado em Agronomia) - Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade de Pelotas, Pelotas, 2015.

OLIVEIRA, D; GAZOLLA, M; SCHNEIDER, S. Produzindo novidades na agricultura familiar: agregação de valor e agroecologia para o desenvolvimento rural. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 28, n. 1, p. 17-49, 2011.

PAULINO, J. S.; GOMES, R. A. Sementes da Paixão: agroecologia e resgate da tradição. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 53, n. 3, p. 517-528, 2015. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 12 out. 2018.

PEREIRA, V. C. **A conservação das variedades crioulas como prática de agricultores no Rio Grande do Sul**. 2017. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/164755>. Acesso em: 25 jun. 2018.

PESSOA, V. G. et al. **As ligas camponesas da Paraíba: história e memória**. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8366>. Acesso em: 12 abr. 2018.

PETERSEN, P; DAL SOGLIO, F. K; CAPORAL, F. R. A construção de uma ciência a serviço do campesinato. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Rio de Janeiro, v.11, n.3, 2009. p. 1 - 13. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/16772/12311>. Acesso em: 21 jul. 2016.

PETERSEN, P; MUSSOI, E. M; DAL SOGLIO, F. Institucionalización del enfoque agroecológico en Brasil: avances y desafíos. **Agroecología**, v. 8, n. 2, p. 73-79, 2013. Disponível em: <https://revistas.um.es/agroecologia/article/download/212211/168431> Acesso em: 6 nov. 2019.

PONGRATZ, H. J. Cultural tradition and social change in agriculture. **Sociologia Ruralis**, n. 3/4, p. 5-17, 1990. Disponível em: https://epub.ub.uni-muenchen.de/5314/1/pongartz_5314.pdf. Acesso em 27 ago. 2015.

ROCHA, A. L. C; ECKERT, C. **Etnografia: saberes e práticas**. 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/30176/000673630.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2017.

ROUSE, J. Two concepts of practices. *In*: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (ed.). **The Practice Turn in Contemporary Theory**. London: Taylor & Francis e-Library, 2001. Disponível em: http://www.academia.edu/download/34178805/The_Practice_Turn_in_Contemporary_Theory_-_Karin_Knorr_Cetina.pdf#page=199. Acesso em: 02 ago. 2019.

SANTILLI, J. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores**. São Paulo: Peirópolis, 2009.

SANTILI, J; BARBIERI R.L. Estudos de casos de conservação e uso da agrobiodiversidade. SANTILI, J., BUSTAMANTE, P.G.; BARBIERI (ed.). **Agrobiodiversidade**. Brasília, DF.: Embrapa Coleção Transição Agroecológica, 2015. v. 2, p. 51-80.

SANTOS, B. S. **Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, et al. Estratégias para uso de cactáceas em zonas semiáridas: novas cultivares e uso sustentável das espécies nativas. **Revista Científica de Produção Animal**, v. 15, n. 2, p. 111-121, 2015.

SARDAN, J. P. O. **Anthropologie et développement**: essai en socio-anthropologie du changement social. Paris: KARTHALA Editions, 1995. Disponível em: http://www.academia.edu/download/43356228/ms_livd.pdf. Acesso em: 20 nov. 2018.

SILIPRANDI, E; CINTRÃO, R. Mulheres rurais e políticas públicas no Brasil: abrindo espaços para o seu reconhecimento como cidadãs. In: GRISA, C; SCHNEIDER, S. (org.). **Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil**, 2015. p. 571-592.

SILLITOE, Paul. Beating the boundaries: land tenure and identity in the Papua New Guinea Highlands. **Journal of Anthropological Research**, v. 55, n. 3, p. 331-360, 1999.

SILVA, R. M. A. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido. **Soc. estado.**, Brasília, v. 18, n. 1-2, p. 361-385, dez. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922003000100017&lng=pt&nrm=iso. acessos em: 03 abr. 2020.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T; STUART, H. WOODWARD, K. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000. Disponível em http://www.academia.edu/download/43988485/A_producao_social_da_identidade_e_da_diferenca_-_Tomaz_Tadeu_da_Silva.pdf Acesso em: 12 jun. 2018.

SILVEIRA, L.; VICTOR, R.; ANACLETO, N. Saindo de trás do birô: a reconstrução do movimento sindical no agreste da Paraíba. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v. 4, n. 2, p. 10-14, jul. 2007.

SHIVA, V. **Biopirataria**: a pilhagem da natureza e do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2001.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, A. (org.). **Textos em representações sociais**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p- 95-118.

STÉDILE, J. P. El MST y las disputas por las alternativas en Brasil. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 5, n. 1 e 2, 2004. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/1290/1286>. Acesso em 11 jun. 2018.

STEIL, C. A. NOVAES, Regina Reyes. De corpo e alma: catolicismo, classes sociais e conflitos no campo. Rio de Janeiro: Graphic, 1997. 238 p. **Horizontes Antropológicos**, v. 5, n. 10, p. 289-296, 1999.

STUIVER, M; LEEUWIS, C; VAN DER PLOEG, Jan Douwe. The power of experience: farmers' knowledge and sustainable innovations in agriculture. *In: WISKERKE, JSC; PLOEG, JD van der (ed.). **Seeds of Transitions***. Assen: Royal Van Gorcum, 2004. p. 93-118.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **La memoria biocultural**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TREGGAR, A. Progressing knowledge in alternative and local food networks: critical reflections and a research agenda. **Journal of Rural Studies**, Oxford, v. 27, n. 4, p. 419-430. Oct. 2011

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 22, n. 63, p. 153-155, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092007000100012&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em: 9 jan. 2016.

VAN DER PLOEG, J. D. **Camponeses e Impérios Alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2008.

VAN DER PLOEG, J. D. Sete teses sobre a agricultura camponesa. *In: **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro***. Revistas Agriculturas: Experiências em Agroecologia, AS-PTA, v. 6, 2009. p. 17-32. Disponível:<https://library.wur.nl/WebQuery/wurpubs/fulltext/10807>. Acesso em: 3 dez. 2016.

VERNOOY, R; SHRESTHA, P; STHAPIT, B (ed.). **Community seed banks**: Origins, evolution and prospects. London: Routledge, 2015. Disponível em: https://cgspace.cgiar.org/bitstream/handle/10568/68708/Community_Seed_Banks.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 2 mar. 2016.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4284077/mod_resource/content/1/cap%C3%ADtulo%20I%20-%20Woodward%20-%20IDENTIDADE-E-DIFERENCA-UMA-INTRODUCAO-TEORICA-E-CONCEITUAL.pdf. Acesso em: 12 jun. 2018.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

SOBRE A PERCEPÇÃO DE GRUPO SOCIAL DOS (AS) GUARDIÕES (ÃS)

1. Você pertence ao grupo de guardiões de Sementes da Paixão? De qual região ou comunidade?
2. Você participa de algum Banco de Semente Comunitário? Qual?
3. Quais variedades crioulas o(a) senhor (a) planta em sua propriedade?
4. Quais variedades crioulas o(a) senhor (a) empresta e devolve para o Banco de Sementes?
5. Você poderia citar algumas vantagens e desvantagens do empréstimo de sementes crioulas no Banco de Semente Comunitário?
6. Quais são as principais instituições que contribuem com a conservação das Sementes da Paixão?
7. Você poderia citar alguns grupos que considera se opor aos guardiões?

SOBRE A PERCEPÇÃO DE CONFLITO (ENDOGRUPO E EXOGRUPO)

1. Você poderia citar alguma característica ou prática social que diferencia os (as) guardiões (ãs) de outros grupos de agricultores familiares?
2. Você poderia citar alguns exemplos de endogrupos que se relacionam na conservação de sementes crioulas e de exogrupos?
3. Como você se refere aos exogrupos? Qual a identidade deles? Quais atitudes ou práticas desse grupo você se opõe? Que emoção desperta em você ao falar desse grupo? Quais valores entram em choque e te distancia desse grupo?
4. O que te aproxima do grupo de guardiões de Sementes da Paixão (endogrupo) e o que você mais rejeita no grupo oposto (exogrupo)?

Identificação com o endogrupo	Rejeição com o exogrupo

SOBRE A PERCEPÇÃO DE SENTIMENTOS E EMOÇÕES

1. Quais sentimentos você têm nas Sementes da Paixão?
2. Porque essas sementes são importantes para você e sua família?
3. Qual o seu objetivo de vida?
4. O que você defende e pretende alcançar com as Sementes da Paixão?
5. O que as Sementes da Paixão já lhe proporcionou?
6. Qual a vantagem de ser Guardiã das Sementes da Paixão?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa **"Quem divide, multiplica": Resgate de tradições e novas representações sociais e identitárias na conservação das Sementes da Paixão-PB"**. Esta pesquisa faz parte do desenvolvimento de minha pesquisa de tese para o doutoramento em Desenvolvimento Rural. Suas respostas serão ouvidas e gravadas apenas por mim que posteriormente farei a transcrição. Seu nome não será usado no trabalho. Também peço permissão para usar os dados coletados para produção de trabalhos científicos.

Você concorda em participar? Se sua resposta for afirmativa vou lhe disponibilizar este consentimento com meus dados pessoais para que possa entrar em contato para esclarecer quaisquer dúvidas do projeto e de sua participação. A sua participação deve ser livre e espontânea, sendo assim a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Michele Laffayett de Campos

PROFESSOR ORIENTADOR: Fábio Dal Solgio

ENDEREÇO: Av. João Pessoa, 31. CEP 90040-000 Centro. Porto Alegre, RS.

ENDEREÇO ELETRÔNICO: michelelaffayett@hotmail.com

TELEFONE: 19-982032321

INSTITUIÇÃO DE PESQUISA: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul PGDR/UFRGS

TELEFONE/FAX: (51) 3308 3281

Local: _____, _____ de _____ de 2015.

Assinam,

Agricultor(a)

Mediador (a):